

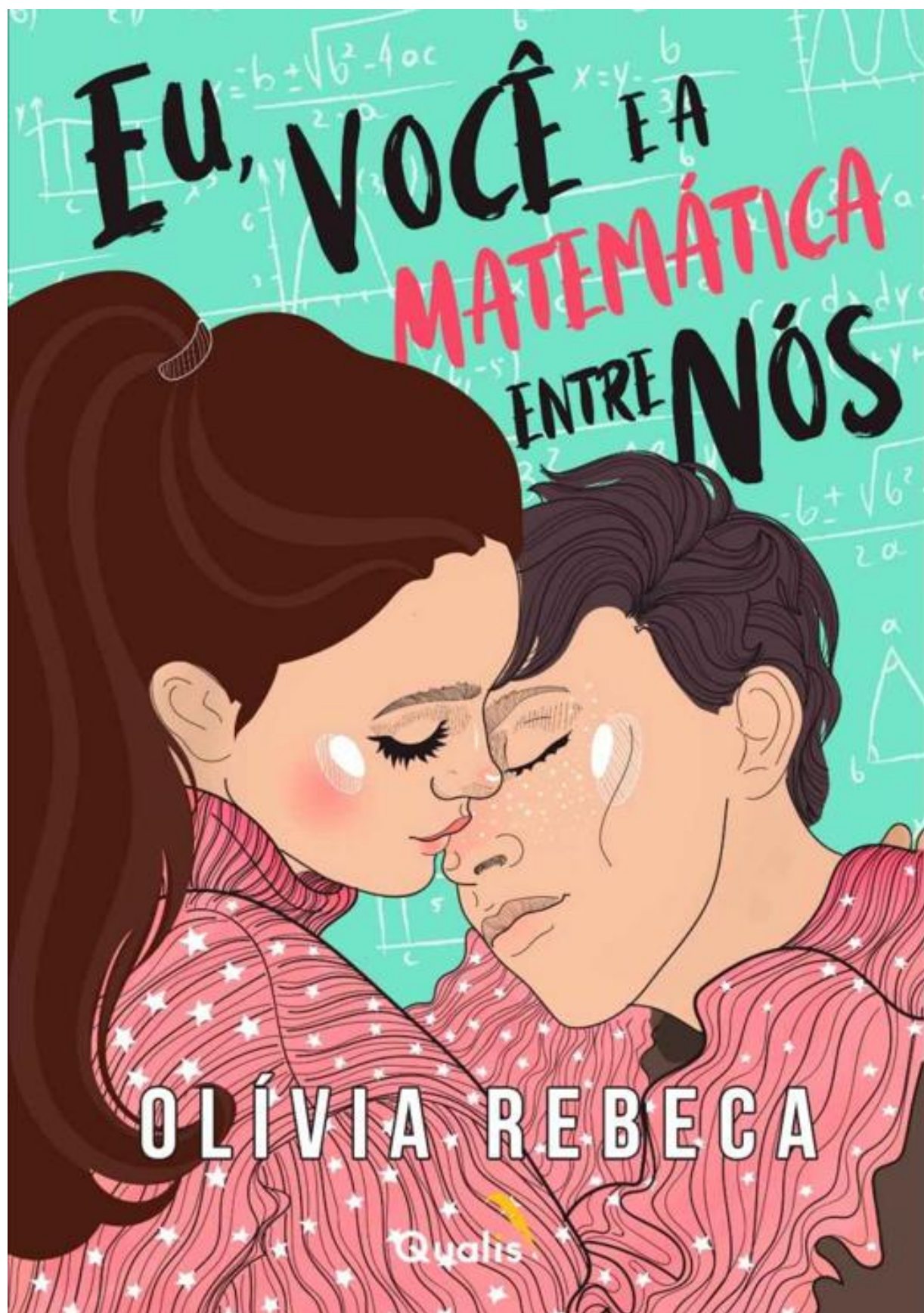
Eu, Você e a
MATEMÁTICA
ENTRE NÓS

The background is a green chalkboard filled with various mathematical formulas and diagrams. Visible formulas include the quadratic formula $x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$, the slope formula $x = y - \frac{b}{a}$, and the area of a triangle $A = \frac{1}{2}bh$. There are also coordinate axes and a parabola graphed.

OLÍVIA REBECA

Qualis





EU, VOCÊ E A
MATEMÁTICA
ENTRE NÓS

OLÍVIA REBECA

Copyright © 2022 Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda

Todos os direitos reservados e protegidos.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia anuência da editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, datas e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Editora Responsável	Simone Fraga
Produção Editorial	
Preparação de Texto	
Revisão Ortográfica	MW Revisões Simone Fraga
Capa	Renato Klisman
Projeto Gráfico	Qualis Editora
Diagramação	Qualis Editora
Imagens	Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R291e

Rebeca, Olívia – 2000 –

Eu, você e a matemática entre nós / Olívia Rebeca. – [1ª ed.] –

Florianópolis, SC: Qualis Editora, 2022.

Recurso Digital.

Formato e-Pub

Requisitos do sistema: adobe digital Editions

Modelo de acesso: word wide web

ISBN: 978-65-87383-09-5 [Recurso digital]

1. Literatura 2. Romance Brasileiro 3. Juvenil. Título

CDD. 8869.3

CDU – 83.134.3(81)



Qualis Editora e Comércio de Livros Ltda
Caixa Postal 6540
Florianópolis - Santa Catarina - SC -
Cep.88036-972



www.qualiseditora.com



www.facebook.com/qualiseditora



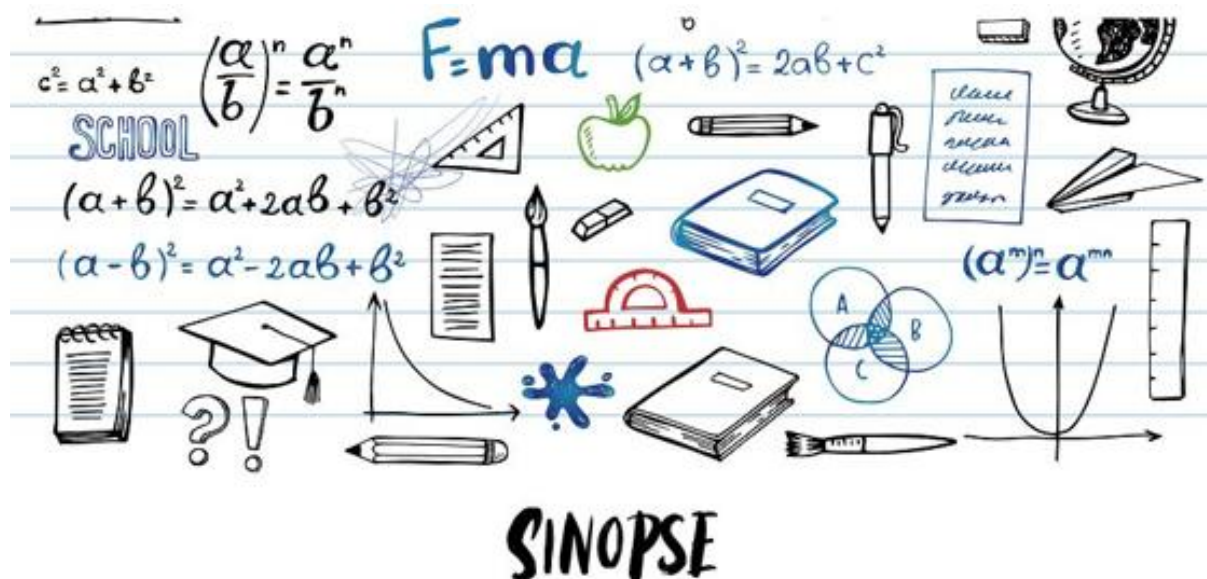
@qualiseditora



@qualiseditora



contato@qualiseditora.com



A matemática é simplesmente um prazer para Beatriz, uma aluna do ensino médio que não tem dificuldade de resolver as questões mais complexas. Para Mateus, no entanto, é um pesadelo. Suas notas estão baixas e ele pode reprovar se não melhorar. Os dois se encontram quando, por decisão da gestão escolar, Beatriz é convocada para ensinar a matéria num programa a fim de melhorar o desempenho do pior aluno: Mateus. Não parecia uma tarefa difícil até outras questões se misturarem e sentimentos inesperados surgirem.



PRÓLOGO

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[CAPÍTULO 42](#)

[CAPÍTULO 43](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[BIOGRAFIA](#)

Dedicatória

Para todos os apreciadores de histórias (em especial as românticas juvenis) e para Judá Ilário, que, embora não seja um leitor voraz, é um matemático excepcional.

Na vida, podemos enxergar três verdades máximas: Deus, a morte
e a matemática.

Luciano Pontes



LIVROS, CADERNO E CALCULADORA EM MÃOS: AS AULAS COMEÇAM

Nada era mais prazeroso para Beatriz do que assistir às suas aulas preferidas, e nada poderia ser igualmente detestável por ela do que o barulho que seus colegas faziam durante as explicações do professor Rodrigues. O homem de meia-idade, cabelos grossos e curtos e com uma quantidade relativamente grande de paciência, pediu mais uma vez a atenção de seus alunos.

— Certo, pessoal, quero que vocês resolvam esse problema — ele disse, apontando para a equação no quadro branco. — E se tiverem qualquer dúvida, é só me chamar, ou se preferirem, revisem o conteúdo no capítulo 19 do livro.

Depois de alguns segundos em que a sala permaneceu em silêncio, a maioria dos alunos voltou a conversar, como se a atividade fosse uma espécie de competição cuja finalidade era revelar quem a ignorava com mais êxito. Beatriz, no entanto, continuou respondendo em seu caderno, com os dedos firmes sobre

a f olhae os olhos quase semicerrados. Era essa postura que f azia quando tentava manter o f oco apesar dos colegas barulhentos.

Ágil e concentrada, sua mão movia-se como se estivesse sincronizada ao papel. Ela modelava a resposta, linha após linha, tentando chegar à solução. Beatriz geralmente ficava entre os primeiros que terminavam qualquer atividade. Nas aulas do professor Rodrigues, então, era campeã. Ninguém valorizava mais esses cinquenta minutos do que ela.

— Alguma dúvida? — Rodrigues perguntou. — Por favor, levem a sério. Os exercícios também fazem parte da nota final. Espero que estejam lembrados do que combinamos no começo do ano.

Uma bolinha de papel passou voando em direção à lixeira, que ficava ao lado da porta da sala, errando diametralmente o seu alvo. Algumas risadinhas ecoaram pela classe. Beatriz revirou os olhos, soltando o ar pela boca. Estava prestes a falar quando o sinal para o intervalo tocou, pegando-a de surpresa. Uma confusão de estudantes juntando seus pertences e saindo às pressas para o pátio teve início e o professor Rodrigues começou a arrumar seu material, que ainda estava espalhado e desorganizado. Finalmente, a garota parou de insistir e largou o lápis sobre sua mesa.

Seu tempo precioso havia acabado, Beatriz não conseguiu evitar que sua voz transparecesse chateação quando se dirigiu para Letícia, que sentava numa carteira atrás dela, na fileira vizinha, à direita.

— Aposto que eles nem estão com tanta fome assim... Será que é pedir demais que façam menos tumulto?

Letícia balançou a cabeça, sorrindo.

— Eu conheço você, Bia. I riapassar o dia todo aqui, se pudesse. J á estava na hora de dar um tempo, vai.

Beatriz suspirou a contragosto enquanto guardava seu material embaixo da carteira. L etícia tinha razão, af inal de contas, sobre seu desejo de ficar l sto é, nas aulas de matemática especialmente; tudo menos Geograf iae seus conceitos sobre rocha, minerais, f aunç f lora...e o mais que Beatriz achava entediante (que os geógraf os a perdoassem!).

Por mais que houvesse Matemática envolvida nesse campo, Beatriz admirava a ciência exata “pura” e toda sua lógica, além do que tivera uma experiência traumática na inf ância, quando estudou pontos cardeais. J untando isso aos pesadelos que teve com a prof essora estressada Charlotte, os quais realmente ocorreram e a atemorizaram naquela época, ela nunca mais conseguiu gostar da matéria do *estudo da Terra* após o segundo ano do Ensino Fundamental.

— Beatriz — o prof essor Rodrigues havia acabado de apagar o conteúdo no quadro quando se virou para ela —, preciso f alar com você.

— Comigo?! Claro, em que posso ajudar?

— É sobre um programa da escola, acho que você vai gostar. Passe na secretaria após o f im das aulas, está bem?

Beatriz assentiu intrigada. A essa altura, a sala estava vazia exceto pela presença de L etícia. Rodrigues terminou de guardar seu material e saiu, sem vez para perguntas, deixando-as sozinhas.

— O que será? — L etícia indagou.

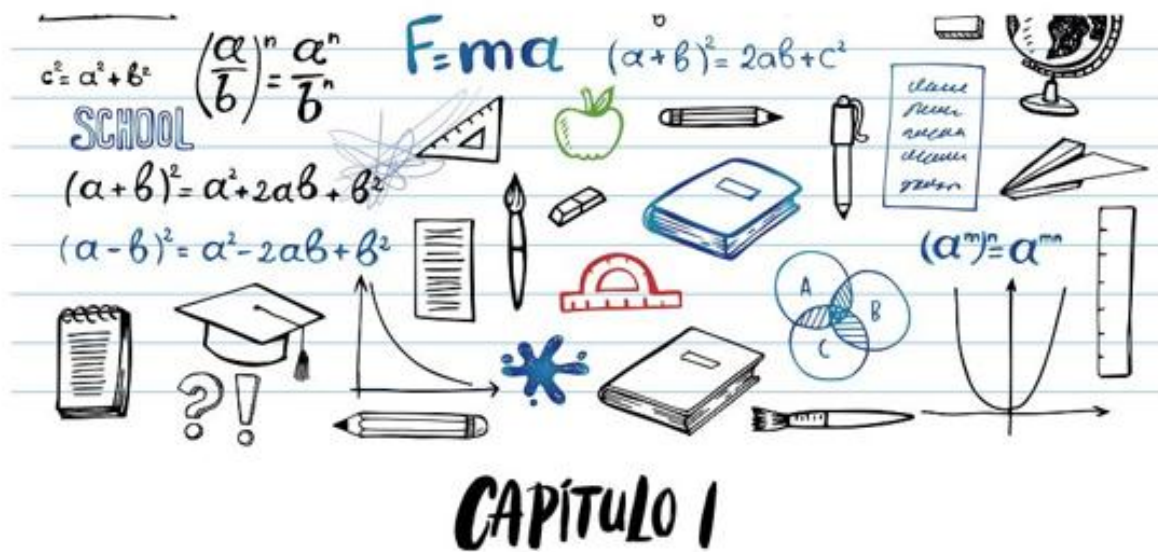
— Não f aço a mínima ideia, mas, vindo do prof essor Rodrigues, o que pode ser além de incrível?

Beatriz sorriu, arqueando as sobrancelhas numa tentativa leve de humor. Letícia soltou uma pequena risada pela expressão da amiga, que dificilmente demonstrava momentos de irreverência.

— Ah... Vamos logo, Bia. Não quero perder o lanche por sua causa.

As duas saíram da sala e seguiram em direção à cantina, como de costume. A passos largos, atravessaram o pátio e se juntaram à fileira de estudantes que aguardavam para serem servidos. Apesar de não indicar apreensão, Beatriz já começou a ficar ansiosa, porém, não de forma negativa. O que sua cabecinha calculava, na verdade, era que podia ser algo relacionado à disciplina – que obviamente era sua paixão, que indiscutivelmente ela amava e não podia negar alguma expectativa.

Para Beatriz, nada poderia ser ruim ou dar errado se envolvesse *Matemática*, a ciência exata das coisas.



CAPÍTULO I

— Beatriz, pode voltar pro planeta Terra, por favor?— Leticia falou baixinho, tocando no ombro da amiga com uma caneta azul. — Já te chamei milhões de vezes!

Beatriz se virou de súbito, observando a expressão zangada no rosto de Leticia, que segurava uma folha de rascunho na mão.

— Desculpa, Lê, acabei... me distraí um pouquinho.

Ela pegou o papel e se voltou para frente outra vez, entendeu as palavras que Leticia dissera, sem emitir nenhum som: *Sei, um pouquinho...* e Beatriz reconheceu que a garota estava certa.

Desde que o professor Rodrigues mencionara sobre a novidade pela qual ela provavelmente se interessaria, naquela segunda-feira de manhã, dia primeiro de agosto, o restante das aulas passava de forma bastante monótona para Beatriz. Vez ou outra, seus olhos eram atraídos para a realidade exibida através da janela aberta, mesmo que ela tivesse planejado se aplicar mais nessa nova etapa.

Beatriz havia se comprometido consigo mesma, no mês de junho, a manter o fôco nas disciplinas e estudar mais aquelas que não tinha muita afinidade (como História e a bendita Geografia), pois, ainda que estivesse no segundo ano, já queria se preparar para o vestibular. Essa avaliação se assemelhava a um verdadeiro pesadelo para muitos estudantes e embora alguns não acreditassem ou percebessem, Beatriz não estava alheia a ela. As pressões relacionadas a esse tema (coisas como futuro, profissão e mais dessas perguntinhas complicadas) a perseguiram como a qualquer outra pessoa. E esse era um dos motivos pelos quais também andava animada para voltar às aulas e à sua rotina estudantil (apesar de não ter deixado de estudar em casa), para que pudesse continuar com sua aprendizagem e dar o seu melhor.

Sim, dar o máximo de si. A busca pelo êxito era uma das coisas que mais desejava, e mais a atemorizava também.

Precisava aproveitar que as férias de julho haviam acabado e estava descansada e cheia de energia, só que não era a única... Beatriz podia perceber com clareza ao seu redor e nas demais salas de aula. O retorno às atividades foi preenchido com conversas animadas, papeizinhos que voavam de vez em quando, além das reclamações constantes dos professores que tentavam manter a ordem em meio a toda a indisciplina comum. Só que, diferente da maioria, Beatriz não estava ali pelo convívio social, mesmo que inevitavelmente fizesse parte, nem porque precisava sair de casa ou por ser obrigada a isso. Sentia saudades das lições, de verdade, das explicações dos profissionais aplicados, dos livros e de seu conteúdo. Além de, claro, sua disciplina favorita (aquela que, na descrição de *Leibniz*, seria “a honra do espírito humano”).

Embora parecesse inacreditável ou mesmo enfadonho para muitos, essas eram atividades que Beatriz tinha verdadeiro prazer. Podia ser consequência de ser filha única, porque desde pequena ela não teve muita companhia para se entreter além das “tarefinhas” da escola. O fato é que ela se destacou, principalmente nas matérias de conhecimento de exatas, contrariando o resto da turma. Como se o intelecto referente ao campo viesse embutido nela, colado ao peito. E estava mesmo.

Diferente de todos que praticamente assistiam às aulas por obrigação, Beatriz Pereira da Silva, aos dezesseis anos, integrava o rol dos seletos alunos preferidos do professor Rodrigues. A garota apenas amava o que a maioria dos colegas (e população global) detestava: matemática, a disciplina que ele ministrava na escola de ensino médio Euclides da Cunha.

Isso era notável até mesmo para quem se dava bem na matéria. Uma coisa é entender o conteúdo e resolver as questões corretamente, outra era gostar da coisa como se fosse algo empolgante. Mas, para Beatriz, era equivalente a tudo que os jovens de sua idade consideravam divertido. Como um parque de diversões, por exemplo. Para ela, se aventurar por qualquer uma dessas opções seria emocionante.

Foi exatamente por isso que escolheram Beatriz para participar de um novo programa complementar. A atividade foi formulada a partir dos encontros de planejamento escolar que precederam o segundo semestre do ano letivo, em que a gestão decidiu implementar um plano de ensino que não precisaria de muito mais do que a boa vontade de seus próprios alunos. E, como

soube mais tarde, Beatriz era uma peça fundamental nesse quebra-cabeça. Nenhum dos profissionais tinha dúvida quanto a isso.

Quando se tem muito interesse por alguma coisa, as pessoas a sua volta percebem só pela maneira de falar e Beatriz refletia matemática por onde quer que passasse.

Ela respirou fundo, tentando se concentrar na aula de Educação Física outra vez. Faltava ainda mais um horário para saber qual era a ideia comentada por Rodrigues, e Beatriz queria se manter calma, mas estava difícil não ficar ansiosa.

Enquanto o momento aguardado não acontecia, Beatriz tentou entender sobre o tópico apresentado, embora os “conhecimentos básicos de anatomia aplicada às manifestações da cultura corporal” fossem dos conteúdos mais desinteressantes do mundo para ela.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Após a última aula de Sociologia (que pareceu longa demais para Beatriz), o sinal enfim tocou e a escola inteira deu seu turno por encerrado. A garota guardou suas coisas com mais pressa do que o costume, e seu coração pareceu dar um pulinho animado.

— Posso esperar você acabar — Letícia sugeriu enquanto saíam da sala.

— Não precisa, meu pai vem me buscar.

— Tem certeza?

Beatriz anuiu, esboçando um sorriso.

— Ele sempre faz isso pelo menos na primeira semana de aula, não se preocupe. E você não me disse que tinha que chegar em casa mais cedo hoje, pra plantar alguma coisa com seu pai, ou

algo assim? — Letícia parou de caminhar e começou a remexer os pés, exprimindo seu embaraço.

— Ah, é...

Beatriz cruzou os braços, pegando-a no flanco. Então, deu de ombros, como se fosse uma coisa qualquer.

— Sério, pode ir. Depois eu te conto o que o professor queria, sua curiosa.

— Tá bom.

Letícia sorriu, fazendo uma careta logo em seguida, imitando a amiga. Quase sempre as duas voltavam juntas para casa, bem antes de entrarem para o ensino médio. Como moravam no mesmo bairro, em ruas vizinhas, também era muito comum passarem vários momentos do dia na casa uma da outra, especialmente nos fins de semana. Pela manhã, porém, o pai de Beatriz, Cláudio, trazia-a sozinha de carro quando fazia o trajeto para o escritório (porque Letícia não aceitava a carona, argumentando que o escape de gás carbônico do automóvel prejudicava o meio ambiente e tudo mais sobre sustentabilidade). Só que Beatriz ainda desconfiava que o real motivo disso era a falta de vontade de acordar mais cedo.

Letícia era aficionada por natureza e sua proteção. Só que não de forma extremista nem nada assim. Era uma garota fofoqueira tímida e que também gostava de música eletrônica e pop; preferia estampas floridas e tons claros, bem meiga, conseguindo também curtir gente de cabelo colorido neon e mais daquelas coisas bizarras mostradas nas séries coreanas que não faziam sentido para Beatriz.

Além disso, Letícia era protetora das plantas e dos animais, mas detestava moluscos. E, apesar das diferenças, ela era a melhor amiga de Beatriz. A única com quem tinha intimidade, na verdade,

apesar dela falar com todas as pessoas de maneira geral. Um dos motivos para isso era porque Letícia não se incomodava com os anseios de Beatriz. Ela nunca se irritava quando a garota falava sobre suas teorias e dramas pessoais relacionados (quase sempre) à Matemática – apesar de não entender nada – nem mesmo se incomodava quando Beatriz não se comprometia com alguma coisa porque queria estudar, e isso era maravilhoso.

Enquanto nenhuma das duas dessem sinais de COPI A, mais conhecido como “Chateação Ocasional Por Insuficiência Afetiva” (coisa inventada por Letícia e que empregava sempre que Beatriz se recusava a acompanhá-la em alguma série de TV ou passeio), elas estavam bem.

Por fim, Letícia acenou e seguiu junto com uma multidão de estudantes para os portões verdes que davam acesso à saída, deixando Beatriz no corredor. Em menos de cinco minutos, não havia quase nenhum aluno dentro da instituição. Beatriz aguardava o senhor Rodrigues sentada num banco de madeira que ficava no corredor próximo aos portões com os braços soltos no colo. Ela batia discretamente o pé esquerdo no chão para aliviar a tensão que sentia interiormente.

— Olá, Beatriz! O que está fazendo aqui? — Márcia, que ensinava Filosofia, cumprimentou.

— Oi. Estou esperando o professor Rodrigues. Ele pediu que eu viesse à secretaria...

— Ah, deve ser sobre a monitoria. Você já está sabendo, não é? Está animada?

Beatriz sorriu, sem ter a mínima noção do que se tratava, tentando ser educada e esperando que sua expressão fosse

convvincente. Ela não fazia ideia do que dizer, mas pensou que, se falasse que *não*, a conversa se estenderia e acabaria ficando presa ali. A professora Márcia sempre se alongava em seus discursos na sala de aula e não era muito diferente dela.

Só que Beatriz era tão boa fazendo cálculos complexos quanto era péssima no quesito comunicação, ainda mais com quem não tinha intimidade e que só sabia tagarelar, como era o caso de Márcia. Agora se a chamassem para explicar conteúdos acadêmicos ou para discursar sobre qualquer coisa relacionada à Matemática, aí sim, a garota passaria horas falando sobre um matemático qualquer ou como foi descoberta a fórmula de *Bhaskara*, o que não era algo muito comum. Geralmente, os jovens da sua idade bate-papo sobre assuntos diversos, como as séries que curtiam no momento. *O Teorema de Tales* ou como foi descoberta as relações do triângulo retângulo por *Pitágoras* seria a última coisa a se pensar.

Por sorte, o professor Rodrigues apareceu antes que a professora Márcia perguntasse mais alguma coisa, e chamou Beatriz para conversarem – ao que ela atendeu prontamente, é claro, deixando a filósofa na saída.

— Desculpe a demora, Beatriz, fiquei preso na sala dos professores. Estou feliz por ter aguardado — Rodrigues afirmou, organizando alguns papéis dispostos sobre uma pasta colocada em cima da mesa, que ficava no centro do cômodo, na secretaria.

— Sem problema — disse Beatriz, atenta ao professor

Ele começou a explicar sobre o que mencionou na sala, a iniciativa que exigiria dedicação e energia por parte de Beatriz. A proposta, no entanto, era bem simples. E, tratando-se de

Matemática, conseguia fazer Beatriz ficar entusiasmada com cada exclamação feita por Rodrigues antes mesmo de entender completamente o que significava.

— É uma atividade muito importante e os professores estão selecionando os melhores alunos para participarem. E é claro que você não ficaria de fora, Beatriz.

— Mesmo? — Os olhos dela brilharam, cheios de emoção e um pouco de acanhamento, ao ouvir as palavras do professor. — Eu não sei se sou apta, mas... Talvez possa ajudar. Como vai funcionar exatamente? E quando começo?

— Calma aí, Beatriz. — Rodrigues sorriu, admirado com a empolgação de sua melhor aluna. — Tudo é questão de unidade e companheirismo. É evidente que o tempo em sala de aula não é suficiente para se aprender todo o conteúdo e precisa de um estudo diário. Nós educadores também nem sempre conseguimos dar assistência a todos os alunos matriculados, então foi por isso que montamos essa atividade. Como jovens e colegas, vocês alunos possuem mais afinidade, e potencialmente podem conseguir muita coisa juntos.

— Entendo... Então, a ideia seria montar grupos de estudo?

— Mais ou menos. Na verdade, serão constituídas monitorias e — ele suspirou —, sinceramente, queremos muito que elas funcionem. Você sabe que os resultados individuais dos estudantes afetam no desenvolvimento geral da escola. Pois bem, a gestão selecionou os que compreendem melhor algumas matérias para ajudar aqueles que têm mais dificuldade, e você foi escolhida para ministrar sobre a disciplina de matemática. Isto é, se aceitar, é claro.

— Ministrar, tipo, *ensinar* matemática?

Beatriz não conseguiu evitar transparecer certa emoção ao falar isso em voz alta. Rodrigues balançou a cabeça, confirmando.

— O mesmo. Ninguém é melhor em matemática do que você, Beatriz. Tenho certeza de que será mais do que capaz disso.

A garota sorriu, sem conseguir conter a felicidade que aquelas palavras produziam, como se algum grande matemático estivesse lhe mostrando a própria *Medalha Fields* e dissesse que ela também podia ganhar uma daquelas.

Você é capaz

— E... Como devo fazer isso?

— As aulas vão acontecer como uma espécie de apoio, de você para o aluno. Como sabemos, o rendimento não se baseia somente em um determinado tempo na sala de aula e assim foram determinados períodos extras para essas monitorias, para que vocês também não perdessem o conteúdo estipulado do seu próprio horário. Espero que esteja disposta a participar, mas também compreenderei se não puder aceitar.

— Claro. Mas é uma ótima ideia! Eu não sei como farei isso propriamente, ainda... Só que eu aceito, sim. Aliás, obrigada por me chamar. — Beatriz tentava conter o entusiasmo, que transbordava em seu rosto. Naquele momento, tudo o que ela vislumbrava eram os *prós*. — Não sei se sou boa o suficiente, mas irei me esforçar. Quando Letícia e eu começamos? Quer dizer, ela está no programa também, está?

— Paciência, Beatriz. Letícia irá participar também, mas as aulas vão funcionar individualmente para que os tutores possam se concentrar melhor no conteúdo com os que estão precisando. Bem, a Letícia não poderá estar com você, de qualquer modo. Como

sabe, ela é excelente em *biologia*, por isso não irá te acompanhar. Você vai ajudar em *matemática*.

Beatriz concordou, balançando a cabeça. Ela não podia negar que queria trabalhar com sua melhor amiga, mas deixou isso de lado. Letícia seria muito melhor em biologia mesmo, sem contar que o gosto pela matemática não era compartilhado por parte dela.

Sem dúvida, Beatriz era a única aluna de toda a escola (talvez até da cidade inteira) que não somente se dava bem na disciplina, mas que realmente tinha prazer e gostava dela tanto quanto uma criança gosta de doces. Participar dessa atividade seria semelhante a se divertir, tirando a responsabilidade para com a escola. Era assim que ela imaginava... como se estivesse ganhando um presente fora de época.

— E quais serão os alunos que eu irei ajudar? Eu já os conheço ou não? São da minha turma? — Beatriz perguntou, voltando a sorrir.

— Na verdade, será apenas um, Beatriz.

— Como?

— É claro que há muitos alunos com deficiência em matemática, que também vão precisar de algumas aulas de reforço, especialmente antes das provas — Rodrigues afirmou. — Mas já providenciei isso. Josué, um aluno da tarde, também se dá bem na disciplina e vai cuidar do restante. Você só precisará lidar com um único aluno.

— Mas, por que apenas *um*?

— Bem... É porque esse, em particular, me preocupa. Adianto que terá certo trabalho com ele.

A expressão de Rodrigues deixou Beatriz intrigada. Quem seria assim tão ruim para que precisasse ter aulas particulares durante todo o semestre? Como se adivinhasse o que estava pensando, Rodrigues se adiantou, colocando as mãos nos bolsos da calça:

— Ele não consegue acompanhar completamente o conteúdo, porque falta muitas vezes. Em consequência, tem as piores notas nessa disciplina de toda a escola.

— Oh, que maravilha! — Beatriz supôs, fazendo Rodrigues arregalar os olhos diante da afirmação inusitada. — Desse jeito eu vou poder ajudar alguém de verdade a melhorar — ela explicou. — Não sei o que essas pessoas veem de tão complicado na matemática, é só prestar atenção às regras... Mas não se preocupe, eu vou me encarregar de torná-lo amante dos cálculos!

— Não precisa se empolgar tanto, Beatriz — Rodrigues riu, tomado por suas palavras contagiantes. — Acredito em você, mas basta conseguir que ele não reprove e já está de bom tamanho. Entenda a dimensão da responsabilidade. Eu a escolhi porque você tem o melhor desempenho em matemática. Já ele... o pior. E não é tão fácil assim compreender uma coisa da qual não nos damos bem.

— Pode deixar. — Beatriz sorriu, balançando a cabeça enfaticamente, quase como se o professor tivesse lançado um desafio. — Tenho certeza de que ele irá aprender rapidinho.

— As aulas de reforço estão previstas para serem iniciadas na próxima semana, a partir das 14h — Rodrigues informou. — Elas devem acontecer na biblioteca, já que o laboratório está ocupado, se não houver nenhum problema.

— Entendi.

Rodrigues lhe entregou um documento para que Beatriz assinasse, garantindo sua participação no projeto. Ele a parabenizou e disse que avisaria sobre os detalhes no decorrer da semana, encerrando a conversa e saindo logo depois, após entregar os documentos a respeito do projeto e a lista de alunos convocados na diretoria.

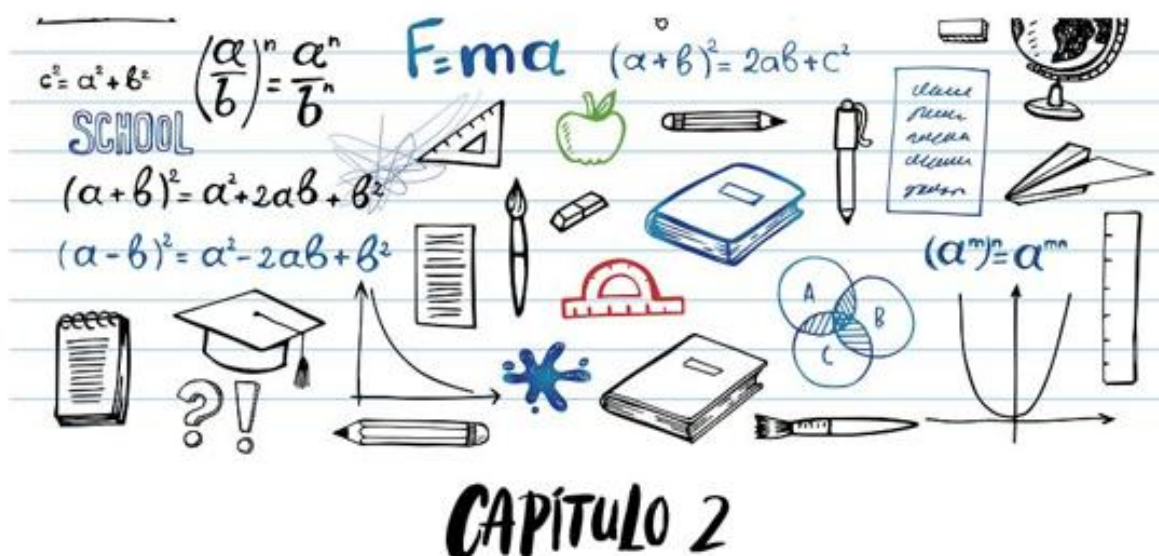
Beatriz, parada no meio do pátio, respirou fundo, tentando se controlar, como se tivesse recebido a melhor notícia do mundo. Passaram-se alguns segundos até que ela pegasse o celular e fizesse uma ligação para o escritório onde Cláudio trabalhava, para pedir que ele lhe desse carona quando saísse no horário de almoço.

Ela continuou animada até muito tempo depois, quando seu pai veio buscá-la para casa, formulando várias ideias na mente. Quando conversava sobre matemática ou coisas semelhantes com alguém que tivesse interesses em comum, acreditava que a estavam entendendo e ficava muito feliz com isso, porque era algo que quase ninguém compreendia totalmente nela, nem mesmo seus pais. Ali, conversando com o professor Rodrigues, o assunto fluiu tão naturalmente que conseguiu despejar suas emoções sem nenhuma dificuldade. Isso era tão raro...

Beatriz esperava continuar com esse sentimento positivo após contar a novidade para os pais, embora não soubesse ainda como iria fazer isso. Enquanto esse momento não chegava, porém, já pensava em como seria quando estivesse dando aulas. Será que poderia passar confiança, como Rodrigues ou os outros professores lhe passavam? Poderia mesmo se mostrar prestativa, visto que o aluno teria a mesma idade que ela, e muitas dificuldades, como dissera Rodrigues? Havia muitos questionamentos surgindo em sua

mente, mas Beatriz esperava lidar com todos eles da melhor maneira possível.

Afinal, a sensação de fazer o que se gosta é indescritível e, porque era parte dela e de seus sonhos, aquele convite se tornou um mundo inteiro. Beatriz não demonstraria tanta confiança se conhecesse o estudante designado. Mas ela ainda não sabia disso.



Apesar de todo o entusiasmo que tivera mais cedo, além de sua resposta afirmativa a Rodrigues – um verdadeiro ato de ousadia e determinação – a única coisa pela qual Beatriz receava (e que poderia acabar com essa oportunidade) era a opinião de seu pai. Ela se trancou em seu quarto desde que chegara da escola, pensando diversas vezes na forma como contaria.

Cláudio era formado em Direito, obstinado e vaidoso. Uma daquelas pessoas que se preocupavam em fazer ter o melhor que pudesse perante a sociedade, e a filha dando aulas de reforço na escola pública em que estudava não pareceria uma boa coisa aos seus olhos. É claro que a simples menção já seria reprovada por ele e Beatriz odiaria que isso acontecesse. Ela observava quais chances tinha, antes de esperar pelo pior (mesmo que também estivesse se preparando para ele). Seus olhos percorriam pelo ambiente na procura de alguma coisa que a fizesse pensar com mais clareza, mas, pelo contrário, seu interior se enchia de mais e mais conflitos.

Em seu quarto, os livros de romance policial de *Agatha Christie* dividiam espaço com os de aritmética na estante, junto com alguns certificados dispostos em quadros. Já os referentes às feiras municipais e as medalhas simbólicas por acertar a tabuada no ensino fundamental também eram um de seus tesouros na gaveta da cômoda, e isso a fazia lembrar de que sua mente inteligente era capaz de fazer coisas que poucos conseguiam, desde contas de multiplicação complexas de cabeça a memorizar o número da identidade. Mas, mesmo que seu desempenho fosse uma das causas de Rodrigues tê-la convidado para a monitoria, Beatriz não achava ser suficiente para impressionar o pai.

A garota não queria ser desobediente nem nada do tipo, mas ficava chateada nas vezes em que perdia algo que considerava importante por causa da visão de Cláudio. Ninguém duvidava que ele a amava e só queria o bem da filha, e o que fazia era para que pudesse lhe oferecer o melhor. Mas nem sempre eles concordavam sobre o que era esse “melhor”.

Beatriz também o amava e o considerava muito inteligente e sábio, mas, ainda assim, nas coisas em que discordavam, ela precisava ser muito forte para conseguir convencê-lo do que considerava ser o correto. E Beatriz precisava ter uma boa argumentação para que isso acontecesse nesse dia.

Ela esperou até a hora do jantar para falar sobre a proposta, já esperando um mini debate com o advogado Pereira. Torcia para que Cláudio estivesse relaxado, sem dores de cabeça nem qualquer espécie de preocupação que afetasse seu humor. Com sorte, poderia fazê-lo aceitar a ideia. Mas, depois de observar o jeito com que ele dava garfadas no macarrão e o levava à boca, Beatriz supôs

que seu dia de trabalho não f or nada menos que estressante, o que desf avorecia muito sua conquista.

Ela pigarreou, chamando atenção para si.

— Pai, mãe... Eu preciso f alar sobre a escola com vocês.

— O que f oi, querida? — Cristina perguntou de imediato, preocupada. — Algum problema?

— Não, nada disso. Na verdade, f oi uma coisa muito legal, mãe.

Uma coisa muito legal pra mim e eu preciso que vocês achem o mesmo, pode ser? Por f avor f alem que sim...

— O que f oi, alguma apresentação de primeira semana de aula? — Cláudio propôs, com o olhar ainda voltado para a comida.

— Não, mas... Digamos que eu seja uma aluna nota dez e que meu prof essor de matemática me elogiou bastante hoje.

— Que bom, f ilha.— Cristina sorriu, com o olhar sincero. — Isso só mostra o quando você é aplicada.

Cláudio continuou concentrado no macarrão, sem nenhum comentário a f azer. O f atode a f ilha ser muito boa nessa disciplina não o incomodava, pelo contrário, era algo muito bem visto e incentivado na inf ância. Contudo, depois que ele percebeu que Beatriz não se dava bem apenas por ser muito inteligente ou algo assim, mas porque *gostava* de matemática como um *gamer* gosta de jogos eletrônicos, ele passou a se desinteressar. _Como se não valesse a pena.

Beatriz sabia da opinião do pai. Ele dizia momentaneamente, sempre que podia, que “a matemática não leva a lugar nenhum, a não ser à sala de aula. É mesmo lá que você quer estar?”.

E se fosse exatamente isso que ela quisesse? O Tribunal era a escolha mais aceitável para Cláudio, no mínimo. Ele adorava quando ela lhe ajudava em alguma atividade qualquer, ela sabia. No entanto, vendo-o daquele jeito sentado à mesa, com os músculos tensos, a testa enrugada e marcas na face que faziam com que ele aparentasse ter muito mais do que a idade que tinha, Beatriz não achava que era esse o lugar certo. Pelo menos, não o que ela escolheria.

Beatriz engoliu em seco antes de prosseguir.

— Só que tem mais. Fui convidada pra... fazer parte de um projeto.

— Que tipo de projeto? — Cláudio perguntou, parecendo interessado na conversa pela primeira vez.

— É uma monitoria, pai. Eu serei mentora. Quero dizer, irei ajudar algum aluno em relação à disciplina no que for preciso, sabe...

— Ajudar algum aluno?

— Er, sim, tipo... Com a matéria. — Beatriz prendeu a respiração com o olhar que seu pai lhe lançou, desconfiado.

— E não é para isso que servem os professores?

— Cláudio — Cristina o chamou —, deixe a menina falar

— Eu só perguntei. Afinal, isso não é o dever dela. Beatriz tem que cuidar de si mesma, está lá para estudar. Não pode perder seu tempo se dedicando a outra pessoa.

Beatriz respirou fundo, tentando não criar problemas. Era óbvio que o seu pai não aprovaria nada daquilo, já sabia pelo seu tom de voz. Mas ela continuou mesmo assim.

— Bem... Eu vou começar a partir da próxima semana, pela tarde.

— Como assim vai começar na próxima semana? — Cláudio parou de comer e finalmente a encarou. — De jeito nenhum. O que a escola está pensando ao obrigar os estudantes a fazer esse tipo de atividade?

— Mas é justamente isso, pai. *Eu* aceitei. A escola não me obrigou a nada, e isso vai ser muito bom para os meus estudos, vai complementar meu currículo e...

— Complementar o currículo? Você precisa é de uma carreira, Beatriz. Não vai conseguir isso naquele lugar. Eu já imaginava desde que aceitei te mandar pra lá... Sempre soube que foi uma péssima ideia.

— Mas, pai...

— Nada de “mas”. Cancele logo.

— Não seja tão duro com ela, querido — Cristina interveio, para alívio da filha. — Aposto que será uma atividade complementar muito produtiva.

— E eu garanto que será um desastre — Cláudio replicou, dirigindo-se para Beatriz após mais uma garfada. — O que aconteceu mesmo com as suas aulas de Inglês?

Beatriz franziu a testa, já imaginando que a conversa chegaria a esse ponto, as suas *aulas de Inglês*. Seu pai a inscrevera em um curso fazia alguns meses, mas ela detestou o professor que veio da capital para compartilhar as lições na cidade, no começo do ano. Ele tinha um sotaque alterado, como se quisesse aparentar ser um próprio norte-americano, e essa tentativa era forçada demais para Beatriz querer reproduzir.

Ela não se interessou em aprender sobre como enrolar a língua para alcançar a “pronúncia perfeita” ou como era indispensável saber outro idioma se quisesse ter sucesso na vida, e acabou desistindo. A única linguagem que Beatriz se interessava de verdade era pela numérica. Não rejeitaria nunca se seu pai a mandasse de viagem em uma excursão para conhecer o *Museu da Matemática*, que ficava em São Paulo, por exemplo. Mas parecia inviável demais que ele entendesse.

A garota baixou as mãos, sem ânimo para comer. Cristina lhe lançou um olhar carinhoso, compadecendo-se de Beatriz.

— Coma antes que esfrie, meu amor. Afinal, não é só de estudos que um ser humano se sustenta em pé, não é mesmo?

Ela encarou o marido com esse último comentário, tentando fazê-lo mudar de ideia. Cláudio apenas franziu a testa, encarando-a de volta. Beatriz revirou os talheres em seu prato, sem vontade de comer. Desde o início tinha certeza de que seria complicado lidar com o gênio difícil do pai. Mas, já havia se comprometido com Rodrigues – e com seu próprio coração esperançoso. Não queria desistir agora. Estava tudo tão certo algumas horas atrás... O que faria para contornar a situação?

— Será que eu não sou boa o suficiente? — indagou, de repente. — Quantas vezes você me disse para ganhar um desafio, dar o máximo de mim? Eles me escolheram, pai. Da *escola inteira*. Acho que isso vale de alguma coisa.

Um silêncio constrangedor se seguiu. Beatriz odiava ter que apelar para a ideia de ser “melhor que todo mundo”, mas era algo que, em último caso, se fazia preciso para convencer o pai a acatar algumas das suas opiniões. Cláudio sempre se orgulhou da filha e

sempre a incentivava a ser melhor. O que, em algumas situações, também se tornava uma iniciativa de competição.

Não podemos prosseguir numa corrida sem ultrapassar quem está a nossa frente – ele dizia. Às vezes, Beatriz também concordava com ele. Só às vezes. Também era fato que ela o combatia com suas próprias convicções, que usava sempre como estratégia final.

Cristina ficou imóvel enquanto observava a troca de olhares entre pai e filha. Sabia que não poderia fazer mais nada. Cláudio soltou o ar pela boca, fechando os olhos um instante antes de falar:

— Se você acha mesmo que vai dar conta, então quero ver até onde vai aguentar, só que quero saber exatamente o que vai fazer. E tire esse sorriso do rosto! Não quero minha filha aceitando mais nada desse tipo. Você precisa de tempo para cuidar dos próprios interesses, não para ensinar os outros, Beatriz. Entendido?

— Tenho certeza de que ela vai se sair muito bem. — Cristina sorriu, piscando para a filha, cúmplice. — Essa é minha garotinha inteligente.

Beatriz retribuiu o sorriso, sentindo-se completamente vitoriosa. Levantou-se e foi até o pai, lhe roubando um abraço rápido, junto com um “muito obrigada” mais rápido ainda. Ela correu da cozinha, quase pulando os degraus da escada que levava até seu quarto, deixando-os na sala de jantar. Parecia que o mundo havia girado de um jeito diferente e especial, realizando desejos de meninas que queriam ensinar matemática.

Beatriz se jogou de costas sobre sua cama, encarando o teto por alguns instantes. Ela quase podia ver estrelas brilhando. Quase. Sua euforia podia parecer ridícula para alguns, mas só quem sabe

como é duro ter que lidar com uma pessoa difícil iria entender. E isso era algo a ser compartilhado. Beatriz queria gritar para todo mundo aquela notícia, mas só havia uma pessoa com quem conversava de verdade.

Então, pegou o celular e abriu o contato de Letícia, que já lhe mandara umas mil mensagens pela tarde, parando somente depois de Beatriz explicar que pediria enquanto estivessem saboreando a última refeição, horário mais provável do pai estar despido do cansaço do dia.

*E aí , o que seu pai disse?
J á perguntou?*

*Biaaaa
Ele deixou?*

E tem alguma barreira que a matemática não quebre? Haha.

cama, que Mateus já tinha deixado arrumada desde o dia anterior, sábado, depois que fez as atividades pendentes pela noite.

A primeira semana de aula tinha sido legal, apesar do aviso de Rodrigues. Mateus pôde rever seus colegas, fez um ou outro amigo pelos corredores e tentou esquecer qualquer problema que tivesse. Mas a alegria foi passageira e agora estava prestes a iniciar outra série de estudos com algum aluno *nerd* o suficiente para ensiná-lo.

A ideia realmente pareceu absurda para Mateus, ainda mais por se tratar de *matemática*, disciplina que incrivelmente não entrava em sua cabeça. Ele vinha acumulando notas baixas na matéria até então e, mesmo sabendo que precisava melhorar, não achava que fazer turno extra seria a solução. Não se seu cérebro já se acostumara ao cômodo e agradável lugar da zona de conforto, não passando a evoluir mais desde a tabuada e as três operações (que foi seu auge na terceira série).

Na verdade, Mateus achava incrível o fato de que ele atingia a média em Física e Química, outras disciplinas que considerava complicadas. Não tinha ideia de como fazia isso e, embora achasse Rodrigues mais simpático do que os outros professores, não conseguia repetir o feito na disciplina aplicada por ele. Este lhe avisou gentilmente, mas sem dúvida alguma, que Mateus reprovaria caso não mudasse esse quadro. E o pior de tudo é que o garoto ainda nem tinha falado nada para a mãe.

Meio em cima da hora, mas não era desleixo. Afinal, não havia razão de ter pressa se só começaria na terça. *Se tudo der certo* – Mateus desejava, – *ela nem vai ligar. Quem sabe até*

esqueça. Porém, seu nervosismo receava o contrário, dizendo-lhe que havia entrado numa enrascada.

E ainda tinha sua avó, que... bem, era melhor nem pensar nisso.

O objetivo das aulas, Mateus sabia, era uma tentativa de reverter sua desfavorável e vergonhosa situação, algo para o seu próprio bem. Mas, sinceramente, não queria que isso estivesse acontecendo. E quem gostaria?

Depois de um breve suspiro, ele se levantou e resolveu acabar com tudo aquilo. Deixou o cubo sobre a cama e se dirigiu até a cozinha, onde sua mãe preparava alguns legumes, diante do balcão da pia. Adriana parecia menos cansada do que de costume. Seus cabelos estavam presos em um coque malfeito, e as mãos trabalhavam com firmeza. O rosto não esboçava muito mais que a rotina diária em que vivia, cheia de correria e preocupações. Pelo ar, o cheiro de pimenta e cebola já tomava conta do pequeno cômodo.

— Qual o problema, Mateus? Vamos, diga logo — ela perguntou, visto que o filho estava parado na soleira da porta há alguns minutos, sem dizer uma única palavra, como se ela ainda não tivesse percebido.

— É que... Eu preciso conversar com você. Sobre a escola.

— O que houve na escola?

— Não fiz nada de errado, é só... Eu preciso ir a umas aulas no contraturno. Vou ter outro horário a partir dessa semana.

Mateus analisou a reação de Adriana, que ficou com a expressão mais dura, embora não olhasse diretamente para ele. Isso não era um sinal positivo.

— Pra que precisa ir à escola à tarde?

— Meu professor de matemática pediu. Eu vou ter que estudar lá. É pra melhorar as notas.

— Não precisa ir à escola para isso, você pode estudar aqui — Adriana afirmou. — Sabe que não pode sair assim de casa, Mateus.

— Eu sei, mas... é obrigatório, ou... eu posso reprovar.

Provavelmente vou reprovar – Mateus pensou, mas não quis expressar isso em voz alta. Ele não acreditava mesmo que as aulas pudessem resolver todos os seus problemas de aprendizagem, porém, era aceitá-las ou determinar que não valiam a pena. Não havia alternativa, ou aceitava a oferta ou receberia um zero definitivo na disciplina de Rodrigues e aí sim as coisas ficariam ainda mais complicadas.

Adriana parou de cortar os legumes e o encarou, momento pelo qual Mateus temia até então. Ele sabia que aquela explicação da situação não iria funcionar tão fácil. Ainda mais pela simples razão de que ele poderia ter evitado tudo isso. Ele *deveria* ter evitado...

— Está me dizendo que pode reprovar, sendo que mal começaram as aulas? Mateus, eu não acredito que você tirou tantas notas baixas com todo o esforço que eu faço pra que você possa estudar. Já não bastam os avisos e reuniões que eu tive que participar no semestre passado e agora você vem com isso na primeira semana?

— Isso não é uma punição, mãe. É justamente pra que eu não piore.

Mateus se arrependeu da última frase assim que a disse. Ela não melhorava muito a situação, mas era a verdade, afinal. Adriana

o olhou com uma expressão de descrença, e ele se sentiu ainda mais envergonhado.

— Na minha época era tão simples, bastava ler o conteúdo do livro e prestar atenção ao professor. Não me diga que você está de conversinha no meio da aula e, por isso...

— Não, não é nada disso, é só que...

— Só que o quê, Mateus?

Mateus a encarou sem saber o que dizer. *É matemática*. Como explicaria a ela?

Ele abaixou a cabeça e fitou o chão, procurando algum bom argumento para convencê-la. Mateus era péssimo em negociar com a mãe e se sentia mal porque sabia que ela estava certa. O único culpado ali era sua falta de raciocínio, mas também tinha certeza de que, mesmo se tivesse licença para estudar em casa, não teria resultado. Provavelmente desistiria após a leitura da primeira definição matemática que visse no livro. E haviam distrações demais em sua cabeça...

Fora isso, Rodrigues era um cara bacana, já o tinha ajudado várias vezes. Mateus não queria se opor. Ainda assim, não discutiria caso sua mãe recusasse. Achava justo que ela tivesse esse direito. Quem sabe até mesmo fosse na escola, conversar pessoalmente com ele, buscar algum meio termo possível ou qualquer outra solução com o professor.

Adriana suspirou um pouco desgostosa, embora soubesse que o filho era um bom rapaz.

— Quando você vai precisar ir? Eu só tenho um dia de folga na semana, Mateus, e você já tem a atividade no bairro...

— Eu sei, não se preocupe, vai ser só por pouco tempo e eu não tenho que ir a semana toda — Mateus disse, esperando ser verdade. Ele não queria passar o resto do ano indo a aulas particulares. Balançou a cabeça, tentando se mostrar decidido. — Eu vou dar um jeito de chegar cedo em casa, também.

Adriana ponderou, ainda com dúvidas sobre aquilo.

— E quando você tem que ir?

— Vai começar na terça-feira — Mateus respondeu, com pressa.

Ele terminou de explicar os últimos detalhes e sumiu para o quarto, antes que Adriana lhe desse outro sermão ou simplesmente um tapa em sua cabeça. Sorriu para a avó ao passar pela sala, que também sorria para ele, sentada numa cadeira de balanço no canto e alheia àquela conversa. Seria outro pesar contar a ela... Ao menos ele *esperava* que sua avó não estivesse ouvindo.

Mateus suspirou, deitando-se de frente em sua cama. Sua mãe não se opusera tanto nem o matara por seu péssimo desempenho, o que era incrível. Ele não queria ser mais um peso. Também não queria ser motivo de desgosto. Para Mateus, dar orgulho para a mãe era uma das coisas que ele mais almejava. Mas ainda assim, a incerteza o perseguia. *Eu não posso fazer isso*, pensou. *Não vou conseguir.*

As equações não estavam mais simples desde que ele se lembrava de resolvê-las com êxito (muita coisa havia se complicado após o ensino fundamental) e seus pensamentos não permitiam que se empenhasse em muita coisa além das responsabilidades fora da escola.

Ele esticou o braço e conseguiu alcançar a mochila, largada no chão. Retirou os fones de ouvido, depois pegou o celular e começou a ouvir música. Essa era uma das coisas que Mateus fazia quando queria se esquivar do mundo a sua volta ou de uma situação. Sempre que estava agitado ou sem saber o que fazer colocava suas canções favoritas para tocar, espantando a ansiedade.

Não há nada tão ruim que não possa se resolver com uma boa música – era o que seu avô materno, Josias, dizia. Ele sempre foi apaixonado por essa arte e colecionar discos de vinil e fitas cassete fora uma de suas paixões da juventude. Dentre algumas coisas, o gosto pela música foi herdado por Mateus.

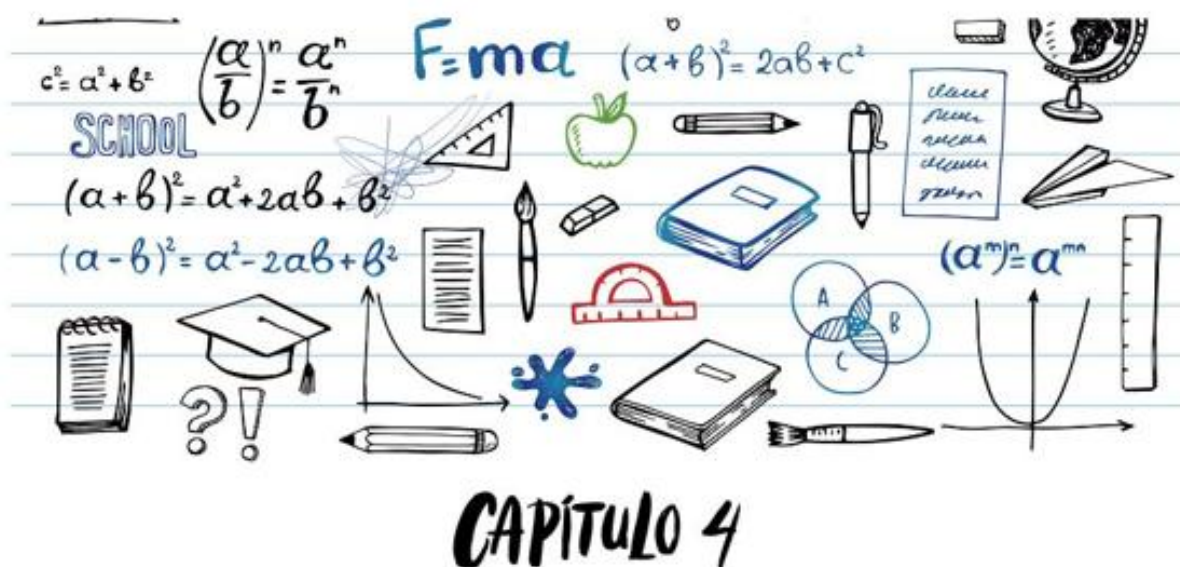
Enquanto o garoto ouvia as notas e refletia sobre a letra, podia imaginar ser o próprio avô falando com ele. Era melhor do que não ter nada com que se apegar.

Se acalme, fique tranquilo – seria algo que Josias diria. – *O outro dia logo vai chegar.*

O toque suave dos instrumentos fez Mateus relaxar, embora ainda estivesse preocupado, talvez até um pouco nervoso. *Poderia ser pior* – pensou, tentando ironizar a própria situação, *poderiam ser aulas de canto*. Apesar de apreciar, Mateus não tinha nenhum talento para cantar. Talvez, se pudesse, gostaria de aprender a tocar bateria, mas isso estava muito distante de acontecer, pelo menos por enquanto.

Ele fechou os olhos e se deixou levar pelos versos, perdendo-se na melodia da música que entoava para dentro de seus tímpanos. Daqui a pouco mais de um dia, teria uma nova

obrigação a cumprir. E não tinha certeza sobre como iria se sair nela.



Desde o dia em que Rodrigues falou com Beatriz, a semana passou voando para a garota, que acumulava nervosismo e ansiedade ao mesmo tempo. Entre um estudo e outro e algumas conversas com Letícia em sua rotina normal, Beatriz se ocupou somente em preparar uma revisão *básica* de matemática (com coisas que ela achava serem essenciais, tipo uma abordagem completa do semestre passado), também acertou de pegar uma carona com a mãe até a escola. *Seria moleza.*

Como combinado, a primeira aula de reforço foi marcada para terça-feira, dia nove, às 14h. Ficou decidido que o professor convocaria os alunos, como Rodrigues explicou, que os encontros para os reforços seriam em dois dias na semana, respectivamente nas terças e quintas. Beatriz chegou alguns minutos antes do horário combinado para arrumar o local e se preparar.

A biblioteca não era muito grande, mas tinha espaço para algumas atividades extras. Havia uma pequena bancada que ficava em frente à porta de entrada, onde o bibliotecário trabalhava num

computador antigo. Algumas estantes se seguiam na lateral dessa parede, que era contornada por prateleiras engessadas que davam espaço para mais livros. Do lado oposto às estantes ficavam as mesas de estudo, que cabiam uns cinco alunos cada. Era um espaço pequeno e apertado, a depender da situação, mas suficiente, Beatriz pensou, para estudar com tranquilidade, já que nesse período os alunos estariam em suas próprias salas de aula.

Ela se sentou numa das primeiras mesas, pondo seu material em cima da cadeira ao lado. A mochila de Beatriz era jeans, num tom de vermelho desbotado, cheia de estrelas brancas, que ela escolhera no início do ano. A garota sempre a carregava consigo quando precisava levar muitos livros. Ela começou a retirar o material que trouxe para colocá-lo em cima da mesa, a fim de se organizar. O assunto estudado inicialmente seria o do semestre, “círculo trigonométrico”, Beatriz havia revisado a noite toda do dia anterior, pesquisou a respeito em vários livros e na internet, elaborando conteúdos e marcando o que era mais importante no livro didático, tentando fazê-lo de modo simples. Não parecia um tema muito complicado na visão dela, e posteriormente, cairia nas avaliações, então acreditava que começar por ele seria de grande ajuda para o estudante que logo chegaria.

Todo conhecimento matemático valia para algo, segundo o que Beatriz acreditava. Ela tinha total convicção nas palavras de *René Descartes*, quando este disse que: “as matemáticas têm invenções sutilíssimas e servirão de muito, não apenas para satisfazer os curiosos como para tornar mais fáceis todas as artes e diminuir o trabalho dos homens”. Não era fanatismo, mas lógica. A Matemática está presente em tudo, direta ou indiretamente.

Enquanto ainda tinha alguns minutos, Beatriz olhou novamente para a folha de orientação dada a ela pelo professor Rodrigues, lendo suas informações pela décima vez. Mateus Vieira Solano seria o aluno que iria ajudar. Beatriz achou seu sobrenome intrigante... Nunca havia ouvido falar dele. Segundo constava na lista, Mateus cursava o segundo ano também, porém, em outra sala e Beatriz não se lembrava dele. Esperava apenas passar uma boa impressão e que entendesse suas explicações. Com um pouco de tempo, logo iria perceber a brilhante ciência a qual se tratava a matemática e iria aprender rapidinho a partir das explicações de Beatriz, tornando-se cem vezes melhor. Não, mil vezes melhor, ela dizia para si mesma.

Isto é, se ele tivesse pelo menos a dignidade de aparecer. Essa dúvida começou a ameaçá-la quando Beatriz constatou serem 14h e nada de Mateus chegar. Já havia mais de dez minutos que a garota estava esperando. Vinte, trinta... Quanto mais o ponteiro do relógio dava voltas, mais Beatriz perdia a esperança. Ela concluiu que Mateus não viria. Será que Rodrigues se esquecera de falar com ele? Não, Beatriz não achava que isso fosse possível. E pensar que havia discutido com seu pai na véspera para que pudesse fazer isso...

Beatriz soltou um longo suspiro de decepção, deitada sobre suas coisas. Apoiando a cabeça nos braços, pensava se voltava para casa, ou se esperava passar o horário combinado quando a porta se abriu.

Um garoto de boné e fones de ouvido entrou devagar e observou o lugar. Com a biblioteca contendo apenas algumas prateleiras e pequenas mesas de estudo, ele logo pousou os olhos

em Beatriz, que ainda repousava o queixo no material em cima da mesa.

— Oi! — ela disse, recompondo-se. — Posso ajudar?

O estranho permaneceu em silêncio por algum tempo antes de falar

— É aqui que vão ser as aulas de reforço? — arriscou, mesmo já sabendo a resposta, como se esperasse magicamente por uma afirmação contrária.

Beatriz abriu a boca, mas tentou se recuperar rapidamente. Antes achou que o desconhecido pudesse ser algum aluno da tarde, mas essa suspeita foi eliminada e só restou irritação em seu olhar. Ela suspirou e piscou os olhos para tentar se manter calma.

— Ah, é aqui sim. Você é o Mateus? — Ele balançou a cabeça positivamente. — Certo. Eu estava te aguardando. Há quase *uma hora...*

— Quer dizer que é você mesma que vai me dar aulas de matemática... — a voz de Mateus soou num tom que parecia descontentamento, o que fez Beatriz franzir a testa imediatamente.

Antes que ela falasse alguma coisa, ele assentiu com a cabeça e se sentou à mesa, de frente para Beatriz.

— Então, tá. Olha, eu não tenho muito tempo — Mateus declarou. — O que vamos estudar?

Nesse curto intervalo de tempo, Beatriz conseguiu distinguir três coisas mentalmente. A primeira: nunca confiar que seu aluno vai chegar no horário certo. Segunda: Mateus parecia desleixado e propenso à surdez (ela deduziu pelo boné azul surrado que ele usava, junto com fones de ouvido que provavelmente estavam no volume máximo, já que dava para ouvir um toque baixo de onde ela

estava). Terceira e última – mas não menos importante, análise: Beatriz não gostara nada dele.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

É fácil adivinhar que os minutos que se passaram depois da chegada de Mateus foram os mais desafiadores para Beatriz (e perceptivelmente enfadonhos para o próprio Mateus). Ela tentou se manter organizada e profissional, se esforçando para não desviar a atenção do livro para os fones de ouvido de Mateus ou perder a paciência com ele por seu jeito inquieto, porque ficava tamborilando os dedos na mesa de vez em quando.

— Está ouvindo? — Beatriz perguntava a cada minuto.

Mateus balançava a cabeça e olhava para o lado, sem parecer dar a mínima atenção ao que estava sendo apontado no livro de matemática. Ela quis saber o que mais ele tinha dificuldade – basicamente *tudo* e o que mais gostava – *nada*. Isso a deixou confusa sobre o que tinha planejado, então simplesmente respirou fundo e continuou explicando sobre o assunto escolhido para aquela tarde, tentando fazer seu melhor em não se mostrar abalada.

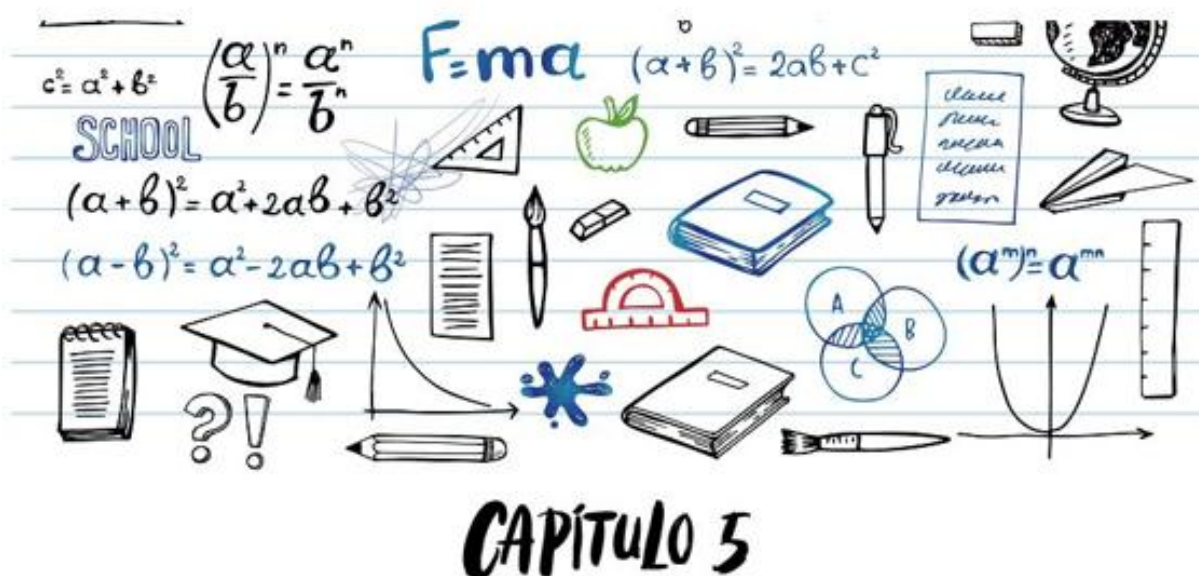
O período de estudos se passou rapidamente e, antes das 16h40min, Mateus já se levantava para ir embora. Beatriz observou sobre o acordo estabelecido (acabar às 17h), e disse que revisariam o assunto (embora tivesse certeza de que ele não entendera coisa alguma) antes de passar para os exercícios que programou, secretamente feitos para serem passados nessa primeira aula, mas que ela deixou pra lá. Beatriz ainda falou *gentilmente* que no próximo encontro, na quinta-feira, estaria às 14h *em ponto* na biblioteca.

— Não posso vir — Mateus declarou, fazendo Beatriz entreabrir a boca quase que instantaneamente e encará-lo com olhos arregalados. — Quem sabe na próxima semana. A gente... combina.

Então, ele se levantou e saiu, deixando a escola sem nem mais uma explicação. Beatriz suspirou, tentando se recuperar de tudo o que acontecera e procurando, em algum lugar de sua mente recém-abalada, toda a motivação que reuniu até aquela tarde.

Foi um começo, pelo menos... Só um começo. – Pensou rapidamente. – *Um grande matemático não se faz de uma hora pra outra.*

Ela só esperava que a calma e a coragem que conseguiu encontrar dentro de si, após esse profundo momento de reflexão permanecessem inabaláveis nos próximos dias.



Enquanto vários estudantes se abanavam com folhas de papel, ou mesmo com as próprias mãos, por conta do tempo quente e abafado no colégio Euclides da Cunha, Beatriz e Letícia conversavam no corredor próximo à biblioteca durante o intervalo.

— E então, como foi ontem? — Letícia perguntou, de repente.

Beatriz já imaginava que ela faria essa pergunta, só não sabia exatamente como responderia. Seus sentimentos ainda não estavam totalmente formados sobre Mateus. Fora apenas uma aula e, embora tenha achado o garoto desatento ou até mesmo ignorante, não o culpava inteiramente por isso. Ela considerava que poderia fazer com que ele aprendesse, só... precisava de mais aulas.

Beatriz deu de ombros, em resposta à amiga.

— Ah, não sei definir Normal e estranho ao mesmo tempo. Eu expliquei sobre o assunto e ele...

— Ele...?

— Não deve ter entendido nada enquanto ficava ouvindo música nos fones de ouvido ridículos! — Beatriz exclamou.

Letícia começou a rir, de uma forma tão doce que só ela sabia expressar. Beatriz já conhecia o jeito como ela cobria a boca com uma das mãos e fechava os olhos por poucos segundos. Às vezes, sentia secretamente uma pequena inveja da amiga pela sua delicadeza.

— Você é muito engraçada, Bia — Letícia suspirou. — Eu queria ter visto, pena que meu horário é na segunda-feira!

Logo depois que o professor Rodrigues falou com Beatriz, Letícia foi convocada pela professora Nara, que lecionava biologia. As duas garotas trocaram ideias no final de semana sobre como iriam agir (o que se demonstrou uma verdadeira decepção para Beatriz). Mas ela esperava contornar a situação.

— Para de rir, vai, não seja tão cruel comigo — Beatriz comentou. — Acho que ele não tem interesse nenhum por matemática, está na cara, mas também deve ser exatamente por isso que não consegue entender. Só que eu vou tentar fazer com que ele melhore.

— Você vai conseguir sim, Bia, é muito inteligente — Letícia afirmou.

— Nada disso, é apenas lógica.

O primeiro passo, Beatriz pensava, era mudar a visão de Mateus sobre a matemática. Se ele criasse interesse pela disciplina, ou pelo menos desse uma única chance ao invés de tomá-la como um pesadelo igual muita gente faz, as portas para esse conhecimento iriam se abrir muito mais fácil do que imaginava.

Mais concentração equivalia a mais aprendizagem, uma perspectiva óbvia para Beatriz. Quando era mais nova e não conseguia se concentrar para resolver alguma questão ou fazer uma atividade, ela se escondia na dispensa, tentando se isolar do resto da casa e permanecia lá até terminar o que precisava ou conseguir achar o foco outra vez. Isso não acontecia mais (Beatriz se confinava no quarto mesmo), porém, o princípio permanecia igual.

Era uma relação semelhante aos sapatos de Sabrina, uma colega de classe. Eram horríveis, na opinião de Beatriz e ela não tinha interesse nenhum por eles, logo não iria comprar um do mesmo modelo. Simples associação quanto a ao quadrado ser igual a a vezes a.

— Bom, pelo menos o Bruno não ficou ouvindo música — Letícia comentou, passando a mão nos fios dourados. — Na verdade, ele me pareceu muito interessado na matéria, estava prestando muita atenção no que eu dizia.

Ele devia estar prestando atenção em você – Beatriz pensou, mas resolveu não dizer nada.

— E eu conheço o Bruno?

— Acho difícil, ele estuda no período noturno. Mas e o Mateus?

— Se não me engano, nesse mesmo horário, mas eu nunca o vi por aqui...

No instante em que acabou de falar Beatriz se deparou com Mateus, do outro lado do pátio, como se seus olhos estivessem apenas esperando a deixa de suas palavras. Ele estava sentado num banco, em uma área próxima às salas dos professores. Havia alguns alunos por ali, que conversavam entre si, em pequenos

grupos. Beatriz parou de se mexer quase que imediatamente, como se seus movimentos pudessem ser captados e apontou discretamente na direção dele.

— É aquele ali no banco, depois dos degraus... Está vendo?

— Aquele de boné?

— Sim — Beatriz conf irmou, desaprovando-o mentalmente.

De novo com aquele boné?

— Eu não me lembro de ter visto ele antes, mas parece bonitinho — L etícia ref letiu, o que provocou Beatriz a f azer uma careta.

— *Bonitinho?* Você só diz isso porque ainda não viu ele estudando trigonometria.

As duas começaram a rir baixinho, pensando no desempenho ruim de Mateus.

— Bom, tenho certeza de que você vai conseguir ensinar muito pra ele — L etícia sorriu.

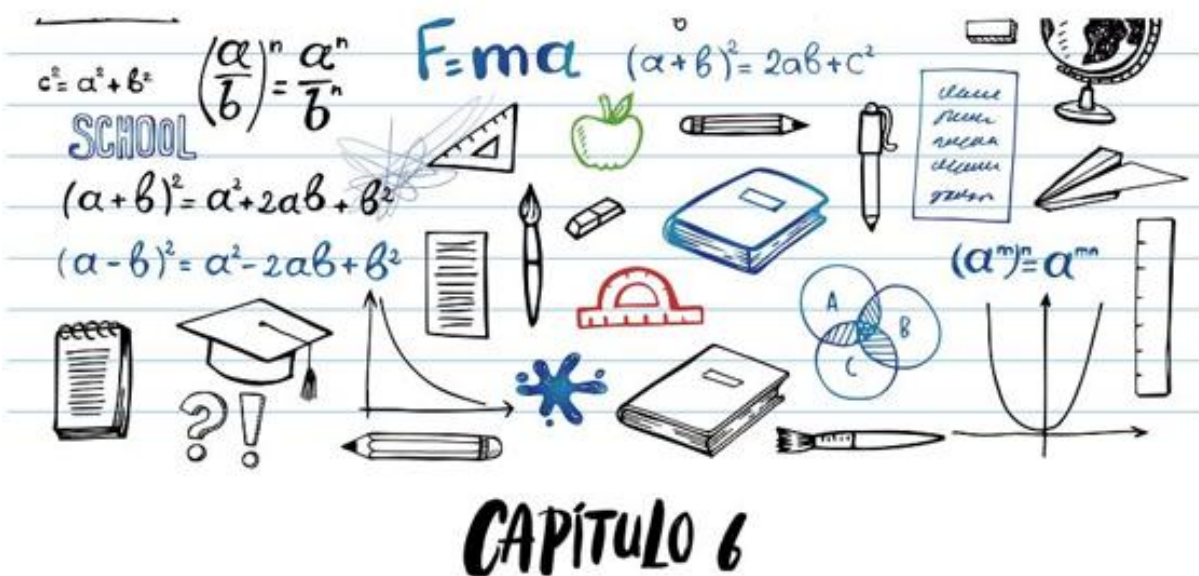
Beatriz f icou calada por um minuto, pensando em como f aria isso. Como poderia melhorar seu desempenho? Embora tivesse ocorrido apenas uma aula, ela precisava encontrar alguma f ormada conquistar o interesse de Mateus, mas não sabia basicamente nada sobre ele.

Enquanto pensava numa maneira de melhorar a aprendizagem do rapaz, o sinal ecoou pelos corredores e ela se viu sendo puxada pelo braço por L etícia, direto para a sala de aula.

— Vamos, Bia, a próxima aula é de *biologia*!

Beatriz ouviu vagamente o que a amiga dizia, algo sobre como os insetos eram interessantes e que tinham suas vidas trágicas, nem um pouco interessada. Ela olhou para o pátio uma

última vez, diretamente para o banco onde Mateus havia sentado...
mas ele não estava mais lá.



CAPÍTULO 6

Ensinar não parecia tão complicado em teoria, mas se mostrara algo realmente difícil na prática. Era apenas o segundo mês de encontros com Mateus e Beatriz queria descobrir se ele era ignorante de propósito ou apenas tinha dislexia ou alguma coisa assim.

Como prometido, Mateus não apareceu na quinta-feira. Nem na outra e nem na seguinte. Aparentemente, estudar neste dia da semana estava fora de cogitação para ele, pois só comparecia às terças. Beatriz tinha sugerido ao professor Rodrigues uma mudança no calendário, mas não foi possível, pois tanto Beatriz quanto Mateus tinham outras obrigações durante a semana. Além disso, Mateus se recusou a “estudar dobrado numa sexta-feira”, único dia em que havia uma sala disponível. Dessa forma, Beatriz sofria em fazê-lo aprender utilizando-se apenas de um encontro semanal e suas tentativas para contornar a situação não obtiveram sucesso.

— Eu posso ir à sua casa, se não puder vir na quinta — ela sugeriu logo no início da segunda semana de aula. — Só por uma

horinha... Ou então podemos marcar noutro lugar...

Beatriz nem mesmo sabia se poderia cumprir caso ele aceitasse, pois precisaria de mais um debate para convencer o pai, de qualquer forma a resposta que Mateus lhe deu não deixava chance para acordo. Ele a encarou no instante seguinte e recusou qualquer alternativa.

— Não dá — afirmou veementemente. — Eu não recebo visitas, nem posso sair pra outro lugar, muito menos na quinta. Então não precisa se incomodar.

Mateus deu a conversa por encerrada ao virar para seu caderno, embora sua concentração parecesse estar mais ligada ao som que repercutia em seus fones de ouvido. Beatriz já estava começando a perder a paciência, mas tentava se segurar em nome da confiança do professor Rodrigues e da Matemática, é claro. Ela aproveitou seu “tempo livre” a cada quinta-feira e preparou os assuntos a serem trabalhados, além de mais alguns exercícios, de forma bem concisa, no intuito de aproveitar melhor o horário com Mateus.

Já era começo de setembro e não demoraria muito para que as avaliações trimestrais comessem. Beatriz sentia que não estava fazendo progresso nenhum. Ou Mateus ouvia música pelos fones de ouvido, ou batia os pés no chão, remexendo-se na cadeira (quando Beatriz pediu que ele tirasse os fones), ou então parecia estar em outro planeta. A garota tentava de toda forma conseguir algum método que funcionasse para fazê-lo resolver uma questão de modo que acertasse, porém, falhava. Estava tentando encontrar um jeito de chamar sua atenção, mas... Mateus parecia tão introvertido e complicado de lidar. Tanto quanto... ela mesma.

Beatriz tinha consciência de que não estava no topo da lista das pessoas mais comunicativas e simpáticas do mundo, mas pelo menos se esforçava para tratar a todos com cordialidade. Mateus, no entanto, não trocava uma palavra além do necessário desde que as aulas começaram. Não questionava nada que ela explicasse ou sequer fazia qualquer pergunta, como se não se sentisse confortável ou, na pior das hipóteses, pouco se importasse com aquilo. Era quase como se estivesse participando das aulas por obrigação (Beatriz tinha certeza disso), o que a incomodava ainda mais.

Depois que deu a aula por encerrada naquele dia, ela saiu decidida a encontrar alguma maneira de convencer Mateus que a matemática não deveria ser levada de maneira tão rude. Concluiu que precisaria fazer algo criativo para ter resultados significativos contando apenas com a terça-feira e desafiou a si mesma para isso.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

— Eu sei que você pode fazer — Letícia a encorajou no dia seguinte, na quarta-feira, enquanto as duas caminhavam de volta para casa. — Só não pegue tão duro consigo mesma, Bia, sei que está dando o seu melhor. E Mateus pode ser daquele tipo que não aprende tão facilmente... Como você mesma disse, ele só vem num dia da semana, o que já prejudica bastante.

Letícia era a única pessoa além de Rodrigues que sabia sobre Mateus só comparecer às terças, mas mesmo seus conselhos e estímulos não eram suficientes para Beatriz dar fim ao seu desânimo. Ela apenas balançava a cabeça enquanto chutava as

pedrinhas que encontrava na calçada. Segundo o próprio professor Rodrigues, não tinha outro jeito a não ser continuar assim.

Essa situação, é claro, não fora mencionada por Beatriz aos pais e nem sonhando ela pensava em fazê-lo. Tinha certeza de que eles a proibiriam de continuar no mesmo instante, e não era isso que queria. Gostaria de acreditar que conseguiria superar esse caso apesar das circunstâncias desfavoráveis, só que não seria fácil.

De fato, parecia razoável o que Letícia argumentava, mas Beatriz não se deixou convencer. Não se Bruno, aluno a quem Letícia ensinava há poucos dias, já tinha recebido um elogio da professora Nara e estava tirando dúvidas durante a aula, segundo o que lhe falaram. Ela queria que acontecesse o mesmo com Mateus, mas sentia que, de alguma forma terrível, a música havia queimado todos os neurônios de seu cérebro, só podia ser.

Beatriz não estava chateada pela evolução do aluno de Letícia, nem queria agir no intuito de disputar com a amiga. Ela só desejava que Mateus progredisse e que isso pudesse acontecer pela ajuda dela. Se ele não entendia, era porque seus métodos de ensino não estavam sendo eficientes, e isso era tão frustrante! Beatriz precisava encontrar alguma solução para que Mateus se concentrasse na matéria antes que ficasse louca, mas ela já havia postulado algumas hipóteses. Só esperava que seu plano funcionasse.

Esperava que a outra parte, chamada *Mateus*, colaborasse.

— E então, Bia? Bia?! — Letícia a chamou outra vez.

— Ah, oi. Desculpa. Não ouvi você.

— Puxa — Letícia suspirou —, acho que você não deveria se cobrar tanto. É por você assistir àquela série de gênios calculistas

malucos até tarde da noite que está assim. Eu já te avisei que um dia seu cérebro vai parar de funcionar igual uma máquina de computador sobrecarregada.

Beatriz riu, sem abrir a boca.

— Você é que está maluca, Lê. Não vai acontecer nada demais comigo.

Embora talvez eu gostasse de fazer algo magnífico como uma grande apresentação no CNMAC^[1] — Beatriz mordeu o lábio inferior suspirando com esse grande devaneio, mas sonhar não era proibido, dizia para si mesma. Naquele momento, uma chama voltou a se acender no peito de Beatriz e ela se tornou pura força de vontade. Nenhuma adversidade poderia superá-la ou vencê-la. Pelo menos, não por enquanto.

Quando chegou em casa, Beatriz foi direto para o quarto, mal cumprimentando a mãe, naqueles momentos em que se precisava agir rápido para não perder o “espírito da coisa”. Ela correu para a cômoda, em busca de seu “arquivo secreto”. Beatriz procurava por um caderno de capa rosa (uma das poucas coisas que ela tinha dessa cor) em que anotava seus compromissos, datas ou acontecimentos mais importantes. Acabou por encontrá-lo dentro de uma caixinha branca, que estava metida em um compartimento do guarda-roupa, esboçando um pequeno sorriso quando, enfim, o segurou.

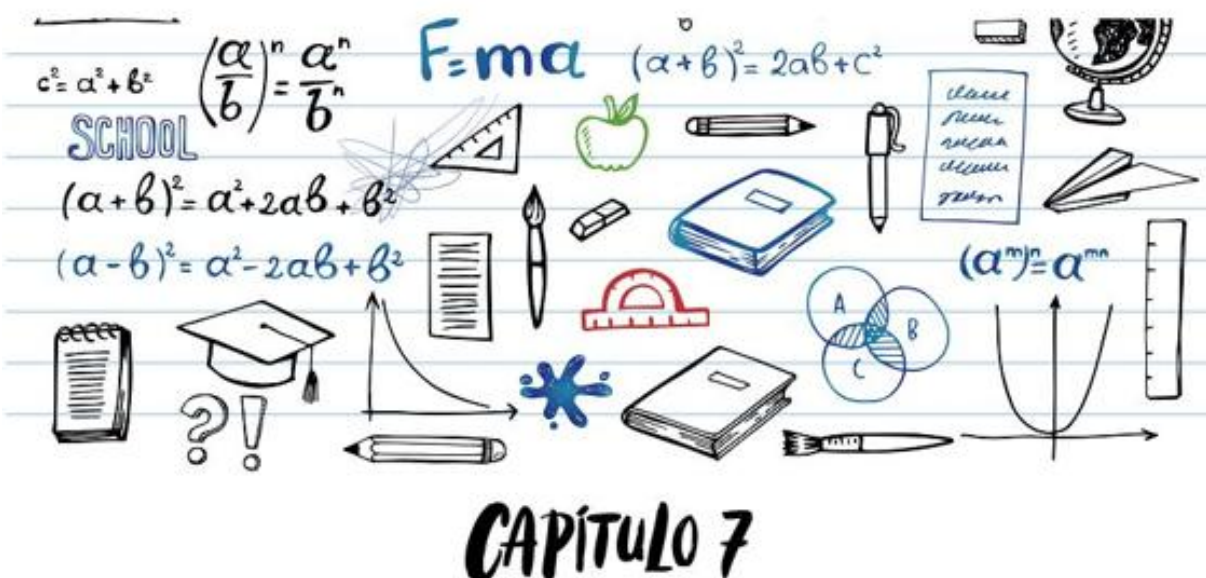
Beatriz passou as páginas freneticamente em busca de uma em especial. Todo início de ano, ela escrevia cinco coisas das quais queria ou tinha como meta. No geral, entretanto, alguns objetivos acabavam por se repetir, por se tratarem de sonhos a serem

conquistados na vida. Mas dessa vez ela tinha algo que poderia realizar antes que aquele ano acabasse.

Anotando em uma página singular de sua agenda, Beatriz acrescentou uma nova opção em sua lista de prioridades:

Lista de coisas que preciso desvendar:

1. Como resolver o *teorema de Ramsey*;
2. Elaborar uma fórmula que venha a ser conhecida pelo meu nome (^-^);
3. Estudar para alcançar uma vaga de estudos na UFC;
4. Convencer meu pai a me deixar ir pra UFC;
5. Superar meu medo de falar em público;
- +
6. Fazer Mateus passar de ano;



CAPÍTULO 7

Mateus se sentia ridículo. Ele estava sentado em sua cama, descabelado e com os olhos concentrados em números. Com o exercício feito por Beatriz sobre o livro de Matemática aberto, que estava apoiado entre suas pernas, Mateus não sabia se ela planejava aquelas questões de propósito, apenas para que ele se sentisse mal, ou se na verdade ele era realmente muito burro.

Beatriz havia preparado um verdadeiro arsenal de perguntas. Enquanto Mateus esperava receber apenas uma página de exercícios, como no segundo encontro, acabou levando um conjunto de folhas almanço pra casa. Uma verdadeira bomba que destruiria seu fim de semana.

Ele rasurou o livro, folheou seu caderno e procurou até mesmo vídeos no YouTube. Entendera os conceitos, mas não conseguia colocar em prática na resolução das questões. Pelo menos, não na maioria delas. Parecia que tudo se embaralhava a sua frente, como se tivesse problemas na visão – e a caneta de tinta esferográfica rosa não ajudava muito.

Beatriz Pereira, do 2º A, será responsável por ensinar a você, Mateus – Rodrigues avisou quando lhe apresentou sobre a monitoria, semanas atrás. – Ela é muito inteligente e tenho certeza de que é a pessoa certa para realizar a tarefa. Aproveite o tempo juntos e peça auxílio sempre que tiver dificuldade, certo? Sei que vão conseguir

Sim, certamente Rodrigues tinha certeza quanto a ela. Mas e em relação a Mateus? Ele próprio duvidara disso. Beatriz... Ela parecia tão brilhante e mimada. Mateus não sabia direito o que pensar dela. Nunca tivera que conviver com a garota além do que já fazia, coexistindo no mesmo ambiente umas quatro horas, cinco vezes por semana. Isto é, na escola.

Mateus encarou uma última vez o material em seu colo. Eram tantos sinais, códigos, números... Aquilo tudo o deixava tonto. Jogou-os de lado e se deitou, cobrindo o rosto com o travesseiro. Não tinha como piorar.

— Mateus? Mateus! Está estudando, por acaso? — Adriana exclamou ao entrar no quarto do filho, de repente.

Correção: é claro que podia piorar

— É exatamente o que eu estava fazendo há horas... — ele murmurou.

— Eu espero mesmo que sim, Mateus, porque eu não quero que as aulas a mais que você tem que fazer sejam à toa. Está ouvindo? Mateus!

Ele suspirou e se sentou novamente, encarando os livros no canto da cama, depois o olhar da mãe, furiosa. Não sabia qual dos dois era pior.

— O que está acontecendo, Adriana? — Lucíola perguntou da sala, com sua voz rouca e suave.

— Nada, mãe, estou apenas colocando Mateus para estudar — Adriana respondeu. — E você, trate de se comportar, entendeu?

— Sim, senhora. — Ele estendeu a mão até a testa, fazendo uma continência.

— Ah, Mateus...

— Deixa ele, Adriana, hoje é sábado — Lucíola falou, num tom mais alto que o normal.

— Bem lembrado, vó! — Mateus gritou, saindo da cama num pulo.

— Ei, volte aqui! — Adriana exclamou, já seguindo o filho pela sala. — Ah! Leve pelo menos a sua avó para dar uma volta, então.

— Com todo prazer!

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Mateus saía de casa até a praça e da praça até os arredores da mesma, contornando-a a passos lentos com Lucíola. A avó do garoto gostava de sair com ele pela manhã bem cedo, ou então quando o sol estava para se pôr. Esses passeios sempre aconteciam nos fins de semana.

A velha senhora possuía uma estatura menor que a de Mateus, um pouco encurvada por conta da idade. De calibre fino, porém, ainda firme, seu corpo continuava suportando o peso dos anos e das dificuldades. Sua pele era enrugada, mas mantinha um largo sorriso. Seus cabelos já grisalhos, encaracolados feito conchas. Geralmente, ela os prendia em um coque ou então os

deixava soltos, caindo pelos ombros, com várias presilhas afastando os fios da testa. Ela teve apenas uma filha e três filhos, que foram morar longe, na grande São Paulo, em busca de emprego muitos anos atrás. Depois que seu esposo faleceu, Lucíola passou a viver com Adriana, que tinha permanecido na mesma cidade.

Desde criança, Mateus se lembrava da avó fazendo comidas caseiras ou contando histórias do passado no antigo sofá da sala. O sofá já não existia fazia anos, mas ela continuava com sua expressão doce e o mesmo carinho pelo neto. Mateus não se imaginava vivendo sem ela.

Depois de alguns minutos, os dois se sentaram num banco, para recuperar o fôlego de Lucíola. Ela encarava as árvores ao redor, pensativa, ainda com o braço em volta do de Mateus.

— Essa praça foi inaugurada pouco tempo depois de você nascer, sabia?

— Mesmo? Ainda não tinha me contado sobre isso, vó. — Mateus a encarou.

— Faz muito tempo... — Lucíola sorriu. — Eu ficava te segurando no colo aqui, esperando sua mãe voltar das compras. Era nosso ponto de encontro.

— Hum...

— As pessoas sempre pararam para mimar você.

— Então, quer dizer que eu sempre fui bonito — Mateus brincou, fazendo Lucíola rir

— Ah, mas sempre foi o mesmo. Você se parece tanto com seu avô... — Ela colocou a mão sobre o rosto dele, com os olhos brilhando.

Mateus sabia do grande amor deles. Fora muito difícil ficarem juntos na época, por conta de rivalidade entre as famílias. Mas após isso, foram felizes por todos os anos em que Josias viveu...

Sua avó ficara muito triste após a morte do marido, Mateus sabia só pelo seu olhar caso alguém tocasse o nome dele. O rapaz não imaginava um exemplo maior de amor do que o que tiveram. E também sentia um certo orgulho por puxar a aparência do avô. Ninguém podia imaginar o quanto. As palavras carinhosas de Lucíola eram sempre animadoras para ele...

Um sorriso caloroso se formou em seus lábios. Ele beijou a mão caçada de Lucíola, que logo voltou a olhar para frente, esquecendo-se do passado.

— E então, como estão as aulas?

— As aulas?

— Sim, as que você tem que ir até a escola depois do almoço.

— Ah... Estão normais, eu acho.

— Como assim? Vamos, quero que me conte tudo — Lucíola exigiu.

Mateus suspirou, sem saber exatamente o que dizer. Não tinha grandes coisas para contar a avó, exceto que estava se sentindo um verdadeiro analfabeto perto de Beatriz. Esse detalhe, porém, guardou só para si.

— Não aconteceu muito até agora, só... Estou vendo umas aplicações matemáticas e uns exercícios elaborados pela Beatriz.

— Beatriz?

— Sim, a menina esnobe que me ensina.

— A menina *o quê*?

— Deixa pra lá.

Às vezes, Mateus se esquecia de que sua avó era mais esperta do que aparentava. Ela prestava atenção a tudo.

— Hum...

— Não é nada demais, vó! — Mateus explicou rapidamente.

— Ela só sabe muito de matemática. Eu... Era o que eu deveria ter dito.

— Então, isso deve ser ótimo, não é mesmo?

Não era exatamente o que Mateus achava, mas ele queria parar de pensar assim. Balançou a cabeça, tentando organizar os pensamentos.

— É, talvez.

— Aproveite a oportunidade, meu filho. Sabe, eu não tenho condições de te dar muito hoje, mas você pode construir um futuro bem melhor se estudar. Muito melhor do que essa realidade em que vive.

— Estou feliz com o que eu tenho.

— Não estou falando sobre ter humildade e gratidão pelas coisas, Mateus — Lucíola advertiu. — Eu sei que você sabe disso. Mas, quando eu não estiver mais aqui, você precisará cuidar da sua mãe.

— Não gosto quando a senhora fala assim — Mateus afirmou, com a voz baixa.

— Mas você sabe que vai acontecer. Precisa se preparar. Você pode viver num lugar muito melhor se...

— Não penso em nenhum lugar em que eu estaria feliz sem a senhora.

— Mateus.

— Eu sei, eu sei, eu vou estudar. Vou trabalhar e quando ganhar meu primeiro salário de uns cem mil reais compro uma casa bem grande com várias plantas pra gente morar, que tal?

Lucíola riu, tossindo um pouco em meio às gargalhadas.

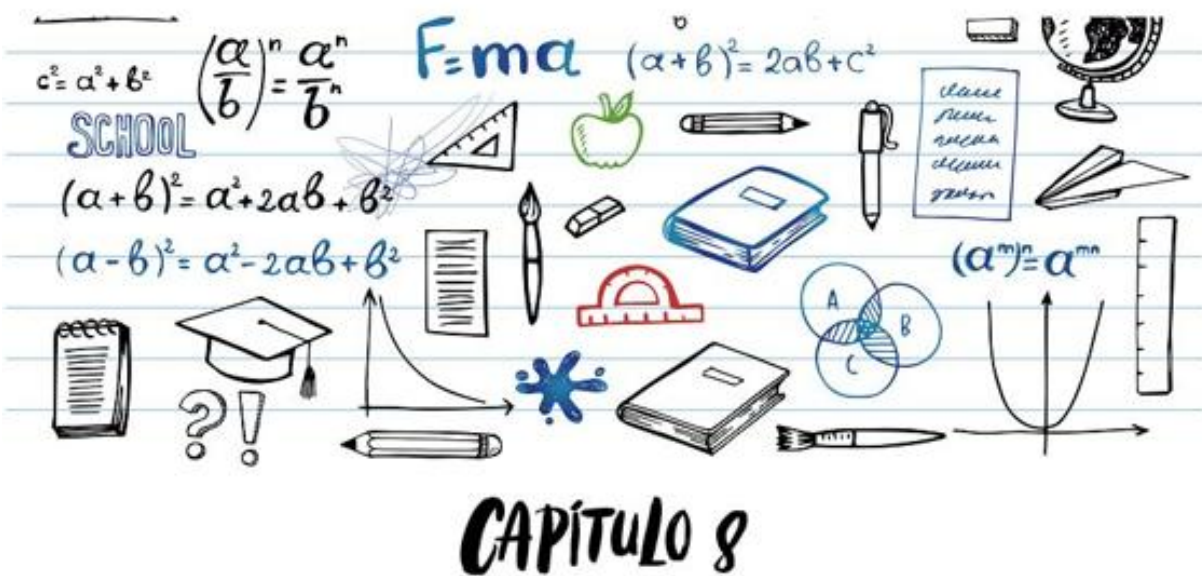
— Eu sei que você vai fazer grandes coisas, filho. Eu acredito em você. Tem o mesmo gênio que o seu avô...

— Então, continue esperando para ver! — Mateus sorriu e a beijou na testa, levantando-se em seguida. — Vamos, está na hora de voltarmos pra casa, senão a sua filha vai me matar!

Os dois seguiram de volta pela mesma rua, Lucíola sendo conduzida por Mateus o tempo todo. Para ele, o lado positivo era que em breve chegaria a hora do almoço. O negativo seria ter que encarar as questões matemáticas feitas por Beatriz novamente, as que ainda precisavam ser respondidas. Não havia chance de entregar a atividade incompleta sem receber um olhar reprovativo dela.

Aquela garota parecia realmente levar a sério esses exercícios, e Mateus não conseguia decidir se isso era bom ou ruim. Mas, também não precisava decidir. Não queria fazer julgamentos e, afinal de contas, não tinha nada a ver com ela. Em nenhum momento iriam se envolver pessoalmente.

Era o que sua ingênua mente achava.



O fim de semana foi cheio para Beatriz, a exemplificar por seu pai, que começou a demonstrar interesse sobre a atividade que parecia consumir toda a dedicação da filha.

— Como está indo a monitoria? Pode dizer como vão as aulas? — Cláudio perguntou na tarde de domingo, no café da manhã.

— Estão ótimas! — Beatriz respondeu, nem um pouco sincera, se esquivando sempre que possível das indagações do pai.

Porém, ela considerava estar falando a verdade, já que imaginava que as dificuldades que estava tendo no que se referia a fazer Mateus aprender eram uma experiência nova e aumentariam seu próprio aprendizado, despertando seu potencial pedagógico. Beatriz passou o fim de semana inteiro pensando em permutações, combinações simples e como iria convencer Mateus de que a matemática podia ser mais legal que uma exposição de jogos de videogame — embora ela nunca tenha visitado nenhuma, mas acreditava que seria algo que os meninos gostassem de maneira

geral. Por isso mesmo, passou a acrescentar notas de rodapé nos exercícios que entregava a Mateus, escrevendo coisas como curiosidades e aplicações matemáticas na construção de softwares para a elaboração da realidade virtual vista nos jogos, por exemplo.

Enquanto buscava ideias no mais profundo de sua mente e no Google Acadêmico, Beatriz achou que poderia, enfim, fazer com que tudo desse certo. Pelo menos, *esperava* que desse. Ela preparou uma lista de coisas mentalmente para apresentar na próxima aula, confiante de que alguma poderia funcionar. E uma delas seria interagir mais com Mateus. O novo jeito que Beatriz decidiu encarar tudo foi algo que ela geralmente não fazia de maneira natural, mas devido à situação, achou ser a melhor escolha: agir com a maior gentileza que podia e tentar ser amigável, para que pudesse compreender melhor o seu aluno.

Não, não era desespero (ela repetia inconscientemente para si mesma toda vez que tentou sorrir mostrando os dentes), mas a busca pela eficiência. Era assim que Beatriz resolvia suas relações complicadas ou precisava lidar com pessoas que não conhecia. Sua alternativa A consistia em agir normalmente, do seu jeito pessoal; caso não funcionasse, ela partia para a alternativa B, que era a que estava determinada a aplicar. Ela não queria ter que partir para a alternativa C, que significava dar o caso por perdido. Beatriz não queria que isso acontecesse. Então, precisava se esforçar muito para conseguir seu objetivo sem que este se apresentasse impossível.

Em primeiro lugar, Mateus foi pego desprevenido na biblioteca, na terça seguinte. Beatriz conseguiu chegar cinco minutos depois de Mateus – que já estava um pouco atrasado, ao

se esconder no banheiro (e só não se demorou mais com medo de que ele desse meia volta e fosse embora). Quando chegou à biblioteca, entretanto, constatou que Mateus já havia se sentado à mesa de estudos e não pareceu nada impressionado quando a viu.

— Ah, então você veio... — foi o comentário que fez ao olhar para ela, fazendo Beatriz se sentir uma boba ao perceber só naquele instante, que havia deixado seu material lá, não muito escondido, no encosto da cadeira embaixo da mesma mesa.

Ela não poderia mudar o passado diante do imutável. Irritar-se não adiantaria nada. Então Beatriz se sentou também e cumprimentou Mateus, tentando resistir aos impulsos de recriminá-lo mais uma vez por estar com os fones no ouvido, ou o boné gasto que ele tanto insistia em usar. Antes de começar a ensinar propriamente a disciplina, ela lhe apresentou outra lista de questões e conteúdo (bem mais elaborada, em sua humilde opinião), que fizera na noite anterior

— Aqui, isso é pra você. Pensei que seria bom exercitar o que estudamos até aqui em casa também, já que, como sabemos, você não pode vir às quintas... E você pode revisar o conteúdo no livro também, mas nesse resumo tem basicamente tudo o que vai cair na próxima prova, que está bem próxima, aliás — Beatriz disse, finalizando com um sorriso orgulhoso no rosto.

— Ah, *mais* exercícios... — Mateus pareceu desanimado ao pegar o bloco de folhas.

Ele dobrou e guardou dentro de seu caderno logo em seguida, sem nem se dar ao trabalho de folheá-lo. Voltou os olhos para Beatriz, que mantinha a postura ereta.

Tenho certeza de que ele vai resolver em casa – ela repetiu para si mesma, embora estivesse com uma pequena ferida no ego. Respirou fundo e continuou:

— Bom, também acho que nosso horário de aula é muito complicado e pode ficar cansativo, pelo jeito que estamos levando.

— Beatriz não achava isso de verdade, mas tentou soar o mais sincera que conseguiu. — Então... Eu pensei em propor um pequeno intervalo. Tipo, no meio da aula, após algumas explicações, ou depois que você resolvesse algumas questões. Daí, se você quiser, pode ir ao banheiro, lancha, ou... tomar um ar...

— “Tomar um ar”? — Mateus a encarou com um misto de incredulidade e estranheza no rosto.

Que coisa idiota. Por que eu disse isso?, Beatriz pensou, prendendo a respiração um segundo.

— Hum. É, se você quiser...

— Eu não quero fazer nada disso. Na verdade, prefiro ficar sem esse “intervalo” pra que a gente possa estudar direto e ir pra casa mais cedo. Pode ser?

— Ah, o.k.

Beatriz ficou sem ter onde esconder a cara, porque o livro de matemática não era tão grande assim e Mateus a olhava como se ela tivesse ficado louca. Talvez, um pouco... Mas Beatriz não queria se dar por vencida. Não, ela precisava fazer isso.

— Então... Eu percebi que você gosta um *pouco* de música — ela comentou em dado momento, quando achou que o clima tinha voltado à mesmice e que seria uma boa chance de sugerir o que tinha planejado anteriormente. — Seria legal você escutar algumas das produções voltadas para o ensino de alguns tópicos

matemáticos, por exemplo. Dá pra aprender várias coisas com paródias no YouTube, de um jeito bem curioso, sabe. — Mateus lhe lançou um olhar irritado, Beatriz não percebeu e continuou: — Tipo, meio que transmitem como a matemática é interessante. De tanto ouvir, você acaba memorizando e...

— Isso é sério? — Mateus finalmente perguntou, incrédulo, parando de escrever abruptamente e a encarando. — Olha, desculpa falar assim, mas a gente está aqui pra que você me dê essas aulas, certo? Acho que só estudar como as fórmulas funcionam e já basta.

— Sim, claro... Eu só pensei em sugerir...

— Não precisa me oferecer mais nada, não quero e nem precisa, obrigado.

Beatriz entreabriu a boca, fechando-a logo depois. Apesar de ter dito *obrigado*, como se a agradecesse, Mateus havia sim, cortado todo o barato dela com aquela frase. O plano sobre ser amigável caiu por água abaixo e a garota não sabia mais o que dizer. Na verdade, ficou chateada e com vergonha. Ela havia até criado uma playlist intitulada: “possíveis indicações educacionais” (sorte que ainda não tinha mencionado essa parte).

— Tudo bem, então — Beatriz disse após um silêncio constrangedor e abriu seu livro, olhando as figuras sem ler propriamente nada.

Ela não queria encará-lo de jeito nenhum, apesar de ser algo inevitável quando fosse explicar o conteúdo. Naquela tarde, Mateus não fez mais nenhum comentário, nem pediu que Beatriz explicasse mais uma vez alguma questão. Ela tentou se manter imparcial,

mesmo que ele tenha tirado os fones de ouvido e parado de bater os pés no chão por um tempo considerável.

Em casa, Beatriz não conversou com sua mãe sobre a aula, nem defendeu a importância do projeto para seu pai. Ela simplesmente foi para seu quarto e se deitou na cama, tentando não ficar abalada consigo mesma, embora soubesse que estava. Beatriz também não atendeu ao telefone quando Letícia ligou. Não queria fazer nada no momento e nem estava com vontade de falar com ninguém. Ela não queria se importar com o que aconteceu, mas sentia uma frustração enorme e estava com muita raiva de Mateus – embora ele não tivesse feito nada propositalmente para isso.

Seus pensamentos seguiram em linha reta para todas as mentes que se tornaram grandes inspirações matemáticas e filosóficas, todos os ensinamentos que teve com seus professores anteriores, a confiança como transmitiam “o saber” e a capacidade que sempre lhe atribuíram. Beatriz refletiu em suas descobertas, na busca por novas respostas e perseverança que todas as pessoas antes dela tiveram. E pensou que não estava se esforçando o suficiente e não conseguia imaginar o que poderia fazer para conseguir seu objetivo.

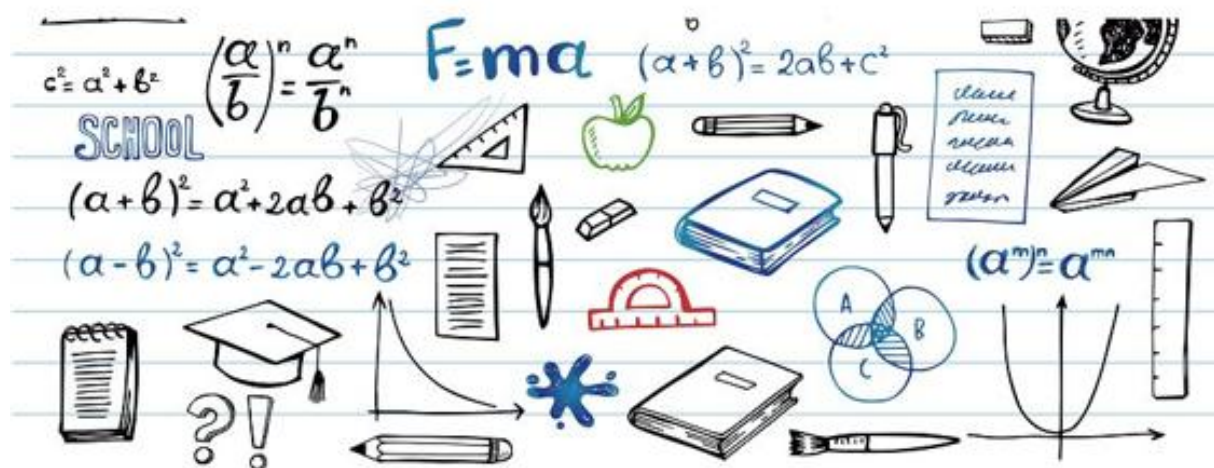
Beatriz imaginava que chegaria a um novo patamar naquele dia, mas tudo que conseguiu foi voltar à estaca zero. Sua confiança, nem precisava mencionar, foi jogada lá para baixo, em algum lugar tão fundo que ela não conseguiria desenterrar tão cedo. Desejava muito encontrar uma saída, mas o túnel pelo qual caminhava continuava escuro. Totalmente escuro.

O que será que... Arg, o que será que aquele garoto tem?!

Beatriz nunca pensou que chegaria àquele ponto, mas não pôde deixar de pensar que as adolescentes da sua idade se irritavam com os garotos por outros motivos, não como esse que estava enfrentando. Ela não queria ter associado, mas ensinar Mateus era quase tão ruim quanto uma dor de cotovelo, e isso na visão de alguém que nunca teve grandes experiências amorosas.

Aos poucos, sua respiração começou a ficar mais lenta e seus músculos relaxaram, à medida que repassava os acontecimentos da tarde na cabeça, involuntariamente. *Vou encontrar alguma coisa, não preciso que ele vire meu amigo para isso* – Beatriz repetia, devagar, ficando com os olhos pesados.

Cristina já havia preparado o jantar, mas a garota adormeceu envolta por seus próprios teoremas antes que ela a chamasse para descer.



CAPÍTULO 9

Letícia tentou arrancar alguma coisa de Beatriz no dia seguinte, mas a amiga se mostrou calada e reservada. Não comentou sobre como foi a aula, nem reclamou de Mateus, muito menos o elogiou, apenas permaneceu concentrada nas matérias do dia, como se quisesse focar nos próprios estudos tanto quanto respirar – algo indispensável.

Mateus quase esbarrou nelas na hora da saída, mas passou pelas duas sem dizer nenhuma palavra. Beatriz nem mesmo levantou o olhar para ele. Agora parecia comum encontrá-lo pela escola, visto que Mateus não era qualquer outro jovem na multidão de estudantes e isso não significava necessariamente que as coisas estavam melhorando.

Letícia percebeu logo de cara, pela própria expressão de Beatriz quando a viu pela manhã, mas achou que seria melhor não a incomodar. Naquele instante, porém, não podia evitar.

— Tem alguma coisa errada, Bia? — perguntou, quando estavam próximas de casa.

— Nada além do casual. Vamos logo, quero chegar cedo, ainda tenho um monte de coisas pra fazer

Esse “monte de coisas” se resumia a estudar mais e ficar nesse clima deprimente, Leticia supunha.

— Eu te liguei ontem.

— Eu sei. Desculpa.

Leticia acenou com a cabeça e as duas continuaram o trajeto em silêncio. Ainda que ela quisesse saber mais de Beatriz, não fez nenhum outro comentário naquele momento. Sabia que a amiga podia se tornar um verdadeiro casulo quando ficava pensativa, totalmente fechada para suas teorias e observações.

Quanto tempo demoraria a se gostar de uma pessoa? Segundo apontam alguns estudos, é necessário pouco tempo de convivência para que duas pessoas se tornem amigos um do outro. No pouco período convivendo com Mateus, porém, tudo o que Beatriz conseguiu foi se decepcionar com ele – e consigo mesma, por não conseguir evitar isso.

Talvez estivesse sendo boba ou pensando demais, mas ela começou a refletir sobre como um verdadeiro profissional da educação se sentia. Como devia ser frustrante tentar passar conhecimento para outras pessoas e não obter os resultados planejados. Seria errado acreditar que conseguiria? Ou errado ter um pouco de esperança? Não, Beatriz não queria desistir. Ela sabia ser bem cabeça dura às vezes. Só estava passando por aquele momento em que questionamos algumas coisas, sejam os métodos, a situação ou até mesmo as pessoas.

Enquanto não desistisse e continuasse prosseguindo, ficaria tudo bem no final. Era assim que deveria ser. Beatriz só desejava saber chegar lá sem que seu pai a desestimulasse, nem que Mateus a inquietasse por completo.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

— Já vai para a escola, filho?

— Já sim, vó. Eu tenho que sair agora — Mateus, que ainda segurava um pedaço de pão, passou voando pela sala, beijando a avó na testa.

Não havia tempo para passar a manteiga. Ele nem amarrara corretamente os cadarços do tênis, e sua mãe lhe avisara que eram quase 7h.

Eu chego lá — pensou. Só preciso correr um pouco.

Mateus abocanhou o restante do pão e pegou a mochila que estava em cima de uma cadeira.

— Tome cuidado, Mateus! — Adriana gritou da cozinha. — E volte logo para casa, você sabe que tem que almoçar cedo pra sair.

— Eu sei! — ele gritou da porta, quase correndo. — Te amo, vó. Tchau, mãe! — E disparou.

Era quinta-feira e o dia mal começava. O céu nublado ainda não se decidira por chover ou não, mas pelo menos espantava o calor por um tempo. Aquela época do ano sempre era quente e abafada e, quando alguns dias surgiam assim, era necessário apreciá-los. Infelizmente, Mateus não podia caminhar tranquilamente para isso.

O garoto seguia com pressa pelo bairro em direção à escola, na esperança de não encontrar Beatriz. Mateus não iria para a aula

aquela tarde, como de costume, mas ainda assim esperava que ela não o aborrecesse, caso se esbarrassem pelos corredores. Na verdade, não era motivo de preocupação, porque eles nunca se faltaram antes do horário estipulado ao encontro pelo projeto.

Mateus não tinha nada contra Beatriz. Ele só não queria que algo estranho acontecesse como na terça-feira passada. Esse era seu medo. Mateus não sabia como lidar caso Beatriz o abordasse e começasse a tagarelar outra vez, de repente. Ela nem sabia que ele existia antes das atividades extras.

Embora Mateus já a conhecesse, mesmo que de longe, com a certeza de que Beatriz nem imaginava isso.

Quando você sempre chega no horário, faz perguntas durante a aula, presta atenção a cada explicação dada e tira boas notas, acaba se tornando um “aluno exemplar”. Se torna popular entre os demais estudantes – e especialmente os professores, de modo geral, mas não aquele tipo popular clichê que vemos nos filmes americanos ou nos livros juvenis. É visto, na realidade, como o modelo de estudante considerado ideal a ser seguido e muitas vezes detestado, esse era o modo pelo qual Beatriz era reconhecida.

É claro que Mateus já tinha ouvido falar sobre ela dezenas de vezes. Sabia que era uma das melhores alunas da escola (também, quem conseguia gostar de matemática?), sempre elogiada ou citada pelos educadores. Vez ou outra a tinha visto pelos corredores também, no começo do semestre. Beatriz não se evidenciava pela fisionomia ou condição social (embora muitos soubessem quem era seu pai, um advogado conhecido da cidade... mas isso não importava).

Sua aparência era simples; geralmente usava jeans, tênis e camiseta (vestuário de sempre nas terças). Os olhos e os cabelos eram da mesma cor, castanhos e as mechas caíam até pouco depois dos ombros, portanto não chamavam tanta atenção num primeiro momento, como Letícia, por exemplo, que tinha os cabelos loiros longos e ondulados. Apesar disso, as pessoas conheciam o nome dela ou a reconheciam pelos corredores porque era a pessoa para quem os professores apontavam ou exemplificavam nas salas de aula. Devia ser irritante.

Isso devia ser bem chato, pensando bem, mas ainda assim foi o que deixou Mateus apreensivo desde o primeiro dia em que Rodrigues informou que Beatriz seria a responsável por ministrar as suas aulas de reforço. A *melhor* em matemática, que iria ver e comprovar (quem sabe até rir) o quanto ele era péssimo. Só que Mateus estava ainda mais perturbado depois do que aconteceu no último encontro.

Foi muito estranho e inesperado, a forma como Beatriz o tratou, perguntando como ele estava, assim como sobre dar pausas. Mas o pior foi a parte das músicas. Está certo que Mateus não agia muito bem no começo das aulas ao ficar com os seus fones de ouvido, entendia isso. Mas ela não podia simplesmente mandá-lo tirar? Ou melhor ainda, brigar severamente com ele, o que seria compreensível. Mateus achou que isso podia mesmo acontecer em algum momento, porque Beatriz parecia imponente e autoritária aos seus olhos. Mas ele não tinha mais tanta certeza disso agora... Afinal, por que ela agia daquela forma? Parecia até nervosa.

Mateus não a entendia. Nem queria entender. Não era nada pessoal, só não sabia o que sentia sobre ela. Mateus nunca a viu

com muitos amigos, apesar de se manter em posição de destaque perante os gestores da escola. Para ele, isso só podia significar que, ou ela devia se achar demais (já que era muito melhor que a maioria), ou, quem sabe, fosse seu jeito de conversar que espantasse os outros. Mateus não sabia qual era o certo. A única pessoa que ele via com frequência junto de Beatriz era a menina loira.

Não que ele quisesse ser amigo da garota.

Mateus só queria conseguir passar na matéria e pronto, sem nem mesmo precisar ter aulas de reforço propostas por Rodrigues. Ele não queria ficar horas ao lado dela toda semana, ouvindo-a explicar sobre cálculos e suas soluções – embora a sua voz fosse mais agradável do que parecia a princípio... Talvez ele só tivesse se acostumado.

Ainda assim, não queria ter que entregar as atividades dela de volta, sendo que constataria sua letra horrível, mesmo que não fossem questões que valesse ponto e que fossem só números, em maioria. Muito menos desejava ficar enjoado ou algo do tipo enquanto tentava se concentrar nas explicações (porque quase toda vez que Beatriz se inclinava para frente, dava para sentir o perfume doce que ela usava).

Ah, que chatice. Se ela não falasse tanto sobre equações e agisse como uma simples aluna do ensino médio e não como uma doutorada de *Harvard*, talvez ele conseguisse entender. Talvez assim, Mateus realmente a visse como alguém próxima dele e não como uma menininha mimada que ela parecia ser, além de bonitinha, inteligente e, claro, superior.

Havia horas em que Mateus realmente não conseguia prestar atenção e não era pela música que entoava em seus fones de ouvido. Era pelo olhar dela, que o encarava firme após cada pergunta, não de modo agressivo, mas ainda como se soubesse tudo, ele tinha certeza do quanto Beatriz conhecia a matéria e detestava ter que aprender com ela.

Beatriz o intimidava só com sua presença. Ele não pensava em outra coisa a não ser ir embora enquanto estivesse na biblioteca: queria ir pra casa, ver como sua avó estava e se encontrar com os meninos do bairro pra jogar futebol. Sobreviver à escola durante a semana já era uma tarefa altamente complicada e difícil; Mateus não queria ter de sobreviver àquela menina também.

Ele suspirou, já vendo os portões do colégio a um minuto de se fecharem. Acelerou o passo, feitas batidas que entoavam em seus ouvidos. Era uma quinta-feira. E Mateus já sabia que não iria ver Beatriz naquela tarde. Mesmo se quisesse.



Beatriz estava preparada para passar o final de semana estudando (que era basicamente o que sempre acontecia), embora ela ainda pudesse marcar de fazer alguma coisa com Letícia. Mas, sinceramente, Beatriz não estava animada para isso. Ela havia começado a ler “Do Espírito Geométrico e da Arte de Persuadir”, de *Blaise Pascal* e pretendia terminá-lo até domingo. Esperava que a leitura despertasse criatividade para lidar com Mateus. Aquele tipo de livro instigava o seu pensamento e era o que a ajudava em situações difíceis. Esse ou algum romance histórico ou policialesco, tipo *Sherlock Holmes* (os gostos de Beatriz eram realmente peculiares), mas não foi exatamente o que aconteceu.

Sua mãe lhe contou uma inesperada novidade assim que ela chegou da escola, na sexta-feira. Cláudio havia decidido viajar para o interior, numa cidade vizinha, onde moravam seus pais e um irmão, bem cedo no sábado. O plano foi repentino, mas não havia chance de acordo. Beatriz teria que passar o dia inteiro do fim de

semana com os avós – não que achasse isso ruim, mas teria que deixar de lado Letícia, Pascal e os estudos com Mateus. Sim, Mateus. Ela ainda se sentia mal pelo que tinha acontecido no último encontro. Mas não relatou nada disso a Rodrigues quando ele pediu o relatório, nem pra sua melhor amiga.

Beatriz considerava saber muito bem sentir vergonha sozinha, não precisava expor a si mesma a mais ninguém.

Depois de arrumar suas coisas e passar a noite em claro tentando ler seu livro, Beatriz viajou com os pais até a fazenda em que os avós moravam. Firmino e Gláucia eram um casal de idosos bem unidos e engraçados. Beatriz amava os avós, cada um com seu jeito diferente. Seu Firmino era, sem dúvida, o mais sério e rígido da família, a quem seu filho Cláudio puxara o gênio difícil, mas a idade o amolecera um pouco. Ele herdou um sítio no interior do estado e, apesar de ter feito muitos negócios bem-sucedidos, não intentara deixar sua casa de infância. Já Gláucia era mais doce e amável, com mais “cara de vó”, como Beatriz achava, só que também era muito inteligente e cheia de força. O tempo lhe fora gentil e ela continuava com a mesma aparência desde que Beatriz se lembrava.

Quando criança era comum que seus pais a trouxessem para visitá-los. Mas o trabalho e a correria da cidade fizeram com que perdessem um pouco desse costume. Ainda assim, Beatriz se lembrava de muitos detalhes da época em que era pequena, guardados em um espaço especial de sua memória. Lá estavam armazenadas as maiores relíquias de sua vida no “Rancho Alegre”, como a fazenda dos avós fora nomeada.

Mesmo que nada astronômico tivesse acontecido, Beatriz percebeu algumas mudanças com o passar dos anos no caminho até lá. A paisagem não foi tão castigada, mas a casa da fazenda, por sua vez, tivera algumas reformas consideráveis. Foi reforçada com madeira e cimento, para preservar o lado rústico, como também seguir com o rumo da modernidade. Muitos cômodos foram rebocados ou mesmo reconstruídos. Beatriz passou a observar as diferenças desde que chegou, perdida em lembranças.

— Meus queridos, sejam bem-vindos! — Gláucia os cumprimentou na entrada, assim que Cláudio estacionou debaixo de um pé de juazeiro e desceu do carro. — Já estava morrendo de saudade!

Ela deu um beijo em cada um, se demorando um pouco mais em Beatriz, admirando o quanto estava crescida. Firmino esperava na varanda, próximo a porta de entrada, numa cadeira de balanço.

— Já estava mais que na hora de alguém se lembrar desse velho — disse, ao levantar para abraçar o filho.

— Tentarei não demorar tanto assim. — Cláudio sorriu.

— Vamos, entrem — Gláucia convidou e todos a seguiram.

Beatriz foi conduzida até o quarto de hóspedes, caprichosamente reservado para os netos. No cômodo, um velho guarda-roupa estava posto no lado direito, de que Beatriz se lembrava muito bem, junto de um baú antigo envernizado. Uma cama de madeira se estendia pelo outro lado, colada à parede e Beatriz colocou sua mochila em cima dela. A colcha que a cobria foi feita artesanalmente, unida por vários retalhos de panos com cores e tecidos diferentes. Beatriz passou a mão pela coberta, sentindo sua textura fina e macia. Ela sempre gostou daquela colcha.

De início, seus planos consistiam em tirar os sapatos e deitar para ler o livro que trouxe secretamente, mas parou no meio da ação quando encontrou o volume espremido entre suas coisas. Uma porção de pensamentos a invadiu numa fração de segundos e Beatriz acabou por deixar o livro dentro da bolsa.

Aquele destino não havia sido planejado, certamente, mas ela se sentiu egoísta por querer se manter afastada, pela primeira vez no dia, se sentiu agradecida por estar ali. Estava junto de parte da família, com o celular desligado e não tinha que dar explicações a Rodrigues. Claro que eles tinham uma rede de internet na fazenda, mas Beatriz não era o tipo de menina que ficava conectada. Ainda que sentisse um pouco de insatisfação pelos programas alterados, decidiu aproveitar o passeio e colocar o resto de lado, inclusive tudo o que sentia.

Tentaria relaxar e permitir que seus olhos descansassem no horizonte, deixando para outra hora a rotina de estudos, Letícia e o complicado caso que tinha com Mateus.

Nem todos os números são perfeitos, Beatriz. Lembre-se disso.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Beatriz aproveitou o clima agradável da manhã e saiu andando pelo terreno, reconhecendo caminhos que fazia quando era criança. Passou bastante tempo com sua vó, mesmo que somente a observasse costurar, e reviu seu tio Juarez com a esposa e filha, Alícia. Eles moravam numa casa vizinha da fazenda, aos fundos, como numa espécie de condomínio. Beatriz não se lembrava muito da prima mais nova, pois elas conviveram pouco

juntas. Mas a menina cresceu e estava quase da sua altura, apesar de ainda estar no último ano do ensino fundamental.

As duas jogaram UNO pela tarde e no final do sábado, Beatriz até mesmo ajudou a mãe na cozinha, descascando batatas para um purê. Na hora do jantar, toda a família se acomodou na grande mesa de madeira que ficava na varanda do quintal, iluminada pelas lâmpadas amarelas e pelas estrelas. A visão noturna era um dos melhores espetáculos por ali.

Todos estavam animados e conversavam sobre histórias do passado, seus empregos e afazeres recentes ou mesmo projetos futuros, e Beatriz estava achando maravilhoso até o assunto recair sobre ela. Tudo porque Firmino não se cansava de elogiar a comida.

— O purê está muito bom, Cristina — ele comentou.

— Muito obrigada, mas foi a Beatriz que fez.

— Pelo visto, a minha neta é muito caprichosa na cozinha também, além dos estudos — Firmino disse, ao que Beatriz sorriu timidamente.

— Vai fazer muito sucesso, essa minha menina — Gláucia se pronunciou, orgulhosa.

— Ainda anda brincando com os números? — seu Juarez perguntou, quase fazendo Beatriz engasgar.

— Ah! Eu me lembro daquela gincana no fundamental — Gláucia comentou, animada. — A Beatriz ficou em primeiro lugar entre os seus colegas.

— Eu só estudei mais que os outros da turma, vovó... — Beatriz se defendeu, sem graça.

— Foi muito mais sábio da sua parte — Firmino concordou.

— Exatamente. É o que cada um deveria fazer.

O comentário de Cláudio pareceu ter um duplo sentido, mas Beatriz não queria se incomodar com aquilo. A última coisa que gostaria era tocar no assunto do orçamento. Só que uma coisa tão ruim quanto essa aconteceu:

— Mas o que minha princesinha pensa em fazer? Já tem em mente alguma profissão que queira exercer? — Firmino perguntou.

Beatriz parou de comer. Seus pensamentos voaram longe e, ao mesmo tempo, ela não sabia expressar nada daquilo. Todos os olhos da mesa pararam sobre Beatriz, incerta pelo que responderia. Não sabia se falava algo sincero ou aquilo que todos esperavam ouvir, nem mesmo se diria o clichê de não saber ainda.

Por Deus, claro que ela já tinha algo em mente...

— Eu... Estou pensando em algumas coisas — disse, por fim.

Seu avô a olhou, curioso, meditando em suas palavras. Não parecia convencido.

— Eu sei que com o desempenho que têm poderia fazer medicina, se quisesse. Ou ingressar na área do direito. Beatriz tem certa experiência por conviver comigo. Sabia, pai, que ela já me ajudou em várias causas?

Firmino fez uma expressão de admiração pelo relato de Cláudio, mas Beatriz abaixou o olhar, triste. Não queria aquelas opções óbvias (nem as bajulações), apenas que a compreendessem, o que era uma coisa tão simples de se fazer.. Mas seu pai desejava mais, muito mais do que uma professora ou pesquisadora na família, era de se esperar. E Beatriz detestava isso.

— Temos que considerar que a Beatriz é ótima no campo da matemática — Cristina disse, percebendo o desagrado da filha causado pelos comentários anteriores, quase a fazendo saltar pela

mesa de tão surpresa e agradecida que ficou.— Penso que ela se daria muito bem no campo das exatas.

— É verdade, se ao menos quisesse fazer algum curso em engenharia... — Cláudio ponderou.

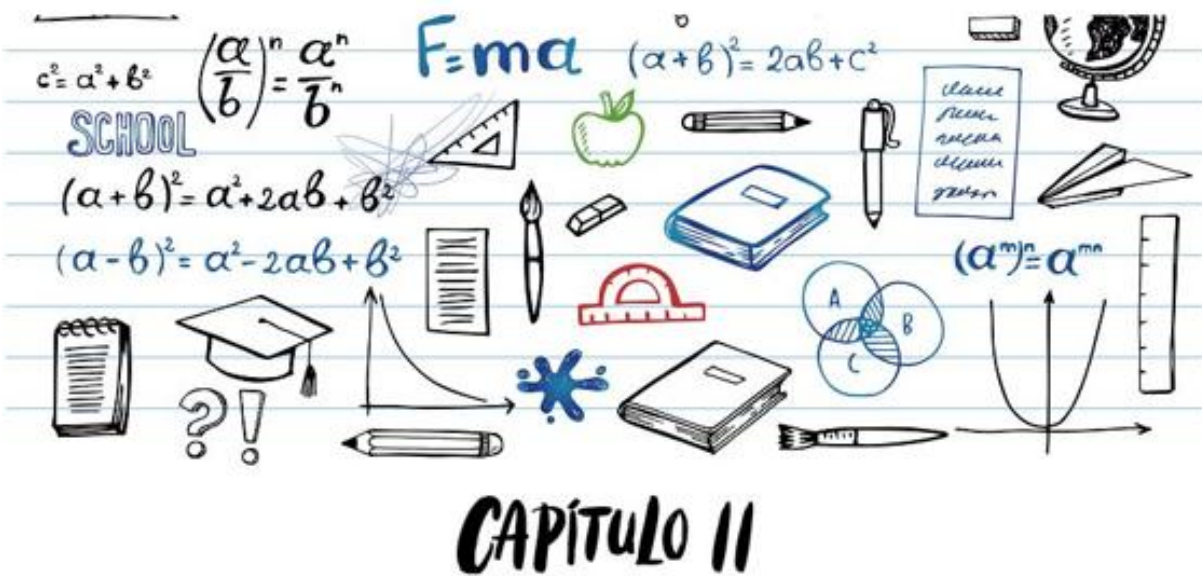
Beatriz sabia que o pai gostava de que ela se desse bem com a matemática, em geral, porque era um sinal de inteligência e genialidade. Mas só quando isso não passava para o campo profissional em si. Porque ele não queria que ela trabalhasse em um campo tão... “improdutivo”, se poderia fazer algo muito mais... relevante, em sua opinião.

Para Cláudio, Beatriz teria muitas oportunidades de sucesso por vir, se soubesse “escolher bem”. Ela sabia disso (da opinião do pai) e sentia seu futuro cada vez mais próximo e urgente. E, mesmo que não soubesse exatamente o que iria acontecer nos anos seguintes, tinha compreensão de que não poderia parar e esperar que alguém construísse um futuro para si. Esse é um dever que só cabia a cada indivíduo, e Beatriz queria fazer a coisa certa. Pelo menos, desejava fazer o que implicava não aceitar os conselhos de seu pai. Não todos.

Segundo o que Cláudio achava, a docência não tinha nada promissor a oferecer, mas ela não acreditava que fosse assim. Embora soubesse dos prós e contras, Beatriz pensava que valia muito mais a pena se arriscar por algo que maravilhosamente nos palpita o coração (e a matemática tocava ardentemente o dela), do que entrar num caminho por uma certeza fria e sem alegria. Aquele último não era o destino que almejava. Só queria que mais alguém enxergasse isso, além do que sua alma jovem vislumbrava.

Após o fim da refeição, todos continuaram juntos, conversando até a hora em que Gláucia faria um chá antes de dormirem. Beatriz, entretanto, alegou que estava cansada e se recolheu mais cedo que os demais. Ela passou os próximos vinte minutos atada ao livro que trouxe, sem ter atenção de verdade para compreender o que estava lendo. Quando ouviu passos no corredor, apagou imediatamente a luz e jogou o lençol sobre si, fingindo dormir. Não tinha vontade de ver ninguém, tomar chá ou qualquer outra coisa.

Queria sonhar com as estrelas, se pudesse escolher, mas não podia determinar. Os sonhos eram tão maravilhosos quanto improváveis de acontecer.



CAPÍTULO II

Na segunda-feira de manhã, Beatriz e Letícia sentaram-se lado a lado num dos corredores da escola, coberto por azulejos em seu rodapé,. Não havia muito sobre o que falar no horário do intervalo, visto que a semana tinha acabado de começar, mas Letícia conseguia driblar isso com toda sorte de novidades sobre Bruno.

Os dois haviam trocado os telefones e agora pareciam velhos amigos se falando quase todo dia, principalmente nos fins de semana. Apesar dessa realidade, as coisas entre Beatriz e Mateus continuavam exatamente na mesma. Por “coisas”, ela referia-se a forma como as aulas de reforço estavam se desenrolando. Sem muito avanço.

A escola inteira fervilhava de sons, completamente viva nos últimos minutos em que os alunos estavam livres. Como se estivesse alheia a tudo, Beatriz balançava os pés para lá e para cá, observando o movimento de seu cadarço. Olhando-a daquele jeito,

ninguém saberia dizer ao certo se ela estava desanimada ou apenas com sono.

— E aí o Bruno me mostrou o trabalho corrigido pela nossa professora, todo orgulhoso! Ele acertou quase todas as questões, Bia. Estou tão feliz... Nunca pensei que ia me envolver tanto nisso. Estou até gostando de ensinar, sabe? — Ela deu uma risadinha, baixando um pouco o tom de voz. — E o Bruno é um gatinho, também.

Beatriz acenou com a cabeça positivamente, sem ânimo. Estava feliz (embora também preocupada) com a amiga, mas não conseguia deixar de se desanimar consigo mesma.

— O que foi, Bia? — Letícia perguntou, sentindo-se culpada. — Eu disse alguma coisa errada?

— Não, tudo bem...

— Não me olha assim, eu sei que você não está bem. Brigou com seu pai de novo?

— Foi só algo inconveniente. Não tem importância — Beatriz mentiu, mas Letícia já era próxima o suficiente para identificar isso.

— Fala a verdade... Você está chateada. Tem a ver com o projeto, também?

O silêncio de Beatriz não negou aquele fato. Ela não queria ter chegado a esse ponto, mas não conseguia mais não se importar. Todos os seus problemas pareceram cercá-la e formaram um muro gigante e Beatriz não fazia ideia de como escapar dele. O empasse que teve com o pai no final de semana só serviu para chateá-la ainda mais e abalar seus alicerces. O que deveria ter sido um encontro agradável em família se transformou num conflito sobre como ela via o ensino, o que levava Beatriz inconsequentemente até Mateus,

ainda que ele estivesse envolvido em segundo plano. Mas é que, olhando por outro ângulo, ele também era uma peça fundamental nesse caso.

Beatriz só queria fazer seu trabalho, que Mateus se empenhasse em aprender e que tudo desse certo. Além de fazer com que Cláudio visse que estava enganado. Só que esse último caso não seria conquistado assim com tanta facilidade. Essa verdade tinha batido na porta da consciência de Beatriz algumas semanas atrás e voltava com força, deixando-a maluca.

Letícia passou o braço por volta dos ombros da amiga, tentando consolá-la. Ela conhecia muito bem o quanto Beatriz se caracterizava como realista e prática. Não gostava quando as coisas saíam do controle (odiava quando uma linha saía fora do plano cartesiano, literalmente, quando precisava fazer os desenhos no caderno), e as aulas de reforço não estavam saindo como havia planejado.

Somado a isso, Letícia sabia que ensinar era algo fantástico para Beatriz e que seu pai não contribuía, muito pelo contrário. Só de ver como seu rosto expressava tristeza ela já deduziu que havia acontecido muito mais do que o mencionado sobre o final de semana.

Mas Beatriz dera de ombros, escolhendo o silêncio. Por mais que fossem amigas, nem sempre queria envolver Letícia em suas tribulações. Cada uma vinha de criações diferentes, conflitos e felicidades ímpares. Era ingênuo pensar que todos poderiam compreender nossos sentimentos, se nem nós mesmos conseguíamos fazer isso.

Letícia sabia. Beatriz preferia ficar sozinha.

Depois de alguns minutos, Mateus passou pelo pátio, ainda mordendo a maçã que faziaparte do lanche naquele dia. Alguns de seus colegas o alcançaram e eles começaram a conversar e a rir entre si.

Beatriz franziu a testa. Algo começou a ferverilhar em seu interior por tê-lo visto, tão distante de tudo, alheio a qualquer situação, risonho...

— O que tem ele? — ela exclamou, rispivamente. — Sorrindo como se fosse o cara... Eu queria poder jogar a minha coleção de *Fundamentos da matemática elementar* dentro daquela cabeça desmiolada dele!

Letícia encarou a amiga, surpresa. Nunca a viu f alardaquele jeito. E então, começou a rir.

— Ah, Bia! Talvez você consiga colocar o capítulo da prova. Vamos lá, não desanime. Não pode ser tão ruim assim.

Beatriz, enfimsorriu, tentando pensar em alguma coisa. Sim, podia ser *bem ruim* assim, mas Letícia tinha razão em ter esperança; não era algo totalmente impossível. Não enquanto ela não desistisse. Beatriz já havia tentado ser simpática e não dera muito certo, e foi aí que descobriu que Mateus podia ser do tipo introvertido, tanto quanto ela. Então, decidiu que não iria se importar mais e simplesmente ser indiferente, deixando que ele ficasse à vontade e apenas f azendo seu trabalho.

Issonão podia piorar. Um dos dois teria que ceder, se não entrassem logo em um acordo. Beatriz torcia para que ganhasse, em nome da educação e de seu amor pela matemática. E começou a perceber que, apesar dos momentos em que se sentia pra baixo,

podia ser muito persistente. Ela era insistente e iria lutar, prometeu a si mesma.

Teria que ser forte, além de inteligente.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

As duas adolescentes foram até o banheiro, antes que o intervalo acabasse, pois sabiam que o alarme tocaria a qualquer momento. Letícia ajeitava seu cabelo, alisando-o enquanto se olhava pelo espelho, ao passo que Beatriz apenas encarou o seu reflexo, tentando pensar no que encontrava ali.

Beatriz... – sua imagem distorcida a chamou – não seja tola. Sabe que não vai passar disso, não é? Algumas explicações, certos indícios...nenhuma melhora. Devia parar por aqui. Ainda há tempo pra desistir desses sonhos bobos.

Beatriz fez uma careta e depois deu uma batidinha em suas bochechas com as mãos.

— Quer saber, acho que você tem razão! — ela exclamou para Letícia enquanto as duas saiam do banheiro, indo em direção à sala. — Eu não tenho que dar ouvidos às minhas inquietações, nem me preocupar com isso, não desse jeito. Estou dando o meu melhor e, não vou forçar a barra, ele pode aprender se quiser, não vai conseguir me afetar mas...

De repente, vários gritos ecoaram pelos corredores, cortando o raciocínio de Beatriz. Alguns alunos passaram correndo por ela e Letícia, quase derrubando as duas.

— Mas o que está acontecendo? — Letícia perguntou, curiosa e preocupada.

Um pequeno “motim” tinha iniciado, chamando a atenção de vários estudantes e funcionários, que saíram das salas para ver o que se passava. Do pátio, podia se ouvir um alarido que gritava “briga, briga, briga” em uníssono.

Bastaram apenas alguns passos para Beatriz reconhecer os envolvidos na confusão: Vinícios, um colega de quem ela não gostava e que não tinha afinidade nenhuma, e Mateus, que trocavam socos no chão. E... *Mateus*? Não demorou para que os professores apartassem os dois e os levassem para a sala da diretoria, dispersando os mais entusiasmados e mandando todos os alunos para as salas. Só que Beatriz não conseguiu mexer um músculo durante alguns segundos.

— Ah, meu Deus! O que será que foi isso? — Letícia exclamou perplexa.

Beatriz não conseguia pensar em nada racional para o que tinham presenciado. Ela abriu a boca uma vez, mas o ar saiu e retornou a seus pulmões num segundo, sem que palavra nenhuma se formasse na garganta.

Tudo que conseguia pensar enquanto caminhava para a sala era no boné de Mateus caído no chão. Sua vontade era de correr até lá e apanhá-lo para si, para ter certeza de que pertencia mesmo à pessoa que o deixara cair.



CAPÍTULO 12

Foi besteira ter respondido a Vinícios, uma *tremenda* besteira. Mateus havia se dado conta disso antes mesmo de ser levado à sala da coordenação e sentar de frente para o diretor que o encarava. Mas, de uma coisa ele tinha certeza: não adiantava mais ficar arrependido.

Claro que ele lamentava ter cedido às provocações de Vinícios. Mas não podia voltar atrás e, mesmo se pudesse, provavelmente teria perdido o controle outra vez, porque ele não suportava que zombassem do que acreditava na frente dele. Vinícios tinha feito exclamações maldosas e Mateus não teria revidado se fosse ele quem estivesse sendo ofendido. Mas não foi o único. E envolvia algo que Mateus defenderia sem pensar duas vezes.

— E então? Estão felizes com o que fizeram? — o diretor Lima questionou.

— A culpa não é minha! — Vinícios disparou. — Foi ele que me bateu primeiro! Deviam me deixar ir pra sala...

Mateus permaneceu calado, com os braços cruzados e os olhos fixos na mesa, tentando não prestar atenção em Vinícios, que estava sentado ao lado. Seus nervos se alteravam só de ouvir a voz dele. Mesmo que se esforçasse ao máximo para viver em paz era humano e também estava sujeito a raiva. E raiva era o que se sobressaía dentro de todo o seu corpo naquele momento.

— Todos nós sabemos que essa não é a primeira vez que você se envolve nesse tipo de coisa, Vinícios — Paulo, o coordenador geral, rebateu. — Agora você, Mateus, me surpreendeu.

O garoto permaneceu com o olhar baixo. Ele havia sim, se deixado irritar, mas também não podia ficar parado e apanhar sem fazer nada. Mesmo assim, não queria justificar a coisa toda para a diretoria. Esse não era seu maior problema. Seria o que viria depois. Explicar para a mãe, isso sim.

Não que estivesse com medo do castigo, mas do que ele causaria. Adriana teria que vir a escola ou, no mínimo, receber uma ligação desagradável. Isso também traria desgosto a Lucíola. E talvez outros problemas porque ele não foi capaz de sair de cena depois que cerrou os punhos.

Dentre todas as adversidades que se formavam, por um momento, algo passou por sua cabeça. Na verdade, alguém. Mateus se perguntou se Beatriz teria visto a cena. E, mesmo sabendo que praticamente qualquer pessoa da escola tinha, desejava que não. Era estranho se importar justo com aquilo, mas foi o que ocorreu, e só parou de pensar nisso quando ouviu as palavras do diretor.

— Creio que não é preciso explicar que não permitimos esse tipo de comportamento. E é claro que haverá consequências.

Vinícios resmungou mais alguma coisa enquanto Mateus permanecia quieto para ouvir qual seria a punição. Ela acabou não sendo tão severa assim. Quer dizer, eles não foram suspensos, mas tiveram que prometer que não causariam mais problemas (o que implicava não se encontrarem mais na hora do intervalo) e poderiam voltar às aulas contanto que chamassem seus pais ou algum representante da família para conversar com a direção.

No meio de toda a confusão, ficou claro para Mateus que ele se daria mal, de qualquer forma, por ter que pedir a mãe que viesse à escola para ouvir o que o filho tinha aprontado. Nada de pessimismo, mas é que ele não conseguia ver o “lado bom” daquela situação de jeito nenhum. Sentia-se péssimo, não somente por dentro, mas também porque seu corpo estava ficando dolorido. E, o pior de tudo, ainda teria que estudar matemática no dia seguinte, no horário da tarde.

Paulo os dispersou e Vinícios seguiu tranquilo para sua sala, como se nada tivesse acontecido. Mateus fitou o chão por alguns instantes, arrasado. Se a matemática já era algo horrível em sua consciência, a conduta que teve foi igualada a esse nível e multiplicada de forma exponencial.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \heartsuit$$

Nem tudo se resolve com propriedades matemáticas e essa era uma das verdades mais difíceis que Beatriz tinha que admitir. Ela amava a matemática porque tudo era feito com exatidão, não havia espaço para ambiguidade (ela se mantinha precisa até

mesmo sobre o que tinha como incerto). Era tudo lógica. Se algo que Beatriz tentava resolver não desse certo, significava que alguma coisa foi feita de errado e, se estava errado, ela só precisava solucionar onde estava o erro para achar a resposta correta.

No entanto, quando se trata da *natureza humana*, a história é completamente diferente. Beatriz possuía essa propriedade única, a qual compartilhava com todas as outras pessoas da Terra. O fato de ser humana e não uma máquina de inteligência artificial ou um objeto inanimado. Só que, embora houvesse beleza na habilidade de produzir sentimentos, não há como negar que eles podiam causar grandes aflições.

O maior problema que Beatriz sentia em relação aos sentimentos era justamente porque os seus não eram muito precisos. E nunca vinham com um manual de instrução sobre como trabalhar com eles. Apesar da garota tentar controlá-los, Beatriz não se saía muito bem nesse papel e ninguém podia mesmo calcular as dimensões ou consequências que eles podiam tomar depois de surgirem. Por isso, o melhor era se manter num lugar fechado, seguro. Mas conviver com Mateus estava deixando seus pensamentos e ações confusas e Beatriz temia que algo assim acabasse se tornando um caos.

Em meio à ameaça de desordem, ela precisava agir. Não queria se envolver além do necessário. Eram aulas, não encontros particulares (ainda que algumas vezes ela tivesse essa impressão, quando o bibliotecário resolvia passar boa parte da tarde folocando na cantina). Era um relacionamento de educando e aluno, mestre e aprendiz. Só que o psicológico de Beatriz estava ficando conturbado

com o que isso impelia sobre si mesma e a relação com o pai, além das atitudes de Mateus.

Assim que chegou em casa (o que também foi uma missão trabalhosa, visto que Letícia não parava de falar e especular sobre Mateus), Beatriz foi direto para o quarto, pegou a agenda que deixou em cima da cômoda e começou a traçar linhas horizontais e verticais, formulando uma tabela. Colocou as datas de encontro que ainda faltavam e preparou o roteiro para a próxima aula, a única coisa que podia fazer

Depois de contornar os traços com a caneta, franziu a testa. Não tinha ficado a coisa mais linda do mundo, mas pelo menos estava organizado. Era o que importava. Sempre foi o que importou. Organizar sua rotina, seus pensamentos, seu coração...

Isso vai ajudar a me orientar – Beatriz avaliou. E ela precisava se concentrar após tudo o que presenciou no pátio da escola aquela manhã.

Durante as refeições, ocasião em que todos estavam reunidos no mesmo tempo e espaço. Beatriz, um pouco mais calma, evitou falar com os pais sobre as aulas. No momento em que qualquer um dos dois virava em sua direção, ela fingia se concentrar na comida, falando como os pratos elaborados pela mãe estavam deliciosos ou como estava com fome, ou tocando em qualquer outro assunto distante. Não era total fingimento. Apenas uma forma de escapar do assunto chamado escola e qualquer meio que levasse até suas aulas particulares com Mateus.

Não, de forma nenhuma ela poderia falar sobre ele. Os sinais de alerta em sua mente davam lapsos que a avisavam: *coma*

rápido, desvie o olhar, fuja de qualquer coisa que possa ser relacionada ao trabalho – escola – reforço Mateus.

Ela não podia falar sobre o que ocorrera na véspera. Como diria aos pais ou, mais especificamente, como *encararia* seu pai se ele soubesse que o aluno a quem a filha ensinava havia se metido numa briga perante toda a escola? Aquilo era inadmissível.

Beatriz esperava que esse episódio nunca chegasse aos ouvidos de nenhum deles. Poderia até parecer drama, mas ela sabia que Cláudio não reagiria de forma compreensiva. Ele proibiria que continuasse com as aulas de reforço no ato e Beatriz não teria muitos argumentos para se opor. Nem ela entendia direito o que acontecera; como explicaria aquilo de forma que tivesse boa aparência se, de fato, não tinha?

Mateus podia ser ignorante e até mesmo desatento algumas vezes, mas não tinha cara de agressivo. Vinícios era seu colega e, por isso mesmo Beatriz conhecia seu temperamento hostil e impaciente (todo mundo conhecia sua fama de brigão). Mesmo assim, ela não conseguia pensar numa explicação coerente para Mateus estar envolvido naquilo ou no porquê acontecera. Nem mesmo entendia por que se preocupou tanto com isso... Seria mesmo somente pelo que seu pai diria, caso soubesse?

Ela queria conversar com Rodrigues, para saber sobre a situação do reforço, mas presumia que Mateus ficaria suspenso alguns dias. *Ótimo, ele já é péssimo em matemática, agora vai ficar sem aulas em mais disciplinas* – Beatriz refletiu e logo depois se repreendeu, dizendo que isso não era problema seu. Ela só tinha como dever cumprir com o ensinando referente à Matemática, nada mais.

Beatriz já não iria vê-lo na quinta-feira mesmo, então só restava aguardar na biblioteca, na terça. Porque, mesmo que tivesse imaginado a possibilidade de sua ausência devido à confusão, não poderia ficar em casa sem ter que explicar a situação aos pais, ou mentir. E ela não queria ter que fazer nenhuma das duas coisas. Já tinha decidido estudar, ou até mesmo ler, caso ele não fosse. O mais confuso de tudo, no entanto, era o fato de que Beatriz esperava, lá no fundo, que ele aparecesse.



CAPÍTULO 13

LÁ. DÓ. RÉ. LÁ. SOL ...

Nem mesmo a composição das notas estava conseguindo fazer Mateus relaxar. Ele estava deitado sobre a cama havia horas, sem saber exatamente o que fazer. Não existia nada, para falar a verdade. Mateus sabia bem disso.

Sua mãe, como já esperava, ficou furiosa. Adriana nunca havia ficado tão desapontada com Mateus quanto ficara no momento que ele falou da briga. Ela não esperava tal atitude do filho e sua confissão a chocou. Óbvio que ela o castigou. Mateus estava proibido de sair de casa (coisa que quase não acontecia), além de não poder se encontrar com os amigos do futebol alguns dias, exceto se Sérgio fizesse que precisava dele. Mas o garoto não ficou tão desesperado assim. Sabia que logo isso iria passar e poderia vê-los novamente depois.

O que o chateou mais foi quando Adriana o proibiu de usar o celular por uma semana, enquanto não apresentasse o resultado das provas, algum que fosse *positivo*. Além disso, impediu-o de

levar o aparelho para a escola também. Não que Mateus o usasse durante as aulas; isso não seria o problema, já que nunca fizera algo parecido. Mas significava que ele não poderia mais ouvir suas músicas durante o intervalo ou no trajeto de volta pra casa, o que o deixou abatido.

Sem dúvida, a música era um refúgio para Mateus. O que ele ouvia agora era o som do rádio, que Adriana não podia evitar que ele ligasse, mas reclamava com Mateus todo momento em que percebia que o filho parava numa estação musical. Se esse já não fosse castigo suficiente, ainda tinha Lucíola para completar. Mateus quase não suportou quando viu a expressão da avó quando chegou em casa e ela se deparou com seu rosto machucado.

Foi horrível. Ele quis prometer ali mesmo que nunca mais se envolveria em nada daquele tipo. Mas sabia que não asseguraria tal coisa. Era tolice garantir algo sabendo que poderia fugir do controle. Mateus não tinha tanta confiança em si mesmo, nem se considerava forte o bastante para estar imune aos erros ou dominar suas ações por completo. Até porque toda essa consciência evaporou no momento em que estava de frente para Vinícios.

Ele tentou se concentrar no som que invadia seu quarto e deixou que invadissem sua mente também para distraí-lo. Eram muitos pensamentos para uma pessoa só e muitas ponderações negativas. Dentre elas, Beatriz estava no meio, feita uma intrusa. Só que já não era tão intrusa assim.

De uma forma nem um pouco escolhida, ela entrara na sua vida e agora tinha que estar presente, não apenas nas terças. Que chato. Mateus queria acabar com aquilo. Mas como conseguiria se ao fechar os olhos a imagem dela se tornava mais nítida ainda? Ele

não precisava de mais alguém dizendo como ele agira errado, como achava que ela diria na próxima aula – para isso bastavam sua mãe e os professores.

Mateus já imaginava a expressão de Beatriz: franzira testa e juntar as sobrancelhas, encarando-o com desaprovação. Visualizando-a assim era até engraçado. Pelo menos quando Beatriz não estava diante dele concretamente.

Adriana surgiu no quarto e desligou o rádio, sem dizer uma palavra. Mateus permaneceu na mesma posição de antes, sem forças para protestar. Pensou em pegar os resumos e estudar a próxima matéria do livro de matemática, para não parecer tanto com um idiota quando estivesse frente a frente com Beatriz. Mas ele acabou adormecendo antes, imaginando os jeitos terríveis com os quais ela iria julgá-lo através das expressões faciais.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

A temida terça-feira chegou e, apesar de suas aflições internas, Beatriz teve sua maior preocupação do momento eliminada quando chegou à biblioteca e atestou que Mateus havia comparecido à aula. E que, além disso, tinha chegado cedo.

Olhando para ele era difícil achar alguma simpatia. Principalmente depois do que ocorreu na escola... Ainda havia um hematoma roxo no olho direito de Mateus, proveniente de um soco. Aquilo só trazia a lembrança para o trágico ocorrido do dia anterior, e os dois permaneceram em silêncio sobre o assunto, concentrando-se no conteúdo mais do que nunca.

Não foi muito fácil para Beatriz, que se atrapalhou várias vezes durante sua explicação, mas Mateus pareceu não notar ou,

pelo menos, fingiu não perceber

Depois do tempo longo e cansativo de aula, o garoto finalmente apoiou as costas na cadeira, suspirando.

— Terminei — ele disse, entregando seu caderno para Beatriz. — Era só isso?

Beatriz olhou, desgostosa, para as respostas (algumas erradas ou incompletas), e depois para o próprio Mateus, que parecia tenso e ansioso para ir embora. Ela estava desapontada com ele, mas, em algum momento, começou a se sentir preocupada.

Mateus a encarava esperando um comentário, mas algo em seus olhos parecia revelar mais, como se quisesse dizer alguma outra coisa. Pareciam cansados.

— E então, posso ir embora? — Mateus perguntou, enfim.

Normalmente, Beatriz reclamaria ou lhe daria um sermão sobre cumprir os horários, já que ainda havia alguns minutos antes do término da aula. Mas não dessa vez. Ao invés disso, ela ficou observando-o e divagando em seu interior.

O que ele estava mesmo fazendo ali? Aquelas aulas não eram a coisa mais prazerosa do mundo para Mateus, mas para um garoto que faltavamuito na escola (como Beatriz passara a notar) e se envolvia em confusão(algo novo), vir ao reforço parecia algo que ele não estaria disposto a descumprir. Embora não viesse às quintas...

O que ele estaria pensando? A imagem que Beatriz tinha de Mateus golpeando outro garoto era muito diferente do Mateus sentado à sua frente, mal-educado talvez, mas com aparência angustiada, quase suplicante.

— Você já terminou isso, então... Apenas revise a matéria no seu livro — ela respondeu.

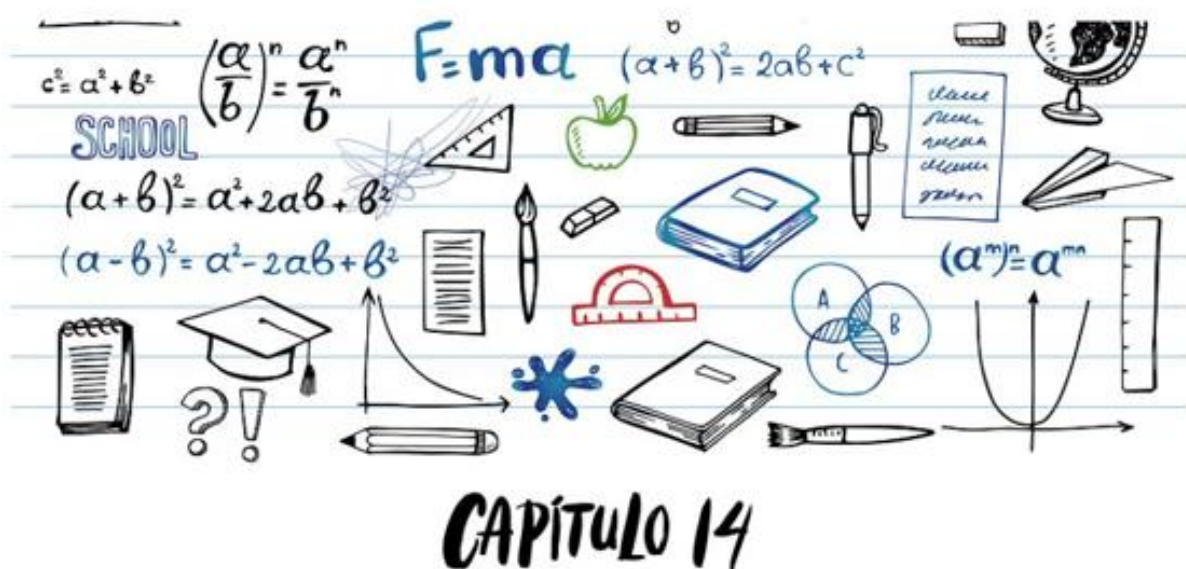
Mateus pegou o caderno de volta e acenou com a cabeça, de maneira positiva. Ele guardou suas coisas rapidamente, dando um simples “tchau” e saiu da biblioteca. Mesmo muito tempo depois de ter ido embora, a expressão dos olhos dele ficou cravada na mente de Beatriz.

Ela não sabia dizer com certeza, mas de algum modo, pensou que não era a única que estava insistindo.

Quando chegou finalmente em casa, depois de guardar a mochila e se jogar na cama, a garota correu ao celular, abrindo no bate-papo com Letícia imediatamente. Ela precisava muito de uma indicação de filme, um que Letícia tivesse visto no momento ou que fosse muito famoso para recomendar.

Pela primeira vez desde que se lembrava, Beatriz queria pensar em outra coisa além de matemática e isso não seria possível se decidisse ler ou assistir aos seus professores favoritos no YouTube. Ela não queria fazer essas coisas habituais e precisava manter a cabeça longe por algum tempo.

Porque, caso contrário, pensaria em Mateus. E, se pensasse ainda mais nele, enlouqueceria.



Alguma coisa mudou. E não foi somente pela maneira de agir de Beatriz que parecia demonstrar sua falta de concentração naquela última tarde. Algumas palavras lidas erradas foram uma prova complementar, foram as mãos inquietas, que não se decidiam por ficar paradas na mesa ou não. Alguns “xis” que na verdade eram “zês”, alguns pedidos de desculpa e frases como “quer dizer...” comprovaram que Beatriz não estava agindo com normalidade.

Dava para notar em seu olhar (Mateus conviveu tempo suficiente para reparar na diferença dele entre o tempo do começo das lições para a daquela terça). E isso com certeza tinha a ver com o que ocorrera na escola, coisa que ele já esperava.

Só não imaginava o quanto detestaria aquilo. A marca em seu olho ainda não tinha se recuperado totalmente e Mateus sabia que simplesmente usar boné não iria resolver. Mas ele achou que não seria assim tão difícil encarar sua “professora”... Porém, foi exatamente o que aconteceu.

Mateus pegou sua mochila, revirando o conteúdo que tinha dentro dela em busca de uma folha em específico. O professor Rodrigues havia conversado com ele na segunda-feira, após o turno da manhã acabar e além dos sermões, entregou-lhe a avaliação do primeiro período. Mateus achou que fosse a gota d'água daquele dia, mas, para sua alegria e espanto, ele tirou 7,85. Quase um *oito*, sendo que o próprio Rodrigues disse, com um sorriso no rosto, que arredondaria para essa nota (caso o garoto ficasse longe de *problemas...*). Aquele era, ainda assim, o resultado mais alto na disciplina que iria para seu boletim desde que entrara no ensino médio e Mateus estava exorbitantemente feliz.

Toda a felicidade se foi quando ele chegou em casa e teve que contar o ocorrido principal da manhã para a mãe e a avó, e seus olhares bastaram para que ele esquecesse completamente a nota ou sequer pensasse em contar para elas naquele momento. Mas a memória da avaliação voltou com força na manhã seguinte.

Embora ainda estivesse chateado com tudo, Mateus sentia orgulho de si mesmo. Sabia que não tinha conseguido esse feito sozinho. Foi graças ao seu esforço, claro, quando insistiu em “brigar” com o livro de matemática pela noite, um dia antes da prova. De Adriana, que o incentivava e fazia de tudo para que ele desse seu melhor. De Lucíola, que o tratava como ninguém, de modo amável e gentil, e de Rodrigues, que tivera uma *paciência de Jó*. Mas, sem sombra de dúvida, de uma menina chamada Beatriz.

Ele possuía caráter suficiente para enxergar que não poderia se recusar a reconhecer a contribuição que a garota teve. Era egoísmo e ilusório pensar o oposto. Mateus tinha consciência de que, se melhorou na aprendizagem em matemática, era

consequência da ajuda que teve durante dois meses de aula com Beatriz, embora ele não fosse muito aplicado e a matéria parecesse um enigma difícil demais de sua cabeça capturar no início.

Só que Beatriz continuou ensinando apesar disso. E agora, finalmente, eles tinham um resultado. Sim, pode-se dizer que aquilo pertencia aos dois. Mas Mateus não teve coragem de apresentar a conquista naquela terça-feira, porque, além de sentir Beatriz muito diferente de antes, estava envergonhado. Por mais que ele tentasse esconder esse último fato, era verdade, Mateus ficou extremamente constrangido em sua presença naquele dia. Bastava lembrar o jeito que ela o olhou assim que chegou e entrou na biblioteca.

O engraçado era que, dentre todas as pessoas de seu ciclo familiar e social (mãe, Lucíola ou seus amigos de sala), a que ele sentia que devia compartilhar seu feito mais extraordinário naquele ano era Beatriz. Mesmo tendo deixado a chance passar, Mateus queria muito contar pra ela.

No fundo, esperava ter coragem suficiente para fazê-lo quando tivesse outra oportunidade. Caso tivesse.

— O *Mateus* — ela explicou.

Garoto problemático. Será que esse era seu apelido? Beatriz não se lembrava de ter ouvido alguém falar dele assim. Devia ser apenas algo inventado por Letícia. Só esperava que aquilo não se espalhasse.

— E daí?

— Como assim, *e daí?* Você não tá curiosa sobre ele...

— Eu não tenho nada a ver com ele — Beatriz afirmou, balançando a cabeça de forma negativa.

Letícia entreabriu a boca, em choque. Ela se voltou para frente novamente e abriu seu caderno, lendo sobre a matéria que havia escrito. Por mais que estivesse interessada em saber, *minimamente*, ela não queria conversar com Letícia sobre isso. Não se achava no direito. Afinal, nada daquele garoto era da sua conta, exceto seu desempenho em matemática. Porque, por mais que ensinasse Mateus no contraturno e por mais que criasse diversas teorias mentais sobre ele, não tinha razão para xeretar a vida pessoal do seu *aluno*.

Beatriz não queria se envolver, embora sentisse que já estava envolvida demais com Mateus... Mas tentava aniquilar qualquer pensamento que surgisse com todas as forças do seu ser

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Depois do intervalo, na aula de Desenvolvimento Social, a professora Carmem levou a turma até o pátio para fazerem uma atividade interativa e em grupo. A ideia era formarem um círculo e segurarem uma bola de papel amassada em que jogariam para a outra pessoa que estivesse em sua frente. Quem deixasse a bola

cair saía e o círculo ia se desconstruindo. O objetivo era mostrar o papel do trabalho de equipe e a importância do bom convívio em sociedade. Sempre alguma coisa semelhante.

Beatriz saiu logo do círculo, encontrava-se um pouco desanimada para se concentrar no exercício. Não era sua atividade favorita, preferia se esconder ou errar propositalmente para que não participasse e certamente não a ajudava muito a se relacionar. Letícia se saía bem, de maneira geral. Ela estava tranquila mesmo depois de ter perdido, foi ao bebedouro e nessa hora que a parte esquisita (como Beatriz considerou), aconteceu.

— Ei, você que é a professora do Mateus? — Vinícios caminhou até a garota, pegando Beatriz desprevenida no meio do pátio.

— E-eu? Sim, mais ou menos... Por que...

— Então, fala pra ele não se meter comigo de novo, o.k.?

E saiu, deixando Beatriz completamente perplexa e indignada.

— O que ele queria? — Letícia perguntou segundos depois, ao se aproximar dela.

— Ah, sei lá. Brincar de agência de correio?

Letícia franziu a testa, sem entender o comentário. Nem Beatriz sabia explicar direito o que tinha acabado de acontecer, mas ficou ainda mais intrigada com a reação de Letícia após contar para ela.

— Você vai contar pra ele?

Beatriz mordeu o lábio inferior sem ter certeza do que fazer. Ela não desejava ter que repassar aquilo para Mateus.



Uma das coisas mais incríveis da vida é que, depois de tantos infortúnios, algo podia acontecer e mudar tudo, um simples ato derrubando toda sorte de males de uma única vez. Era como uma equação ou outra conta envolvendo números inteiros. Se mudasse um único sinal, poderia alterar todo o resultado.

Foi o que aconteceu no dia seguinte, na hora do intervalo. Vinícios não procurou Beatriz, o que a fez suspirar de alívio, mas em compensação Rodrigues a chamou para conversarem em particular e isso a preocupou de imediato. Só poderia ser em relação ao Mateus e, bem... sobre o que aconteceu com ele.

Mas o desagrado que aquela ideia de conversa provocou em Beatriz se transformou em um verdadeiro misto de satisfação quando ela encontrou Rodrigues na sala da secretaria e ele começou a falar

— Preciso dizer que você tem feito um ótimo trabalho, Beatriz. Antes eu até pensei que não chegaria a tanto, mas estou

realmente feliz em comprovar o contrário.

Aquela declaração fez o coração da garota pulsar freneticamente, fazendo-a prender a respiração. Beatriz só esperava não ter ficado vermelha. Odiava quando isso acontecia.

— Acha mesmo? — conseguiu perguntar após se recuperar.

— Com toda certeza. Apesar do que... Acho que você está a par da situação... Enfim, o Mateus tem se esforçado para fazer os exercícios, eu percebi. Ele tem até feito algumas anotações em sala de aula. Acho que aprendeu isso com você.

Beatriz sorriu, completamente sem jeito.

— Eu... Fico feliz que isso esteja acontecendo.

É mesmo realidade ou um sonho utópico?

— Eu também. Ah, e já entreguei para ele a avaliação passada. Acho que ele já comentou com você, certo? — Beatriz balançou a cabeça positivamente, embora não fosse verdade, para que Rodrigues não achasse que as aulas estivessem indo mal. — Pois é, foi a maior nota que ele tirou comigo até agora. Estou muito orgulhoso. De vocês dois.

Beatriz abriu um sorriso com aquela afirmação, o mais largo que já dera. Saiu da sala se controlando para não dar pulinhos pelos corredores, mas era nítida a felicidade estampada em seu rosto. Será que... tudo podia estar finalmente dando certo? Depois de todas as adversidades que tivera, algo assim estava muito além de suas expectativas. Mas aconteceu. Era como se fosse uma criança curiosa e persistente, que finalmente descobria a forma de finalizar um cubo mágico corretamente. E essa sensação era maravilhosa.

Beatriz encontrou Letícia ao lado de Fátima, outra colega de classe, esperando por ela no corredor.

— Olha só, pelo visto a conversa foi boa — Letícia sorriu, toda animada..

— É verdade... — Beatriz admitiu e retribuiu o sorriso.

Por que estava tão feliz? Deveria estar chateada com tudo o que acontecera recentemente em relação a Mateus, isso sim. Deveria querer culpá-lo por todas as preocupações que tinha lhe causado. Mas depois do que Rodrigues disse... Beatriz quase aplaudiria o garoto se o visse.

— Mas o que foi que aconteceu? — Fátima perguntou, curiosa.

— Deve ser sobre o pupilo dela — Letícia explicou, produzindo uma expressão de estranheza em Fátima e outra de constrangimento em Beatriz. — Estou errada ou alguém acabou de receber um elogio?

— Tá, você está certa. Mas eu não o chamo assim! Seria legal você nem começar.

Beatriz deu um soquinho no ombro da amiga, que riu. Fátima balançou os ombros.

— Grande coisa, como se já não fosse o esperado.

— O que quer dizer? — Beatriz franziu a testa, intrigada.

— Ah, o óbvio. — Fátima provocou. — Todo mundo sabe que você é uma das melhores alunas daqui, Beatriz, não se faça de desentendida. Você é inteligente demais para não conseguir a escola baba você mesmo.

Beatriz emudeceu instantaneamente.

— Mas não é tão fácil assim — Letícia afirmou, percebendo o efeito que aquelas palavras causaram. — Beatriz teve as suas

difficuldades, também. Finalmente uma conquista, ah! — Ela bateu de leve nas costas dela, mas Beatriz tinha perdido a empolgação.

— Duvido muito que tenha sido assim tão difícil — Fátima comentou, e o som da sineta avisando sobre o fim do intervalo a fez sair para a sala.

Beatriz nem se mexeu, pensativa. Não queria se sentir ressentida, mas aquele comentário de Fátima conseguiu fazer com que toda a alegria repentina fosse para o espaço.

— Você não deve ligar para o que ela disse. — Letícia falou, tentando confortá-la. — Ela não sabe... nada sobre você ou sobre as aulas.

Não, ela não sabia, mas isso não deixou de afetar Beatriz. E, por mais que doesse, ela teria que arrancar aquela dor que a cobriu antes que se aprofundasse. A questão era fácil, talvez uma das mais clássicas do mundo. Mesmo não sendo intencionalmente, as pessoas muitas vezes julgam algo sem saber como foi o processo. E isso perseguia Beatriz desde pequena. Não era perfeita e não queria que as pessoas pensassem assim sobre ela. Tinha seus problemas, bem como todos os outros e, mesmo que não quisesse mostrá-los ao mundo, gostaria apenas que as pessoas entendessem que eles existiam.

Contudo, era algo tão difícil de equilibrar... Podia ser descomplicado ver alguém como superficial se essa pessoa carregava o medo de parecer intrometida, por exemplo. Essa era apenas uma das coisas que Beatriz tentava balancear. Mas ela não queria continuar triste com as expectativas que não podia mudar. E fez isso da maneira mais improvável.

Porque, do outro lado do pátio, viu Mateus caminhando rumo à sala em que estudava, na direção oposta à sua. Então, correu até ele, sem pensar direito no que estava fazendo.

— Mateus!

— Beatriz?! O que foi?

Ele parou imediatamente, surpreso, sem saber o que aquilo significava nem como agir. Beatriz colocou as mãos atrás das costas e começou a bater um pé no chão, como se fosse muito nervoso.

— Eu, ah, bom... Rodrigues falou comigo hoje. E, hum, me contou sobre a sua nota.

Mateus arregalou os olhos no mesmo instante.

— *Minha nota?*

— Sim. E meus parabéns — Beatriz declarou, finalmente.

Mateus entreabriu a boca, sem saber o que dizer. Alunos passavam ao redor dos dois, movendo-se em direção às suas respectivas classes ao som da sineta que continuava tocando. E eles continuavam ali.

— Eu... Recebi há pouco tempo — Mateus disse, sem jeito, já observando que os professores das próximas aulas se deslocavam para as salas.

Beatriz também viu e parou de bater o pé.

— É, eu só queria dizer que... Se precisar de alguma coisa, sei lá, se tiver dúvida, pode me procurar, porque... — Beatriz não sabia bem o que estava fazendo, mas esperava ser o mais natural possível. — Enfim, era só isso.

— Ah, tá, claro. Obrigado.

Então ela falou algo sobre voltar para aula e saiu, deixando-o ali, sem graça e confuso.

Beatriz foi recebida por uma Letícia de cara bem espantada quando chegou à classe, mas lhe lançou um olhar de “nem me pergunte, só... aconteceu”, sentou-se em sua carteira. Pegou seu material, abriu o caderno e tentou fechar os próprios ouvidos, que pareciam estar escutando em alto e bom som as batidas de seu coração.

Que atitude tinha sido aquela? Beatriz só queria se livrar da tristeza que o julgamento de Fátima lhe causara, mas não imaginava que acabaria por fazer algo tão impulsivo e impensado. Agora, no entanto, tinha que refrear seus questionamentos sobre a própria atitude e queria apenas parar de sentir os tremores que a invadiam internamente. Então, pegou sua caneta e começou a rabiscar círculos no canto da folha, tentando não lembrar da expressão desconcertante que causara em Mateus.

Ela mesma não queria olhar em um espelho.



CAPÍTULO 17

— Socorro, preciso da sua ajuda! — Cristina disse, remexendo no guarda-roupa dela à procura de alguma peça elegante enquanto Beatriz a assistia sentada na cama de casal.

O quarto dos pais era amplo e organizado, muito diferente do seu. Não que ela o deixasse bagunçado, mas eram projetados de maneira totalmente diferente.

Beatriz dormia num quarto com paredes brancas e outras com diferentes tonalidades de vermelho, combinando com os móveis que tinham praticamente as mesmas cores, além de preto. Ao lado da cama havia uma estante média cheia de livros (a maioria didáticos e sobre matemática). Uma mesa de estudos do lado oposto com suas apostilas, um aparador de canetas, blocos de anotações e seu notebook. O guarda-roupa virado de frente para a cama recheado de roupas simples, geralmente jeans e blusas sem estampa, ao lado de um espelho vertical. Algumas prateleiras terminavam de compor o ambiente, espalhadas pelas paredes com uns poucos bichos de pelúcia restantes da infância.

Já o quarto de seus pais era simples e ao mesmo tempo moderno. Sua paleta de cores variava entre cinza e branco, com os móveis em marrom. Um pequeno sofá ficava posicionado ao lado da cama de casal, que por sua vez ficava de frente para alguns quadros colocados na parede oposta. No chão, um elegante tapete cobria toda a extensão do cômodo. Uma penteadeira estava posicionada na lateral, ao lado de um grande guarda-roupa onde Cristina mexia.

— Eu acho que qualquer coisa que você tirar daí vai ficar maravilhoso em você, mãe — Beatriz disse, olhando para o teto.

Embora não visse o conteúdo do móvel e as peças que Cristina pegava, tinha absoluta certeza daquilo.

— Mas é uma ocasião especial, meu bem — Cristina disse, entusiasmada. — É no período noturno. Não posso ir com um visual claro e estampado, mas também não é uma festa para se usar lantejoulas ou glitter. Eu quero algo simples e discreto, porém, bonito. Só não estou encontrando...

Cristina retirou mais um vestido de dentro do móvel. Aquele era canelado, de cor creme, que tinha uma faixa para ajustar a cintura.

— Pronto, esse aí — Beatriz afirmou, finalmente olhando para a roupa nas mãos de sua mãe. — Perfeito.

— Hum, não tenho tanta certeza... Ah, desculpa, querida, acho que você deve estar me achando uma boba.

— Por que eu acharia isso?

— Creio que você possa estar me achando velha para esse tipo de coisa, que vocês jovens é que tem que ficar tendo essas

indecisões quanto ao que vestir e paranoias do tipo. Seria melhor acompanhar Letícia nesse caso, não é?

Beatriz riu.

— Não é verdade, mãe. E você sabe que eu e Letícia não saímos muito. Além do mais, você tem todo o direito de se sentir bonita e se arrumar.

Cristina sorriu, sentindo uma porção de nostalgia a invadindo.

— Ah, filha, tão pouco tempo atrás eu tinha a sua idade... Sabe, querida — ela começou, sentando-se na cama junto de Beatriz —, pode parecer bobo, mas eu ainda tenho essa sensação de querer estar bela quando vou sair com seu pai. E você sabe o quanto essa conferência é importante para ele. Cláudio pode não ser o homem mais romântico do mundo, mas eu sei que seus olhos ainda piscam como antigamente ao me ver. É uma sensação ótima.

Beatriz não conseguiu segurar a gargalhada diante do romantismo da mãe. Não que fosse uma coisa difícil de fazer, mas também não era comum as duas conversarem sobre o relacionamento dos pais. Na verdade, Beatriz geralmente fugia desses assuntos. Ela se contentava em saber que estavam felizes e se amavam, e deixava de lado todo o papo romântico sobre os *pombinhos*.

Beatriz não se considerava contra os apaixonados, afinal, ela tinha até alguns romances na estante, mas em relação aos próprios pais... Era meio estranho. Geralmente, as “conversas melosas” eram compartilhadas com Letícia (era engraçado ver a amiga contando sobre suas paixões até mesmo por aqueles caras da previsão do tempo e Beatriz também fugia disso algumas vezes).

— Ei, não me olhe com essa cara! — Cristina a recriminou, também segurando o riso. — Você vai saber o quanto é maravilhoso sentir essa sensação... Aliás, acho que já está demorando demais. Não tem coisas que você precise me contar não, hein, Beatriz?

— Qual é mãe, pode parar! Você está apenas tentando descobrir novas classificações que não existem nos conjuntos numéricos...

— Ah, filha, eu acho tão lindo, mas tão complexo quando você fala assim... Parece que está dizendo em outro idioma pra mim.

Beatriz se desculpou e abaixou a cabeça, pensativa. Sabia que a mãe não estava brava com ela, mas sua tristeza vinha dessa mesma razão: ela nunca entenderia algumas de suas piadas. Nem seu pai. Havia coisas que os dois nunca entenderiam.

— Beatriz? Desculpe, eu sei que você ama matemática e tudo isso, não quis deixar você se sentir mal. Amigas, né?

— Eu sei, mãe, não se preocupe. — Beatriz revirou os olhos, sorrindo.

— Mas, me diga... Sério, como está indo seu coração?

— Batendo a provavelmente sessenta pulsos por minuto, então acho que está tudo bem com ele.

— Espertinha — Cristina sorriu —, mas você não me engana. Realmente, não há nada que você gostaria de compartilhar com sua mãe? Sei que você anda muito pensativa, mocinha, mais do que o normal.

Os olhos dela quase brilharam, esperando alguma resposta. É claro que Beatriz não tinha nenhuma. Ela não estava saindo escondido nem arranjado um namorado virtual. Era complicado

pensar nessas coisas porque, bem, atualmente não tinha mesmo nada para informar à mãe. Não que Beatriz nunca tivesse se apaixonado, mas, contando com o amor platônico que teve por um colega de sala na segunda série ou a atração por cantores internacionais no sexto ano (coisas das quais ela se arrependia e já superara), não tinha nenhuma novidade. Não que soubesse ainda.

Beatriz balançou a cabeça negativamente, ao que sua mãe suspirou.

— Tudo bem. Então, como estão indo as aulas de reforço?

Aquela era outra pergunta que Beatriz não sabia exatamente como resolver.

— Bom... Estão indo muito... bem.

— Sério? Eu acredito. Você é muito inteligente, meu amor e sei o quanto se empenha nas atividades que faz. Mas e o seu aluno? Ele está aprendendo direitinho?

— Mãe, o conhecimento não surge da noite para o dia. É preciso tempo e prática exercidos em algo para que esse objeto possa se desenvolver completamente.

— Beatriz, esse seu papo “enfiteado” não me engana. — Cristina ficou séria, de repente. — Fale logo. Não está conseguindo fazer com que ele aprenda?

Beatriz não sabia exatamente o porquê de seu desânimo ou, na verdade, não queria chegar nele, mas suspirou e balançou a cabeça.

— Não é bem isso, mãe... Quer dizer, as coisas estavam realmente difíceis, mas ele melhorou bastante esse último mês, porque tirou uma nota excelente na prova.

— Ora, então isso é maravilhoso, não é?

Outras coisas aconteceram, sabe... Meio que ele se envolveu numa briga, não sei o que concluir disso, ele também anda meio estranho, eu acho. E eu mesma estou diferente, porque não sei, mas odeio isso, justo agora, depois que o professor me aparece com um excelente resultado dele... Eu queria não parecer uma maluca pensando tanto assim.

Essas eram coisas que Beatriz poderia dizer, também. Em vez disso, falou outra já evidente.

— É só que... Eu sei bem o que o papai pensa sobre isso e me deixa um pouco triste, sabe?

— Eu entendo, meu amor... E não quero que se sinta assim.

— Cristina estendeu a mão, afagando os cabelos da filha. — Sabe que tem meu apoio, querida. E o seu pai pode ser duro às vezes, mas ele vai te ouvir, prometo.

Beatriz balançou a cabeça, embora duvidasse. E logo imaginava que não iria se abrir assim tão facilmente com o seu pai. Ela podia resolver frações de cabeça enquanto fazia uma refeição, mas não era capaz de lidar perfeitamente com os próprios sentimentos, já estava mais do que claro. Quem sabe, Beatriz não descobrisse uma forma de alterar a si mesma sempre que desejasse. Talvez essa fosse a receita que a humanidade gostaria de conseguir.

— Bom, agora eu vou pro meu quarto estudar para mudar o mundo...

Cristina sorriu, dando um abraço apertado nela antes de se levantar.

— Claro, não se preocupe, meu amor. — Riu. — E eu vou arrumar minha bagunça.

— Melhor pra você, se não quiser levar bronca do *chefe*—
Beatriz brincou, referindo-se a Cláudio.

— Haha. Tem toda razão. Mas mesmo assim, Beatriz... Tenha só um pouco mais de paciência com seu pai. Ele é bem cabeça dura quando quer, mas também ama você. Sabe disso, não sabe? —
Beatriz anuiu. — Apenas continue fazendo o que acredita. Tenho certeza de que vai conseguir *mesmo* mudar o mundo.



Quando o dia de terça-feira chegou, Beatriz lutou internamente para não reclamar de Mateus, não se incomodar com o jeito desleixado com o qual ele se sentava nem com o boné que sempre escondia os cabelos pretos, deixando apenas poucos fios à mostra, quase cobrindo os olhos.

Tentou não se importar com os aspectos positivos também, como o fato de ele ter esquecido de lado os fones de ouvido. Ela apenas perguntava se ele havia entendido e, caso balançasse a cabeça positivamente (mesmo que Beatriz não acreditasse algumas vezes), continuava a matéria e passava lições para casa, estudos e revisões de conteúdo.

Muito bem, preste atenção – Beatriz repetia quase que instantaneamente a cada nova questão e... só. E, apesar de ser pra lá de difícil para ela manter essa postura imparcial, percebia que o tempo estava rendendo. Não precisava lidar com nada mais fora isso. Talvez, só com o fato de estar sentindo tudo revirado dentro do

estômago, af irmou para si mesma que procuraria um médico caso não melhorasse até o dia seguinte.

Depois de passar das 16 horas e 30 minutos da tarde, Mateus ainda permanecia sentado à mesa, com os olhos fixos em Beatriz. Ele se perguntava o que deu nela. Há poucos dias o surpreendeu quando veio parabenizá-lo sobre a avaliação. Mateus tinha ficado todo sem jeito, sem imaginar que aquilo pudesse acontecer. Mas Beatriz nem tocara no assunto. O que havia de errado com ela? Ou com todas as outras garotas? Ele definitivamente não conseguia entendê-las.

— Bem... Acho que é isso — ela suspirou, por fim. — Se você estudar o que vimos hoje, poderá tirar a média na próxima prova também. Pode ir.

Mateus ainda ficou observando-a enquanto Beatriz guardava seus materiais, esperando que suas palavras virassem realidade para a última avaliação de matemática que ainda teria que fazer. Em algum momento, Beatriz parou e encarou-o também.

— O que foi? Alguma pergunta?

— Você. Parece diferente — Mateus af irmouse sem rodeios. — Está passando por algum problema?

Beatriz ficou alguns segundos refletindo se tinha ouvido direito. Fora sua impressão ou ele perguntou se estava “tudo bem”? Por um acaso estava preocupado com ela? Beatriz pensou se poderia ter finalmente tocado seu aluno, chamado sua atenção ao estudo, ou quem sabe até mesmo mudado um pouco Mateus, mas é que tanta coisa aconteceu e ela estava tão perdida ultimamente que já não sabia. Por isso mesmo tentou sorrir, evitando contar a

verdade sobre sua tática – *a de ignorar completamente a atitude ousada que teve indo falar com ele no intervalo na sexta*

— Bem... Nada em particular. Por quê?

— Você parece menos mandona e rígida — Mateus disparou.

— Sei lá, achei que iria desistir de me ensinar. Ainda quer continuar com isso até as provas finais?

Os olhos de Beatriz se estreitaram e suas bochechas começaram a ficar vermelhas. Ela tentou com todas as forças não pegar a régua que tinha na bolsa e jogá-la na cabeça de Mateus. Depois de ter acreditado nele... Não conseguia absorver o que acabara de ouvir.

— Olha, eu não sei por que você ainda continua aqui, já que não está nem aí — ela explodiu. — Mas meu professor confiou essa tarefa a mim, ele me achou capaz de fazer isso. Então, até onde eu puder, vou ensinar o que eu sei para que alunos como você passem pelo menos de ano! Se eu aguentei até aqui... Ah, não reclama.

Mateus levantou as sobrancelhas, sem parecer abalado com aquelas palavras. Beatriz suspirou, se achando uma tola por dizer aquilo assim que percebeu o que fez. Mas precisava desabafar, não aguentava mais. Estava quase pedindo desculpas quando Mateus se levantou e a encarou.

— Sinceramente, Rodrigues me deu uma bonificação por estar aqui — contou. — Ele me garantiu dois pontos na média se frequentasse as aulas e... Eu preciso mesmo desses pontos pra passar de ano. — Beatriz abaixou o rosto, sem vontade para captar aquela explicação. Mateus fechou o livro que tinha trazido. — Mas... Eu não queria que isso se tornasse chato.

— O quê? — Beatriz encarou-o.

— É que, depois do que... do que aconteceu algumas semanas atrás, achei que você pudesse desistir de me ensinar. Porque você não parecia mais como era a princípio, teve um momento que você estava meio...

— *Madona e rígida?* — Beatriz ironizou, fazendo Mateus soltar uma risada.

Sim, uma risada *inteira*, mesmo. E ela quase sentiu o coração sair para fora. Aquilo estaria mesmo acontecendo ou era fruto de sua imaginação?

— É, por aí... — Mateus disse, ainda rindo. — Mas você está aqui. Ontem você pareceu bem animada e... Eu só queria ter certeza de que ainda era a mesma. — Ele pegou a folha de exercícios, que estava em cima da mesa, e entregou para Beatriz. — Não pense que vou terminar até semana que vem, você elabora coisas demais. Mas também sei que você teve trabalho pra fazer isso. Apesar de rígida, é uma boa professora. Nos vemos na próxima terça. Se ainda acreditar que isso pode funcionar eu vou estar aqui, porque... Bem, eu constatei que realmente pode.

E então, Mateus saiu da sala, tão repentinamente quanto começou a falar. Beatriz não podia acreditar. Estava impactada e incrédula ao mesmo tempo, sem saber se aquilo tinha acontecido. E ele havia sorrido ao sair. *Sorrido?!*

Sinceramente, não definiu se gostava ou odiava Mateus. Essa incerteza pairava em sua mente e, quando parecia escolher um lado... mudava, sem aviso. E o que acabou de acontecer pendeu para o positivo, embora Beatriz ainda não estivesse certa sobre Mateus. Afinal, O que ele quis dizer?

Então, pensou que fosse algo bom, no fim das contas, e decidiu que agiria naturalmente. Não podia apenas ignorá-lo (ele havia percebido), mas também não criaria muitas expectativas como havia feito antes. Se empenharia naquilo, como prometera a Rodrigues, mas sem mudar o pensamento de Mateus. Porque ele mesmo se revelou diferente do que supunha.

No início, Beatriz achou que encontraria um vaso rachado que pudesse consertar. Mas agora, totalmente surpreendida, percebeu que não podia fazer nada em relação aos outros se eles mesmos não estavam dispostos a conquistar. Assim, ela também concluiu que precisava buscar consertar o seu próprio *eu* primeiro.

Definitivamente, a garota suspirou, ensinar matemática estava ficando cada vez mais complexo.



CAPÍTULO 19

A música repercutia com toda a força nos ouvidos de Mateus enquanto ele voltava para casa. O garoto ainda não conseguia pensar por que dissera tudo aquilo para Beatriz. Mas que coisa! Por que afirmara “mandona” e “rígida” em uma só frase? Aquela devia ser uma infirmação que só podia ser conhecida por sua mente. Mas não aguentava mais segurar. Estava intrigado demais em relação a ela para que a situação seguisse dessa forma.

Mateus pensou ter encontrado uma coisa mais complicada do que a própria matemática. E essa “coisa”, na verdade, era um *alguém*.

Quando chegou em casa, largou a mochila no chão e se jogou sobre a cama, tentando espantar qualquer onda de pensamentos outra vez. Precisava descansar daquilo tudo; das aulas, dos cálculos, do rosto de Beatriz... só queria ouvir sua música em paz.

Poucos segundos depois, Adriana assomou pela porta e encarou o rapaz antes de adentrar pelo cômodo, frustrando

completamente os planos de Mateus em ficar sozinho.

— Já está dormindo de novo? Vamos, levante, o que pensa que está fazendo? — Ela questionou, batendo palmas para apressá-lo. — Deveria estudar, isso sim, então não precisaria tanto participar dessas aulas.

— Por favor, mãe, agora não...

Mateus sentia todo o corpo dolorido, como se tivesse participado de uma corrida. Talvez aquilo fosse um sintoma falso produzido por sua cabeça para que as coisas se tornassem menos difíceis e ele pudesse descansar. Que ideia boba. Ele nem mesmo pegava uma gripe forte desde quando era criança.

Sua mãe, por sua vez, ainda olhava para o filho como se, por um momento curto de tempo, não soubesse que ele cresceu e amadureceu tão rápido apesar da idade. Ela sentou na beirada da cama e esperou alguns instantes antes de tirar o boné que ainda estava em sua cabeça, os fones de ouvido e em seguida os tênis, para que seus pés pudessem enfim respirar. Adriana podia ser bem durona, mas ainda assim era como qualquer outra mãe.

— Ainda está muito difícil?

— Mais ou menos — Mateus murmurou de seu lugar, sem virar-se para ela. — Eu melhorei minha nota, você viu. Só... preciso descansar um pouco.

— Sei. É lógico que piorar é que não podia, Mateus.

Ele sorriu. Era assim que ela queria dizer um “bom trabalho, estou orgulhosa de você”. Sim, ele percebia aquilo.

— Como a vovó está?

— Um pouco melhor. — Adriana esfregou leve seu braço, como se pudesse consolar a si mesma com o carinho. — A pressão

já baixou e agora ela está descansando, se tiver me obedecido. Eu disse que não precisava esperar por você.

Muitas vezes quando voltada da escola, Lucíola estava lá, sentada em sua cadeira de balanço, aguardando Mateus entrar e lhe dar um beijo no rosto. Era quase como um acordo secreto que eles fizeram um com o outro; Lucíola não era tão rígida assim quando perguntava sobre as aulas, e quase sempre o animava com um sorriso largo, por mais que Mateus parecesse abatido.

Seu humor nunca melhorava tanto como quando estava com ela. Realmente Lucíola sabia ser uma avó adorável e Mateus queria muito que ela permanecesse assim, alegre, companheira e, acima de tudo, saudável.

— Ela ainda está dando trabalho para tomar os remédios? — A pergunta escapou de seus lábios antes que ele tivesse desistido.

— Como sempre, você sabe o quanto ela é teimosa. Mas está fazendo tudo direitinho, por você e seu trabalho duro. Isso é mais eficaz do que minhas ameaças.

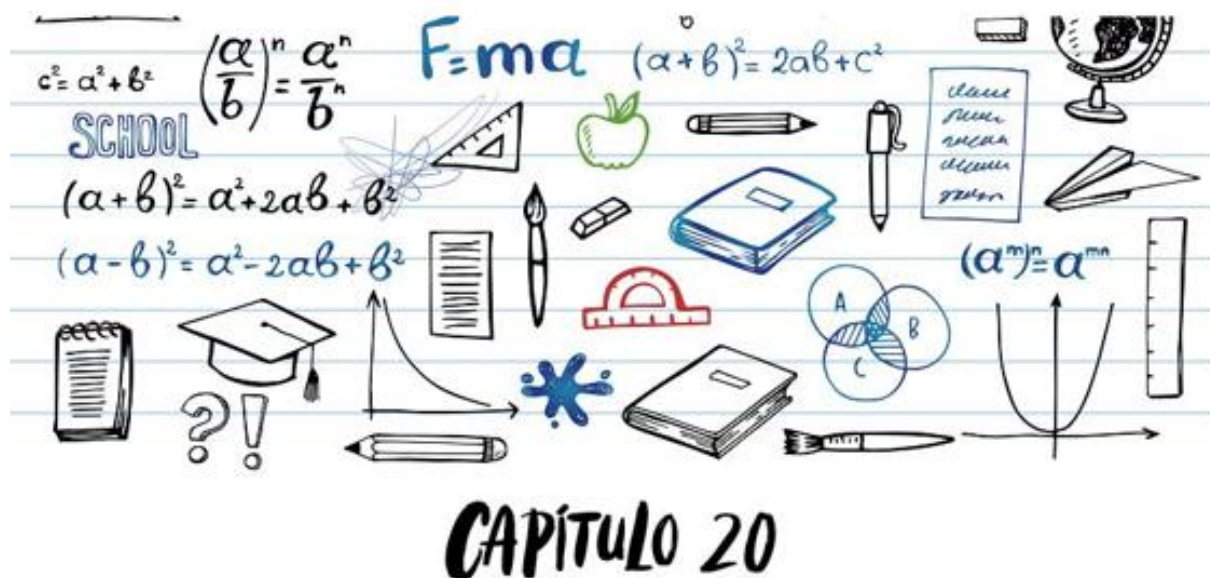
Mateus assentiu, sentindo uma leve dor no peito, que ele sabia bem onde era, dentro de seu coração.

— Isso é bom.

— Mas não fique tão preocupado, já tem coisas demais para se importar. E eu não quero saber de nenhuma outra nota negativa, está ouvindo Mateus? É daquele resultado para cima.

Ela deu um tapinha em sua cabeça, mas era só uma desculpa para afagar seus cabelos, e Mateus não reclamou. Poderia aguentar mais uma porção de queixas como aquela, contando que viessem acompanhadas de uma dose de cafunés.

Adriana logo parou com o toque, como se tivesse esquecido alguma coisa urgente no fogo e partiu apressada do quarto, não sem antes afirmar categoricamente que estaria ainda de olho nele. Como se isso fosse possível. Mateus se remexeu de onde estava, tentando não pensar muito em como faria para ajudar a mãe ou a avó e finalmente dormiu sem o auxílio de seus preciosos fones de ouvido.



Enquanto pensava em alguma maneira de lidar com “o novo Mateus”, Beatriz tentava resolver as coisas com seu pai em casa, paralelamente. Depois de uma semana aparentemente tranquila, Cláudio voltou a se queixar no fim de semana.

— A matemática é de extrema importância para os alunos, pai — Beatriz explicava após o jantar de sábado enquanto Cláudio folheava um livro de Direito na sala de estar

— Não entendo por que esse seu interesse em continuar com isso, Beatriz — ele disse, sem se importar com os argumentos da filha. — Pensei que essas aulas já tinham acabado.

— Os conteúdos aprendidos vão além das paredes escolares. Nós temos a matemática em todo lugar e precisamos dela no dia a dia, pai — Beatriz afirmou, contundente. — É indispensável ao ser humano o conhecimento básico dela e o esforço escolar..

— Então, deixe que os professores ensinem o básico às crianças, Beatriz, você não precisa se envolver mais — Cláudio opinou enfaticamente. — Aliás, quantos anos aquele moleque tem mesmo? Deixe-me pensar, uns vinte, certo? Ele já está bem grandinho para aprender o básico. Tenho certeza de que já passou dessa fase.

— Ele tem dezesseis, pai — Beatriz murmurou, sem gostar do sarcasmo em sua voz. — E meu dever no projeto não tem nada a ver com o que eu estava falando.

— Não? E por que você tem que ficando aulas de reforço mesmo?

— Não é isso. É uma ótima oportunidade para aprender...

— O quê? A ensinar esses desinteressados? Não foi para isso que eu criei a minha filha. Eu não quero mais você nisso. Já passou tempo demais para você acordar, Beatriz.

— Mas pai, o professor confiou a mim...

— Que ele arranje outra pessoa, ora! — Cláudio se levantou da poltrona onde estava sentando, irritado. — Eu sei o que essa gestão quer. Após esse, virá outro e mais outro. Quando você terá tempo para estudar? Precisa se concentrar para o vestibular. No próximo ano você fará a prova e eu não te quero envolvida com esse pessoal, nem com nada do tipo. Atividades como essa sempre virão para te tirar do foco. Você é brilhante, Beatriz. Vai ser ainda mais se me ouvir. Seu destino será se tornar uma grande profissional, e não gastar seu tempo dando aulas. Pense bem nisso.

Cláudio deu a conversa por encerrada saindo da sala, deixando Beatriz triste e sozinha. Ele havia se estressado por conta de um caso mal resolvido, que o deixava extremamente irritado.

Beatriz não o culpava no que se referia às responsabilidades do escritório (tinha a própria experiência de se irritar com o trabalho), mas não queria desistir do projeto. E não queria ter que engolir aquele discurso.

Sabia que Cláudio só queria que as coisas dessem certo, mas quando não ficava tudo bem em algum ponto de sua vida – como a família ou carreira –, ele tentava ajustar as coisas que faltavam em outras áreas. No caso, atingia o que parecia errado para ele no momento, que era justamente a monitoria da filha.

Mas Beatriz também tinha muitas frustrações dentro de si, e, num ato quase de rebeldia, levantou a voz pela primeira vez.

— E qual é o tipo de profissional que você espera que eu seja? — Beatriz perguntou, seguindo o caminho do pai até a cozinha, onde ele a encarou, com as sobrancelhas erguidas. — Hein? Uma especialista naquilo que sou “brilhante”, com diz, ou naquilo que você quer que eu seja?

— Beatriz, do que está falando...

— Estou falando sobre suas vontades, pai! Mas elas não são as minhas. E você precisa saber que eu também tenho algumas próprias, entende?

Lágrimas caíram pela face de Beatriz, que já não se importava mais em reprimi-las. Como poderia ficar pior? Então, ela correu para o quarto, trancando a porta e se jogando na cama, sem ouvir mais o que o pai tinha para dizer. Cláudio a chamou, mas ela permaneceu trancada, aos soluços. Fora a primeira vez que gritou com ele ou o rebatera diretamente, o que era novidade para Beatriz, e podia explicar aquela explosão de sentimentos que naquele instante expressava em choro. Ela permaneceu na mesma posição,

sem levantar nem mesmo para atender a mãe, quando Cristina veio bater a sua porta numa tentativa de conversar.

Algumas coisas podiam ser explicadas com a fórmula certa. O modo como a vida era imprevisível e surpreendia, porém, jamais seria calculada e colocada em qualquer definição. Beatriz estava começando a aceitar esse fato, aliás, estava começando a vivenciar na pele.

Depois daquela discussão com o pai, algo estalou em sua mente. Ela nunca discutiu assim e havia acontecido, de alguma forma, por causa de Mateus. O garoto não tinha nada a ver com seus sonhos, que teve antes mesmo de conhecê-lo, só que Cláudio poderia pensar o contrário. Achar que sua convivência com ele não estava sendo benéfica e tudo o mais. Mas Beatriz não queria se importar com isso no momento, não queria pensar em mais nada a não ser como parar as lágrimas insistentes que surgiam em seus olhos. Afinal, estava brigando pela matemática... ou por Mateus? Era assim que seu pai estava vendo as coisas?

Não importava. Porque Beatriz apenas queria acreditar que poderia tomar coragem para enfrentá-lo quando fosse preciso e sem desmoronar como daquela vez.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Enquanto a noite passava, deitada em sua cama, Beatriz não parava de pensar no projeto... e em Mateus. Era realmente custoso ficar com ele na biblioteca a maior parte do tempo, mas... Ela estava ainda mais interessada do que antes da discussão com o pai.

Algumas lágrimas que teimavam em continuar a aparecer borraram sua visão quando ela atendeu o celular, que começou a

tocar de repente.

— Alô?

— Olá, Beatriz, desculpe incomodar. Tudo bem? Só queria saber como está com o projeto — falou o professor Rodrigues do outro lado da linha. — Apesar de termos nos falado na escola, ainda não recebi seu relatório deste mês e estamos nos encaminhando para a reunião final.

— Ah... Entendo. — Beatriz inspirou fundo, tentando controlar a voz. — Eu irei lhe entregar em breve, não se preocupe.

— Ótimo, eu agradeço. E como vão as aulas com Mateus? Imagino que você não esteja tendo problemas...

Mesmo? Problemas, com Mateus? Imagina... — Beatriz pensou, revirando os olhos sem perceber. Mas ela não estava irritada com Mateus. Na verdade, o problema não parecia ser ele, mas tudo o que havia em volta; sua família, objetivos, opinião do pai...

— Não tem nenhum problema — Beatriz comentou apenas, franzindo a testa —, ele até melhorou essa semana. Falou que gostou muito de entrar no projeto pra aprender mais e tudo — mentiu.

Será que uma mentirinha daquelas seria perceptível por chamada?

— Que bom saber disso, fico muito contente — Rodrigues disse, suspirando aliviado do outro lado da linha. — Sabe, pode não parecer, mas ele é esforçado. Só fica complicado de vir todas as aulas porque tem que cuidar da avó dele, que já é bem idosa e tem problemas de saúde, mas Mateus me prometeu que vai tentar não faltar mais às aulas.

— Então ele cuida da avó? — Beatriz perguntou, surpresa, com um repentino interesse naquela história.

Como um garoto que não entendia *progressão aritmética* cuidaria de um idoso?

— Você não sabia? Bem, é verdade — Rodrigues informou, pensativo. — Seus pais são separados e ele vive com a mãe e a avó há bastante tempo pelo que sei. Mas isso não importa. Se concentre apenas nas aulas, o.k.?

— Está bem — Beatriz disse, já não ouvindo mais o professor. A ideia de Mateus morando com a avó e tendo que se responsabilizar por ela nunca havia passado pela sua cabeça. Será que era por isso que muitas vezes ele não chegava no horário certo e parecia tão cansado ou distante?

— Beatriz? — Rodrigues chamou.

— Si-im?

— Então nos vemos na escola. Tenha um bom fim de semana, e aguardarei pelo relatório via e-mail. Até mais.

— Até!

Beatriz jogou o celular na cama quando a chamada terminou, inesperadamente alarmada. Ela ainda estava preocupada com o que o pai diria, mas não queria desistir do projeto, muito menos agora.



— O que f oi?— ele perguntou, f itando-a.— Acha que não estou f azendo direito?

— Então... Tudo bem com a atividade? Espero não estar te entregando muitas tarefas pra casa, afinal, não sei da sua rotina...

— É. Seria legal ter pensado nisso antes, né? — sussurrou.

— Oi?

— Deixa pra lá. Você deve estar gostando muito dessa revista de ensino superior, não tira os olhos dela — Mateus afirmou com sarcasmo.

Beatriz suspirou uma vez, antes de revirar os olhos e abaixar o periódico. Apesar do comentário estar correto, ela ficara mesmo curiosa, essa era a verdade. Após sua *esplêndida* desavença com Cláudio, Beatriz ficou refletindo muito sobre si mesma e também sobre o próprio Mateus.

Já percebera o jeito difícil e introvertido dele, mas ficou pensando sobre como seria sua vida fora da escola. Ela nunca havia ligado muito para isso, o que tornava tudo mais estranho e complicado porque, de repente, se viu querendo saber mais. E, afinal, a briga com o pai fora justamente em relação à sua profissão.

— Sabe, hum... Você pensa em fazer o quê? — Beatriz arriscou.

— Como é? — Mateus lhe devolveu uma expressão confusa.

— Sobre o vestibular! Sabe, no futuro, ter alguma profissão...

Beatriz se sentiu envergonhada por não ter sido clara, mas pelo menos conseguira quebrar o gelo entre eles, introduzido alguma coisa. Esperava que isso os ajudasse a conversar. Pensou, aliás, que já deveria ter feito algo assim antes. Mateus revirou a caneta entre os dedos por um momento, como se pensasse a respeito, até que virou os olhos para ela sem demonstrar interesse.

— Sei lá.

Beatriz sentiu o rosto queimar de indignação, tamanha fora sua expectativa. Ela respirou fundo, fechando a revista sobre a mesa.

— Você não tem nem uma *ideia*?

— E por que eu teria? — Mateus parou para responder. — Não sou obrigado a fazer nada.

— Argh! — Beatriz revirou os olhos com força, sem poder evitar. — Não sei o que estou fazendo...

— O que é que tem? Você por acaso já possui algo em mente? — Mateus perguntou, encarando-a. — Ah, claro que sim. Com certeza, sendo a melhor aluna da escola, não é mesmo? E aí, o que você vai fazer?

Mateus se debruçou sobre a mesa, apoiando a cabeça nos braços, que estavam cruzados. Aquela pergunta, junto com o proceder dele, fez Beatriz estremecer por um momento. Ela queria ficar zangada pela forma que Mateus falara e como a olhava naquele momento, mas por alguma razão, não ficou. Ele estava certo, não estava? Talvez não tivesse muitas oportunidades como ela para pensar num “futuro”.

De repente, Beatriz se sentiu muito mal consigo mesma.

— É que, eu só quis te perguntar, por que... Bem, eu quero fazer mat... mate... matemática — balbuciou.

— O quê?

— Matemática!

— Hum... — Mateus se empertigou na cadeira, arqueando as sobrancelhas. — Pensei que ia dizer outra coisa, como medicina ou direito. Fala a verdade — ele provocou.

Beatriz abaixou os olhos.

— É o que o meu pai quer. Especialmente direito, mas...

— Não é o que você quer, né? — Daquela vez a voz de Mateus saiu num tom compreensivo e amigável.

Beatriz balançou a cabeça e voltou seus olhos para o livro. Pensou que poderia chorar a qualquer momento e não queria encará-lo. Sentia-se tão tola... Mateus se voltou para o exercício novamente e apenas comentou, baixinho:

— Bem, eu creio que você seria ótima fazendo o que quer que fosse.

Beatriz não acreditou ter ouvido aquilo. E, até o fim da aula naquele dia, ela fingiu não ter ouvido.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Mateus se sentia extremamente bobo pelo que dissera. Ele não teve certeza se ela escutou, mas ainda assim se arrependeu do comentário que fez logo após ter saído de sua boca. Não, Beatriz não precisava daquilo. Certamente ela estaria cercada de pessoas que a elogiavam e diziam o quanto era inteligente ou sensacional. E Mateus não queria estar na lista de seus bajuladores.

Enquanto voltava para casa, pensava em como estava sendo dramático com aqueles pensamentos. Não queria pensar no que ela estava ou não imaginando, nem no que estaria ou não acontecendo ao seu redor, mas Beatriz parecia estar se instalando sutilmente em sua mente – e ocupando algum espaço relevante por lá.

Os números já não eram tão importantes. Mateus recebeu diversos elogios de Rodrigues por ter melhorado nas últimas semanas, mas isso não valia grande coisa comparado às experiências que estava tendo. Não era somente chegar num horário específico na biblioteca e estudar o resto da tarde com Beatriz, uma menina superaplicada com quem ele não fazia ideia de

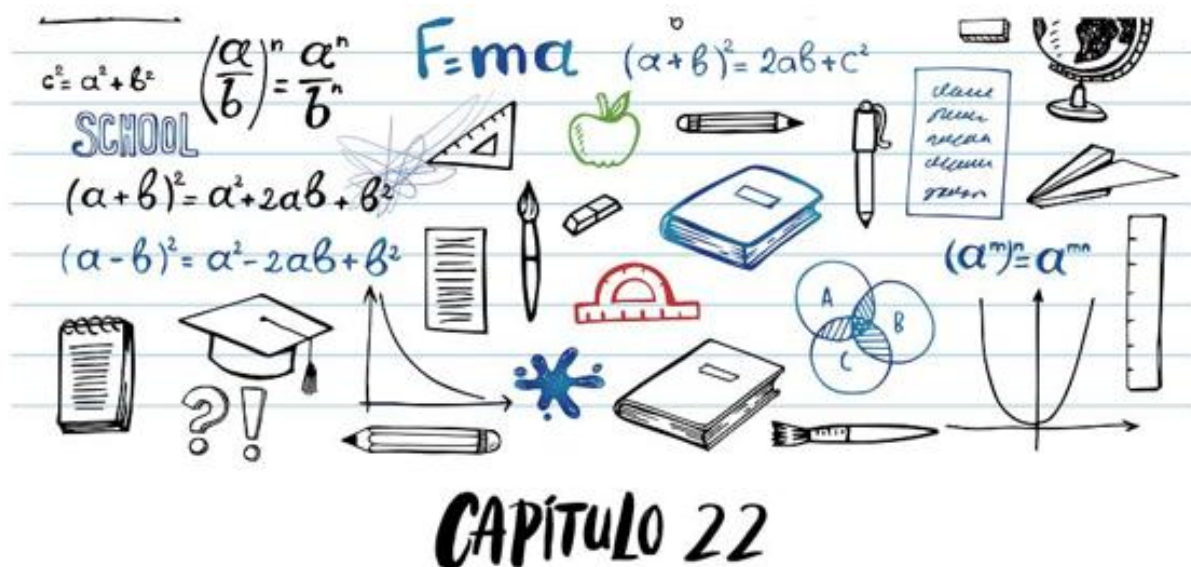
como agir, mas, principalmente, eram as relações pessoais que constituíam valor.

Os sentimentos e relações humanas eram mais importantes. Mais importantes do que todos os números.

Ele acreditava (pelo menos naquele instante podia reconhecer) que uma pequena parcela da vida de Beatriz não era tão perfeita. Ela não aparecia em algumas aulas com a expressão exausta à toa, e não se tratava de exaustão física. Deveria ser muito mais intenso. A garota podia sorrir e falar horas sobre como *probabilidade* era legal, mas em seu interior existia muito além da alegria apresentada. Porque, mesmo que Beatriz estivesse acima da média de todo mundo, ainda era uma adolescente como qualquer pessoa de dezesseis anos. O que implicava dizer que ela também levava seus pesos.

Mateus podia imaginar, visto que convivera mais do que queria com a garota. Era como se Beatriz carregasse um monte de coisas na cabeça e tivesse que trancar tudo em uma caixinha e colocá-la de lado por um longo momento, enquanto passava lições ou explicava problemas matemáticos para ele. Mas, talvez, o pior de tudo era o fato de que Mateus se importava. No início, ignorava, mas não tinha mais como negar. Na verdade, havia, sim, como negar. Era o que ele estava fazendo a todo o momento que pensava nela sobre algo mais do que os exercícios. E, por isso, Mateus tentava lembrar a si mesmo de que tinha os próprios problemas.

Ela vai ficar bem. Ela é forte. Ela é perspicaz demais para não encontrar uma solução e cuidar de si mesma – ele pensava. E repetia internamente que não devia mais se preocupar com aquilo.



Como o laboratório ainda estava indisponível por conta da reforma e a única sala desocupada do período da tarde permanecia sem ar-condicionado, o único lugar que Beatriz podia ficar era na biblioteca. Ela pensou inicialmente que seria bom para estudar, mas logo aquela ideia se demonstrou chata. Com sua rotina organizada, Beatriz já havia planejado suas atividades, sendo basicamente: escola, estudos, ajudar a mãe, estudos e dormir. Seu lazer se concentrava no final de semana, e praticamente se resumia aos jogos de lógica ou, acredite, mais estudos, além de alguma atividade com Letícia.

Dessa forma, o horário “livre” da quinta-feira na escola não acrescentava muito na questão de sua aprendizagem. Então, Beatriz optou pelo simples e passou a fazer o que de fato as pessoas normais fazem em uma biblioteca: ler livros, aguçando assim seu conhecimento e se aventurando por outros gêneros. Sim, isso poderia render alguma coisa, ainda que não fosse uma ávida leitora.

Malba Tahan era de longe seu escritor preferido ali, mas Beatriz tinha todos os volumes e já o lera umas mil vezes. Por essa razão, começou a folhear outros livros, e gostou daqueles de poesia também – de preferências de versos curtos e simples (racionais e sem romantismo, como achava), porque as únicas obras de ficção que gostava com afinco eram aquelas que ou foram escritas ou retratavam o século passado.

Naquele passeio pelas estantes, encontrava de vez em quando algum livro perdido entre tantos outros, cujos escritos que aparentemente seriam simples acabavam revelando reflexões complexas.

Um exemplo clássico era a composição de Drummond, que deixou Beatriz pensativa muito tempo depois de tê-la lido, vez após outra.

*Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra*

Ela ficava tentando fixar as palavras na mente e identificá-las, quase como se resolvesse uma conta aritmética. Havia muitas pedras no seu caminho... Mas o que faria com elas? Tinha certeza de que já ouvira aquilo em alguma aula de Português, mas certamente não tinha a resposta exata para aplicar na raiz dos seus problemas.

Quando se deparava com algo assim, Beatriz respirava fundo, olhava para a janela de vidro e tentava achar uma saída para as incógnitas de sua vida. Depois, voltava a ler novamente,

enquanto as horas passavam e suas inquietações se deixavam adormecer por um momento.

Fazia isso inconscientemente quando foi surpreendida por Cláudio, que chegou sem avisar. De repente, ele abriu a porta da biblioteca e surgiu, chamando pelo nome da filha.

— Pai?! — Beatriz exclamou ao se virar, arregalando tanto os olhos que eles quase saíram de órbita.

Mas não era uma miragem. Embora fosse a última coisa que Beatriz desejasse, lá estava Cláudio, materializado na entrada da sala. Não era sua imaginação.

— Olá, querida. Atrapalho?

— Não, mas... O que o senhor faz aqui? — Beatriz sentiu as mãos gelarem e as pernas tremerem, tudo de uma vez só.

— Ora, eu passei pra ver a minha filha. Não posso?

— Hã, claro que pode, mas...

Esse não é o momento, muito menos o lugar... Deus, que ele não pergunte...

— Filha, desculpe. — Cláudio pousou sua maleta em cima da mesa, onde estava a bolsa de Beatriz, e ela o encarou surpresa com sua aproximação. — Eu sei que fui...rude com você por não te ouvir no outro dia, e quero muito conversar. Sei que está ensinando nesse programa porque gosta, e é parte do motivo para eu ter vindo aqui. E, bem, só vou tomar alguns minutos... Enfim... onde ele está?

— E-le? Ele quem? — Beatriz engasgou.

— Ué, o garoto para quem você está dando aulas, mocinha. Onde ele está? — Cláudio repetiu, olhando para os lados.

Por um segundo, Beatriz sentiu como se tivesse perdido o chão sob seus pés. Não queria que o pai tivesse feito essa

pergunta, por Deus! Ela não esperava sua vinda, nem toda aquela situação embaraçosa pelo qual ele foi motivado a vir, muito menos ter que contar que ficou um tempo que ficou na biblioteca sozinha nas quintas-feiras. Mas *por quê?* Por que ele dissera aquelas palavras justo naquele momento, e não esperara para conversarem em casa? O mundo pareceu girar de cabeça para baixo para Beatriz.

Cláudio examinou a biblioteca com olhos de falcão, já percebendo o embaraço dela. Na mesa, só havia a mochila da filha, completamente fechada. Ele a encarou e não soube decifrar sua expressão, mas tinha certeza de que não passava nenhuma tranquilidade. Beatriz, por sua vez, sabia que ele não acreditaria se dissesse que Mateus estava no banheiro. Cláudio conhecia muito bem quando ela estava mentindo (e era bem capaz de ir procurá-lo ou esperar por Mateus caso ela usasse essa desculpa).

— E então, Beatriz, cadê o seu aluno? — Cláudio questionou impaciente.

— O Mateus... Não veio hoje.

— O quê?

— Eu disse que ele não veio hoje — Beatriz repetiu, embora tivesse a certeza de que seu pai a ouviu perfeitamente da primeira vez.

— Mas, como assim, *não veio*? Então você está aqui sozinha esperando todo esse tempo? Por que não me ligou para eu te buscar? Ou para a sua mãe? E por que ele nem te avisou? Que tipo de pessoa é essa que você está educando?!

— Não, pai, não é bem assim! Eu sabia que ele não vinha...

— Então, o que está fazendo aqui?

— É que...

Sua voz morreu. O único alívio da garota era que o bibliotecário não estava presente, mas seu empecilho não seria anulado. Cláudio iria querer respostas que ela não poderia dar.

— Beatriz — ele disse, cruzando os braços —, eu ouvi muito bem você falar para sua mãe hoje que não poderia se atrasar para a aula. O que está acontecendo?

A garota suspirou, odiando a falta de sorte e sem fazer a mínima ideia de por onde começar ou o que dizer que pudesse ser suficiente para acalmar o pai. A julgar pelo seu rosto, não havia muitas chances a seu favor. Ela não sabia como explicar (como contaria a verdade, se implicava o fato de Mateus não comparecer a *nenhuma* aula nas quintas?), e não devia nem pensar em mentir... O que faria agora?

— Pai — Beatriz inspirou fundo —, eu posso explicar

Foi a única coisa que conseguiu dizer, mas quando os olhos acusadores de Cláudio a encararam, Beatriz perdeu toda a coragem e argumentos que pensava que poderia extrair da mente.

— Vamos, fale. Por que você está aqui?

— Bem, é que...

— O quê, Beatriz?

Vamos, tente, Beatriz! – ela reprimia a si mesma por dentro.

— Hum... Bem, eu...

Mas ela estava nervosa demais e acabou se apoiando em uma estante sem nem perceber.

— Já chega.

Cláudio pegou sua maleta de volta.

— Não, espera, pai, eu...

— Chega, Beatriz! — Cláudio afirmou, furioso. — Eu não acredito que vim até aqui só para me desculpar com você e descubro que está sozinha, ainda mais que está mentindo... Ah, você não sabe o quanto estou chateado.

Beatriz abaixou a cabeça para ouvir o sermão do pai, sabia que seria longo e demorado. Mais complicado ainda seria convencê-lo de que ela tinha uma boa explicação para tudo aquilo, que na verdade não tinha.

Justo hoje que você não vinha... — pensou, reprimindo-se pela circunstância embaraçosa. Se aquilo estivesse acontecendo na terça, Mateus estaria presente e Cláudio não teria descoberto sobre as quintas solitárias da garota, apesar de que a ideia de Mateus conhecendo o pai não fosse das melhores para ela. Ainda assim, teria sido muito mais agradável do que aquilo. Da decepção e ira justa de seu pai por ela ter escondido aquela situação dele.

O pior, no entanto, veio depois. Cláudio não deixou que Beatriz falasse em nenhum momento durante todo o caminho de volta para casa. Ele também se calou e permaneceu extremamente irritado, com uma expressão de completo desgosto na face. Quando chegaram em casa Cláudio foi direto para o quarto, e Beatriz ficou sem saber o que fazer por um momento; se tomava banho ou contava o que acontecera a sua mãe, que estava na cozinha.

— Chegou mais cedo, filha? O que aconteceu? — Cristina perguntou assim que a viu parada na sala, então Beatriz decidiu e contou tudo, despejando toda angústia que sentia.

Falou sobre a chegada inesperada do pai, a ausência de Mateus e o completo desastre de sua vida que se seguiria após isso. Ela deixou de lado algumas partes, mas, o que falou era ruim o

suficiente para imaginar o que estava por vir. Cristina a abraçou e a consolou da melhor forma possível, como as mães costumam fazer. Mas Beatriz sabia que ainda não ficaria tudo bem... De qualquer modo, subiu para o quarto logo em seguida, a fim de se trocar e apagar aquela sua aparência de destruição, que certamente seria retomada mais tarde.

O jantar, como Beatriz suspeitava, não seria nem um pouco encantador.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

— Não quero mais você ensinando a esse moleque em hipótese alguma, Beatriz — Cláudio declarou assim que todos se sentaram à mesa.

Cristina olhava, preocupada, para a filha, que tentava controlar os sentimentos. Havia uma espécie de nó em sua garganta que ela tentava em vão engolir.

— Mas, pai...

— Nada de mais, Beatriz! Eu já fiquei sabendo de tudo. De como você vai sozinha toda quinta-feira enquanto esse garoto tem o desleixo de não comparecer. E vai ficar mais encrencada ainda se disser que isso já tinha sido combinado com ele antes.

— Do que está falando, Cláudio? — Cristina perguntou, surpresa com a parte em que o marido mencionara sobre Beatriz ficar sozinha.

— Ah, que bom saber que você não era cúmplice disso. Pelo menos eu não fui o único enganado.

— Pai. — Beatriz se controlou muito para que sua voz não tremesse. — Deixa eu te explicar...

— Quais outras mentiras eu irei descobrir?

Beatriz sentiu o coração parar e todos os seus sentidos ficaram turvos. Aquilo foi uma gota d'água. O maior problema não era o pai saber sobre as quintas, mas a forma como ficou aciente, porque a pegou no flagra. Ela nunca fora de guardar segredos, muito menos fazer nada escondido. Mas como era de se esperar, Cláudio ligou para o coordenador em pessoa após chegarem da escola e conseguiu falar com um outro funcionário (provavelmente o bibliotecário, Beatriz supôs depois), e este passou várias informações indesejadas sobre sua rotina.

Se ela tivesse contado antes... Talvez, quem sabe, não teria perdido sua credibilidade. Como recuperar a confiança do pai agora, se Beatriz nem tinha de si própria?

— Querido, deixe ela falar. Deve haver alguma coisa que não sabemos — Cristina ponderou.

— Tudo bem, Beatriz, explique. — Cláudio deixou os talheres na mesa, se concentrando na garota, que parecia um fantasma de tão pálida.

Não, não estava nada bem, Beatriz sabia perfeitamente disso. Seu pai não costumava voltar atrás com sua palavra e, diante daquilo, era mais que compreensível. Ele não iria entender no final mesmo que a escutasse.

— E então, filha, o que você tem a dizer? — Cristina perguntou, num tom mais gentil, embora também estivesse apreensiva sobre o assunto.

Beatriz se viu perdida. Tudo que ela conseguiu pensar foi em apelar, mas sabia que seria inútil. Porém, algo surgiu na sua mente

subitamente, como um ponto brilhante numa noite escura e era a única coisa que tinha.

— Não é culpa dele, pai! Ele não tem culpa de faltar às quintas, não faz isso de propósito. É que tem que cuidar da avó dele nesse dia, e eu só...

— Como é que é?

— É verdade, pai. — Beatriz respirou fundo, tentando convencer a si mesma ao mesmo tempo.

Mas era mesmo a realidade. Beatriz havia se lembrado do que Rodrigues lhe dissera sobre Mateus, sobre sua avó, não tinha como ser falso. E também não conseguiu pensar em nada mais que pudesse falar além disso.

— Você por um acaso está escondendo alguma coisa, mocinha? Pode nos contar agora...

— Não, mãe. Sério. Pode perguntar pra meu professor se quiser. Eu só não contei antes por que... Bom, preferir passar esse tempo estudando lá, para o vestibular, lembra? — Beatriz afirmou, mas o que queria dizer sinceramente era que eles não entenderiam.

E ela estava certa sobre isso.

— Ainda não vejo razão para isso continuar. É o cúmulo roubarem seu tempo para nada — Cláudio disse, num tom um pouco menos alterado que o anterior.

Não valia de nada ele ter acreditado em Beatriz ou não, se já tivesse decidido por acabar com as aulas de uma vez por todas. E, como Cláudio expôs mais cedo, ela havia *mentido*. Aquilo ele não permitiria. Ainda assim...

— Mas eu já disse que não é perda de tempo — Beatriz insistiu. — Eu estou estudando para as provas enquanto você e a

mamãe trabalham. Não ia adiantar nada se eu ficasse em casa. Seria a mesma coisa porque vocês sempre estão ocupados e toda a companhia que eu tenho é quando nos sentamos pra comer, então não achei que seria problema passar um tempo lá se aqui me sinto mais estagnada ainda.

Cláudio a olhou ceticamente e, por um momento, Beatriz achou que estivesse perdida para sempre. Ela quase não acreditou que dissesse aquelas palavras, mas não iria mais aguentar aquele peso na garganta. Cristina a olhava espantada, até que Cláudio, enfim, retomou a fala.

— Quero falar com o professor de vocês.

Beatriz não sabia no que aquilo resultaria, mas acenou positivamente com a cabeça, sem perder tempo.

— Eu te passo o telefone, pra que possa ligar do escritório.

— Eu irei falar pessoalmente com ele. E também quero conhecer esse garoto.

— Mateus? — Beatriz quase saltou da cadeira. — Mas por que...

— Isso mesmo que ouviu.

— Mas, pai, não é necessário...

Seu olhar frio a cortou imediatamente.

— Claro que é! Quero saber exatamente quem ele é. E o que você anda fazendo nesse projeto, já que é tão essencial assim.

Um silêncio aterrador surgiu. Cristina começou a comer novamente, ainda impressionada com os acontecimentos. Ela falaria com Cláudio e Beatriz em outro momento, mas por enquanto, estava quase tão decepcionada quanto o marido, e deixou que ele decidisse o que fazer.

— Pois bem. Avise isso a ele, *quando o encontrar* — Cláudio finalizou, sarcástico.

Beatriz suspirou.

— Nosso intervalo dura somente alguns minutos e...

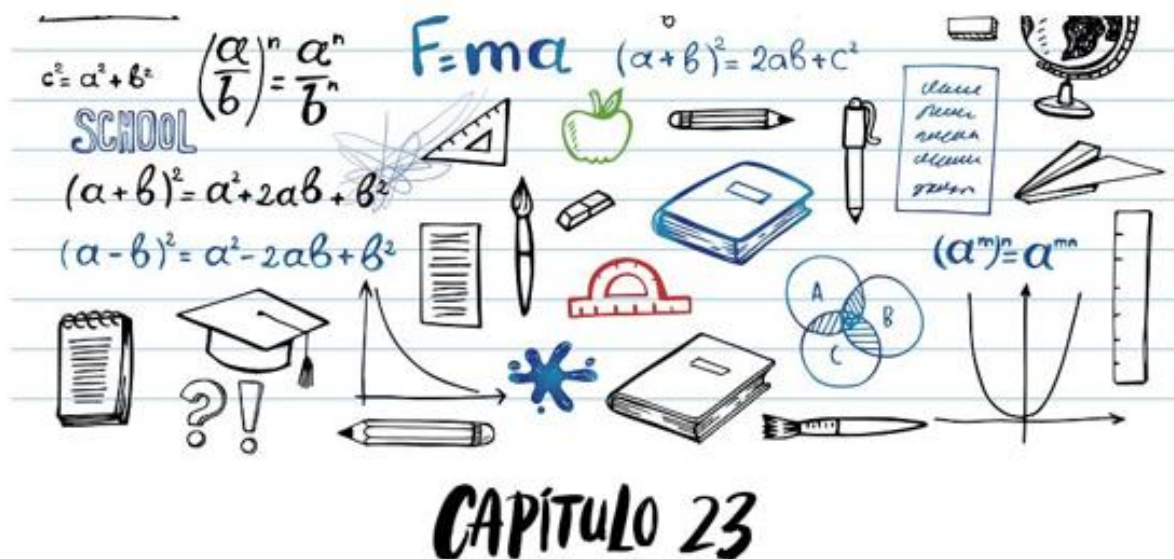
— Eu sei, e não estou me referindo a isso. Não quero mais conhecê-lo na escola, não seria proveitoso. Quero conhecê-lo em um lugar onde podemos conversar e você vai me ajudar nisso.

— Mas o que...

— E chega de “mas”, Beatriz. Essa semana estou atarefado com algo muito importante e não quero me encher de problemas, mas daremos um jeito de resolver tudo depois. Ah, e eu não quero mais nenhuma surpresa. Você me entendeu bem?

A única coisa que Beatriz podia fazer era balançar a cabeça concordando, e foi o que ela fez com tristeza.

Naquela noite, não teve nenhum sonho. Mas ficou repassando o pesadelo daquele dia por horas antes que finalmente dormisse.



Desde que f or adescoberta pelo pai, Beatriz não pensava em outra coisa a não ser na f orma como explicaria aquilo para Mateus. E isso seria outra missão impossível.

É claro que Letícia compreendeu, compadecendo-se da amiga, mas era bem provável que o garoto achasse bobagem. Como f azê-lo entender que Cláudio estava f urioso porque Beatriz não havia f aado sobre o dia de quinta, e que não o fizera unicamente porque o pai desistiria de concordar que a filha participasse do projeto? Mas f oi justamente o que aconteceu.

A monitoria era muito importante para Beatriz, bem antes de conhecer quem seria seu aluno. Era certo af irmar que ela se modif icou após isso, só que de um modo que impressionantemente f ez esse interesse aumentar. Beatriz não queria jogar tudo f ora agora que estavam tão perto de concluir... Mas, embora temesse, precisava achar um jeito de f alar com Mateus. E mesmo que conversar com ele f osse mais f ácil do que antes, quando se mantinha totalmente f ora de alcance, ainda era intimidador

Beatriz reconhecia que, após as aulas nos contraturnos, passou a ver Mateus mais vezes pelos corredores da escola e, por incrível que pareça, não queria mais estrangulá-lo em nome da Matemática. Ele pareceu estar se esforçando e cumprindo com suas obrigações, e até o professor Rodrigues informou que ele teve progresso. Mas ela queria fazer mais.

A verdade era que, desde que descobriu sobre a situação familiar de Mateus, ficou interessada em ajudar além de dar aulas, mas essa situação com o pai estragara tudo. Não sabia como iria abordá-lo, ainda mais conhecendo melhor sua vida. Como impedir que Cláudio tocasse naquele assunto delicado, para conferir se a filha estava falando a verdade?

Era constrangedor para ambas as partes. Não que Beatriz sentisse pena dele. No início, não entendia como Mateus poderia estar numa situação acadêmica tão crítica, mas após as afirmações de Rodrigues, foi como se tivesse desvendado um enigma e estava em parte aliviada. Beatriz não passava por esse tipo de problema. Seus pais eram unidos, seus avós estavam vivos e desfrutavam de uma aposentadoria tranquila e saudável. Já Mateus... Ultimamente, ele não saía de seus pensamentos.

Beatriz balançou a cabeça, tentando tirar aquilo da mente. Estava se preocupando à toa, afinal, Mateus vivia sorrindo pelos corredores. Precisava se concentrar em resolver a pendência com o pai, era esse o verdadeiro desafio. Mas não tinha visto ele ainda pela escola e, embora achasse que Mateus não estaria pior do que ela, essa sua certeza acabou quando Maurício, colega de Mateus, veio lhe procurar durante o intervalo.

— Aqui. — Ele lhe entregou um trabalho que pertencia a Mateus. — Você pode ficar pra entregar pra ele, né? Acho que você o vê antes de mim.

— E por que acha isso? — Beatriz perguntou, receosa pela resposta.

— Mateus me falou ontem que não sabia quando viria na semana. Parece que a avó dele piorou e ele tem que ficar em casa pra cuidar dela. A mãe dele trabalha durante o dia, então só pode estar em casa de certeza à noite. Mas não é você que dá as aulas particulares pra ele?

— Sim, sou eu. Pode deixar, eu entrego— Beatriz afirmou, sorrindo.

— Valeu. — Maurício foi embora e Beatriz observou as folhas que segurava firmemente nas mãos.

Na capa, a nota 7,3 estava estampada na cor vermelha, típica de Rodrigues, junto com um comentário do professor que dizia: “Muito bem, estou gostando do seu esforço, continue assim”.

Beatriz ficou orgulhosa por Mateus, mas triste pela avó dele também. Porém, ela pensou em como iria vê-lo. Talvez fosse maluquice, mas já sabia o que fazer

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Beatriz resolvera que entregaria o trabalho pessoalmente na própria casa de Mateus. Como era uma quinta-feira (data marcada para que estudassem durante a semana, mas que Mateus não aparecia e que ela também estava “livre”, já que seu pai já descobrira isso – ainda aborrecido, inclusive), Beatriz achou uma boa ideia ir para a casa dele. Além de fazer a entrega, pretendia se

of erecer para que estudassem lá mesmo, ou qualquer outra ajuda que precisasse.

Tinha um maior conhecimento da situação, desconfiava que Mateus cuidava da avó não apenas nesse dia especialmente, e que não podia sair de casa justamente por cuidar dela, então revisar a matéria talvez fosse uma forma de distrair dos problemas... Em seu interior, Beatriz estava curiosa para conhecer a casa dele. Talvez até ansiosa para vê-lo, também. Ela passou a noite lendo seu trabalho, observando suas respostas, rindo com os cálculos errados e sorrindo sem querer nos que ele acertara. A grande maioria, daquela vez.

Depois de disputar com a mãe e ter conseguido (por ora) vencer, Beatriz saiu à tarde com a permissão de Cristina para a casa de Mateus, sob o pretexto do projeto. Ela conseguiu o endereço através do professor Rodrigues, que por sua vez, perguntou à secretária da escola. A garota não sabia se ficaria muito tempo – caso Mateus aceitasse estudarem juntos, já que tinha a oportunidade, mas estava ansiosa mesmo assim.

Após achar a rua certa e se encaminhar para a casa de número 213, uma pequena casinha verde, mas que parecia ser aconchegante, o coração de Beatriz parecia prestes a sair pela boca. Ela bateu palmas duas vezes, já que não tinha campainha.

— Tem alguém em casa? — Beatriz chamou, um pouco mais alto.

Nenhuma resposta. Quando pensou em desistir, a porta da casa vizinha abriu e uma mulher saiu de lá, ainda com um pano de prato nas mãos.

— Está procurando quem, menina? — ela perguntou, franzindo a testa. — Não tem ninguém em casa.

— Não?

— A senhora foi com a filha no Centro, fazer uma consulta, eu acho. Elas saíram hoje de manhã, e não sei se vão voltar tão cedo. Era urgente?

— Mas... E o Mateus? Ele também foi...

— Mateus? Deve estar no campo de futebol. Já procurei ele por lá?

Mateus, jogando? Beatriz a encarou, surpresa.

— Na verdade, não procurei. Mas sabe quando ele volta?

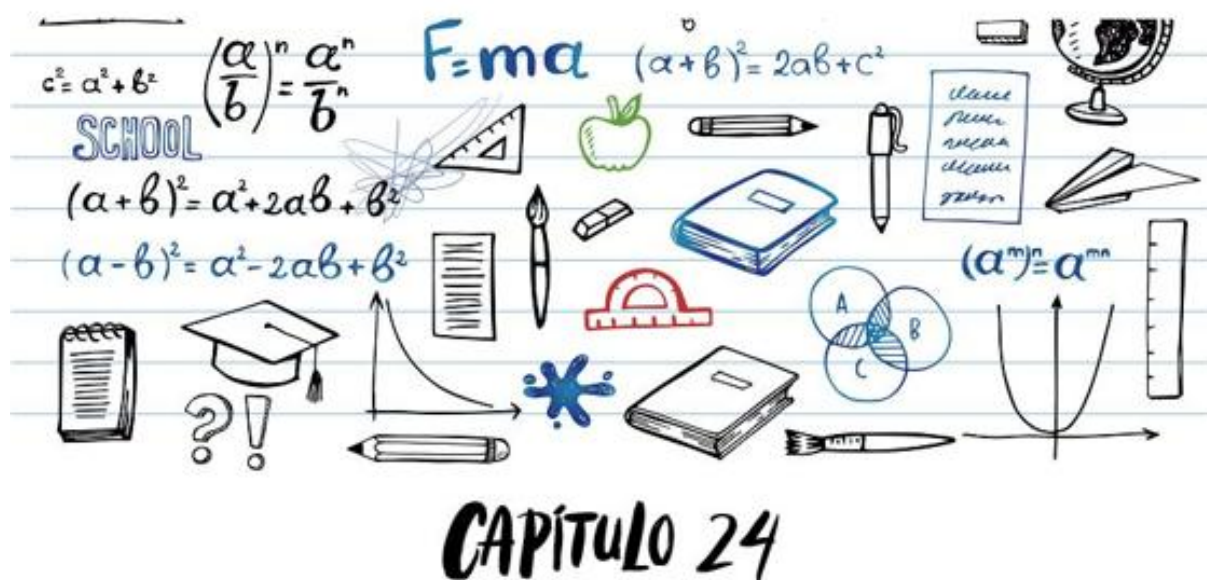
— Do campo? Ih, lá pelas cinco da tarde... Ele sempre demora nos jogos. Toda quinta-feira é assim.

— Desculpe, a senhora disse *toda* quinta-feira?

— Sim, toda quinta ele sai para jogar. Por quê? Não sabia?

— Não é nada. — Beatriz engoliu em seco.

Após sentir todo seu ser interior fervilhar, ela sorriu e se despediu, tentando não parecer rude com um “não precisa dizer que eu vim aqui, eu resolvo na escola”. Pediu desculpas por qualquer incômodo e saiu para a rua, sem destino. A mochila em seus ombros parecia estranhamente mais pesada, embora ela soubesse que o peso maior estava sendo carregado dentro de si mesma. Tudo o que Beatriz queria no momento era gritar de raiva, mas para seu desagrado, apenas lágrimas se formaram.



CAPÍTULO 24

Cláudio permanecia bravo, mas o trabalho o prendeu na última semana e ele se distanciou de Beatriz temporariamente, para consolo da garota. Porém, ainda a proibiu de dar aula e embora isso f erisse um pouco o seu ego, ela não f ez nenhuma objeção. Cristina, por sua vez, estava preocupada com a f ilha, tentava se aproximar e entender o que acontecia, mas Beatriz se isolou completamente. Nem mesmo Letícia escapou de seu mau humor; mesmo que só quisesse ajudar, suas palavras de confort também não adiantavam nada. Nem mesmo os livros de álgebra estavam surtindo efeito.

Beatriz continuava triste e rancorosa, desde aquele dia em que descreditou de Mateus por completo, e achou que sua mágoa f osse tão grande quanto um balão que estava prestes a explodir

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤️}$$

O balão enfim estourou pouco mais de uma semana depois.

— Então é assim, né? — Beatriz acusou, pondo as mãos na cintura e batendo o pé no chão.

Mateus estava encostado na parede a sua frente, sem entender absolutamente nada daquilo. Ela o havia arrastado até ali naquela manhã de segunda, na hora do intervalo, e não havia dito uma palavra até então. Seus olhos brilhavam de raiva e o pior de tudo é que Mateus não fazia ideia do porquê.

— Posso saber o que significa isso? — ele perguntou, estranhando sua postura.

Beatriz respirou fundo, tentando controlar a situação. Ela pegou o trabalho amassado de Mateus no bolso da calça e estendeu a ele.

— Isso pertence a você.

— Ah, meu trabalho. Obrigado, achei que tinha *engolido*. Maurício me falou que tinha entregado pra você na semana passada...

— Claro, então eu sou a errada agora. Que cínico...

— Do que me chamou? — Mateus indagou. — Olha, não sei por que está tão brava, se foi você que faltou na terça-feira passada. Eu fiquei esperando e você nem me avisou que não viria. Eu tenho coisas pra resolver em casa, podia ter dito...

— Ah, então agora você é responsável? Seu mentiroso! — Beatriz explodiu, sem conseguir segurar. — Não me diga que precisa cuidar da sua avó, é isso? Eu espero que sim, porque nas quintas, pelo menos, você não está nem aí!

— Como assim?

Os olhos de Mateus se estreitaram, confusos. Ele estava começando a ficar irritado e impaciente também, com aquela furção que era Beatriz ali na sua frente. Nunca vira a menina tão indignada quanto aquele dia, e não fazia a menor ideia do motivo.

Por que ela o estava acusando? O que ele tinha feito? E, mais importante: por que mencionara sua avó?

Quase como se tivesse lido seus pensamentos, Beatriz balançou a cabeça de repente e finalmente falou:

— Você nem fica com ela! — exclamou, como se cuspsse uma verdade entalada na garganta. — A única coisa que você vai fazer na quinta-feira é jogar futebol, não é? Seus amigos devem ser mesmo muito mais importantes do que cumprir com suas obrigações... E eu fiz papel de boba só pra te ajudar! Se não queria ser ensinado, era só ter dito antes! Ah, claro, você nunca quis mesmo... Tudo bem, eu sei disso.

Beatriz já sentia as lágrimas rolares pelo rosto, sem conseguir evitar. *Que droga.* Não ali, não com tantas pessoas olhando. Por um instante ela havia se esquecido completamente onde estava, Mateus era tudo o que preenchia seu campo de visão; mas agora ele estava borrado, e ela também não queria mais vê-lo.

— Do que você está falando? — Mateus perguntou devagar, sem conseguir acreditar no que acabara de ouvir. — Ei, me fala... Como sabe sobre o jogo? — Mateus segurou seus ombros, chacoalhando a garota de leve, que parecia estar delirando, numa tentativa de que voltasse a atenção de volta para si.

— Não interessa, agora me solte. *Me solte!* — Beatriz exigiu.

Mateus obedeceu, ainda encarando-a, esperando por uma explicação. Qualquer outra coisa que ela dissesse que não fossem palavras grosseiras ou murmúrios provocados pelas lágrimas. E Beatriz ainda tinha muita coisa para falar..

Queria dizer o quanto se sentiu idiota por ter ido na casa dele. Que Mateus poderia ter esclarecido desde o início sobre não

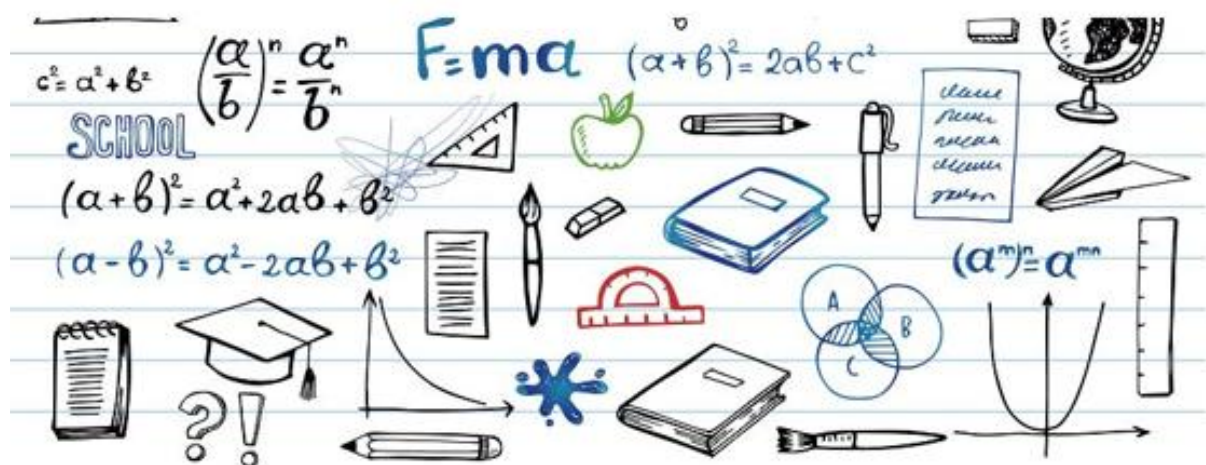
querer ter aula na quinta-feira e pronto. O que, de fato, aconteceu, mas que o devido motivo não havia sido dito, o que também provocou toda aquela confusão com Cláudio (além da confusão de todos os sentimentos de Beatriz, que pareciam jogá-la contra a parede e partir seu coração em pedacinhos). Na verdade, Beatriz queria que Mateus tivesse contado sobre o jogo ou que o professor Rodrigues mesmo a avisasse, que fosse, só não queria ter sentido a decepção de ir lá e descoberto por conta própria.

Queria dizer tudo isso a Mateus. E que, na verdade, não tinha intenção de gritar como fizera segundos atrás; que havia planejado conversar com ele no contraturno, na terça, mas que seu pai não a deixou sair na semana passada, e que por isso mesmo ela o evitara durante as manhãs seguintes na escola, por não saber como explicar. Muito embora ela própria quisesse ouvir da boca dele todas as explicações plausíveis que não conseguira formular sozinha, mas que sempre que o avistava ele parecia distante, risonho e despreocupado demais, sem nenhuma intenção de vir até ela.

Queria contar que ficara realmente feliz com sua nota e elogiaria o trabalho dele, apesar de tudo. Raios, queria entender por que ficara tão zangada! O porquê de ter elevado a voz acima do comum, se tivera todas aquelas reflexões internamente, jurando a si mesma que iria conseguir, mas que bastou encará-lo para perder o controle.

Essa nem era a soma total do que queria falar. Mas, olhando para Mateus naquele momento, com os olhos borrados pelas lágrimas, tudo que conseguiu foi soluçar. Então, Beatriz saiu correndo, para longe dele e de todos a sua volta, sem conseguir dizer que estava gostando dele também, embora seu cérebro

tentasse convencer seu coração do contrário. Porque, segundo ela afirmava para si mesma, isso só poderia ser loucura.



CAPÍTULO 25

Ser convidada para o projeto elaborado pela escola fez Beatriz se sentir extremamente importante e feliz consigo mesma, porque, desde que se lembrava, a matemática tinha sido uma das razões pelas quais ela existia e se mantinha de pé.

A história de amor de Beatriz pela matemática não surgiu de uma hora para outra; como quase qualquer coisa que se ama na vida, foi um processo de construção que se desenvolveu ao longo do tempo e que permaneceu apesar dos anos. E essa história iniciou desde que teve acesso ao mundo matemático ainda na infância, através de atividades e brincadeiras.

Beatriz se fascinava pelos números e suas teorias complexas, de uma maneira crescente e inexplicável. Enquanto seus amigos preferiam brincar de pega-pega, caça-palavras ou colorir desenhos, por exemplo, ela escolhia jogos como “amarelinha” e “sudoku”. Essas características logo foram percebidas por seus familiares quando a mistura de curiosidade e talento fez com que a menina

sempre se destacasse dos colegas de classe, desde que começara a deixar de usar f raudas e ir para a escola.

Seus olhos castanhos amendoados serviam perfeitamente tanto para fixar a atenção nas atividades tidas como chatas pela maioria dos alunos, como para revirá-los para aqueles que diziam isso. Para Beatriz, era bobagem achar matemática difícil, se não prestara o mínimo de esforço para compreendê-la.

— Você é uma menina muito esquisita — Luana Barros disse uma vez, quando estavam na terceira série do ensino fundamental, após ver os rabiscos e desenhos geométricos que Beatriz tinha feito. — Não vou brincar com você.

Ela bateu nos resumos de Beatriz, fazendo seu caderno cair no chão. O resultado foi que Beatriz acabou chorando naquele dia (pelo comentário de sua colega e pela advertência que a diretora lhe deu por ter puxado o cabelo de Luana). Foi a primeira e última vez que se envolveu em algo assim.

Beatriz passou então a dedicar seu tempo aos estudos e com pessoas que, na sua opinião, valessem a pena (de preferência que estudassem tanto quanto ela), e acumulou assim premiações e intrigas ao longo dos anos. E é claro que no ensino médio não seria exceção.

A oportunidade que Beatriz tivera no início do semestre conseguiu trazer alegria e satisfação, porque não havia ofício melhor para ela. Então, sentiu toda aquela felicidade e esforço de vários dias desmoronar como um castelo de cartas, ruindo com um balançar leve do vento. Beatriz não tinha culpa, mas e Mateus? Ela não podia culpá-lo totalmente porque, afinal, se decepcionara com

algo além do que estavam comprometidos, que eram as aulas de reforço, e o seu pai era uma história a parte.

Além disso, a situação pessoal dos dois não envolvia a matemática diretamente, embora Beatriz continuasse chateada com ele e culpasse seu péssimo desempenho na disciplina. Àquela altura, ela sabia que era só mais uma desculpa. A verdade é que não parava de pensar na discussão que tivera com ele na véspera e isso a enchia de incertezas, também.

Afinal, por que ficou tão irritada? Por que não conseguiu simplesmente falar o que havia planejado? E por que não segurou as lágrimas? E, por Deus, por que ele não dissera nada? Se soubesse o número de telefone de Mateus, Beatriz mandaria inúmeras mensagens para ele, cobrando desculpas e perguntando sobre aquilo.

Ela sorriu, desenganada consigo mesma. É claro que não foi afetada disso, mesmo com toda raiva e dúvida que sentia. Ainda assim, ela realmente precisava saber. Queria ter tido coragem de encará-lo firmemente naquela manhã e esperar que ele explicasse ou contasse o que se passava em sua vida. Lembrou de não ter força para olhar em seus olhos escuros.

A única coisa clara para Beatriz era o fato de não ter a menor ideia do que aconteceria com as aulas de reforço, já que o período letivo também estava acabando. Ela só queria não sentir o que estava sentindo...

Letícia não conseguiu ajudá-la quando a encontrou chorando, escondida no banheiro feminino, nem depois que Beatriz chegou em casa e se acalmou. Mesmo que as lágrimas tivessem cessado por hora, ainda parecia haver rios delas do lado de dentro. Beatriz não

queria falar sobre o que tinha acontecido, nem mesmo lembrar. Evitou ao máximo a mãe para que não ficasse sabendo através de seus olhos e foi por isso que permaneceu um bom tempo no quarto.

Quando Cristina avisou que o almoço estava pronto, Beatriz não quis descer. Ela permaneceu enrolada sobre a cama, sem disposição alguma para comer ou fazer qualquer coisa. Não queria encarar os pais que, obviamente, não sabiam de coisa alguma. Nem se sentia capaz de olhar para seu prato e comer como se nada estivesse acontecendo. Beatriz só queria ficar sozinha, tentando negar uma realidade incontestável.

Seu coração havia realmente se partido e não havia nenhuma fórmula explicando como consertá-lo.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Para Mateus, não havia música. Não havia praticamente som algum, exceto o da própria respiração. Ele podia ouvir sua inspiração e expiração em meio ao silêncio do quarto escuro. E também podia ouvir as acusações de Beatriz, repercutindo dentro de sua mente, claras como se tivessem ocorrido apenas num segundo antes.

Mateus nunca se sentiu tão frustrado. Pior do que só ficar sabendo sobre a ida de Beatriz até sua casa dias depois do acontecido, foi vê-la daquele jeito furiosa e abalada ao mesmo tempo. Como aquilo era possível? Como alguém tão durona e tão inteligente poderia ter ficado tão irritada e forade si e – o que mais intrigava Mateus – como ela pôde chorar daquele jeito?

Essa foi a parte mais desconfortável daquele dia. Vê-la chorar. Não que Mateus tivesse entendido exatamente o porquê (era

óbvia a irritação de Beatriz), mas, de alguma forma, essa chateação toda foi ocasionada por ele e Mateus detestava pensar nisso.

Deitado em sua cama, com o pescoço tipicamente apoiado na beirada, ele olhava para o teto em busca de qualquer coisa. Mateus não sabia o que faria, nem mesmo se existia alguma coisa que pudesse fazer. O que poderia dizer? Não sabia como reagir, e Beatriz o bombardeou com queixas. Mateus tinha uma ideia prévia de que as mulheres eram sensíveis de maneira geral e não via nenhum problema nisso. Só que nunca tivera que lidar pessoalmente com algo assim. Não se considerava um *amigo* de Beatriz, mas, para falar a verdade, também não conseguia identificar uma categoria para os dois.

Era verdade que Mateus passou a vê-la de maneira diferente, mas ainda assim não conseguia compreendê-la, era muito pior do que a álgebra. Se as garotas eram *complicadas*, Beatriz era triplamente complexa cujo resultado ainda podia ser multiplicado por dez. E era muito irritante e confuso para ele ter que decifrar o aquele enigma, logo quando as aulas transcorriam melhor e o semestre chegava ao fim. Lembrar-se disso, fez Mateus se perguntar se Beatriz sairia do projeto e as aulas estariam finalmente acabadas. Mesmo que fosse acontecer em breve, imaginar os encontros terminando de maneira brusca o deixou entristecido.

No fundo, Mateus gostava das aulas. Não no início. Além de chato e cansativo, era muito ruim ter que encarar Beatriz no contraturno. No entanto, então ele percebeu que ela era mais sensível e extrovertida do que deixava transparecer e realmente não sabia como fazer novas amizades. O jeito como Beatriz tentou parecer natural ou amigável era forçado demais, quase como se

estivesse sendo obrigada a fazer algo que não fora ensinada a fazer Mateus percebeu. Beatriz não era exatamente o que se supõe por estranha, mas sem dúvida, eraorado comum. Pelo menos, foi o que Mateus achava. Naquele instante, não tinha mais certeza de nada.

Só que, embora não tivesse gostado de tê-la visto tão triste, queria explicações próprias. Se havia algum jeito de mudar o passado, ele voltaria no tempo e impediria que ela o questionasse daquela forma Mas como? Beatriz descobrira sobre o jogo, o que não era de todo ruim. E justamente essa dúvida martelava em sua cabeça... *Qual era o verdadeiro problema?* Ela citara sobre como ele era irresponsável... mas no que será que estava pensando? Analisar tudo isso estava deixando Mateus tonto.

Ele cobriu o rosto com as mãos, cansado e atordoado demais para pensar em mais alguma coisa. Do outro lado do cômodo, pôde ouvir a avó tossir duas vezes. Uma pausa e mais tossidos. Mateus abriu os olhos, sentando-se em sua cama para se concentrar. Então outra sequência deu início e ele saltou em direção à sala.

— Vó! A senhora tá bem?

Lucíola estava sentada numa cadeira de madeira, perto da porta.

— Sim, meu querido. Foi só... uma poeirinha trazida pelo vento, eu acho.

Imediatamente, Mateus correu para a cozinha e voltou segundos depois, trazendo um copo d'água. Esperou Lucíola beber todo o conteúdo e ficou ainda algum tempo observando a avó.

Cí nico Então agora você é responsável?

— Mateus?! O que foi? — Lucíola chamou sua atenção. — Eu estou bem... Não precisa se preocupar.

Mentiroso.

As palavras brotavam na mente de Mateus, assim como a imagem de Beatriz zangada em sua frente.

— Ei, tem alguma coisa errada? Não fique me encarando como se eu fosse cair dura no chão! — Lucíola o chamou outra vez, despertando-o do transe.

— Desculpe! — Mateus exclamou, triste. — Sinto muito mesmo, vó, eu... vou pro meu quarto. Se precisar de alguma coisa ou se sentir mal, não hesite em gritar.

Ele deixou o copo vazio na cozinha antes de voltar para seu recanto particular, ainda pensando em tudo o que acontecera. Mateus não entendia sobre o porquê da escolha de palavras que Beatriz tinha usado, mas também não queria que se tornassem realidade.



CAPÍTULO 26

Mateus não a procurou na escola nos dias seguintes. Talvez ele nem tivesse ido na maioria deles, mas Beatriz não queria criar expectativas, não depois de ter se decepcionado tanto, como na ida à sua casa.

Letícia tentava melhorar o ânimo da amiga, sem sucesso. Ela foi orçada para dormir na casa dos Pereira no sábado e levou até os salgadinhos preferidos de Beatriz. Porém, mesmo que a garota quisesse negar ou se distrair, todos os seus pensamentos se voltavam para Mateus e para a briga que tivera com ele.

— Bia, não fique assim — Letícia declarou, mais uma vez. — Olha, vai ficar tudo bem. Você só estava irritada e desabafou. Não é como se tivesse ameaçado ele nem nada. Mateus nem deve estar ligando uma hora dessas...

Mas Beatriz estava, e ela não queria admitir o quanto doía, apesar de ser fácil perceber pelos olhos dela.

— Você não entende... Nem eu entendo. Eu só... não queria que isso tivesse acontecido.

Seus olhos já estavam um pouco inchados, o que só piorava a situação com seus pais, especialmente Cláudio. Ele ainda queria resolver as coisas com ela, como a razão para sua tristeza, mas o limite do assunto *Mateus* já havia se esgotado na mente da garota, e ela se esquivou de todas as maneiras possíveis. Cristina tentou se aproximar de um modo mais doce, tentando saber por que a filha estava “se matando” demais com os estudos, mas Beatriz também não conseguiu contar a verdade. Não toda, apenas disse que algumas coisas estavam sendo complicadas e que esperava que tudo acabasse em breve.

Mas isso não resolvia sua expressão tristonha e monótona. Conseguir falar com Letícia sobre o assunto de maneira mais aberta já era um grande avanço para Beatriz.

Ela afundou a cabeça no travesseiro e Letícia começou a alisar seus cabelos. As duas estavam no quarto de Beatriz porque ela pediu para a amiga dormir lá naquela noite. Era sempre assim quando uma delas estava mal. Bastava fazer companhia, assistir a um filme ou simplesmente comer pipoca que resolvia quase toda dificuldade. Bem, não era suficiente naquele caso.

— Vai passar, Bia. A culpa é dele, afinal, por esconder o negócio do jogo — disse Letícia, tentando desviar a atenção de Beatriz de si mesma.

— Como os garotos são bobos! — Beatriz exclamou, sentando-se novamente. — Eu queria saber qual a ideia que ele tinha na cabeça de sair pra se divertir. Argh, não sei por que eu estou tão chateada com esse garoto egoísta...

— Poxa, também não precisa falar assim, Bia.

— E como você acha que eu deveria falar? Sinceramente, eu não esperava isso dele. Não algo assim... tão insensato. Mas agora, não me importo...

Não quero me importar. Eu preciso esquecer... dizia seu interior.

— Ah... Mas é por uma boa causa, no fundo, né? — Letícia suspirou.

— *Boa causa?* Então falar às aulas pra jogar é uma boa causa? — Beatriz a encarou, incrédula. — De que lado você está, Leticia?

— Mas ele não vai só pra se divertir... Espera aí, você não sabe, Bia?

— Saber de quê?

— Ah.

A cara que Letícia fez deixou Beatriz extremamente preocupada.

— Agora fale! O que você sabe, Letícia? Me conte de uma vez!

Beatriz insistiu em encarar a amiga, que havia ficado mais branca que o normal, até ela quebrar o silêncio.

— Bom... Eu acabei perguntando ao professor porque eu estava com raiva por você também, mas... Rodrigues me disse que o Mateus havia avisado desde o início que não poderia ir às quintas porque tinha esse compromisso, daí o professor acabou liberando, porque...

— Fala logo, Letícia!

— Porque o Mateus ensina futebol para as crianças do bairro! Pronto, é isso! Chega de mistério. Ele não vai jogar com os amigos, Bia. Ele pediu para ser instrutor, algo assim e que as ações que o clube desenvolvesse fossem revertidas para quitar o valor das consultas da avó dele, foi o que me disseram.

Beatriz entreabriu a boca, sem acreditar. Como Rodrigues havia dito aquilo para Letícia, sua melhor amiga, e ela ainda não estava sabendo? Por que ninguém disse a ela? Por que... Por que o próprio Mateus não contou?

Algo daquele tipo jamais passou por sua cabeça e Beatriz se sentia mais horrível do que nunca. A culpa era dela. Ela o acusou sem saber direito a situação, apenas tirou conclusões precipitadas, gritou com ele. E Mateus... nem se defendeu, permaneceu calado, encarando-a com os olhos escuros e sem ânimo...

— Bia? Biaaa?! — Letícia começou a abraçar a amiga, sem saber o que fazer diante do seu choro e soluços descontrolados. — Desculpa! Eu não queria que você ficasse assim!

Se pudesse voltar no tempo, escrever “estou feliz por você” no trabalho de Mateus era tudo o que Beatriz faria além de desenhar uma carinha alegre. E iria escutá-lo primeiro também, antes de acusar. E não acusaria mais. Nunca mais. Talvez, Beatriz até conseguisse confessar que estava apaixonada, mesmo sem saber quando exatamente isso ocorreu, embora soubesse com certeza, dentro do seu ser, que era real. E que também era a coisa mais estúpida que poderia ter acontecido.

Que ridículo. Era dessa forma que Beatriz se sentia: ridícula. Uma garota imatura que não conhecia nada. E mesmo, não sabia resolver *nada* na sua vida. A relação com seu pai, as expectativas

sobre si mesma em um futuro não tão distante e o próprio coração. As únicas atividades que resolvia com êxito eram as deixadas pelo professor Rodrigues, mas aquelas não adiantavam muito, já que o período de aulas estava prestes a acabar. E junto com ele, todas as chances de ver Mateus.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Antes de chegar à fatiados dez anos, Beatriz passava seus piores momentos na companhia de sua pelúcia favorita um urso marrom que vestia calça jeans e uma blusa amarela fofa. Aos dezesseis, suas maiores mágoas eram compartilhadas na presença da melhor amiga, Letícia.

— Eu não sei por que ele não me falou nada... — Beatriz murmurou, enquanto as duas vasculhavam livros na biblioteca.

A biblioteca... Lugar onde Beatriz fizera tantas reuniões com Mateus. Mas ela considerava ser muito melhor estar escondida lá dentro na hora do intervalo do que no pátio, onde poderia vê-lo.

O final de semana turbulento de Beatriz tinha passado, mas, em compensação, sua profunda amargura ainda não.

— Na verdade, você nunca nem perguntou pra ele — Letícia ponderou.

— Mas era obrigação dele comparecer, não precisava explicar tudo, se tivesse falado logo a verdade... — Beatriz suspirou. — E você sabe que meu pai também colocou na cabeça a ideia de que quer conhecê-lo, L.

— Entendo... Talvez você devesse procurá-lo... Sei lá, conversar com ele.

— Claro que não! Não posso...

— E o que vai acontecer com as aulas extras? Você não tem que ir amanhã, aliás?

Aquela era uma boa pergunta. Beatriz não sabia o que responder.

— Vou ter que pensar nisso — disse apenas, após um longo silêncio.

— É, já imaginou o que Rodrigues vai dizer?

— Não acho que o professor Rodrigues vá se opor ou algo assim. Ele me falou que Mateus entregou todos os trabalhos e estava bem participativo na sala de aula, então não há mesmo motivo para preocupação de que ele não vá se sair bem na avaliação final...

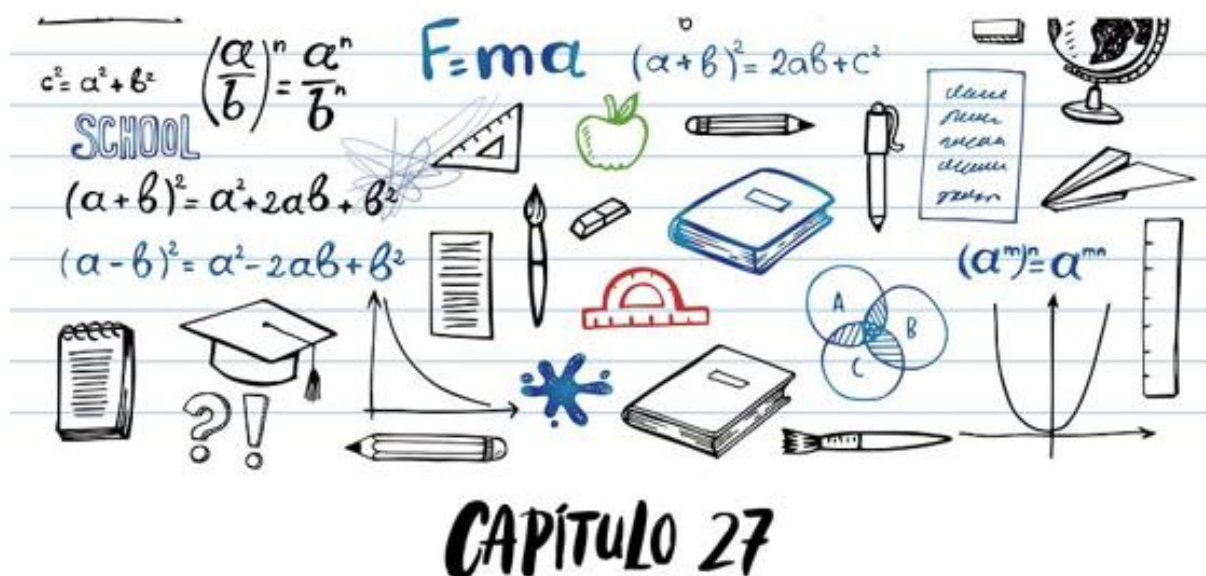
— Hum... Ainda acho que você devia falar com ele, Bia.

Beatriz não podia negar que não queria fazer isso, mas ela tentou de verdade, anteriormente. No entanto, toda vez que via Mateus em algum lugar da escola, desviava o caminho e passava longe. Não porque fosse orgulhosa, mas porque não conseguia manter seu autocontrole e já começava a suar as mãos. Sempre que Mateus a olhava de volta, tinha alguma expressão no rosto que ela não conseguia identificar e a garota entrava em pânico.

Beatriz também fugia das importunações de Cláudio, que tentava saber mais sobre o projeto justo naquele momento e não entendia o porquê de a filha ter ficado tão mal durante o fim de semana. Cristina estava preocupada, mas Beatriz não teve coragem de compartilhar sua situação com ela, nem supunha quando teria...

Sabe aquelas questões complicadas que te dão dor de cabeça, em que você tenta, tenta e não consegue resolver? Beatriz

sentia como se fosse isso que estivesse acontecendo com ela e Mateus. Ela imaginava como se não fosse capaz de “resolvê-los”. Essa era o pior tipo de questão. Aquela que você batia o olho e tinha certeza de não ser capaz o suficiente para acertar. E ela já estava cansada demais por errar tanto...



Algo desviou a atenção do menino que estava com a bola, correndo em direção ao gol, fazendo com que outro a tomasse e desse um chute tão forte que a levasse para o outro lado do campo... direto na cabeça de Mateus.

(uma palavrinha simples que continha sete letras, começando com *Bea*, e terminava com *triz*.).

Ele tirou o celular do bolso do short e conectou aos fones de ouvido, que já estavam apoiados em seu pescoço.

— Não precisa fingir que não está nem aí. E eu *sei* que você ainda está me ouvindo — Sérgio disse, levantando a sobrancelha.

Mateus fechou os olhos, aparentando se concentrar na música. Precisava treinar com seu próprio time da escola, para os jogos escolares que aconteceriam no início de dezembro. Precisava comprar um remédio muito importante para sua avó, porque o que tinha em casa acabaria em breve. E precisava parar de pensar em Beatriz e ouvir de verdade a música.

Mateus abriu os olhos, desistindo. Sérgio já estava sentado ao seu lado.

— Viu, não adianta. Fugir não vai resolver o problema.

Desviar da questão não vai resolver o problema. Você tem que encará-la, entende? Só assim vai encontrar a resposta correta — foi o que Beatriz dissera numa das aulas que tiveram. Na hora, Mateus não dera tanta importância. Só que fugir realmente era a opção mais fácil, apesar de ser inútil, exatamente o que ele fazia.

Naquele momento, a afirmação parecia ter mais sentido, só que não era tão simples executar uma ação quanto falar. O que ele deveria fazer? Mateus nem sabia exatamente sobre o problema que estava lidando. Como poderia resolvê-lo? Beatriz parecia se desviar dele toda vez que o via... E, céus, como ela podia ser assustadora...

— E como você acha que eu posso encarar e resolver? — Mateus perguntou baixinho, quase que para si mesmo.

— Bom, o primeiro passo é tentar... — Sérgio franziua testa, sem saber a quê Mateus se referia.— Está tudo bem com você em casa? Precisa de alguma ajuda?

— Ah, sim, tudo bem. Não se preocupe.

— Mas sério, de verdade. Pode contar comigo pra qualquer coisa, Mateus. Certo?

— Claro. — Ele apenas balançou a cabeça, mas sabia que Sérgio estava fazendo muito mais do que deveria e também era grato por isso.

Só que ele não conseguiria ajudar muito na situação em que Mateus se encontrava, não em relação a Beatriz. No campo, as crianças corriam e brincavam sem parar.

— Logo vai iniciar o período de férias, não é, Mateus? — Sérgio perguntou, de repente. — Você tem planos de viajar ou fazer alguma coisa assim, ou vai permanecer com os treinos?

Mateus analisou suas possibilidades. Não havia a mínima chance de ir para nenhum outro lugar nas férias. Ele sempre ficava em casa, com as mesmas atividades.

— Acho que é bem improvável que algo diferente aconteça, então é certo que eu continue aqui. Por quê? Você vai viajar?

— Talvez, mas ainda estou pensando. Quero resolver tudo até o fim do mês. Sei que você é muito responsável, então tenho certeza de que vai se sair bem se eu estiver ausente algumas semanas.

Responsável. Essa era uma palavra um pouco duvidosa se comparada a Mateus para algumas pessoas. Ele sacudiu a cabeça, tentando não pensar nela.

— Beleza, é só me avisar.

— Certo. E, ah, Mateus, tem certeza de que está tudo bem? Você tá com uma cara distante, pensativa, quase como se... tivesse apaixonado.

Mateus o encarou assustado e perplexo tanto quanto seria caso tivesse visto um dinossauro. Se bem que isso talvez fosse muito legal de acontecer, totalmente o oposto do que Mateus considerava estar apaixonado.

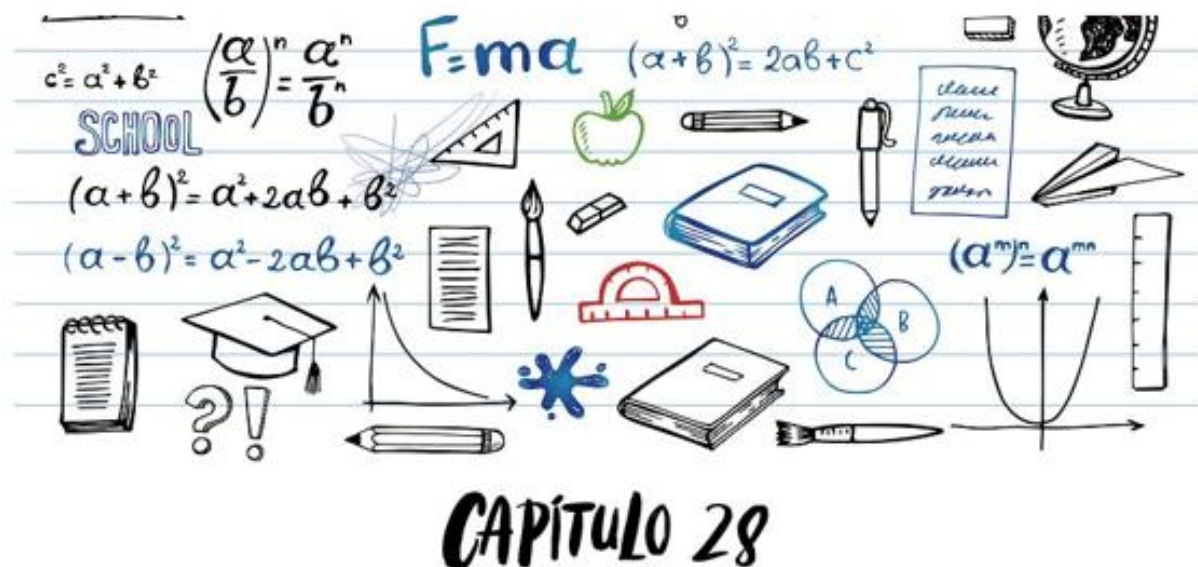
— Sem chance. Você está maluco — afirmou, meio bravo.

— Calma, é brincadeira! — Sérgio riu, claramente se divertindo às custas do amigo. — Ah, mas isso não seria ruim se acontecesse. Você também merece ser feliz, cara.

Mateus tentou não se importar com a ironia de Sérgio, fitando o campo. Acontece que a ideia de felicidade para ele estava muito além desse tipo de relacionamento. Estar feliz era uma situação que dependia muito das condições externas variáveis e das internas, geralmente permanentes, porque a depender do externo é que elas reagiriam.

Nas condições em que se encontrava no momento, porém, nada contribuía para que Mateus se sentisse completamente feliz. A saúde da avó, a situação da mãe e o impasse com Beatriz... Aquela garota ainda o deixaria louco. Quanto mais se esforçava para entendê-la, mais complicado parecia. E por que razão estava pensando tanto nela? Era Beatriz quem deveria pedir desculpas pelo seu comportamento.

E, no fundo, Mateus queria uma explicação para que pudesse finalmente desculpá-la.



Pedir desculpas não é uma tarefa fácil. Quando se erra e situações acontecem, mesmo com intenção de reverter, às vezes, relações de outrora são destruídas e não é mais possível voltar a ser como antes. Era assim que Beatriz imaginava ter acontecido com Mateus.

Eles tinham começado a se dar bem... e ela estragara tudo. Como seria capaz de encará-lo? Não se imaginava fazendo tal coisa. Naquela semana, na terça-feira à tarde, fora a biblioteca decidida que seria a última vez. Faria isso porque não se sentiria confortável com Mateus depois do que fizera, não se sentia nem digna de ensiná-lo. Então, deixaria o projeto. O que de fato não seria tão problemático, já que estavam em novembro. Mateus, no entanto, não comparecera, e Beatriz não o culpava. Ela mesma cancelara a aula da semana passada, então talvez ele tivesse pensado que ela não iria mais.

Beatriz não tinha mais o que fazer porque a hipótese de ir à casa dele outra vez estava totalmente reprovada. Aquela opção, na

verdade, lhe dava arrepios só de pensar. Diferente da experiência passada, Beatriz temia encontrá-lo. O que diria, afinal? Um simples pedido de desculpas não parecia correto.

Beatriz, porém, continuava procurando por Mateus de longe. Reparou quando ele faltou alguns dias na escola naquela semana também, e quando o viu, não encontrou mais seu sorriso pelos corredores (e sentia falta disso); perguntou a Rodrigues sobre suas notas e abriu um melancólico sorriso com as novidades que o professor lhe deu. Só não se encontrava mais pessoalmente com Mateus... E Beatriz sabia que não teria coragem de achar um meio para isso, até que, na noite de sábado, ficou sabendo de uma notícia terrível. Daquela vez, ela foi uma das primeiras pessoas a saber.

Se pedissem para Beatriz resolver qualquer questão de estatística, ela o faria com maestria, mas se lhe pedissem para explicar como as coisas se desenrolaram nas horas que se seguiram, ela não conseguiria. Sinceramente, não poderia saber como pegara um transporte ou como chegara tão rápido ao hospital, mas ali estava ela, de frente para a entrada, sabe-se lá o que os seus pais estariam fazendo agora, se preocupados, zangados ou chamando a polícia, ou talvez tudo isso misturado, mas não importava. Não importava porque ela precisava estar ali, o mais urgente possível.

Beatriz não pensou muito antes de agir, o que era raro de acontecer. Mas ela sabia que Mateus estava lá dentro e isso foi suficiente para que perdesse o controle. Outra vez... Não aconteceu nada com ele, não, ele estava bem; no entanto, a sua avó foi internada no dia anterior, pela tarde, segundo o que Beatriz foi

informada. Ela notou pela voz de Letícia, quando ligou mais cedo, que havia algo de muito errado e que não tinha certeza se contava. Porém, depois que ficou ciente, Beatriz não pensou duas vezes antes de ir para o hospital.

A entrada do edifício se estendia de forma ameaçadora e paralisante para Beatriz. Mateus estava lá, mas... O que ela diria quando estivessem frente a frente? Queria que a avó dele estivesse bem, pelo menos. Desejava o seu melhor, mas não sabia como encararia o seu neto. Depois de tudo o que dissera... Após alguns instantes perturbadores de silêncio, Beatriz resolveu entrar de uma vez por todas. Afinal, Mateus talvez nem estivesse mais lá. Ele poderia estar em casa ou no quarto junto com a avó e a mãe, e Beatriz apenas pediria algumas informações.

Para seu azar (ou não), ela se deparou com Mateus assim que chegou à recepção. Ele estava sentado em um dos bancos da entrada e parecia desolado. Seu rosto estava mais abatido do que nunca e não demonstrou nenhuma expressão além de cansaço quando levantou o rosto e viu Beatriz ali.

Claro, o que ela estava pensando? Que ele viria até ela como se precisasse dar explicações? Aquele não era seu papel. Não aquela noite.

— Mateus... — Beatriz respirou fundo, tentando achar as palavras certas e não gaguejar. Ela caminhou até ele, incerta sobre o que dizer, mas recomeçou tudo de novo antes de perder a linha lógica que forçava em sua cabeça. — Eu fiquei sabendo há pouco sobre o que aconteceu, e... Eu resolvi vir, porque... Bem, eu vim assim que pude. Não esperava, ninguém esperava, mas... É difícil porque eu também fiquei chateada, porque... A sua avó...

Beatriz fechou os olhos, sem saber mais o que dizer. Naquele momento, Mateus se levantou e foi em sua direção.

— Não precisava vir aqui — ele disse, mas não como se estivesse irritado. — Não é nada sério, por enquanto. Foi só um susto.

Beatriz olhou em seus olhos e percebeu que Mateus estava sendo sincero, mas não sabia o que fazer em seguida. Do que adiantaria mesmo estar ali? Ela abaixou a cabeça novamente. Como ela conseguiria consolá-lo em um momento como aquele? Os dois estavam parados no meio do hall e o resto do mundo pareceu desaparecer aquele instante.

— Sabe, desculpe por ter brigado com você naquele dia — Beatriz recomeçou a falar num tom que só Mateus conseguiria escutar. — Eu não deveria ter dito aquelas coisas. Não sabia, bem, isso não devia importar porque mesmo assim eu deveria ter ficado quieta e... Desculpe por... não ter sido uma boa professora, ou... por tudo o que eu disse, espera, eu já falei isso, né? É só que... Sinto muito — ela terminou num murmúrio quase inaudível, antes de começar a chorar.

Sim, Beatriz estava chorando outra vez. Não descontroladamente com soluços e tudo mais, como aconteceu antes. Naquele momento, as lágrimas vertiam silenciosamente por suas bochechas. Ela não conseguia concentrar seus pensamentos ou lógica, simplesmente não sabia o que dizer. Pensou que Mateus não seria mesmo injusto de acusá-la, ou querer que ela saísse dali num momento pelo qual ele estava passando também, mas por enquanto ele se mantinha em silêncio. Nada além de silêncio.

Beatriz enxugou as lágrimas com as costas da mão e quando estava prestes a se virar para ir embora, a distância de um passo entre os dois foi quebrada e ela sentiu Mateus a abraçando, apoiando a cabeça em seu ombro. A respiração dele parecia calma, em contrapartida ao coração de Beatriz.

— Obrigado por ter vindo — ele disse suavemente, embora estivesse contendo toda a emoção que sentia. — Apesar de ser uma mandona, eu não estou com raiva de você. Conversei com minha avó antes. Ela me disse que alguém que sabe fazer muitas equações não pode ser uma pessoa ruim.

Isso fez Beatriz soltar uma risada, sem querer

— Ela parece ser adorável...

— Ela é.

Beatriz o abraçou com força, retribuindo aquele gesto que aparentava abafar todas as dores. Aliás, algumas vezes, tudo o que precisamos é de um abraço. E ela necessitava de um, tanto quanto Mateus. Beatriz não sabia o que aconteceria depois. Se Mateus voltaria às aulas – até porque não tinha mais sentido continuá-las, se ela convenceria o pai a seguir seus próprios sonhos, ou se teria coragem de admitir o que sentia por Mateus... Mas enquanto ele não se afastasse, Beatriz não precisaria pensar nisso.

Às vezes, era difícil dizer o que sentimos. Mas podíamos expressar além das palavras. E uma pequena lágrima que escorria pelo nariz de Mateus falava muito sobre como ele estava naquele momento. Ele também não queria desfazer aquele abraço.

Talvez pudesse confessar isso a Beatriz, numa próxima aula.

No início, quando conhecera Mateus e tivera que lidar com seu jeito completamente disperso para a matemática, Beatriz se viu numa situação das mais infelizes que já passou na vida. Isso porque não queria apenas que Mateus melhorasse, ou seja, que tirasse boas notas e alcançasse a média esperada. Seu desejo era que ele também pudesse gostar da disciplina, ou pelo menos passasse a enxergá-la com outros olhos, que a visse não como um monstro prestes a devorá-lo como alguns afirmam. Depois, porém, sua situação com Mateus só piorou porque o lado profissional de Beatriz funcionando do lado sorrateiramente, dando lugar ao pessoal, até que por fim ele escapasse completamente do controle.

Contudo, no fim das contas, ela realmente conseguiu. Ou melhor, Mateus conseguiu. Seu entendimento evoluiu, o que implicava suas notas também e ele entrou na média, passando de ano, pelo que Rodrigues confirmou. As palavras do professor eram mesmo bonitas e ativavam diversos canais de alegria na mente de Beatriz, embora ela achasse ter chegado apenas aos resultados regulares. A garota acreditava que não havia feito nada de extraordinário, nenhuma conta fora da linha ou da normalidade. Ainda assim, tinha chegado ao fim com *êxito*, o oposto do fracasso e isso era maravilhoso.

Mateus não reprovaria e Beatriz sabia que já podia riscar essa preocupação de sua agenda, a mesma que escrevera meses atrás. De alguma forma, ela pensava que, se riscasse aquela frase, apagaria Mateus de sua vida também. E por mais incrível que pudesse parecer, Beatriz não queria fazer isso, mesmo depois de tudo o que passou.

Ela estava satisfeita com os resultados, mas não desejava que acabasse ali. Esperava que Mateus continuasse evoluindo. Que não importassem as dificuldades, ele se esforçasse para aprender todo o conteúdo no próximo ano (que muito provavelmente seria mais difícil, por ser o último). E também que eles, quem sabe, pudessem continuar próximos mesmo que não houvesse mais aulas particulares.

Ah, Beatriz sabia, era péssimo admitir. Mas ela não queria fingir que nada tinha acontecido e que a convivência que teve com Mateus não causara nenhum efeito, porque aconteceu justamente o contrário. Beatriz estava envolvida demais com o “garoto problemático”, e essa expressão passou a ser secretamente a forma como seu cérebro se referia a Mateus. É claro que ela nunca confessaria aquilo para Letícia se perguntasse sobre ele.

Desde sua visita ao hospital, Beatriz não se encontrara com Mateus. Nem imaginava qual seria o castigo que receberia dos pais por isso, porque como já era de se imaginar, eles não ficaram nada contentes na noite em que ela sumiu para visitar a avó de Mateus no hospital (pelo menos se acalmaram depois que Beatriz contou a explicação, mas o castigo por ela não ter avisado ainda permaneceria).

Só que, embora houvesse conversado no sábado com Mateus e os dois tivessem até se abraçado (coisa que Beatriz ainda não acreditava), ela sabia bem o que poderia ocorrer, porque já havia acontecido outras vezes. O tempo passava, a convivência esfriava e todos os momentos compartilhados seriam esquecidos e eles nem mesmo se falaria no próximo ano. Por mais horrível que fosse pensar assim, era o que geralmente acontecia.

Na adolescência, no período escolar ou na vizinhança, não era incomum as pessoas criarem laços e formarem aquele título de “melhores amigos” que se supõe durar a vida inteira. Mas basta algum desentendimento, uma simples impressão errada ou mesmo um tempo de distância para essas relações serem desfeitas. E entre Mateus e Beatriz, desentendimentos não faltaram para que o que quer que tivessem, evaporasse feito fumaça.

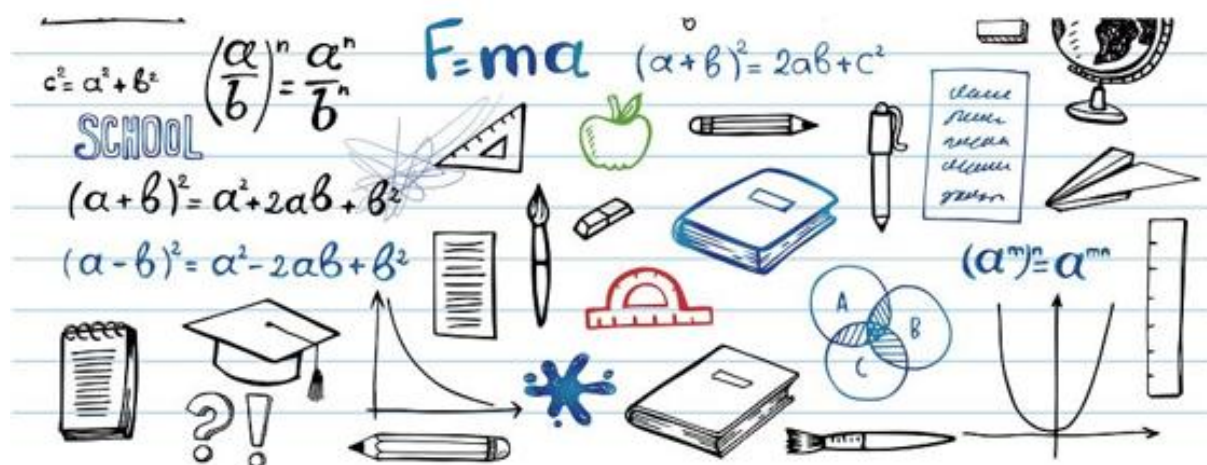
Pensar nisso era apavorante e cômico ao mesmo tempo. Ali, deitada em sua cama em pleno domingo, Beatriz ajeitou as cobertas sobre si e sentou, abraçando as pernas e apoiando a cabeça nos joelhos. Só restavam os jogos escolares para que ela lavasse o uniforme e guardasse a mochila em seu guarda-roupa. E então, não teria mais nenhum encontro com Mateus pelos corredores e, portanto, nenhum pretexto para vê-lo fora da escola também.

Como inventaria algum motivo para encontrá-lo? Beatriz pensou até mesmo em dar o livro “*Aplicações algébricas da matemática analítica, Volume 1*” para Mateus, mas concluiu que não era uma boa ideia, comparando com o que acontecera quando tentou propor exercícios diversos para ele. Não, precisaria de algo novo. Aliás, se precisava de alguma desculpa para falar com alguém? Na sua situação, Beatriz achava que sim. Mas não sabia qual pretexto usar. Nem sabia porque queria tanto assim falar com ele... Talvez perguntasse sobre sua avó, se já estava tudo bem com a família de Mateus, se ele ainda precisava de ajuda, uma dúvida sequer que ela pudesse sanar. Qualquer pretexto seria muito melhor do que confirmar o que o seu coração estava dizendo.

Enquanto não achava a resposta, pegou o livro de cabeceira e começou a folheá-lo, enquanto o sono não chegava.

Beatriz percorria nas afirmações de *John Napier* com entusiasmo. Pois, apesar de todas as preocupações que pudessem existir em seu pré-consciente, se ocupar com a matemática continuava sendo um de seus passatempos preferidos com ou sem aula.

Beatriz sorriu, rindo consigo mesma ao imaginar qual seria a opinião de Mateus sobre isso. Mateus... Droga, estava pensando nele de novo. De repente, lembrou-se do que Letícia havia dito uma vez, sobre sua mente sobrecarregar e teve a sensação de que estava a um fio de acontecer



CAPÍTULO 30

Carlinhos, Paulinha e Guto dominavam a atenção de Mateus naquela manhã de segunda-feira. Eles se reuniram em volta dele como se o garoto fosse algum astro de televisão ou um animal engraçado e falavam sem parar sobre as aulas de futebol que eles tinham nas quintas pela tarde.

Sérgio contou que vai passar um tempo fora, isso é mesmo verdade?

E agora, você vai ser nosso único treinador?

Vamos ter mais aulas agora que você vai ficar de férias, tio Mateus?

Por favor, vamos jogar todo dia?!

Questionamentos semelhantes àqueles saltavam para Mateus, que mal saía de casa. Ele nem pensou em metade daquelas coisas ainda.

— Certo, certo, se acalmem! Eu sou um só, tudo bem? Nós não vamos ficar sem o Sérgio. Ele só vai... tirar uns dias de folga pra

resolver algumas coisas, mas voltará depois. E podemos ver esse negócio de ter mais jogos, talvez. Eu disse *talvez*.

As crianças soltaram exclamações e contentamentos, pulando ao mesmo tempo.

— Vai ser muito legal! — Carlinhos exclamou, sorrindo. — Posso levar meu primo pra participar? Minha mãe disse que ele vem passar uns dias aqui...

— Pode.

— E eu posso levar meu cachorro? Ele ama me ver jogando bola...

— Já falamos sobre isso, Guto. Sem animais no campo. Não tem como ficar treinando e cuidando dele ao mesmo tempo.

— Ah... — as três crianças exclamaram em uníssono.

Então, Mateus se esquivou para o lado, procurando espaço.

— Eu preciso sair agora... Mas vocês já sabem que podemos resolver tudo na quinta. Certo? E não se esqueçam de perguntar aos seus pais sobre o período de férias de vocês. Até mais!

Mateus foi embora (correndo, literalmente, para evitar mais perseguições) e as crianças começaram a correr também, na direção oposta. O garoto ficaria mais tempo, se não estivesse tão ocupado. Mas apesar da pressa, conseguiu ver todas as diferenças naquela semana de dezembro em relação ao começo do semestre, que fora em agosto. Carlinhos estava mais alto, Guto também parecia ter crescido, assim como o cabelo de Paulinha — porque antes permanecia solto e agora estava dividido em duas tranças.

Essas não foram as únicas coisas que Mateus notou, entretanto, e por isso mesmo, se sentiu muito mais velho. Até

mesmo... contente. Por elas. Porque estavam crescendo... porém, então o sorriso de Mateus vacilou após ele analisar sua situação.

Deus, não conseguiria lidar com uma turma com mais de dez crianças sem a ajuda de Sérgio. Como poderia controlá-las? Evitar que brigassem umas com as outras, caíssem no campinho e se machucassem ou até se sujassem de terra sem nenhum compromisso? Mas, ao mesmo tempo, sentia que podia. E parte dessa confiança vinha do que aprendera com Beatriz. Sim, a menina *chata* e *esnobe* de antes que, impressionantemente, não parecia mais ser assim aos olhos de Mateus. Pela primeira vez, ele admitia: Beatriz era, de fato, uma garota *incrível*, não era apenas pelo fato de que ela conseguia se dar muito bem com matemática.

Mateus podia dizer que Beatriz tinha um gênio amável, no mínimo. Ela era mesmo extraordinária, porque fizera algo que ele nunca imaginaria. Ver Beatriz no hospital depois de saber que sua avó fora internada era a coisa mais improvável que Mateus cogitaria que fizesse. E, Beatriz esteve lá.

Não era nenhuma obra da sua imaginação, nem mesmo fruto de nenhum pedido que ele tenha feito. Beatriz simplesmente apareceu num de seus momentos mais difíceis enquanto seu coração estava quebrado e sem esperança. Ele se sentia tão impotente... diante da situação imprevista de sua avó, não conseguia pensar em nada com clareza, tudo parecia borrado, até que ela entrou pelo edifício, olhando para os lados, com um caminhar hesitante, mas ainda assim preocupado. Foi como se uma luz brilhante no meio do breu tivesse chegado, em carne e osso. Beatriz.

E Mateus sequer pôde dizer isso a ela. Claro que ele agradeceu. Pelo menos, esperava que ela soubesse o quanto ficou agradecido (afinal, ele não a teria abraçado somente por *querer* abraçá-la...). A tristeza que Mateus sentia naquele dia não desaparecera totalmente após a chegada dela, mas ele pôde realmente ficar mais leve... E seria incalculável seu alívio.

Graças a Deus, Lucíola já recebera alta e tomava a medicação certa, prescrita pelo médico. Ela ganhou o dobro da atenção de Adriana e mais alguns momentos com Mateus, que não queria sair do seu lado de jeito nenhum toda vez que estivesse em casa. Ele também tinha aprendido mais alguns procedimentos médicos com a mãe, que trabalhava como enfermeira e pesquisou na internet sobre o que fazer em caso de outra emergência. Só esperava não ter que aplicar os novos conhecimentos.

Mateus realmente aprendera muita coisa durante o semestre (e a maioria delas não estava relacionada à matemática, apesar dessa área ter sido o foco de seus estudos). Entre outros exemplos, ele havia aprendido a ter mais concentração em suas atividades e não apenas no som que ouvia; percebeu que se esforçar para algo difícil ou que nunca funcionou antes não significava perda de tempo e, talvez o mais importante: entendeu que julgamentos pré-definidos nem sempre se mostravam certos. Na verdade, em sua maioria, não passavam de erros.

Mateus descobriu que qualquer suposição que tivesse feito sobre Beatriz antes das aulas de reforço iniciarem caíram por terra, igual às suas soluções para os problemas que ela passava no começo de agosto.

E isso não foi ruim de todo, porque Mateus gostava mais dela do jeito que descobriu agora.



Tradicionalmente, a última semana de aula acabava com os jogos escolares. Sempre havia competições desportivas entre os alunos nas modalidades de futsal, handebol e ténis de mesa. Beatriz não participava de nenhuma dessas atividades, mas assistiria a maioria delas na companhia de Letícia. Mateus também estava lá, só que jogando, ao lado de seus colegas no time de futsal (que inclusive conseguiram chegar até as finais).

Fora uma das últimas vezes em que Beatriz o viu na escola. Ela se sentou nas últimas arquibancadas com Letícia, na tentativa de analisar melhor os lances na quadra e ficar protegida dos empurrões nos primeiros bancos e da bola quando era lançada fora. *Mateus nunca errava um passe*, Beatriz notou. Ele era realmente muito bom, mas parecia indiferente enquanto durava a partida.

Vez ou outra Letícia batia no braço de Beatriz com o cotovelo, às vezes até levantava as sobrancelhas quando Mateus fazia alguma jogada ou passava na lateral de onde estavam. Mas Beatriz

dava de ombros, tentando não dar crédito às implicâncias da amiga, embora estivesse tão focada nele quanto ela.

Havia momentos, porém, que Mateus parecia olhar exatamente para Beatriz, mas ela não sabia dizer com certeza por causa da distância e, no final de cada partida, o professor de Educação Física sempre reunia os times, diminuindo a possibilidade de Beatriz falar com Mateus em particular de zero por cento para nula. Assim, ela só observou e esperou que o tempo passasse e afastasse sua ansiedade para longe.

Beatriz também tinha consciência de que não podia pegar a mania de querer interpretar cada movimento de Mateus como um sinal de algo ou uma mensagem, simplesmente não havia condições. Porque algumas vezes se esquecia da descrição e acabava encarando-o com a boca entreaberta, murmurando algo como se estivesse fazendo contas na cabeça e nessas horas Letícia ria e a tirava de seus devaneios.

Beatriz precisava se firmar ao chão outra vez, porque seus pensamentos estavam totalmente soltos, voando livres... Em compensação, seus problemas continuavam bem fixos, firmes no piso da realidade. E um deles era alto, forte e se parecia com Beatriz em muitos atributos porque, afinal de contas, era seu pai.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

A última ocasião em que Beatriz e Mateus se veriam de fato na escola Euclides da Cunha naquele ano foi no dia da solenidade de encerramento, no dia três de dezembro. A escola promovia uma celebração referente ao período letivo, reunindo toda a comunidade: alunos e professores, pais, além de todos os funcionários. A

programação dividia-se entre apresentações, divulgação dos melhores do ano e homenagens de maneira geral.

Como era presumível de acontecer, Cláudio ficaria trabalhando no escritório e Beatriz iria ao evento com Letícia ou até Cristina. Mas, para assombro da menina, ele acordou cedo naquela manhã dizendo que a acompanharia.

— Pai, não é necessário — Beatriz tentou argumentar, já desconfiada sobre os motivos do pai. — Eu posso me virar com Letícia...

— Não, mas eu faço questão — Cláudio respondeu, ainda penteando o cabelo com gel. — Tenho que estar presente para ver o quanto de premiações a minha filha vai receber

Beatriz encarou a mãe, pedindo ajuda, enquanto ainda estavam na sala de estar. Mas Cristina balançou a cabeça em resposta.

— Não se preocupe, meu amor. Vai... dar tudo certo.

O que ela queria dizer de verdade era que *esperava mesmo* que desse certo, porque não podia fazer nada. Quando Cláudio colocava alguma coisa na cabeça, era praticamente impossível de tirar. E Beatriz sabia muito bem que a desculpa que ele estava dando era apenas uma forma de realizar seu objetivo: conhecer Mateus (porque, por incrível que pareça, ele ainda não desistira da ideia).

Letícia se preocupou quando viu pai e filha saindo de casa para o colégio, mas soube controlar a situação muito bem, ficando ao lado dos dois durante praticamente todo o tempo, fazendo perguntas a Cláudio aqui e ali e puxando assunto para que ele

permanecesse distraído durante toda a solenidade. Beatriz quase a abraçou de tão grata.

Embora tivessem ficado sentados na primeira fila, dispostas no pátio interno em frente à mesa solene, não havia nem sinal de Mateus. O diretor abriu a comemoração com sua fala inicial e logo após foi cantado o hino da escola, para que prosseguissem com as demais atividades. Beatriz precisava confessar que estava indo tudo bem até então, antes da chegada de Mateus que, horas depois, ainda usando aquele boné azul, acabou roubando toda a cena, mesmo que Cláudio não soubesse ainda quem ele era.

Beatriz foi chamada a frente para receber um certificado de aluna com a maior média da escola inteira, mas, ah, isso já nem era novidade. O fantástico mesmo foi ela ver Mateus receber não só a medalha de prata pela modalidade de Futsal (referente à colocação nos jogos escolares), como também – junto com sua equipe – o prêmio em terceiro lugar por um projeto realizado na disciplina de Sociologia, que eles apresentaram na feira de ciências daquele ano.

Por aquela Beatriz não podia esperar, nem fantasiaria em um milhão de anos. Ela ficou de queixo caído e até mesmo Cláudio percebeu sua reação de surpresa quando os nomes dos ganhadores foram anunciados e Mateus apareceu. Ele exibia um sorriso enorme para a câmera enquanto o diretor tirava fotos e Beatriz tentava esconder sua expressão chocada da melhor maneira que conseguia.

Por sorte, a cerimônia encerrou poucos minutos depois e Beatriz se levantou na mesma hora, com o pretexto de ir ao banheiro, o que na verdade era um meio de se livrar das indagações de seu pai. O pátio ainda fervia com o som ligado, palmas e a

euforiade vários alunos, mas Beatriz não queria outra coisa a não ser ir pra casa. Claro que, internamente, sua vontade era correr e perguntar várias coisas a Mateus, mas não podia fazer isso enquanto Cláudio estivesse ali.

Que belo dia era aquele, ela ponderava... Beatriz se encarou algumas vezes no espelho, sem ter noção do que fazia. Pensou que, se demorasse muito tempo para voltar, Cláudio se esqueceria da ideia de querer conhecer Mateus, mas então lhe veio o raciocínio de que talvez o pai poderia ele mesmo começar a procurá-lo, o que seria pior, então resolveu sair.

Contudo, assim que cruzou o corredor, deu de cara com Mateus, que vinha do outro lado. Os dois pararam ao mesmo tempo, se encarando por alguns segundos. Nenhum sabia exatamente o que falar até que Mateus finalmente sorriu, fazendo Beatriz ficar completamente desconcertada.

— Parabéns! — ela afirmou, quase gritando, pensando que deveria dizer alguma coisa antes que ele mesmo falasse. — Você, hum... foi muito bem.

— Está surpresa? — Mateus indagou, certo. — Só porque não sei muito de matemática, você achou que eu não era bom em mais nada?

— Quê?

Beatriz sentiu um arrepio. Mateus estaria falando sério ou estava sendo irônico? Por um segundo, ela ficou com dúvida. Então, ele soltou uma risada, tão descontraída que a fez prender a respiração.

— Tô brincando. De qualquer forma, valeu.

Beatriz balançou a cabeça, demonstrando compreensão. Sério, por que ela estava tão nervosa assim? Talvez fosse porque na última vez que o viu ele estava abatido, num hospital e cheirando a sanduíche caseiro (sim, Beatriz conseguiu sentir o cheiro quando eles se abraçaram e não era nada ruim). Porém, ali, naquele momento... eram apenas eles dois de novo no colégio, como se viram exatamente toda terça-feira. Não havia nenhuma preocupação.

E então veio o silêncio. Sim, aquele silêncio constrangedor em que nenhum dos dois sabia o que deveria dizer em seguida. Talvez Beatriz devesse contar que achou merecida a medalha referente aos jogos, porque ela assistira a todos eles e torcera pelo time dele. E que, apesar de ter se acostumado a vê-lo de boné, achou que Mateus também ficava bem sem ele, depois de assistir ao garoto em o adereço nos jogos (*combinava*, como Beatriz tentava convencer a si própria), porque só dessa forma podia ver seus cabelos pretos...

Mateus, por outro lado, poderia dizer que pela primeira vez após meses de aulas pôde constatar com certeza que sentira saudades dela desde a última vez em que conversaram no hospital. E que não era o fim do mundo ficar sentado algumas horas aprendendo sobre algo desinteressante, desde que fosse explicado por ela e, assim, se tornasse outra coisa, do mais legal ao mais absurdo – mas deixaria essa parte de lado. Ou, quem sabe, poderia convidá-la para ir aos jogos que ocorriam nas quintas... Mateus chegou mesmo a pensar isso, mas desistiu dessa última ideia logo em seguida.

Os dois continuaram se olhando, entretanto, sem trocar absolutamente nenhuma palavra. Então, alguém chegou e quebrou aquele clima.

— Mateus?

Beatriz fechou os olhos um instante, irritada consigo mesma ao pensar que poderia ter evitado isso se tivesse sido mais prudente.

— Sim? — O rapaz se virou.

— Então é você, o Mateus? Quero dizer, o mesmo Mateus a que a minha filha ensinava? — Cláudio perguntou, e o garoto afirmou positivamente com a cabeça. — Muito prazer. Eu sou Cláudio, o...

— Pai — Beatriz interrompeu —, nós já estávamos indo embora, não é mesmo? — Ela olhou para Mateus, cheia de significado, implorando que ele compreendesse. — Ele tem que ir pra casa agora. E nós também precisamos ir.

— Por favor Beatriz, eu acabei de me apresentar. — Cláudio estendeu a mão, ao que Mateus aceitou, com incerteza.

Onde está Letícia numa hora desses? Beatriz se perguntou.

— Hã, pai...

— Como é mesmo o seu nome? Digo, por completo — Cláudio inquiriu, desatento à filha

— Mateus Solano. Mateus Vieira Solano.

— Interessante, acho que não me é estranho... Ah, e devo dizer que fui surpreendido com as suas premiações. Fiquei impressionado.

— Muito obrigado. Eu não sou de me gabar, mas tenho alguns outros talentos, foraser péssimo em matemática — Mateus

respondeu, dando de ombros e Cláudio sorriu.

— Sem dúvida, olha só esse humor.

Beatriz suspirou, sem mais nada a fazer observando os dois homens que claramente não estavam mais prestando atenção nela. Tentou chamar a atenção de Cláudio novamente, mas ele não atendeu.

— E seus pais, onde estão? Devem ficar orgulhosos. — Cláudio cruzou os braços, como se não estivesse com vontade de sair dali tão cedo.

— A minha mãe não está no trabalho agora, mas ficou em casa porque não queria deixar minha avó sozinha muito tempo... — Mateus disse, colocando as mãos no bolso. — Ela é muito idosa pra vir, sabe?

— Eu entendo... Aliás, acho que já ouvi falar dela.

— Pois é, e o Mateus tem que ir pra cuidar dela, né, Mateus?!

— Beatriz exclamou, tentando dar um basta naquela conversa.

— Não, tudo bem...

— Nada bem! Você mesmo não disse que ela é muito idosa? Não pode ficar tanto tempo aqui de papo. *Agora, vai logo.*

Beatriz o empurrou de leve no braço, tentando fazer com que Mateus se mexesse, mas Cláudio iria imediatamente intervir para que o garoto ficasse se Rodrigues não o tivesse chamado pelo nome. Foi nesse momento que Mateus, ainda sem querer, saiu, movido pelas expressões de súplica de Beatriz, que respirou aliviada quando o professor Rodrigues parou ao seu lado um segundo depois.

— Olá, senhor Pereira, como vai? Gostaria muito de falar com o senhor, porque sei que é um homem ocupado e dificilmente

conseguimos vê-lo por aqui.

— Sim, eu sei, mas...

— Por favor, me acompanhe até a sala da direção. Só vou tomar alguns minutos.

Apesar de não ser essa a vontade de Cláudio, ele era muito educado para deixar o professor sem resposta. Acompanhou-o, ainda que a contragosto, encarando Beatriz uma última vez antes de seguir Rodrigues.

Ela sabia que aquele olhar significava frustração e que de maneira alguma havia terminado, mas por enquanto, Beatriz sorria, tranquila. Rodrigues a convidou também, e a garota seguiu para a sala a passos firmes, já que o maior perigo havia passado. Ela não viu mais Mateus e não esperava vê-lo mais.

— Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer a sua participação no projeto, Beatriz — Rodrigues começou —, e dizer que estou muito feliz com o seu trabalho.

Ela sorriu, igualmente satisfeita.

— E então, esse projeto realmente valeu a pena? — Cláudio indagou, tirando o sorriso do rosto de Beatriz.

— Ah, com certeza — Rodrigues afirmou. — E não somente no que se refere à minha disciplina. Muitos colegas notaram as consequências positivas dessa atividade. E a segunda coisa de que quero tratar é justamente pela permissão que o senhor concedeu a Beatriz. O apoio dos pais também é fundamental para que tudo corra da melhor maneira.

— Bem, eu não fiz nada — Cláudio disse, sério. — Foi a Beatriz que fez praticamente tudo sozinha.

Ah, mas só de não ter me impedido de ensinar, me trancando em casa, já foi uma grande ajuda, sim – Beatriz pensou, revirando os olhos, mas ficou calada. Ela se repreendeu, afirmando que aquele era um péssimo pensamento e que deveria se controlar. Por sorte, ninguém poderia ter ouvido algo dito em sua mente.

— Sua filha gosta muito de matemática e é um exemplo para todos na dedicação. Deve se orgulhar muito disso. — Rodrigues elogiou, arrancando outro sorriso da garota.

— Sim, é verdade. Beatriz tem mesmo muita disposição para as ciências exatas.

Embora tivesse acabado de lembrar a si mesma sobre alto controle, Beatriz revirou os olhos outra vez, quase que imediatamente, diante daquela afirmação. Não havia nada de “predisposição” ou “facilidade” com a disciplina que seu pai tanto enfatizava quando falavam sobre as habilidades dela. Sua relação com a Matemática era formada através da paixão em primeiro lugar, e admiração, Beatriz sabia disso. Todos sabiam. Mas parecia ser algo difícil demais para Cláudio concordar. Ela detestava isso.

— O que quero dizer também é que ela tem muito talento para tal. Não duvido de que Beatriz faria muito sucesso na área. Bom, acho que está tudo acertado para este semestre. O programa não se estende para o próximo ano, como o senhor me perguntou, mas vamos fazer o possível para continuar avançando na educação de todos os alunos. É claro que Beatriz vai focar nas provas de ingresso ao ensino superior, não se preocupe. Obrigado pela sua ajuda, Beatriz, mais uma vez foi um prazer, senhor Pereira.

Rodrigues deu tapinhas nos ombros dos dois e saiu, deixando-os a sós. Era incrível como ele era educado e sensato ao

mesmo tempo, Beatriz se impressionava a cada vez que o via falar. E ele conseguira até mesmo deixar seu pai sem resposta, o que era espantoso.

— Vamos, está na hora de ir pra casa — Cláudio afirmou, transparecendo sua irritação na voz.

Beatriz, no entanto, não poderia estar mais sossegada. Letícia apareceu e perguntou se a amiga precisava de alguma coisa, pedindo desculpas pelo sumiço. Embora Beatriz tivesse respondido que não, sabia que seus problemas ainda não haviam terminado (estava com uma leve impressão de que, na verdade, tinham acabado de começar), mas sentiu que poderia enfrentar o que quer que viesse pela frente.

Porque ela tinha *talento*. Sim, ela era capaz. Sentia-se capaz. E tinha uma capacidade incrível de se interessar pelo que era complicado.



CAPÍTULO 32

Durante o caminho para casa, Cláudio estava estranhamente calado e Beatriz tentava desvendar se era bom ou ruim. Ela não sabia como encarar o silêncio do pai porque a situação era uma novidade. Diante de tudo o que aconteceu, seu rosto poderia estar transmitindo tanto decepção quanto simples cansaço.

— O seu professor — Cláudio disse, de repente —, pode ser muito inconveniente quando quer.

— Como assim? — Beatriz perguntou, embora já soubesse mais ou menos o porquê de ele dizer aquilo.

Cláudio a encarou por um momento, mas deixou a filha sem resposta. Beatriz não queria discutir, nem o irritar ainda mais, então apenas se virou para a janela e pôs-se a observar o caminho. Não importava mesmo o que o pai dissesse, porque Rodrigues continuaria sendo seu professor preferido. Beatriz entendia perfeitamente que o desagrado de Cláudio estava voltado para o pouco tempo que tivera com seu aluno... Ou melhor, *ex-aluno*.

Seu pai, que antes vivia perguntando por Mateus na esperança de ter uma oportunidade de encontrá-lo, havia ficado insatisfeito com a chance que tivera. Aqueles poucos minutos com Mateus não foram nem de longe como Cláudio esperava, mas pelo menos já sabia de quem se tratava. Podia reconhecer seu rosto em qualquer lugar porque ele não iria esquecê-lo tão fácil. Na verdade, queria até saber mais, *precisava saber*, porque não imaginava como alguém poderia influenciar a conduta da filha assim de modo tão intenso.

Pois, mesmo que não demonstrasse, Cláudio notava mudanças em Beatriz. Não era nenhum corte de cabelo, modo de falar nem quaisquer sinais exteriores que denunciavam. Foi a forma de agir e o cuidado para com as aulas que Cláudio notou as diferenças em Beatriz. Ele queria saber mais sobre o rapaz com quem ela convivera tanto, se havia algum envolvimento para além da educação, todas essas preocupações que os pais costumam ter. Mas não conseguia desenvolver uma conversa com Beatriz porque, bem, era estranho eles conversarem sobre isso, de qualquer forma.

Logo depois que Cláudio contornou a última rua, adentrando enfim na residência em que viviam, foram recebidos por uma Cristina animada e sorridente.

— E então, como foi? — ela perguntou, sem esperar por nenhuma fala dos dois.

Beatriz passou depressa pela mãe, dando-lhe um beijo na bochecha antes de sair em direção ao quarto.

— Ótimo! — disse apenas.

Cláudio fitou a esposa, sem ânimo.

— Parabéns, nossa filha é excelente e tudo o mais. Mas eu não gostei muito daquele garoto.

Cristina franziu a testa, imaginando a quem o marido se referia. Estava curiosa e desejava ter ido também, mas não adiantaria o arrependimento, de qualquer forma.

— Ah, deixe para lá, querido. Aposto que foi só impressão sua.

Cláudio balançou a cabeça negativamente. Ele foi seguido por Cristina enquanto saía da sala, rumo à cozinha. Talvez uma xícara de café melhorasse as coisas.

Enquanto isso, já refugiada em suas cobertas, Beatriz respondia às perguntas de Letícia, que conseguiu enviar dezenas de mensagens desde que as duas se viram pela última vez. Beatriz tentou parecer indiferente, digitando que o inevitável aconteceu e que não tinha como mudar e pronto, ocultando o fato de que foi um dos momentos mais conturbados pelos quais passou e que não queria admitir que seu coração quase saiu para fora quando percebeu que estavam, seu pai e Mateus, um de frente para o outro.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Do outro lado da cidade, um garoto guardava uma medalha brilhante e prateada dentro da sua gaveta de meias, que ficava num compartimento interno do guarda-roupa. Não era exatamente sua primeira conquista ou a coisa mais legal que já aconteceu com ele, mas seu sorriso maroto demonstrava plena satisfação porque, dentre todos na plateia, ela estava lá. Beatriz.

Ela o viu ser chamado e gratificado e a cara que fez fora muito engraçada. Mateus trabalhou com esforço e dedicação e a

verdade era que se irritou algumas vezes, mas fariatudo de novo, sem reclamar, só pra ver a expressão surpresa de Beatriz. Ele se segurou muito para não rir. Só que, depois, quando encontrou com ela, sentiu algo diferente dentro de si, além da graça. Claro que foi um pouco esquisito e até intimidador conhecer o pai dela assim, de repente, mas Mateus não se preocupou. Falar com Beatriz foi uma das melhores coisas que aconteceram naquela manhã, tanto quanto ser premiado. Talvez ainda estivesse muito impressionado com tudo o que ocorreu nos últimos dias.

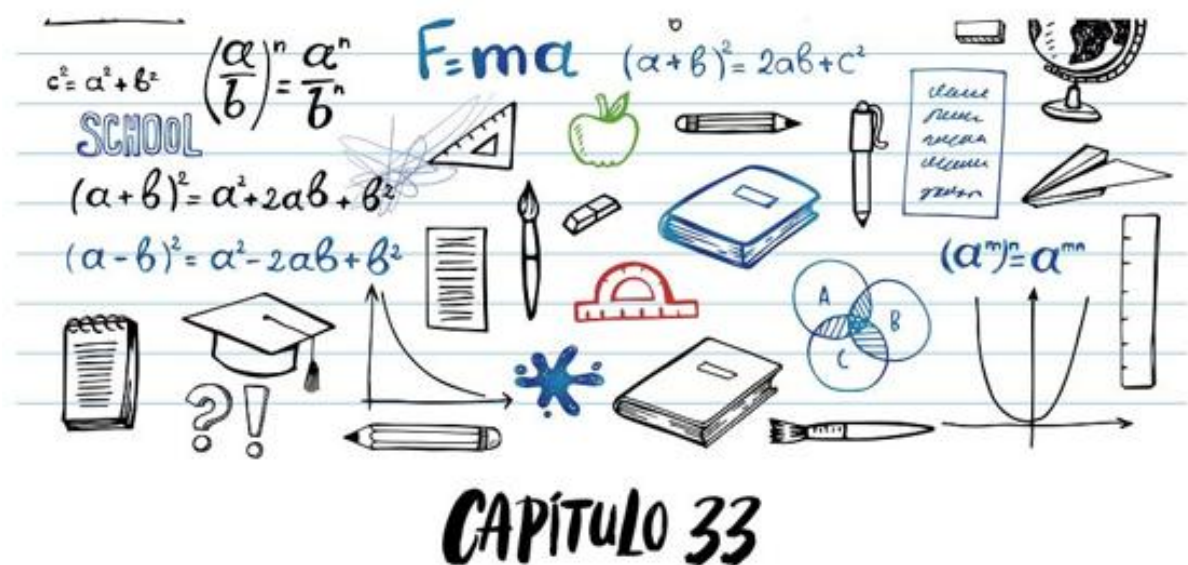
Sua avó estava bem, mas continuava sendo tratada com cautela. Foi a primeira pessoa com que Mateus falou quando chegou da escola. Lucíola abriu um grande sorriso com as notícias do neto e lhe deu vários beijos. Ela estava descansando em seu quarto, deitada sobre a cama. Embora dissesse que não era uma inválida para permanecer daquele jeito, Adriana insistia para que a mãe ficasse lá boa parte do dia, pelo menos na semana que se seguia. Quando se tem um *ataque vascular cerebral*, era fácil entender o medo que permanece na família depois...

Por sua vez, Adriana não se demorou tanto em parabenizar o filho, ocupada com o almoço. Mas ficou mesmo muito feliz, ele sabia. Principalmente naquele momento, que teria mais condições para ajudá-la em casa e passarem algum tempo juntos. As rodadas de *adivinha só*, um jogo que Lucíola inventara quando Mateus era criança, não eram realizadas fazia muito tempo.

Depois de guardar parte do material, Mateus se demorou em algumas folhas que estavam soltas na mochila. Eram os exercícios elaborados por Beatriz, completamente corrigidos. Mais explicados e estudados do que eles, impossível. Realmente não tinha a

habilidade de se deter quando o assunto era matemático. Mateus guardou-os no caderno, fechando-o para aquelas férias. Poderia estudá-los depois, embora tivesse a estranha certeza de que continuaria se lembrando do conteúdo, sendo passado por Beatriz em sua cabeça como um disco arranhado.

Quando será que iria vê-la novamente?



CAPÍTULO 33

Os dias sem aula começaram e Beatriz poderia dividir seu tempo com os livros (como de costume, só que agora ela poderia ler tranquilamente seus romances, fora os artigos matemáticos) e também com Letícia, que frequentava com mais afeição a sua casa.

Não havia mais trabalhos, provas, nem mesmo encontros com Mateus. Beatriz não o vira mais desde a solenidade de encerramento na Euclides da Cunha, quando ele conheceu seu pai (e não esperava mais que os dois se vissem). Não queria que ficasse algo... estranho. Cláudio, por sua vez, parecia ter se concentrado no trabalho e estava mais relaxado, visto que as aulas tinham terminado, deixando a filha mais tranquila nesses dias de fim de ano, o que era ótimo.

Letícia, no entanto, não fizera o mesmo.

Ela importunou Beatriz várias vezes pelo celular, pessoalmente e até mesmo em seus sonhos. A garota vivia perguntando sobre como as coisas estavam, como Beatriz se sentia. Em relação a Mateus. Ela queria saber se Beatriz tinha

pensado em fazer alguma coisa, se tinha notícias dele ou algo que Rodrigues falara. Qualquer coisa, como se fosse uma detetive. Mas tudo estava na mesma posição: estático.

Foi então, que uma ideia surgiu na mente de Letícia, fazendo a amiga saltar de assombro e insegurança ao mesmo tempo. A possibilidade nunca havia passado pela cabeça de Beatriz e só de imaginar como seria, fez com que desistisse antes mesmo de tentar.

— Por favor — Letícia buscava convencê-la —, qual o problema?

— Não tem nenhuma necessidade. E não adianta insistir!

Letícia arquejou mediante a negação de Beatriz. Elas assistiram a um filme sobre mutação genética no final de semana, como forma de compensação. Mesmo assim, Letícia não desistiu.

Ela tentou de todas as formas fazer com que seu plano funcionasse e até mesmo conversou com Cristina. Letícia argumentou que o confinamento nas férias não era saudável e que elas tinham que aderir a prática de alguma atividade ao ar livre, acabou por ter a proposta acatada. Beatriz não tinha gostado nada disso, embora tivesse se mantido distante, não podia continuar se esquivando. Ela não conseguiu elaborar mais desculpas e resolveu aceitar, no fim das contas, só para dar um basta naquilo.

Toda animada, Letícia veio para a casa de Beatriz depois do almoço, na quinta-feira. Seu intento era nada mais nada menos do que encontrar Mateus.

$$a^2 + \left(b - \sqrt[3]{a^2}\right)^2 = \text{❤}$$

Beatriz estava relutante no início. Mesmo depois de sair de casa, caminhava com receio, esfregando as mãos de vez em

quando.

— Vamos lá — Letícia afirmou quando estavam se aproximando do campo —, *a gente tem que ver isso*.

Beatriz tinha consciência de que a seguiu quando saiu de casa, umas duas da tarde mais ou menos, mas estava a ponto de voltar, arrependida.

— Não foi uma boa ideia. Eu não deveria estar aqui.

— Por que não? É um espaço público e estamos apenas fazendo uma caminhada. — Letícia deu de ombros.

Ela não estava errada, mas aquela justificativa não parecia tão convincente naquele instante do que quando foi dada minutos atrás. Beatriz se sentiu estúpida, no molde de uma adolescente agindo de forma infantil. Já não queria continuar, ainda mais observando o jeito de Letícia, que continuava a mesma, sem nenhum tipo de remorso.

Antes de dar meia-volta, porém, Beatriz avistou o gramado. O espaço era aberto e sua estrutura parecia antiga, mas ainda era a melhor opção de lazer que as pessoas do bairro tinham, então continuava sendo utilizado. E não era tão ruim assim, na verdade. Havia algumas crianças correndo e outras jogando uma bola de futebol surrada, no meio do campo e ainda outras sentadas perto das arquibancadas. Por sorte, Mateus não estava lá.

— Tudo bem, vamos mais rápido para sair logo daqui... — Beatriz suspirou, puxando Letícia mais rápido.

Para seu desagrado, ela adentrou o campo quando passaram perto da trave, e Beatriz não teve outra escolha a não ser correr atrás dela.

— O que você está fazendo? — perguntou quando a alcançou, subitamente em pânico.

— Ué, vou ficar aqui um pouco, conversar com as crianças, saber como funciona... Não posso?

— Não. Não pode, Letícia. *Vamos*.

— Relaxa, Bia, ele nem tá aqui. Eu queria saber...

— Ei, quem são vocês? — Uma menina de cabelo trançado se aproximou.

— Nós moramos num outro bairro — Letícia respondeu —, mas queríamos ficar aqui um pouquinho...

— Não, não queremos. — Beatriz interveio.

— Queremos, sim! — Letícia afirmou, voltando-se para a menina novamente. — Vocês sempre estão por aqui?

— Nem sempre... — ela disse, olhando as duas com alguma estranheza. — Meus pais só me deixam vir quando termino a lição de casa, só que agora não tem mais problema porque estou de férias. Mas só os meninos formaram times e alguns deles não me deixam jogar...

— Ah, tadinha... — Letícia sorriu, empática.

— Eu gosto do tio Sérgio e do tio Mateus também, porque eles não se importam de me ensinar, mas ainda não tem meninas suficientes pra formar um time, minhas melhores amigas moram longe e não gostam de vir pra cá. Vocês querem jogar comigo?

Tio Mateus. Aquela frase se destacou na mente de Beatriz, entre todas as outras. Era até... divertido pensar aquilo. Ela sacudiu a cabeça, tentando manter o foco.

— Não podemos ficar..

— Claro que podemos! — L etícia exclamou. — Qual é mesmo o seu nome?

— Maria Paula, mas pode me chamar de Paulinha.

De repente, algumas crianças que jogavam pelo campo correram naquela direção e os meninos brigaram pela posse de bola, que voou rumo ao gol, batendo na trave.

— Cuidado! A bola! — um deles gritou.

L etícia soltou um gritinho histérico, mas Beatriz apenas se afastou e a bola caiu a alguns metros de distância atrás dela, rolando até parar.

— Nossa, você não parece saber jogar bola — Paulinha comentou para L etícia, que sorriu, um pouco envergonhada.

Beatriz ia puxá-la para ir embora, mas congelou no momento em que sentiu passos se aproximando rápido e alguém parar atrás de si.

— Beatriz?!

Ela se virou devagar, já sabendo ser a pessoa que não queria encontrar, mas viu Mateus parado ali como que num passe de mágica. Ele estava usando o mesmo boné azul, mas parte do cabelo estava grudado na testa, por causa do suor. Mateus também estava of egantee a vontade que Beatriz tinha naquele momento era de sumir dali.

— O que f azaqui? — ele perguntou, ainda respirando com dif iculdade por conta da corrida.

Beatriz não f aziaideia do que dizer. Qualquer explicação que surgia em sua mente parecia sem lógica e a expressão intrigada de Mateus pedia por algo bem f undamentado. Ela abriu a boca, mas

não saiu nenhum som e Letícia se posicionou ao seu lado naquele instante.

— Nós estávamos apenas passando pelo bairro e acabamos aqui — disse como quem não queria nada.

— Ah. — O garoto suspirou, voltando a olhar para Beatriz.

Parecia exatamente o mesmo com quem ela se encontrava às terças: de tênis, short e camiseta preta. Mateus devia ter uma infinidade de blusas pretas. Em toda aula ele vestia uma de estampa diferente (além do conhecido boné). A que estava usando agora tinha a frase: *Lord is King* em letras grandes, na cor cinza.

— Podemos ficar aqui, né? — Letícia perguntou, fazendo Beatriz arregalar os olhos.

— É... pode. — Mateus foi pego de surpresa com aquela pergunta, claramente perceptível até para a menina que os observava.

Beatriz tirou o braço que Letícia havia posicionado em seu ombro, revirando os olhos.

— Chega. Eu não vim pra ficar aqui, nem pra jogar, nem... Argh, eu só... Preciso falar com você! — exclamou, por fim, olhando para Mateus.

Beatriz não sabia por que disse aquilo, mas não queria parecer boba diante dele. É claro que Letícia não o convencera nem um pouco e ela não queria que aquela situação ficasse ridícula.

— Hum... Então você veio conversar comigo? — Mateus a olhou do mesmo jeito que fazia nas aulas, expressando uma mistura de desinteresse e sono, quase que para provocá-la sem querer.

Beatriz sentiu tudo revirar internamente.

— É, bem, mais ou menos, quer dizer...

— Então elas não vão jogar com a gente, tio Mateus? — Paulinha perguntou, e Letícia soltou um risinho pela cara que ele fez ao ouvir a palavra “tio”.

Mateus encarou a menina um segundo antes de se voltar para Letícia.

— Fique aqui, um minuto.

E agarrou o pulso de Beatriz, puxando-a para longe.

— Ei, o que você está fazendo...

— Escute. — Ele a encarou quando chegaram perto das arquibancadas, longe o suficiente para não serem ouvidos pelos outros. — Pode me dizer a verdade agora. Eu deixo.

— Haha. — Beatriz engoliu em seco, tentando controlar o coração que parecia bater descontroladamente. — Você... pode ser muito chato às vezes, sabia?

— Sim, estou ciente. O que foi?

— É... nada demais. Na verdade, eu não sei bem como explicar o que aconteceu na última vez em que nos vimos, por causa do meu pai, sabe...

— Ah, é isso? Tudo bem.

Mateus continuou olhando para ela, e Beatriz não sabia mais o que dizer. Se tivesse algo de interessante para contar, alguma coisa que Rodrigues falou, qualquer novidade... Mas não havia nada. Ela não poderia aconselhá-lo a estudar potenciações ali, poderia? Na verdade, pensou mesmo em fazer isso, só que ouvindo o barulho das crianças jogando, seus gritos, percebeu que o campinho não era o lugar adequado para que ela o procurasse só para isso.

Beatriz olhou para os próprios pés, calçados num tênis bege. Ela estava indecisa, mas resolveu que deveria falar algo que há muito permanecia preso dentro de si, finalmente, para o destinatário.

— Sabe... Desculpe por tudo o que eu disse — Beatriz comentou. — Quer dizer, por ter sido grossa com você e ter agido sem pensar. Não deveria ter feito julgamentos nem nada. Eu... Na verdade, só queria dizer isso.

Ela já havia se desculpado no hospital, mas embora ele tivesse aceitado suas desculpas, não pareceu ser o correto a se fazer porque a situação era séria e as emoções podiam assumir o controle da razão. Não, Beatriz não considerava suficiente. Era necessário que fizesse aquilo num momento mais tranquilo, quando estavam lúcidos e calmos.

Mateus a encarou em silêncio, de braços cruzados. Ele fechou os olhos por um instante, tentando achar as palavras certas.

— Tudo bem, obrigado por admitir. — Beatriz levantou o olhar para ele, que continuou. — Não estou com raiva de você, já disse. Me desculpe também por ter causado tantas confusões. Eu deveria ter falado sobre aqui antes, afinal... Bem, é que era um assunto delicado pra mim porque envolvia a minha vida pessoal e eu também não queria contar pra alguém com quem eu não tivesse intimidade. — Beatriz assentiu. — Foi um erro, de qualquer forma. Então, espero que perdoe.

Perdão... Aquela palavra tinha um significado tão forte para Beatriz. Ela não pensava que Mateus deveria pedir aquilo, mas mesmo assim... foi algo tocante da parte dele. Um vento soprou e Beatriz tentou repetir a si mesma que Mateus não podia brilhar, que

era apenas a luz do sol refletindo o suor em seu rosto. Ela própria começou a enxugar a testa, mudando de postura.

— Então... acho que deveríamos voltar.

Beatriz olhou para o lado, constatando que a amiga permanecia lá, observando-a.

— Ah, claro... — Mateus concordou.

Os dois caminharam, sem trocar mais nenhuma palavra, de volta para onde Letícia e Paulinha aguardavam. Beatriz pôs-se ao lado de Letícia, que estampava um sorriso divertido na face.

— Eu gostei bastante da Paulinha — ela disse. — Acho que já somos melhores amigas. Temos que nos encontrar mais vezes...

Beatriz deu uma cotovelada em Letícia, que se calou.

— O.k. Foi ótimo ver vocês. Agora precisamos ir, não é? — Mateus encarou a menina, que balançou a cabeça e correu para o campo, seguida pelo jovem treinador. — Ah! — ele gritou quando já estava a certa distância. — E vocês podem vir aqui de novo, se quiserem.

Beatriz e Letícia acenaram, ao mesmo tempo, e depois começaram a se afastar. Letícia soltava vários risinhos, encarando a amiga, enquanto voltavam para casa.

— Tá legal, já pode parar — Beatriz resmungou.

— Ah, mas correu tudo bem, não é mesmo? O que foi que eu te disse, Bia?

— Tá, tá, você tem razão — ela reconheceu.

— E nós vamos voltar, né?

Beatriz encarou Letícia com uma cara tão brava que a fez dar de ombros e caminhar mais rápido, saindo do seu alcance. É

verdade que não f or a ruim. Beatriz gostou de ver Mateus, com certeza. Mas isso ela não conf essaria em voz alta.

Não, não queria assumir nem para seu cérebro. J á bastava o coração, que batia f eito um louco, agitado dentro do peito.



I ssóf oi uma semana depois que Beatriz f altou, pela primeira vez, uma aula. Mas ele não podia f icar deprimido nem nada assim. Mateus tinha outras coisas muito mais urgentes com o que se preocupar e não deixaria que aquilo o af etasse totalmente. Não podia deixar. Mas vê-la no campo aquela tarde f ez com que f icasse sem f ôlego. Não porque ela estivesse muito bonita ou algo nesse sentido (ele sempre a achava bonita, além de insuportável, a princípio), mas em relação à surpresa por seu aparecimento.

Mateus nunca imaginaria que ela viesse até ali. E talvez, surpreendendo a si próprio, gostaria que Beatriz voltasse mais vezes.

Seria legal para as crianças ter mais alguém no campo, especialmente quando Sérgio estava ausente, ele pensou. Mateus só não conseguia imaginar Beatriz jogando bola. Esse pensamento o fez sorrir, vindo das ilustrações que sua mente produzia. Ah, mas ele admitiu que não poderia tirar conclusões precipitadas.

Afinal, Mateus já sabia por experiência própria que Beatriz podia surpreender. E como.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Desde cedo, quando Beatriz começou a crescer e ter experiências sobre as decepções que a vida pode causar, ela aprendera a viver de forma prudente e racional. Mas a maneira como Mateus lidava com as coisas era totalmente diferente. Ele era quase que imprevisível, como um número complexo: intrigante e desconhecido, mas que ela ficava curiosa em conhecer mais.

Antes, Beatriz não conseguia decifrar o que ele estava pensando debaixo da sombra da aba de seu boné, quando não eram... amigos, por assim dizer. Ela mal detectava algo certo em seu rosto (decifrar pensamentos era um de seus pontos fracos) e só acreditava que Mateus deveria ser um dos piores garotos do mundo. Mas agora que aprendera mais sobre ele, não tinha dúvida sobre como era inacreditavelmente notável.

Porém, embora ainda se mantivesse essencialmente prática, era incrível o que Mateus causava nela, de modo geral. Porque ele passou um pouco desse seu jeito, fazendo com que Beatriz ficasse

sem saber como agir ou, pelo contrário, fizesse algo por impulso. Ela sabia que já não era a mesma depois de tê-lo conhecido, podendo cometer coisas nada racionais.

Isso ficou ainda mais evidente quando ela acatou as investidas de Letícia porque, internamente, era o que desejava também. Beatriz queria ir novamente ao campo, mesmo que fosse só para ficar observando Mateus e as outras crianças. Ficar sem encontrá-lo nas terças fez com que sua rotina se tornasse um enorme vazio e já não tinha mais a necessidade constante de estudar porque era basicamente a única coisa que ela fazia quando estava em casa. Só que, para variar, o primeiro obstáculo para conquistar seu novo objetivo, consistia em convencer seus pais.

No começo, a desculpa de “caminhar” e passar um tempo com Letícia ao ar livre funcionou, mas não seria eficiente para justificar todas as saídas de Beatriz. Logo, precisou dizer que queria fazer parte de um projeto social, algo assim, que ajudava crianças carentes de uma região da cidade através do esporte. O que de fato era o que acontecia. Já dá pra imaginar a cara que Cláudio fez e todas as suas reservas, mas Cristina achou a iniciativa maravilhosa.

Ela arqueou as sobrancelhas quando ouviu que o “idealizador” dessa ação era Mateus, *aquele* Mateus, mas ainda apoiou a filha incondicionalmente. Cláudio precisou falar com Sérgio, claro, juntamente com o Secretário de Esporte e da Cultura. Até ele admitiu para si mesmo que era bom a filha pensar em outra coisa além de matemática. Finalmente, estava se interessando por outra área (ainda mais uma de causa tão nobre). Entretanto, ficou com um pé atrás por conta de Mateus. Novamente, aquele garoto...

Por um verdadeiro milagre ele permitiu (o caso de Letícia insistir dizendo que também participaria ajudou nisso).

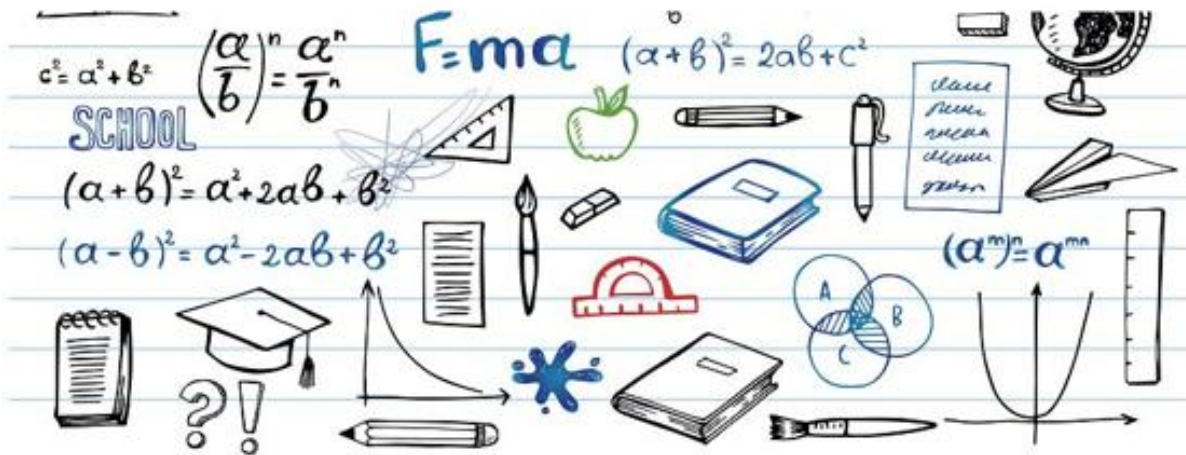
E então, lá estava Beatriz, saindo na quinta para o campinho de futebol em que Mateus já se encontrava. Apesar de ser meio confuso e difícil para ela absorver essa realidade, era uma atividade muito melhor do que ficar na biblioteca sozinha. E com toda certeza era algo completamente novo para ela.

Beatriz ficava em silêncio na maioria das vezes em que cruzava com Mateus (que por sua vez ainda estava sem acreditar no que acontecia) e ela ficava ora observando o grupo de garotos pelo campo, ora sentada nas arquibancadas. Beatriz também descobriu que a atividade passaria a acontecer pela manhã, já que todos estavam de férias, englobando também o dia de sábado. E lá estava ela, ora conversando com as crianças mais demoradamente, ora distribuindo uma garrafinha de água.

No início, os dois quase nunca falavam de matemática (ainda que Beatriz citasse algo, era muito diferente do que uma aula equivalia). E isso não era nada mal. E, depois de uns dois dias, de repente, Mateus começou a falar despretensiosamente, como se Beatriz já tivesse ido ao campo várias vezes antes e ela começou a responder, pois não tinha os olhos maldosos de Letícia sobre si (porque, obviamente, ela inventava alguma desculpa para não comparecer).

Existem coisas mais urgentes, Beatriz! – ela dizia. Minhas suculentas vão morrer se eu não cuidar delas. E Mateus já deve estar acostumado a toda sua falação sobre matemática, vai sobreviver.

E Beatriz não discutia, aceitando as desculpas com um certo alívio no coração.



CAPÍTULO 35

Era a terceira vez que Beatriz ia ao campo e já era recepcionada af etivamente por várias crianças, principalmente por Paulinha, que a adorava. Mateus havia secretamente dito que Beatriz era uma garota de outro planeta, porque sabia resolver tudo sobre matemática, o que despertou ainda mais o interesse da menina.

Um pouco intimidada a princípio, Beatriz tinha se encantado com cada um de uma maneira inusitada. Às vezes, sendo repleta de perguntas por elas, outras vezes quase atropelada... Tudo isso ajudou no processo. Até já lhe perguntaram se ela era a namorada de Mateus e depois de Beatriz ficar vermelha feito um tomate e negar avidamente, a relação com os pequenos pareceu ficar cada vez mais estreita.

Enquanto as crianças seguiam as orientações de Mateus, Beatriz aproveitou para se sentar numa das arquibancadas a fim de descansar. Algumas vezes, ela participava junto ou dava

orientações. Outras, apenas Mateus fazia o papel do mentor e Beatriz gostava de vê-lo falando com as crianças. Era tão incrível testemunhar como ele agia: sempre abaixando e falando cara a cara, de acordo com a altura delas, prestando atenção a tudo o que diziam pacientemente... Nem parecia o mesmo que suspirava de tédio com suas explicações.

Mateus, enfim, terminou e foi até onde ela estava, estendendo uma garrafa de água.

— Aqui, pega — ele disse, sentando-se ao seu lado em seguida.

— Obrigada.

Os dois ficaram calados alguns instantes, apenas observando os “aprendizes” jogando no campo.

— As crianças gostam mais de você do que de mim — Mateus falou, piscando para ela. — Em poucos dias, elas me trocaram por você. Não é justo.

— Ah, isso é porque eu converso com elas. Sou muito simpática também. — Beatriz arqueou as sobrancelhas, se sentindo muito inteligente.

Mateus balançou a cabeça negativamente.

— Eu também converso com elas.

— Você precisa se organizar melhor, talvez. — Beatriz arriscou. — Não é só vir e jogar futebol.

— Às vezes, sim.

— Claro que não!

— A vida não tem um roteiro prático e infalível a ser seguido, Beatriz. — Mateus a encarou e ela prendeu a respiração com

aquela inesperada reflexão. — Você tem que relaxar mais e ser menos... metódica.

Beatriz abraçou as pernas, pensando na situação em que se encontrava. Poucos meses atrás ela nunca nem cogitaria encontrar com Mateus em outro lugar fora as aulas de reforço e, de repente, lá estava ela ao lado dele em pleno período de férias. E não queria ir embora, mas...

— Eu não posso simplesmente me deixar levar pelas minhas emoções — Beatriz sussurrou, quase como se estivesse aconselhando a si própria. — O mundo não funciona assim.

Não o meu mundo, Mateus.

— Eu não estou dizendo que devemos nos entregar às emoções — ele se defendeu — Mas também não podemos passar a vida amarrados às regras. É certo que tem que ter ordem e precisamos agir com cuidado. Isso não significa que não possa viver com leveza. Não significa que você vai ter sempre uma resposta pra tudo.

Beatriz fitou o céu azul e limpo enquanto ponderava as palavras de Mateus. Ela queria muito confiar naquilo, mas... Não se sentia segura. Talvez fosse esse o seu problema. Talvez ela fosse o tipo de pessoa que precisasse de um mapa que guiasse fielmente o caminho a ser percorrido. Caso contrário, estaria perdido.

— Você não entende...

— Não, você que não entende, Beatriz — Mateus suspirou. — Preste atenção: você sabe quantas fórmulas existem para se montar um cubo mágico, certo? — A garota acenou com a cabeça positivamente. — E sabe quantas eu sei? Nenhuma! E não estou nem ligando pra isso. Montá-lo sem pensar na lógica planejada pra

esse objetivo já é meu prazer. Você tem que fazer as coisas porque gosta daquilo, não apenas automaticamente. Não deveria ser assim?

Sim, deveria... ela admitiu em pensamento. Não era assim com a matemática? Se lhe perguntassem, Beatriz poderia soletrar umas mil razões pelas quais ela era maravilhosa e admirável, importante para a sociedade e a qualquer um que tivesse os olhos bem abertos a enxergá-la com um mínimo de respeito. No entanto, se questionassem o porquê dela ser loucamente apaixonada pela ciência... haveria uma resposta exata? Tão técnica assim que possibilitasse a plena explicação de seus sentimentos?

De repente, Mateus estendeu a mão para Beatriz e ela percebeu que o garoto estava segurando uma pequena flor amarela. Ele a agitou de leve no ar, e Beatriz piscou alguns segundos antes de entender e pegar a flor

— Esta flor é prática — Mateus disse, fitando-a. — Ela cumpre seu papel porque desabrocha no seu tempo e atrai os insetos. Mas isso não impede de suas pétalas voarem quando um vento forte bater, certo? Também não devemos nos importar de “voar”, algumas vezes...

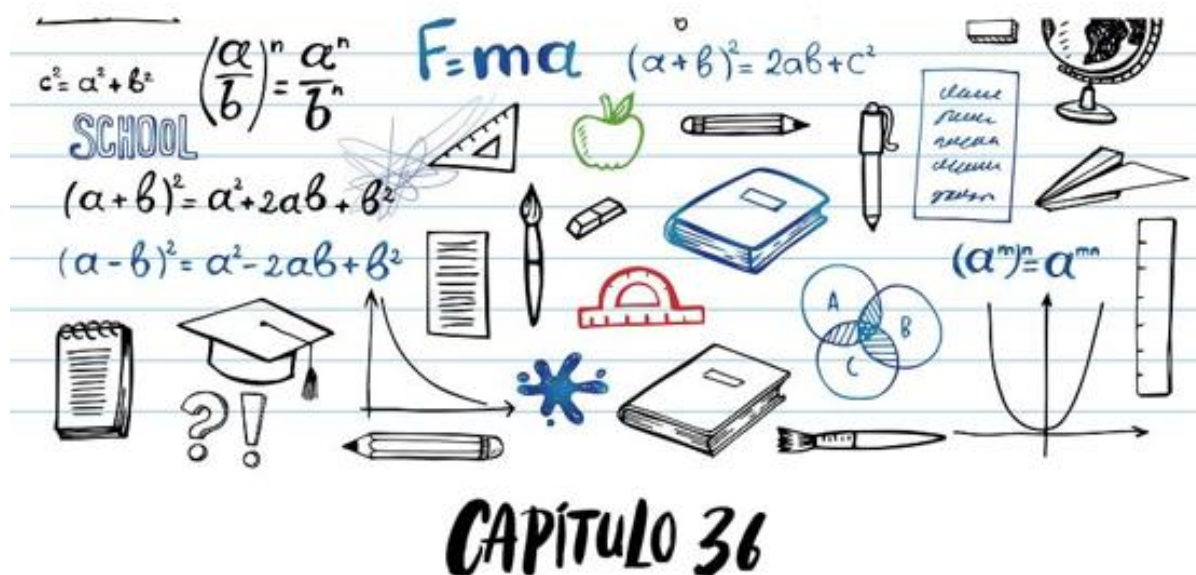
Beatriz ficou olhando para a flor sem acreditar que Mateus a estava usando como metáfora para dar uma lição moral. Ela era comum, nascia em praticamente qualquer lugar no inverno e como as chuvas estavam chegando, não era difícil de encontrá-la ali mesmo, no campo. Seu formato era composto de seis pétalas em espiral, mas não tinha cheiro, nem nada de especial, apesar de Beatriz achá-la bonita. E, em meio aquela simplicidade, ela capturou todo o significado pelo qual a pequena flor estava sendo usada. Ela

nunca tinha sido tocada por algo assim como aconteceu através das palavras de Mateus.

O garoto se levantou, fazendo menção de sair

— Agora... Preciso orientar esses monstrinhos — comentou e se dirigiu até as crianças, dando-lhes explicações, afastando-se de Beatriz e de seu semblante reflexivo.

Ela também se levantou e, enquanto Mateus estava de costas, guardou a flor no bolso da calça.



CAPÍTULO 36

O Natal se aproximava e, para angústia de Beatriz, ela tinha que realizar uma tarefa pra lá de surreal. Cláudio e Cristina já esclareceram seus planos de comemorar a data no sítio, junto com Firmino e Gláucia – e isso era ótimo para Beatriz, pelo fato de ficarem perto da família e tudo mais. Não tinha nenhum outro lugar onde pudesse se sentir acolhida e agraciada com o espírito natalino.

Seu desagrado, porém, veio com a invenção de Cláudio em fazer um jantar de ação de graças antes da comemoração de Natal, que incluía ninguém menos do que Mateus. Ele queria que o garoto participasse e Beatriz não considerava isso menos que uma ameaça. Além do mais, não imaginava como apresentaria uma ideia dessas para Mateus...

Cláudio se oferecera para convidá-lo formalmente, mas Beatriz se impôs assim que ouviu tal coisa. Não poderia deixar o encontro acontecer, porque já seria bastante intimidador para Mateus ter que encarar seu pai durante a noite, caso ele aceitasse. Por essa razão ela mesma se encarregou do caso.

E como era difícil executá-lo...

Na manhã de sábado, último dia de treino antes do feriado, Beatriz tentou ser coerente e ir direto ao ponto assim que visse Mateus, mas falhou miseravelmente. Era só encontrá-lo que perdia toda a firmeza de seu raciocínio. A ocasião também não estava exatamente normal, mudando o padrão ao qual estava acostumada. Acontece que algumas chuvas deixaram poças de água e rastros de lama espalhados pelo campinho e poucas crianças compareceram também. Mateus explicou que geralmente acontecia em tempo chuvoso; nem todos os pais deixavam os filhos saírem de casa ou ainda o trajeto dificultava, a depender de onde moravam.

Dessa forma, Beatriz não tinha muito trabalho a fazer, só que as barreiras internas continuavam travando sua mente. Então, ela deu de ombros e decidiu que não levaria aquilo de maneira tão exaustiva. Beatriz decidiu que agiria de forma leve, a ser, digamos, levada pelo vento. Feito as pétalas de uma flor

Depois de passarem alguma atividade simples para as crianças que decidiram ficar ao invés de voltar para casa (porque naquele dia elas estavam praticamente liberadas), Beatriz e Mateus se sentaram no lugar mais seco, ainda no gramado. Paulinha estava lá, junto com eles, porque ela não quis ir para casa de jeito nenhum, embora fosse a única menina ali, com exceção de Beatriz.

Em algum momento, Paulinha a chamou particularmente, perguntando à garota se não queria se juntar a ela no preparo de bolinhos de lama. Isso fez Beatriz franzir a testa, um pouco espantada com a ideia, o que provocou uma onda de gargalhadas em Mateus.

— Vamos, Bibia... — Paulinha insistiu. — Vai ser incrível!

— Ah, ela não vai querer — Mateus afirmou, ainda rindo. — Você não a conhece o suficiente, sabe? Ela é muito fina pra essas coisas.

— Ei, você não sabe de nada! — Beatriz exclamou, franzindo a testa. — Eu sei, sim; já fiz incontáveis bolos de lama quando era criança, no sítio em que meus avós moram...

Sítio dos avós. Isso fez com que se lembrasse do feriado e consequentemente do jantar que precisava expor para Mateus. Talvez fosse a hora, mas o tom zombeteiro dele a fez se calar.

— Não me diga... — Mateus provocou. — Me desculpe, então, cozinheira de lama. Eu pensei que você não soubesse se divertir.

Beatriz revirou os olhos, levantando-se de supetão.

— Você é um idiota, Mateus! Vamos, Paulinha, vamos fazer algo bem grande de lama pra esse, esse... esse bobo ver!

E as duas saíram rumo a alguma poça do gramado. Paulinha dava pulos de alegria, e Mateus apenas ficou observando as duas por um momento, sorrindo consigo mesmo.

Quer dizer então que você sabe fazer bolinhos de lama, Beatriz?

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Quando a proposta foi apresentada para Beatriz, ela não gostou nada, para falar a verdade. Se sujar não fazia parte dos seus planos nem era seu interesse quando saiu de casa aquela manhã, mas, em compensação, pôde fazer várias tortas, doces e outras comidas deliciosas, todas de lama, ao lado de Paulinha. Vê-la tão

animada e sorrindo valia a pena, além da aprovação de Mateus que, claro, teve que admitir que as duas fizeram um ótimo trabalho.

Ele se agachou perto de onde elas estavam e balançou a cabeça, mediante o esforço das duas. Além disso, recebeu um grande sorriso de Beatriz quando a encarou.

— Viu só? O que foi que eu falei... — ela disse, toda orgulhosa.

— É, devo dizer que estou impressionado. Só que tem um problema. — Mateus estava sério, fazendo Beatriz arregalar os olhos.

— O que foi?

— Você está toda suja.

— Aff. — Ela revirou os olhos outra vez. — Issoeu já podia imaginar, né?

Mateus continuou encarando Beatriz, já certo do que faria. Ela não fazia ideia de como o provocava com aquele movimento dos olhos.

— Mas tem um lodo horrível bem na sua cara — ele afirmou.

— Onde? — Beatriz gritou, desesperada.

— Aqui.

Num movimento rápido, Mateus pegou um punhado de lama com uma das mãos e fez um risco no nariz de Beatriz com o polegar. Paulinha explodiu em risadas e Beatriz só conseguiu fazer uma cara de choque por não ter conseguido se esquivar.

— Seu...

— Eu avisei, ué.

Por que a voz de Mateus estava tão calma? Beatriz não queria saber. Ela pegou um pudim de lama e jogou furiosamenteem

Mateus, o que o garoto também não esperava. Grande parte da sobremesa, naquele instante destruída, parou bem em seu rosto. Beatriz sorriu consigo mesma até Mateus abrir os olhos e a encarar, sério.

— Ah, ops... — ela disse, já se levantando, a fim de se afastar da fonte de lama que estava no chão ao seu lado e poderia ser usada contra ela.

Mateus também se levantou, devagar, e deu um passo em sua direção. Beatriz deu um passo para trás.

— Me desculpa, Mateus... — ela falou atropeladamente. — Desculpa, desculpa, desculpa, desculpa!

Aquela altura ela já estava correndo e ele a perseguiu. Beatriz não ousou olhar para trás enquanto cruzava o campinho, até que, de repente, Mateus a alcançou, segurou-a pela sua cintura e os dois caíram no chão. Incrivelmente sujos, eufóricos e um pouco suados, eles não paravam de gargalhar, até olharem um para o outro e o silêncio surgir.

Mateus foi o primeiro a se mexer, se afastando para o lado e Beatriz se sentou, cruzando as pernas numa tentativa de retomar o controle.

— Hum, desculpe... Você tá bem? — Mateus perguntou, embora não se arrependesse de tê-la derrubado.

Beatriz inspirou e expirou rapidamente.

— Ah, claro, tô sim...

Paulinha veio correndo até eles, ainda rindo.

— Isso foi tão legal! — ela gritou. — Dá pra fazer de novo?

— Não, não dá... — Mateus respondeu com um sorriso, sentando-se também.

— Aaaa... — a menina choramingou.

— Por que você não refaz nossa comida danificada? — Beatriz sugeriu.

— Tá bom!

Paulinha saiu correndo de novo, voltando para o local de onde a briga começou. Beatriz sacudiu os pés, fingindo-se importar em limpar o tênis. Mateus tirou o boné e sacudiu a cabeça, passando a mão nos cabelos.

— Posso te perguntar uma coisa? — Beatriz ainda olhava para os tênis, nem de longe limpos, mas achou melhor do que encarar Mateus.

— Só se eu te perguntar também — ele respondeu, negociando.

Aquilo fez Beatriz encará-lo, mas ela respirou fundo e balançou a cabeça positivamente, concordando. Então continuou.

— Eu queria saber... O que aconteceu naquele dia. — Mateus a olhou, confuso. — No dia em que você brigou com Vinícios.

Aquela dúvida se instaurou na mente de Beatriz desde outubro e só se acentuou ainda mais depois que o próprio Vinícios veio falar com ela. Mas era algo que não tinha coragem de perguntar, nem se achava no direito de se envolver... Até então.

Mateus suspirou.

— Não é nada que valha a pena. Só... foi uma provocação, uma estupidez. E eu acabei não resistindo porque ele citou o trabalho aqui, nos jogos, e... Isso é muito importante pra mim, você já sabe o porquê. Mas não quero que aconteça de novo.

— Hum... — Beatriz anuiu. — Agora entendo porque ele veio me dizer...

Ela parou na mesma hora em que viu a expressão de Mateus mudar de sereno para transtornado.

— Ele incomodou você? Como assim ele foi falar com você?

— Calma, não é nada disso... Quer dizer, ele não me irritou nem nada — Beatriz explicou, levantando as mãos em autodefesa. — Nós já éramos colegas de classe, então nos víamos praticamente todo dia mesmo. Ele só me falou numa aula que era pra eu te dizer que, bem, que não se metesse com ele, algo assim, ah, mas deixa pra lá.

— E por que ele veio pedir logo pra você?

— Bom, porque soube que eu estava te dando aulas, no projeto... Em todo caso, não interessa, isso foi há muito tempo. Mas, como ele acha que você pode atrapalhá-lo, de qualquer forma?

Mateus ainda não parecia convencido, mas resolveu responder à pergunta de Beatriz.

— É só porque ele gosta de jogar aqui com os amigos dele e queria usar o campo nos dias em que Sérgio reservou pra gente, só isso.

— Sério?

Ela nunca imaginaria isso, pois nunca o vira por ali ou sabia onde Vinícios morava. Mas também não conseguia acreditar que alguém fosse capaz de atrapalhar uma ação tão bonita e importante quanto a que Mateus participava.

— Pois é — o garoto voltou a se deitar, colocando as mãos por trás da cabeça —, mas como você mesma disse, não interessa. Ele quase não vem mais, Sérgio já resolveu. Agora, minha vez.

— Como assim?

— De te fazer uma pergunta.

— Ah...

— Tá legal. — Mateus a encarou nos olhos. — Por que você não fala pro seu pai que quer cursar matemática?

A indagação pegou Beatriz de surpresa. Ela simplesmente não soube como processar e voltou os olhos para o campo de novo, fugindo do olhar de Mateus. Pelo visto, ele sabia que era algo delicado e que Beatriz ainda não falou com o pai, e que, talvez, nem resolvesse tão cedo...

— O.k., foi uma pergunta insensível? — Mateus perguntou em seguida.

— Não, tudo bem — Beatriz disse após alguns segundos, pensativa. — Eu não sei bem o porquê, talvez não queira decepcioná-lo, mas... É complicado.

— Entendo.

— Sabe, tão complicado, mas *tão* difícil, que... Eu preciso falar que envolve você.

— Me envolve? — Mateus voltou a ficar sentado, num instante, para ouvi-la melhor.

— É que meu pai é muito dramático, às vezes, acredita?

— Nossa, eu nem sei a quem você puxou, então...

— Ah, para com isso! E... bem, ele quer fazer um jantar na próxima semana, um especial, e, tipo... Ele quer que você vá.

— Um jantar? — Mateus questionou perplexo.

Beatriz olhava para o chão, para os calçados... Qualquer lugar, menos para o rosto dele.

— Eu sei que é loucura, Mateus, mas não vá pensar em nada demais... É só que...

— Nada demais exatamente *como*, Beatriz?

— Ah, sei lá. É que meu pai não está sendo amigável ou algo assim. Muito pelo contrário. Você não conhece o meu pai — Beatriz suspirou. — Essa atitude não tem nada a ver com cordialidade. Ele só quer saber mais quem é você, porque...

— Por que eu passo muito tempo com a filha dele? — Mateus adivinhou.

— Ele só quer criticar você e achar mais motivos pra me criticar, provavelmente — Beatriz afirmou, por fim.

Eles pararam de falar por um momento que pareceu ser uma eternidade. Beatriz só esperava que as coisas não ficassem estranhas com Mateus, pois ela parecia que estavam se dando tão bem... Não queria que tudo acabasse novamente.

— Não importa — Mateus disse após um minuto. — Eu vou.

— O quê?

— Isso mesmo que você ouviu, não importa.

Beatriz arregalou os olhos, sem conseguir acreditar. É que aquela resposta era algo maravilhoso e terrível ao mesmo tempo.

— Puxa... — ela murmurou. — Eu só... Não pensei que você fosse aceitar assim tão rápido.

Ou mesmo que fosse aceitar..

— E por que a surpresa? Você esperava diferente?

— Sei lá, acho que sim. Eu já disse que isso não é um convite por amizade.

— Mesmo assim, Beatriz — Mateus afirmou. — Nenhum homem de verdade deveria recear ou ficar com medo de conhecer

os pais de uma garota. *Não importam quais sejam os motivos* — ele acrescentou em seguida.

Aquilo era exatamente o que Josias pensava e Mateus não se envergonhava em demonstrar o caráter que herdara do avô, só esperava que Beatriz não entendesse de maneira errada...

Ela o encarou, sentindo as bochechas arderem de um modo estranho. Beatriz nunca esperaria ouvir aquilo de Mateus. Ele sempre lhe pareceu casual, informal, desinteressado... Mas, surpreendentemente, era mais íntegro do que demonstrava.

— O que foi? — Mateus perguntou, quando ela permaneceu muda.

— O que foi, o que?

— Você está me encarando.

— Não estou, não! — Beatriz virou o rosto, sentindo as bochechas arderem ainda mais. *Que droga*, ela pensou. Tinha certeza de que agora era ele quem a encarava

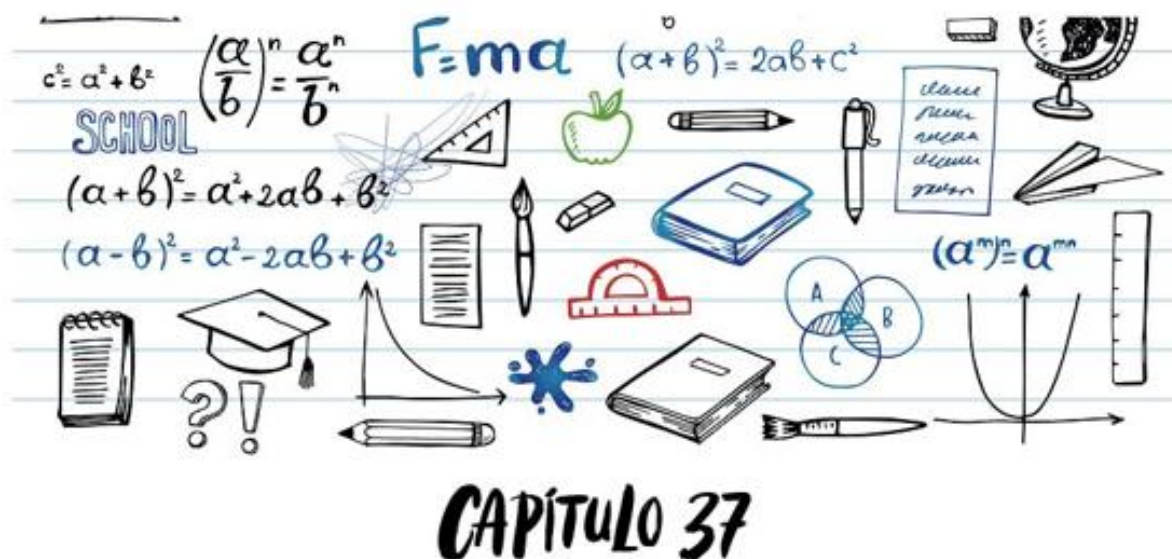
— Tá legal, acho que está na hora de irmos embora — Mateus disse depois de um tempo, levantando-se. — Você... — ele estendeu a mão para Beatriz, inseguro —, quer ajuda?

Ela o olhou um instante antes de segurar sua mão, um pouco suja de lama também, mas firme mesmo assim e rapidamente foi erguida do chão. Olhando ao seu redor, podia constatar um clima ameno, ver que Paulinha ainda brincava com as comidinhas de lama e que não havia grandes chances de chover ou de um sol forte aparecer. No entanto, olhando mais atentamente, não havia necessidade disso, porque Mateus parecia brilhar ainda mais do que a grande estrela ou qualquer farol deste mundo, através de seus

olhos... Só torcia intimamente para que ele não pudesse perceber isso.

E, quando enfim se despediram e saíram em direções opostas, Beatriz sentiu uma vontade surpreendente de voltar e caminhar ao seu lado, ouvir sua voz e quem sabe segurar sua mão outra vez, sentindo o calor daquele toque... Logicamente, ela não fez nada disso e a última lembrança que teve de Mateus foi ele acenar brevemente antes de voltar a caminhar em sentido contrário, a mente de Beatriz recriminava seu pobre coração palpitante.

Ele disse que iria – ela pensou – Que iria para o jantar... E essa resposta inesperada só trazia a certeza de que a cerimônia com os pais não seria nada menos que desastrosa.



Beatriz implorou a sua mãe que, de alguma forma, convencesse os pais de L etícia para que eles a deixassem participar do jantar também. Porque ela não queria que ficasse um clima estranho, como se parecesse que “Mateus e eu fôssemos namorados” – argumentou.

A ocasião foi marcada para a segunda-feira à noite, às 19h, de modo que não fosse muito cedo e nem acabasse tão tarde. Cristina se empenhara no preparo da refeição e Cláudio passara a tarde inteira no quarto, lendo ou tentando fazer algum trabalho. Beatriz, também trancada em seu quarto, queria imaginar que aquilo não estava acontecendo. Mas não tinha como fugir.. Ela já havia se trocado há horas e esperava L etícia na companhia de *Emília* a boneca do “Sítio do Picapau Amarelo”. I ssomesmo, porque o livro “*Aritmética da Emília*” era um dos únicos inf antis que sobrevivera com o passar dos anos e que Beatriz relia quando queria se distrair.

L etícia foi a primeira a chegar, no começo da noite e foi diretamente para o quarto de Beatriz. Ela tentou desvendar alguma

coisa, mas foi alertada de que não deveria fazer nenhuma piadinha.

— Você nem faz ideia de como isso é ruim. Está proibida de me zombar!

Letícia não conseguiu evitar algumas risadinhas, mas assegurou a Beatriz que ela não tinha por que se preocupar. No que dependesse de sua parte, prometeu ser muito discreta e imparcial. Mas Beatriz ainda tinha todas as dúvidas e ansiedades do mundo sobre si e essas afirmações nada convincentes. E ainda tinha seu pai...

Elas desceram para a sala alguns minutos depois, pouco tempo antes de Cláudio aparecer. Ele sorriu para as duas, mas Beatriz não retribuiu. Não queria se mostrar indignada, mas ao mesmo tempo, não conseguia agir com tranquilidade. Qualquer prova de geografia que ela já fizera na vida não se comparava ao desafio que enfrentaria. E, quando a campainha tocou, Beatriz sentiu algo parecido com o que imaginou que seria se uma pessoa estivesse num navio e alguém dissesse que haviam icebergs à vista.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤️}$$

Mateus não estava de preto. Pela primeira vez, Beatriz o viu com uma camiseta de outra cor. A que ele vestia era branca, de mangas longas, sem nenhuma estampa. Calça jeans preta e os tênis comuns completavam a combinação simples, mas ele também parecia... incrível. E usava o boné. Em plena noite.

Cláudio o cumprimentou com um aperto de mãos (demorado demais para Beatriz, mas talvez fosse paranoia sua) e Cristina o convidou a entrar.

— Obrigado, senhora. Aqui. — Ele estendeu um pequeno jarro que continha uma planta, que Letícia explicou depois ser aranto. — Minha avó disse que é ótima para o ambiente. E também pode ser usada para fazer chá.

— Que amável! — Cristina sorriu. — Agradeça a ela por mim. Agora vamos, vamos todos para a cozinha, acho que todo mundo já está com fome.

Mateus cumprimentou Letícia com um aceno de cabeça e sussurrou “oi” para Beatriz, junto com um sorriso, tentando tranquilizá-la. Ela sussurrou *oi* de volta, mas sem o sorriso. Estava completamente tensa e mantinha as mãos nos bolsos do macacão.

Cristina pediu que todos se sentassem, pois o jantar já seria servido. Cláudio ficou na ponta, com Cristina e Mateus de cada lado. Beatriz sentou do lado da mãe, e não conseguia saber qual era o pior: se a aproximação do pai com Mateus, ou o fato de ter Letícia na sua frente, com uma expressão risonha. Pelo menos, Mateus tinha tirado o boné.

Depois de agradecerem pela comida, todos foram convidados a se servir. O cardápio, realmente, não poderia ser melhor: arroz branco, escondidinho de carne seca, purê de batata, salada... Então, Cláudio começou a falar e Beatriz parou de respirar no instante seguinte.

— Fico feliz por estar aqui, Mateus. Beatriz me advertiu várias vezes sobre o quão difícil seria para você conseguir comemorar conosco.

Ele a olhou de relance, junto com Mateus, mas ela não disse nenhuma palavra ou sorriu. Beatriz tinha tentando fazer o pai desistir da ideia a todo custo, além de ter uma mínima esperança de

que Mateus não comparecesse. Mas ele manteve firme a palavra de que não importavam os motivos. E ali estava ele, sentando à mesa.

— Eu que agradeço — o garoto disse, contendo-se. — Está tudo ótimo.

— É claro que o convite estava estendido a sua mãe e avó — Cristina comentou —, mas entendemos que elas não poderiam vir. Vão passar o Natal juntos, não é?

— Sim, nós sempre ficamos juntos.

— Hum... E quanto ao seu pai, Mateus? — Cláudio perguntou. — Acho que ainda não ouvi falar dele.

O garoto respirou fundo, antes de começar. Beatriz sentiu que aquele não fora um bom questionamento. Por que Mateus pareceu ficar abatido, de repente? Mesmo assim, ele levantou o olhar e falou com tranquilidade.

— Nós não moramos com o meu pai. Ele vive em outra cidade, muito distante daqui. Foi embora... Desde que eu era criança, então não costumo falar sobre ele.

— Entendo.

Um silêncio pesaroso se instaurou. Mateus olhou para Beatriz, que o encarava com uma expressão mista de surpresa e tristeza. Apesar disso, ele sorriu.

— Deve ter sido muito difícil para você... — Cristina comentou, suavemente. — Mas tenho certeza de que são uma família forte e feliz, apesar das dificuldades. E espero que a sua avó restaure a saúde também.

— Somos fortes, sim. Obrigado.

Todos acenaram com a cabeça e por um minuto se concentraram na comida. Beatriz pensou que talvez a noite não

estivesse tão ruim, afinal. Até seu pai voltar a falar e deixá-la completamente afrita de novo.

— Que bom saber disso, Mateus. A união da família é mesmo muito importante, principalmente nessas situações. A propósito, como vão seus pais, Letícia?

— Estão bem, obrigada — ela respondeu, rapidamente. — Mamãe mandou lembranças, inclusive. Quer terminar seu arranjo antes do ano novo, dona Cristina.

— Oh, ficarei muito grata.

— Ouviu só, Mateus? — Cláudio aproveitou o comentário. — Os pais de Letícia são apaixonados por floricultura. É um hobby que eles têm, não é mesmo? — Letícia confirmou com a cabeça. — Acho que todos nós somos feitos de alguma coisa que nos motiva. Beatriz, por exemplo, é tão dedicada aos estudos que foi escolhida pelo professor para dar aulas particulares.

Beatriz engasgou. Não queria que o pai tocasse nesse assunto, mas ele o fez. E Mateus pareceu levar aquilo como se estivesse ouvindo pela primeira vez.

— É verdade... Beatriz me ajudou bastante nesse último semestre. Não sei o que teria acontecido comigo sem ela.

— É, não foi? Ah, e não precisa se acanhar, Mateus. Eu também era péssimo em matemática no colegial. Essa genialidade toda de Beatriz não foi herdada de mim.

— Claro que não, porque foi de mim — Cristina disse e todos na mesa riram, menos Beatriz.

Ela mantinha os olhos baixos, tentando se concentrar na comida, algo completamente impossível, embora tenha gostado do último comentário. Realmente, seria ótimo se Cristina falasse mais,

mas parece que sua mãe estava muito interessada em ouvir sobre Mateus também, apenas era mais cuidadosa.

— E tenho certeza de que as diferenças não foram problema pra que vocês dois ficassem amigos, não é, Beatriz? — Cláudio continuou, sem nenhuma dificuldade. — Vamos, filha, fale alguma coisa. Acho que você está muito calada hoje.

Beatriz encarou o pai sem ter ideia do que fazer. Ela sabia que ele só a estava provocando, mas não queria que aquilo ficasse pior. Não queria desrespeitá-lo, mas o que diria? Estava a ponto de perder o equilíbrio. Se estivesse sentada ao seu lado, provavelmente já teria pisado em seu pé por debaixo da mesa. Esperava que seu olhar pudesse confirmar isso mais claramente do que conseguiria dizer com palavras.

— Claro que havia dúvidas no início, mas quem consegue resistir à genialidade dela? — Mateus respondeu inesperadamente, fazendo Beatriz arregalar os olhos e ganhando a atenção de todos. — Eu me vi enganado depois de um tempo porque, no começo, achei que a Beatriz fosse mesmo metida e arrogante, sabe? Pela condição superior que tem, além de completamente maluca. Mas foi até eu perceber que era realmente sincera e apaixonada pelo que fazia, embora eu nunca vá entender como alguém pode gostar tanto das questões matemáticas...

Cláudio o encarou seriamente por alguns segundos, e Beatriz sentiu o coração sair para fora. Se pudesse, ela teria voltado um instante atrás e falado tanto até ninguém mais querer abrir a boca.

— Bem... Que bom, não é mesmo? Obrigada por nos contar — Cristina disse, sem jeito.

Mas a intenção de Mateus funcionou porque todos passaram a focar nele novamente e não em Beatriz. Ele esperava que ela tivesse entendido isso, apesar de não tê-lo encarado mais. Talvez tivesse ficado com vergonha do cara esquisito que seus pais queriam tanto conhecer melhor. Mas pelo menos Letícia caiu na onda e fez mais alguns comentários duvidosos sobre os estudos e sobre si mesma. Pelo menos o ajudou a não se sentir um completo boboca.

Não demorou muito para que eles terminassem o jantar e Cristina anunciasse a sobremesa, uma torta gelada de abacaxi com caramelo.

— Está delicioso, senhora — Mateus elogiou e Cristina balançou a cabeça.

— Fico feliz que esteja do seu agrado. Eu não sou muito boa em sobremesas, mas gosto de me arriscar um pouco na cozinha.

Beatriz lutou internamente para não revirar os olhos ou discordar dela. Sabia que a mãe era ótima com doces, mas muito modesta, também.

— É, acho que todo mundo tem suas propensões — Cláudio comentou. — O que você gosta de fazer mesmo, rapaz?

Embora a pergunta não tenha sido direcionada para si, Beatriz pensou automaticamente nas músicas. Era o que ela achava que Mateus fosse responder, porque basicamente era o que Mateus vivia fazendo: ouvir suas músicas, mas não foi o que ele fez. Para surpresa de todos, após pensar um instante, Mateus pegou um dos guardanapos sobre a mesa e começou a moldá-lo, até formar um aviãozinho.

— Nossa, que legal! — Letícia exclamou, sincera, enquanto todos os outros não tinham palavras para se expressar. — Eu nunca aprendi a fazer isso. Então, você é bom com origamis, também?

— Pode-se dizer que eu tenho alguns gostos peculiares... Acho que todo mundo tem. — Mateus sorriu, deixando Beatriz completamente sem graça.

Agora, sim, seu pai iria matá-la. Ela pensou que ele estaria a fituzilando com o olhar, mas, quando o fitou, encontrou Cláudio impressionantemente concentrado na dobradura sobre a mesa.

— É, realmente... interessante. — Cláudio sorriu. — Pensei que você fosse falar em futebol, Mateus.

— Ah, também gosto bastante, mas não é exatamente o ramo que eu vá seguir futuramente. Creio que não funcionaria pra mim.

— E você já sabe o que quer? — Cláudio perguntou, atento.

— Não tenho certeza ainda, mas... Eu acho que, quando encontramos esse caminho, não é algo que se deva mudar pelas circunstâncias. Porque é maravilhoso exercer aquilo que amamos e nenhum esforço é trabalhoso demais. O mundo faz sentido e nós encontramos sentido em quem somos no mundo também. A cada dificuldade que enfrentamos, porém, saímos mais fortes e cheios de energia. Porque temos prazer naquilo e total certeza do que buscamos. Não acha? É isso que eu penso que vou sentir quando tiver certeza sobre o que fazer

Beatriz fechou os punhos sobre o colo, se esforçando para que não começasse a chorar, porque sentia que aquelas palavras cheias de significado diziam exatamente sobre si. E, se tivesse

observado Mateus enquanto as profetizava, teria constatado que ele olhava mesmo para ela.

Após o jantar, Cláudio se ofereceu para deixar Mateus em casa, mas o garoto insistiu que não precisava se incomodar e que ficaria bem, pois ainda não estava tão tarde. Ainda assim, Cláudio pediu um transporte por aplicativo e Mateus não teve como recusar.

— Obrigado por tudo — Mateus disse, enquanto todos se despediam na sala.

— Foi um prazer — Cláudio afirmou, cumprimentando-o novamente com um aperto de mãos. — Acho que deveríamos convidá-lo mais vezes, você tem um ótimo senso de humor.

Beatriz tocou no braço da mãe, implorando que fizesse algo com o olhar. Cristina soltou um pequeno riso, alegre, apesar do apelo da filha.

— Realmente, foi muito agradável. Dê lembranças a sua mãe e um beijo na sua avó.

— Pode deixar. — Mateus sorriu. — E mais uma vez, estava tudo maravilhoso.

E então eles se calaram, sem saber exatamente o que fazer enquanto esperavam. Cláudio convidaria Mateus a se sentar um instante no sofá e Beatriz estava a ponto de subir para o quarto — com a única vontade de sumir da Terra, mas Cristina foi mais rápida.

— Letícia, minha lindinha, por que não me ajuda com os pratos? — A menina concordou prontamente, voltando para a cozinha. — E, querido — Cristina olhou para Cláudio —, por que não vamos terminar de organizar nossas coisas? Temos que deixar tudo pronto para a nossa viagem até amanhã.

Cristina passou o braço pelos ombros do marido, já o levando da sala.

— Mas, espere, não podemos deixar nosso convidado...

— Sim, sim. Beatriz, amor, cuide do Mateus, está bem? Leve-o até lá fora e, mais uma vez, foi um prazer conhecê-lo.

Mateus acenou com a cabeça, olhando para Beatriz em seguida, que tinha a maior cara de antipatia do mundo.

Lá estavam os dois, sozinhos novamente.



— Sabe, adorei seus pais. E que comida era aquela? Uou. Foi o melhor jantar que eu comi em anos. Acho que nunca mais vou

escovar os dentes.

Aquilo fez com que Beatriz o olhasse, repreendendo-o, mas a expressão travessa que encontrou nos olhos de Mateus foi tão intensa que ela não conseguiu se segurar e acabou rindo.

— Você... é um bobo, Mateus. E eu não acredito que... disse aquilo sobre mim. Ficou maluco?

Mateus franziua testa, mas depois sorriu, imaginando a que parte da conversa ela se referia.

— Desculpa, acho que eu exagerei um pouquinho... Mas eu precisava falar Beatriz. Seu pai precisa saber o quanto você gosta de fazer isso que você precisa saber que você é muito além do que as expectativas dele. E também precisa aceitar as suas escolhas.

Beatriz o encarou com um misto de emoção e surpresa, sem encontrar o que dizer.

— Mateus...

Ele sorriu, olhando para ela.

— Sabe, aquilo que você me perguntou um tempo atrás, que eu não soube te responder.

— O que?

— Sobre o vestibular. Meu futuro... E o que seu pai acabou me perguntando, também.

— Ah...

— O que eu realmente queria fazer.. Era ser piloto.

— Piloto?

— Sim. Da aviação.

— Mas como assim?

— Eu sei, é difícil de acreditar né? Mas eu gosto dessa área.

Beatriz não conseguia mesmo acreditar, nunca imaginaria algo assim. Mas ela não achava que Mateus estava mentindo. Pelo contrário, seu rosto expressava uma sinceridade inexplicável. Beatriz se lembrou do avião que ele fizera e que deixara na sua mesa de jantar e então tudo pareceu fazer sentido em sua mente.

— O avião que você fez... Não era um tipo de piada?

Mateus balançou a cabeça negativamente.

— Eu sei que é bem confuso. Mas era meu brinquedo preferido quando eu era criança e eu sempre ficava imaginando voando num deles. E também, meio que... É por causa do meu pai.

Beatriz arregalou os olhos.

— Não me diga que ele era piloto?

— Não, de jeito nenhum. Na verdade, ele era caminhoneiro, mas... Eu não cheguei nem a conhecê-lo, Beatriz, não de verdade.

— Mateus desviou o olhar, pensativo. — Não me lembro da voz dele, do cheiro, nem de nenhum contato, porque ele foi embora e abandonou a minha mãe quando eu era bem pequeno. E, às vezes, eu fico imaginando como seria se ele tivesse ficado, ou como seria viajar com ele, dirigindo, indo pra outras cidades... Por isso mesmo, a ideia de pilotar se tornou ainda mais importante pra mim quando eu crescia. Me dei conta que, bom, na estrada você pode ir pra muitos lugares e não ficar parado se assim desejar, mas, lá em cima, um avião não fica planando pra sempre. Eu curto a ideia de voar porque, em algum momento, o avião vai ter que pousar e eu gosto da ideia de pertencer a algum lugar. Eu *quero pertencer* a algum lugar.

Quando olhou para Beatriz novamente, Mateus a encontrou com lágrimas escorrendo pelas bochechas. Ela até tentou se

segurar, só que quando deu por si, já estava chorando, sem conseguir se controlar diante de tamanha confissão.

— Ei, Beatriz, não é pra tanto! — Mateus exclamou, um pouco assustado. — Eu não queria te fazer ficar triste ou...

— Não, tudo bem. — Ela tentou limpar as lágrimas, escondendo o quão profundamente as palavras dele a tocaram. — Eu só sou uma chorona mesmo... Não era assim antes de conhecer você.

Ela desviou o rosto, tentando escondê-lo de Mateus. Ele contou umas três vezes, até que enfim estendeu a mão e tocou no queixo de Beatriz, enxugando as lágrimas que ainda restaram.

— Tenho a impressão de que você sempre foi assim...

Beatriz voltou novamente a olhá-lo, e Mateus sorriu ligeiramente envergonhado. Ela sorriu de volta.

— Obrigada por compartilhar isso comigo.

Mateus a olhou por uns instantes que pareceram intermináveis. Então, Beatriz expirou, desviando o olhar outra vez.

— Puxa, cadê esse táxi que não chega? — indagou, mudando de assunto.

— Verdade! Completamente atrasado.

Mateus não estava mais nem se lembrando de ir para casa, mas tratou de se levantar depressa, ajudando Beatriz em seguida. Os dois ficaram em silêncio alguns instantes, olhando ao redor e na direção do portão. Depois seus olhares se encontraram novamente e pareceram ficar paralisados por alguns segundos.

De repente, Mateus quebrou o contato e deu uma pequena risada, divertido.

— O que foi? — Beatriz perguntou, curiosa.

— Eu, que pensava que você era toda arrogante e agora estou aqui contando essas coisas pra você...

Beatriz não se segurou e riu também.

— É, olha só, o jogo virando contra você.

— Tem razão. Mas acho mais fácil do que resolver aquelas barbaridades que você inventava.

— Ei!

Beatriz deu um soquinho no ombro de Mateus, e eles apenas sorriram por alguns instantes.

— Beatriz — Mateus sussurrou, de repente.

— Oi?

Era impressão dela ou eles estavam ficando tão perto que já podia até sentir a respiração dele em sua face? Beatriz não conseguiria explicar. E, quase que automaticamente, ela estava inclinando o corpo para frente, assim como Mateus; seus narizes estavam quase batendo, até que...

— Você é uma garota muito incrível, sabia? — ele disse, trocando o peso de uma perna pra outra, ao mesmo tempo em que empurrou o corpo pra trás.

— Eu? Ah, bem... Obrigada, eu... — Beatriz também deu um passo para trás, esperando não estar com as bochechas tingidas da mesma cor que as paredes de seu quarto.

Bem nessa hora, a porta da sala se abriu e os dois deram mais um passo para trás, involuntariamente e ao mesmo tempo. Beatriz pensou, horrorizada, na possibilidade de ser seu pai, mas foi Cristina que apareceu.

— Oh, vocês ainda estão aqui... — Ela fingiu surpresa. — Queira me perdoar, Mateus, mas o primeiro motorista cancelou a

corrida na metade do caminho e tive que pedir por outro. Não tem problema na demora, né? Ou será que...

— Não, não tem problema nenhum! — Mateus afirmou. — Está tudo bem, obrigado.

— Oh, que bom. Fico feliz. — Cristina sorriu. — Beatriz?

— Sim?

— Poderia entrar agora, por favor? Letícia já está no seu quarto, te esperando. E, sabe como é, né? — Ela piscou, como se contasse um segredo. — Seu pai morre de ciúmes da princesinha dele.

Depois de ouvir aquilo, Beatriz marchou pesadamente para dentro, sem nem dizer adeus para Mateus, muito menos olhar pra ele. O garoto passou a mão nos cabelos, igualmente desconcertado. Um pensamento cruzou pela sua cabeça, rápido como um raio, de que havia uma possibilidade (pra lá de constrangedora) da mãe de Beatriz tê-los observado de casa.

— Não se preocupe, querida, eu fico com ele até o táxi chegar — Cristina falou para Beatriz antes que ela tivesse entrado, e Mateus se viu em apuros.

Segundos depois, o transporte apareceu mesmo e começou a buzinar.

— Obrigado, senhora. Hã, tenha uma boa noite — ele falou apressadamente, virando-se para sair.

Daquela vez, Mateus não queria encarar seus problemas. Queria fugir

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Beatriz não conseguia assimilar tudo o que estava acontecendo. Ela queria se deitar, mesmo sem ter a mínima vontade de dormir e se agarrar ao travesseiro, acomodando-se para divagar pelo restante da noite os acontecimentos dos últimos meses, dias, horas... Mas era uma coisa impossível com Letícia ao seu lado.

Mal entrou no quarto e a garota já explodiu em inúmeras risadinhas, perguntas e implicações. E Beatriz se viu obrigada a jogar os travesseiros nela.

— Chega, não quero nenhum pio!

— Mas Biaaa... — Letícia pediu, ainda rindo. — Você não pode fazer tanto mistério pra mim, vai...

— Posso, sim. E se você me irritar de novo, vai direto pra casa!

Beatriz se jogou sobre o colchão e cobriu o rosto com uma almofada. Letícia ainda queria fazer vários questionamentos, mas deixou a amiga em paz. Sabia o quanto ela estava perturbada e confusa. Que o amor rouba todos os sentidos, lógicas, precisões. E que não é tão fácil de ser aceito.

Ela deixou Beatriz reclusa em seus dilemas e se acomodou no colchão extra, pensando sobre os próprios problemas, mas não demorou muito para adormecer. Letícia era a mais sonolenta das duas e nunca tinha problemas com insônia. Ela gostava de dormir cedo também pra aproveitar melhor o dia. Já Beatriz, podia passar horas madrugando debruçada sobre alguma questão ou estudo... Até aquela noite, que desconfiava que passaria tempo demais pensando em sua relação com Mateus.

Algumas pessoas acham os cálculos e fórmulas matemáticas complicadas, mas, para Beatriz, as maiores incógnitas que

poderiam existir eram os sentimentos de alguém... Os seus próprios, no caso, eram um verdadeiro paradoxo e haviam se tornado um caso perdido, porque ela não poderia mais negar a si mesma o que sentia.

Por que os jovens podem ser tão complicados? A adolescência é aquele período em que afloram e se intensificamos sonhos, conflitos e frustrações. Além dos amores... Mas isso era algo que Beatriz não imaginava ter que enfrentar. O amor aos cálculos deveria ser o bastante. Tinha que ser.

Até um *garoto-problema* aparecer.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Em algum momento da madrugada, Beatriz se levantou sorrateiramente do quarto. Ela constatou que Letícia dormia tranquilamente, então desceu para a cozinha, tentando não fazer barulho. Beatriz não queria que ninguém a flagrasse acordada até aquela hora, só precisava beber água. Mas, talvez, também quisesse ir a um local diferente para reagrupar as ideias.

O Natal seria dali a um dia, e logo veria os avós. Imaginou que poderia relaxar e organizar melhor a mente por lá. Enquanto isso, tentaria não perder a razão que lhe restava... se é que ainda havia alguma.

Depois de vários minutos em que fazia companhia ao pinguim que ficava em cima da geladeira, Beatriz resolveu voltar para o quarto e esperar que amanhecesse. Parou no meio do corredor quando escutou a voz de seus pais, que conversavam. Beatriz não queria bisbilhotar, mas não conseguiu se conter após ouvir seu nome, e automaticamente se moveu até a porta do casal.

— O que ela viu nele? Eu não consigo entender... — Cláudio indagou e Beatriz congelou.

— Eu o achei muito educado e gentil — Cristina respondeu, com uma voz tranquila. — Por favor Cláudio. Você tem que aceitar que a nossa filha cresceu, querido...

— Sei, sei. Mas... Ainda não acredito que Beatriz se apaixonou por ele. Era para serem estudos, pelo que me lembro e veja só no que deu.

Algum barulho interno fez Beatriz dar um salto, e ela correu o mais silenciosamente que conseguiu para o próprio quarto, antes que os pais pudessem perceber sua presença ali. Ela deitou na cama outra vez e tentou fingir que não tinha ouvido nada. Mas era impossível.

Sua respiração estava acelerada e seus pensamentos, também. Beatriz cobriu o rosto com as mãos, cheia de apreensões e morta de vergonha. Sabia que aquele jantar não terminaria bem.



CAPÍTULO 39

Adriana ficou interessada em saber do filho sobre como tudo ocorrera na casa da garota que o ensinava e que participava da atividade dos jogos. Só que Mateus tentou se mostrar indiferente, natural, como se tudo não tivesse nenhum significado especial. Ele contou da recepção dos pais de Beatriz (deixando de lado os olhares investigativos de Cláudio) e todos os outros aspectos, sem muitos detalhes. Falou da comida e do ambiente, e de forma nenhuma citou o momento em que ficara a sós com Beatriz.

Não que tivesse acontecido nada de errado, mas... Afinal, o que foi mesmo que aconteceu? Mateus nunca havia falado sobre seus sentimentos em relação ao pai como naquela noite. Nunca expressara seus anseios, frustrações, nem mesmo os sonhos mais íntimos para mais alguém que não fosse da sua família (no caso, sua confidente de sempre, Lucíola). O fato é que Mateus também nunca se sentiu tão desconcertado por nenhuma outra menina como se sentira com Beatriz.

Ele ainda não conseguia assimilar como conseguira se controlar, mas, sua cabeça ainda martelava com a memória vívida de que esteve a ponto de beijar a garota (que mal aguentava no começo do semestre) horas antes. E, sendo sincero, era exatamente o que Mateus queria ter feito.

Ele refletiu se já não era sua vontade há muito tempo... Contudo, não conseguiu beijá-la naquele momento porque sua consciência falou mais alto. A última coisa que Mateus queria era confundir os sentimentos dela – que ainda não sabia interpretar totalmente, nem fazê-la pensar que era um cara qualquer. Não, Beatriz não merecia ser tratada com grosseria. A primeira coisa que Mateus faria, depois de conversar com ela e esclarecer sua opinião, seria conversar com seu pai e pedi-la em namoro. Sim, isso mesmo, porque embora possa parecer brega, coisa “antiga”, era o que Mateus achava certo. Algo que seu avô faria, com certeza. E enchia o garoto de orgulho se parecer com ele.

Na verdade, o que impediu Mateus de beijar Beatriz, também, foram seus próprios medos e dúvidas. Ele estava assustado, tinha que admitir, talvez tanto quanto ela. Ficou confuso porque ainda não acreditava no que havia acontecido consigo mesmo. Era a primeira vez que ele tivera a certeza de nutrir sentimentos românticos por Beatriz e sua mente parecia não poder suportar a ideia de que ele havia se interessado justo por ela. Novamente lá estava Beatriz, aquela menina mimada, esnobe, a mais inteligente da turma, ocupando um novo lugar de destaque em Mateus; daquela vez em seu coração.

E ele estava mais zozinho com isso do que quando respondia as atividades de Rodrigues. O fato é que ele se deu conta de que

Beatriz se transformou na garota mais linda que já conheceu, e queria muito contar pra sua avó também, mas não sabia por onde começar. Não sabia como explicaria para a mãe que as aulas de reforço foram o caminho para complicações maiores... E não sabia como encarar Beatriz da próxima vez que a visse, já que tinha convicção sobre o que sentia. Não sabia nem encarar a si mesmo.

Que grande pateta eu sou, Mateus pensou. Já deveria ter aceitado a realidade e ponto. Até porque era fácil gostar ou se interessar por alguém (o sentimento que nutria por Beatriz não surgiu de uma hora pra outra). O difícil mesmo era ter certeza do que acontecia depois disso.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

A véspera do feriado foi normal para a família de Mateus. Eles permaneceram sozinhos, sem nenhuma visita, reunidos em casa. Adriana e o filho se preocuparam constantemente com Lucíola, que continuou teimosa e alegre como sempre. Não havia papais-noéis, um grande pinheiro dentro da sala ou mesmo piscas-piscas rodeando a casa, mas o amor que concretizava aquela união era a verdadeira benção do Natal.

Os três eram mesmo felizes, Mateus tinha certeza. Por mais difíceis que fossem alguns dias, cada um deles era uma peça indispensável na vida do outro. Lucíola, que o diga. Era a luz na vida de Mateus, e conseguia saber exatamente o que o garoto sentia. Antes da ceia (que não ocorreria à meia-noite, em justiça a saúde de Lucíola), a senhora entrou no quarto do neto, surpreendendo-o.

O garoto estava sentado ao pé da cama, com algumas folhas ao seu redor. Eram resumos de *matemática*. Ele ergueu as

sobrancelhas ao descobrir que a avó o observava.

— Tudo bem, vó?

— Sim, está tudo bem, meu filho. Será que posso ficar um pouco com o meu netinho?

— Claro que sim. — Mateus sorriu.

Lucíola caminhou lentamente até onde ele estava e se sentou na cama, próxima suficiente dele para mexer em seus cabelos.

— Estudando?

— Talvez... Colocando as coisas no lugar. — Mateus deu de ombros e começou a juntar as folhas.

— Não precisa guardar — Lucíola afirmou. — Nem esconder de mim. Eu sei sobre ela.

Mateus parou imediatamente.

— *Ela?* — Encarou a avó, assustando-se com seu olhar.

— Essa preocupação que não sai dos seus olhos... — Lucíola sorriu. — Não se angustie. Eu já percebi o quanto você anda meio angustiado.

— Ah...

Mateus suspirou, encarando o chão. Seria hora de contar? Lucíola parecia conhecer todos os seus segredos, assim como sempre sabia quando ele fazia alguma traquinagem quando era criança. Tinha quase certeza de que não precisaria revelar nada. Mesmo assim...

— Sabe, vó... — Mateus começou. — Acho que estou mesmo com um problema que eu não sei bem como lidar...

— Hum... Como foi com essas coisas de matemática?

— Sim, mas muito pior. Digo, um *pouco* pior... É diferente.

Lucíola sorriu, carinhosa.

— Pode me contar, filho.

Mateus relaxou. Ele olhou para os resumos, o cubo mágico perto da porta e para os resumos outra vez.

— Eu me apaixonei, vovó... Creio que é um caso sério.

A possibilidade de afimar isso para a própria mãe era muito distante para Mateus, mas confessar a Lucíola não era tão pesado assim. Porque ela era como sua melhor amiga desde sempre. Ele ouvia seus conselhos e não fazia nada que fosse recriminado pela avó. Pertencia a ela a opinião mais importante do mundo.

— E a garota sortuda também gosta de você?

Mateus riu, nervoso.

— Acho... que sim. Quer dizer, não é possível que tenha me aguentado tanto tempo assim se não...

— Bem, essa não é a resposta certa. Você tem que dizer o que sente a ela.

Mateus a olhou.

— Mesmo?

— Não tenha medo de se machucar, meu filho. Nem tudo acontece como queremos, mas embora precise saber disso, não deve reprimir o que seu coração sente. Eu já estou velha demais para esperar muito mais tempo... Preciso ver você com alguém logo.

— Vovó!

— Brincadeira...

Os dois riram alguns instantes, até Mateus balançar a cabeça.

— É. A senhora tem razão. Preciso contar.

— Não esconda nada. E venha pedir meu colo se for rejeitado. — Lucíola beijou a cabeça do neto antes de se levantar

para ir embora. Mateus a olhava sem acreditar naquele incentivo, mas ela parou assim que chegou à porta. — Ah, e convida a Beatriz para vir aqui. Não é justo que ela roube a paz do meu neto e fique por isso mesmo, quero conhecê-la também.

Mateus arregalou os olhos, mas Lucíola saiu antes que pudesse perguntar qualquer coisa. Era verdade que a avó sabia de tudo sobre ele e a comprovação disso não o incomodou. Mateus desconfiava que se tornasse mesmo óbvio, afinal, ele não aceitaria jantar com a família de uma garota, mesmo que fossem simples amigos. Haveria de ter um motivo a mais.

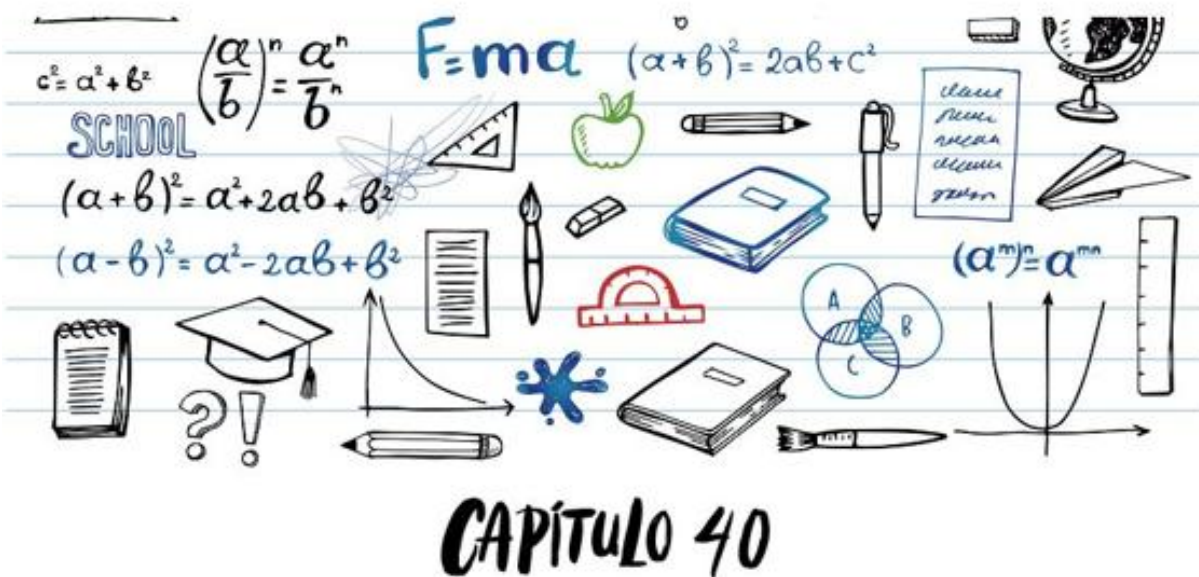
Mateus não conseguiria explicar, de todo modo, como exatamente aconteceu. Mas estava completamente apaixonado por essa garota chamada Beatriz. E não demoraria para que outras pessoas, além de Lucíola, descobrissem. Algumas vezes, isso parecia tão complicado que ele quase desejou ter que fazer aulas particulares novamente ... mas reprimiu a vontade, lembrando-se que fora a partir daí que tudo começou, sua história meio complicada com Beatriz.

Ele pegou uma folha limpa dentre seus papéis e depois de procurar por uma caneta em meio à pequena bagunça, começou a escrever rapidamente. Podia ser cafona, mas Mateus tinha que fazer isso.

Eu vou fazer isso, afirmou para si mesmo.

Depois de grafar três linhas, Mateus dobrou o papel, formando um avião.

Sim, eu... consigo fazer isso.



Mateus achou que fosse realizar o que havia planejado na próxima vez que encontrasse Beatriz no campo de futebol. Mas o que tinha imaginado foi completamente desfeito no começo da semana. Suas expectativas foram transformadas de maneira extraordinária com a simples menção de Adriana de que, parada na porta de sua casa, havia uma garota pedindo para falar com ele.

Mateus sentiu o mundo rodopiar imediatamente e queria acreditar que não era quem estava pensando. Mas não tinha chance de ser outra pessoa. Lá estava Beatriz, esperando na calçada, quando ele saiu do quarto e espiou pela janela da sala. Estava tão bonita... Não que houvesse feito nada de diferente; continuava com o mesmo cabelo, vestindo jeans e uma camiseta básica, igual a qualquer outro dia. Mas parecia mesmo mais incrível aos olhos de Mateus porque, afinal, foi a percepção dele que havia mudado.

— Não vai chamá-la para entrar? — Lucíola perguntou, com um sorriso sentada na sala.

— Claro! — Mateus afirmou rapidamente. — Só... Preciso de uma coisa.

Ele correu para o quarto de novo e depois voltou, parando um segundo ao pé da porta antes de, enfim, abri-la.

Eu vou fazer isso

— Beatriz?

Ela o encarou na mesma hora, sorrindo.

— Ah, oi, Mateus. — Virou o rosto para ele abruptamente. — Tudo bem?

— Sim, tudo ótimo... O que faz aqui?

— Eu preciso conversar com você, encontrei com sua mãe agora a pouco...

— Sei, pode entrar.

— Não precisa, eu só...

— Entra, *por favor* — Mateus abaixou o tom de voz. — Minha vó vai me matar se eu não fizer isso.

Beatriz riu, perdendo um pouco a timidez.

— Tá bom.

Beatriz se deparou com Lucíola assim que entrou no aposento. A senhora de cabelos grisalhos e olhos fundos pareceu medi-la com os olhos por um instante, mas logo um sorriso amável surgiu no canto dos lábios.

— Olá, minha jovem. Seja bem-vinda.

Beatriz sorriu, sem saber direito como agir. Aquele era um momento que ela já tinha imaginado acontecer, porque queria muito conhecer a avó de Mateus depois de tudo. Só que ficarem frente a ela assim, sem nenhum preparo era um desafio aos nervos.

— Oi... Obrigada. Eu vim porque preciso falar com o Mateus.

— Fique à vontade. Sente-se. — Ela apontou para uma cadeira em frente à dela, e Beatriz obedeceu. — Me chamo Lucíola.

Adriana apareceu logo em seguida, vindo da cozinha.

— E então, como estão? — perguntou, olhando para Beatriz.
— Quer alguma coisa, uma água? Desculpe por não a receber direito, estou um pouco ocupada...

— Imagina, não tem problema nenhum! — Beatriz sorriu, dando de ombros.

Sua presença inusitada ali não requeria mesmo atenção, porque ela só precisava contar algo a Mateus. Ele a encarava com nervosismo e curiosidade tão grande que Beatriz nem suspeitava.

Eu vou conseguir.

— Estamos bem, Adriana — Lucíola afirmou. — Pode deixar.

— Ótimo. Então, se precisar de alguma coisa, é só me chamar.

Adriana saiu, voltando aos seus afazeres após um sorriso. Ela era basicamente da mesma altura de Mateus, um pouco mais baixa, só que os cabelos não eram iguais, apesar de também serem escuros. Estavam presos e só alguns fios caíam, mas Beatriz reparou no quanto era bonita. Tinha alguns traços de Lucíola, como o formato do rosto e Beatriz também começou a procurar isso em Mateus.

— E então, mocinha, como se chama mesmo?

— Ah, Beatriz! Meu nome é Beatriz...

— Hã, vó... — Mateus foi até ela, mas Lucíola o afastou com um aceno de mão.

— Deixe de ser chato, estamos conversando. Então, Beatriz... Você é a candidata a namorada do meu neto?

— Nãooo! — Beatriz sentiu o rosto ficar vermelho. — Nós somos apenas da mesma escola e não temos absolutamente nada! Eu precisei ensinar a ele algumas aulas, e...

— Vovó! — Mateus exclamou constrangido.

Se havia quem o amava tanto quanto puxava as orelhas, esse alguém era Lucíola. Ela riu um pouco antes de se levantar, pedindo desculpas a Beatriz.

— Está tudo bem. Eu estou brincando, querida. Acho que vou ajudar Adriana lá dentro. E não se acanhe, você é uma boa menina. Ou então, eu não teria ouvido falar tanto de você... Vou deixar que conversem mais à vontade agora.

Lucíola saiu e daquela vez foi Mateus que revirou os olhos, envergonhado. Ele puxou uma cadeira para o lado de Beatriz – a uma distância que considerou segura, e falou, quando a avó já não era mais vista:

— Foi mal. A minha vó, é... um pouco implicante comigo, às vezes...

Beatriz não conseguiu controlar o riso e cobriu a boca com as mãos, divertida. Nunca pensou que veria uma cena de Mateus assim. Apesar de estar envolvida, era muito... f of o. Então os dois sorriram um instante e aquele silêncio voltou, o mesmo da última noite em que se viram. Beatriz só queria que seu rosto não deixasse transparecer nada do que se passava por dentro...

Em pouco mais de 72 horas, Mateus estava decidido a seguir o conselho de sua avó, que impressionantemente já sabia da verdade. Então, Beatriz apareceu mais rápido do que ele imaginava e, olhando diretamente para ela, Mateus não sabia mais se conseguiria.

Eu vou conseguir.... pensou, *mas ainda não.*

— Então, o que você queria mesmo? — ele perguntou, tentando ganhar tempo.

— Hum, pois é... — Beatriz balançou os pés, esf orçando-se para não perder o f oco.— Eu sei que esperava me ver no campo, mas... Precisei vir aqui antes, porque não vou poder ir essa semana.

— Entendi...

— Nem nos dias seguintes, talvez.

— Como assim? — Mateus f ranziu a testa, ligeiramente preocupado.

Uma sombra de temor passou por seus olhos.

Será que é hora de dizer? Antes... que seja tarde?

— Eu gosto muito de ir! Mas é que os meus pais querem f icar mais uns dias na casa dos meus avós — Beatriz explicou. — Quer dizer, após o Natal, f oiótimo e tudo, mas... Meu pai quer f icaruns dias de janeiro também e não sei exatamente quando vou voltar, por isso... Precisava te avisar.

— Ah.

Mateus tirou a mão do bolso.

Não vou conseguir

— Não é que eu esteja abandonando a atividade, sério! Mas eu tinha que dizer antes que eu não aparecesse e você...

— Achasse que tinha perdido o interesse? Eu nunca pensaria isso. Beatriz é uma máquina de empenho, não seria capaz de abandonar as crianças por puro egoísmo.

Apesar do tom irônico, Beatriz sentiu alguma coisa errada em Mateus.

— Hum... Tudo bem, então?

— Claro que sim, por que não estaria?

— Ah, certo. Desculpa.

Ela desviou o olhar dele, pensando se havia sido uma boa ideia ter ido até ali. Apesar de já terem o segredo sobre as quintas revelado, talvez fosse melhor se tivesse pedido a Letícia para dar o recado, ao invés de ter ido pessoalmente. Mas Beatriz achou que fosse o correto a fazer, por isso não resistiu. No fundo, ela também queria vê-lo, afinal, não sabia quanto tempo demoraria até que isso acontecesse outra vez.

Enquanto a observava, Mateus pensava se a aflição que sentia tinha fundamento. Ele nunca se importou muito com as aulas no contraturno, mas, conhecendo-a agora, não suportava a ideia de que Beatriz fosse embora, que não viesse mais, que acabasse desistindo. Mesmo que nunca tivesse dito, os dias no campinho foram muito melhores quando Beatriz estava lá e ele já não se imaginava indo sozinho.

No fundo do coração, Mateus não queria deixar Beatriz partir.

— Beatriz.

— Hã? O que foi? — Ela o encarou de novo.

De repente, eles estavam com os olhos fixos um no outro. Mateus pensou se não fosse aquele o momento em que deveria agir, não podia mais correr o risco de esperar.

— Eu preciso. Te dizer. Uma coisa.

As palavras saíram trôpegas, mas Beatriz pareceu não perceber. Ela estava tão dispersa quanto Mateus.

— Pode... dizer — ela sussurrou em resposta, engolindo em seco.

Mateus correu a mão ao bolso do short outra vez, procurando por algo. Os olhos de Beatriz sempre foram daquela cor? Eles pareciam maiores e mais castanhos.

— É que...

— Mateus! — A voz de sua mãe repercutiu pela sala e o garoto se afastou no mesmo instante, deixando escapar um suspiro de decepção. — Você sabe onde eu deixei... — Adriana parou no meio da frase, percebendo o desconforto dos dois jovens, que olhavam opostamente para as paredes da sala. — Atrapalho alguma coisa?

— Não, mãe...

— Ah, bom... Acho que eu já devo ir. — Beatriz se levantou num salto, para desespero de Mateus. — Foi um prazer, obrigada por tudo.

— Mas espera. Como você vai voltar pra casa? — Mateus perguntou.

— Não se preocupe, a minha mãe tinha que resolver umas coisas por aqui, ela vai me encontrar depois da praça.

— Ah... Vá com cuidado, então — Adriana sugeriu.

— O que eu perdi? Você já vai? — Lucíola apareceu a passos lentos. — Que pena, adoraria conversar mais...

— Eu também. — Beatriz sorriu, já caminhando para a porta. — Quem sabe outro dia?

— Espere! Não quer que eu te acompanhe?

É minha última chance— Mateus pensou.

— Não precisa, sério — Beatriz se apresou em dizer. — Eu sei o caminho, tchau!

E saiu quase correndo.

— Filho, depois me ajude a procurar o espremedor de laranjas, certo? Não encontro em lugar nenhum. E feche bem a porta — Adriana pediu, antes de voltar ao trabalho.

Mateus não pôde nem vê-la saindo direito...

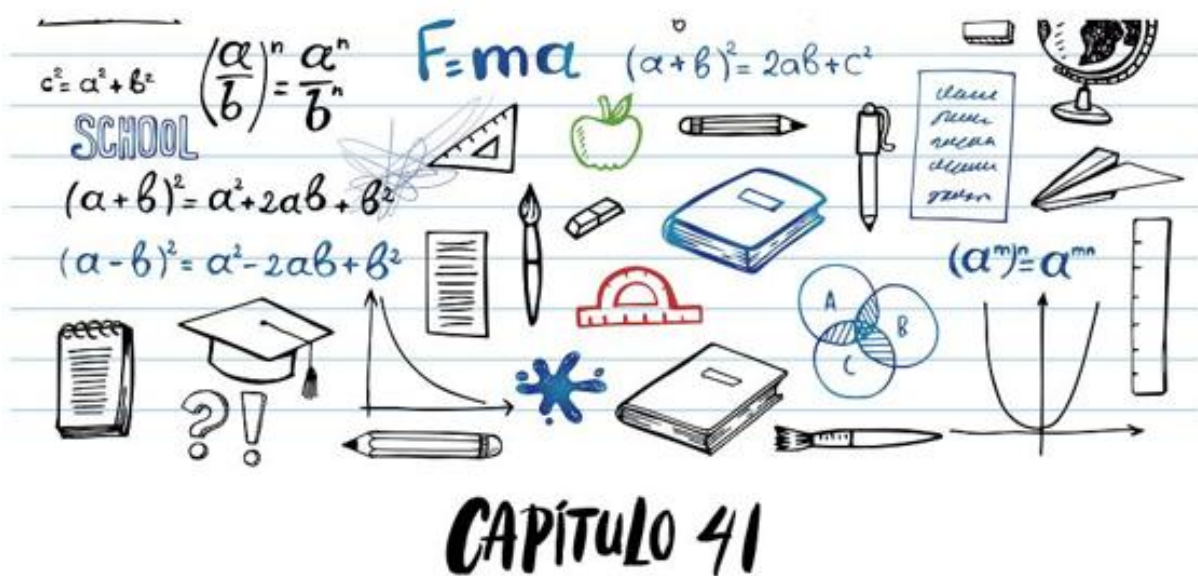
— E, então? — Lucíola perguntou, com olhos cheios de curiosidade, se aproximando dele.

— Nada.

— Nada?

Mateus retirou a mão do bolso, finalmente segurando o avião que fizera anteriormente nas mãos.

Eu perdi.



Pela segunda vez na vida, Beatriz não queria pensar em matemática porque, em certo grau, fazia com que se lembrasse de Mateus.

A garota escolheu a mala de viagem para levar ao sítio, afinal, passaria mais dias por lá, como quando era criança. A bagagem deveria conter o suficiente para até um mês, mas Beatriz desejava voltar antes disso. Tinha que voltar...

Acontece que só descobrimos que queremos muito uma coisa quando ficamos mais distantes dela. Foi o que Beatriz aprendera sobre si mesma naqueles dias. A cidade se tornou especial, com um significado diferente e um lugar ao qual ela queria *pertencer*. Isto é, roubando as palavras de Mateus. Ele havia ensinado várias coisas para Beatriz, apesar de ter sido tarefa dela fazê-lo. Mas a vida é tão cheia de aprendizado como de surpresas.

Visitar a casa de Mateus foi outra reviravolta, uma das coisas mais aterrorizantes que Beatriz fez até então. Depois de sua ida nada agradável pela primeira vez, ela pensou que nunca mais

pisaria os pés por lá. Só que foi a única coisa que cogitou para se justificar sobre o campinho. Não poderia deixar Mateus sem conhecimento e correr o risco de parecer irresponsável, mal-educada ou até mesmo ingrata. Não, também não queria deixar a cidade sem vê-lo mais uma vez... Essa sua *paixonite*, como Beatriz descrevia às vezes para si mesma, estava ficando fora de série.

Ela saiu às pressas, dois dias atrás, porque não conseguia mais estar ao lado de Mateus sem ficar completamente atrapalhada, e era outra novidade difícil de aceitar. A apresentação com a avó dele só contribuiu para que Beatriz ficasse ainda mais nervosa, e ela não teve alternativa melhor. No entanto, se quisesse mesmo continuar ajudando nos jogos com as crianças, precisaria aprender a lidar com o caos que eram os seus sentimentos.

Despedir-se de Letícia não foi nenhum problema. As duas se encontraram na casa da própria Beatriz e Letícia esperou pacientemente até que a amiga entrasse no carro.

— Se cuida, Bia. E me liga! — Letícia pediu, já com saudades.

— Não se preocupe, Lê. Você é mesmo a única pessoa pra quem eu vou ligar.

Letícia riu e Cristina pediu que a filha se apressasse, porque Cláudio já estava esperando no automóvel. Beatriz deu um último abraço na amiga e a deixou na calçada, antes de sair.

Seu pai a olhou pelo retrovisor, mas voltou a atenção para a estrada quando Beatriz percebeu. Cláudio estava estranho, de alguma forma que Beatriz nunca viu. Ele não falava muito com ela, mas não estava zangado ou algo parecido. A expressão dele era diferente daquela que apresentava quando ficava irritado ou não

concordava com algo. Beatriz só não queria que isso estragasse o clima das férias em família, pelo menos...

Firmino e Gláucia receberam todos com o maior carinho de sempre ao chegarem à fazenda. O quarto que Beatriz ficaria também era o mesmo, mas o ar estava um pouco diferente da última vez. Ela sentiu um pouco de frio e constatou que começara a chover, eventualmente. Isso fez Beatriz se lembrar de quando fez bolos de lama com Paulinha e do que sucedeu com Mateus... Não, ela tinha que parar de pensar nele. Ela balançou a cabeça e saiu, tentando conter os impulsos. Seria pedir demais ao próprio coração que se “desapaixonasse”?

No segundo dia em que estava lá, porém, Beatriz parou de lutar contra si mesma e passou a deixar os pensamentos em paz, porque ela não conseguia mais ignorar a ciência exata... Nem Mateus. Amar algo ou alguém também é pura equação racional, apenas não tem uma resposta clara.

“A matemática é a mais simples, a mais perfeita e a mais antiga de todas as ciências”, dissera *Jacques Hadarmard* e esse foi um lema adquirido que Beatriz aprendeu a guardar no coração.

Já Mateus, bem... Era outro elemento que seu coração resolveu guardar, mas que sua mente deveria aceitar a esquecer. Pelo menos, enquanto aqueles dias durassem. Porque não havia alternativa a não ser tentar se desapegar dele.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Mateus encarava o teto do quarto, por minutos seguidos, naquela tarde abafada. Não havia duvidado sobre o que faria antes, mas, naquele momento que tinha o celular em mãos, refletia sobre o

que executar. Sua avó estava dormindo no quarto ao lado, mas ela tinha o sono pesado. Mesmo que não fosse o caso, não o preocuparia caso Lucíola ouvisse. Adriana, por sua vez, tinha saído para o mercado, o que deixou Mateus aliviado.

Ele não estava ouvindo música. Não tinha intenção nenhuma de se distrair, porque o garoto queria ficar o mais acordado possível. O mais lúcido e atento que conseguisse, embora achasse que vacilaria quando ouvisse a voz dela.

Mas precisava tentar.

Ele respirou fundo e discou o número, colocando o celular no ouvido. Esperou. A ligação chamou duas vezes e nada. Depois repetiu o processo, já aguardando o possível corte do sinal, mas uma voz doce atendeu.

— Alô?

Era Beatriz que estava na linha.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

— MATEUS?

Beatriz gritou no meio da tarde. Exatamente entre o corredor e a antessala e depois correu para o quarto em que estava acomodada. Alguém poderia ter ouvido, a casa toda, para ser realista. Mas ela não se importou. Pelo menos, não pensou nisso quando constatou quem havia ligado.

— Surpresa?

— Você é maluco ou o quê?

Beatriz suspirou de emoção. Fazia uma semana que ela não ouvia nem a voz de Mateus e ele havia telefonado? Era quase inacreditável.

— Acho que sou meio maluco... — Mateus respondeu. — Mas não tanto quanto você. Alô? Beatriz?

— Oi...

A garota tinha realmente perdido os sentidos. Ela fechou a janela e a porta do quarto, deitou na cama e se cobriu pelas cobertas, com a esperança de que ninguém entrasse.

— Eu achei que a ligação tivesse caído... Bom... Está tudo bem por aí?

— Mais ou menos... Um frio meio congelante pela manhã, chás à noite... Acho que vou sobreviver.

— Acredito. Pelo menos não tem o calor daqui.

Pausa.

— Mateus...?

— Sim?

— Você não me ligou só pra saber como está o clima ou...

— É, tem razão...

— Espera. Como você conseguiu mesmo meu telefone?

— Você ainda não sabe?

— Eu deveria saber?

Pausa.

— Hum, não, deixa pra lá.

Beatriz pensou que Mateus deveria ter pegado com Rodrigues, no fim das contas, só não entendia o porquê do mistério. Mas não fazia diferença, pois ela gostou disso mesmo assim.

— E como vão os jogos?

— Ah, estão ótimos. Guto quase quebrou o braço esse fim de semana e os pais dele me puniram com quase tudo o que podiam, mas fora isso as coisas correm normalmente.

— Meu Deus! Sério?

— Não, tá tudo bem. Sérgio estava lá, ele cuidou de tudo. Não se preocupe.

— Uf a...

— E a Paulinha sente muita falta de você. Não para de me perguntar quando volta.

— Oooh... Na verdade, eu ainda não sei, por alguma razão meus pais querem continuar aqui, mas... Eu espero retornar em breve. Também sinto saudades.

Eu também, Mateus pensou.

Pausa.

— E... Não tem mesmo nenhuma previsão do dia? Quero dizer, em que estará aqui.

— Por que o interesse?

— É que as crianças são muito pequenas pra implicar; preciso de uma cobaia crescida novamente.

— Mateus!

— E não vá revirar esses seus olhos. Sem brincadeira, mas acho que já posso sentir isso mentalmente.

Beatriz prendeu a respiração, porque era exatamente o que ela tinha feito automaticamente. Será que Mateus conseguiria adivinhar o quanto estava nervosa, também? Falar com ele pessoalmente já era uma tarefa singular, que foi formada aos poucos, mas por ligação era algo completamente distinto. Se fechasse os olhos, Beatriz poderia imaginar seu rosto, sem ficar com vergonha dele ver suas bochechas coradas, o que não era um problema ali...

— Beatriz... Beatriz?!

— Oi!
— Achei que tinha caído.
— Desculpa...
— Então, acho que você deve estar ocupada aí, né...
— Não, imagina!
— Bom... Eu vou desligar aqui. Tchau.
— Ah... Tchau. Hã, Mateus?
— Oi?
Pausa.
— Manda um beijo pra sua avó.

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Um beijo pra avó? Sério, quem diria isso? Beatriz só podia ter pirado mesmo. Ela nem conhecia direito Lucíola. Naquele momento, foi a única coisa que veio na sua cabeça e resolveu falarantes que Mateus desligasse. Porque, a verdade, era que ela queria continuar conversando com ele...

Beatriz não podia negar a felicidade que teve naquele dia, nem a esperança de que Mateus ligasse outra vez. Ela queria que ele ligasse, por mais que tivesse negado ao avô que ficara a tarde trancada no quarto.

“Eu ouvi vozes”, Firmino dissera, mas Beatriz alegou que havia sido só por um momento. Um momento que lhe roubou a noite e qualquer parcela de sono, inclusive.



As lâmpadas do sítio não eram as mesmas de casa, fluorescentes, mas com o passar dos dias Beatriz se acostumou com a luz amarelada. A claridade não era exatamente a ideal para se ler, só que aquela era uma atividade que ajudava a atrair o sono. Sem seu computador, Beatriz não lia nenhum artigo ou conteúdo didático e embora tenha desistido algumas vezes, continuava insistindo em *Dom Quixote*, que encontrou há uns dois dias. Apesar de preferir ler sobre os números, ela também se cobrava a expandir seu horizonte de leituras.

O romance estava começando a ficar interessante quando Cláudio bateu na porta.

— Posso entrar?

Seu pai colocou metade do corpo para dentro e Beatriz pôde observar o quanto ele estava diferente. Não usava terno, gravata, nem camisa social ou qualquer outra coisa que precisasse estar engomada. Vestia uma calça de moletom, camisa simples e chinelos em vez dos sapatos. Seus cabelos estavam até um pouco

despenteados e os dias recluso da cidade já fizeram com que a barba crescesse um pouco. E era ótimo vê-lo assim, tão... informal. Beatriz só conseguia encontrar Cláudio desse jeito ali, na casa dos avós, porque ele não ficava tão relaxado em nenhum outro lugar, nem mesmo em casa.

E ela conseguiu analisar tudo isso em menos de um minuto.

— Pode entrar, pai — Beatriz respondeu, fechando o livro e o colocando de lado sobre o colchão.

Cláudio se aproximou em silêncio e se sentou na beirada da cama, encarando o cômodo ao redor. Depois, olhou de relance para a filha e apanhou o clássico volume, passando a folheá-lo brevemente.

— Olha só, você está lendo Dom Quixote...

Beatriz arqueou as sobrancelhas, admirada. Fazia um tempo que ela percebera que havia alguma coisa errada com o pai, mas achava que descobriria a razão através de Cristina. Nunca imaginou que o próprio Cláudio iria até ela para... conversar?

— Pois é, eu peguei o livro da estante do vovô... — Beatriz explicou, querendo muito mudar de assunto. — Então, você queria me ver?

Cláudio deixou o livro de lado e encarou Beatriz, após um suspiro.

— Sim. Eu preciso falar com você.

A garota engoliu em seco, endireitando a postura.

— Certo.

— Beatriz, por favor, não precisa ficar tão rígida. Me veja como um pai, não uma entrevista de emprego.

— Ah...

O comentário tinha sido engraçado, mas Beatriz ainda estava tensa. Ela só imaginava que Cláudio teria motivos muito sérios para falar com ela em particular e diretamente daquela forma.

— É, acho que eu dei razões pra você agir assim comigo — ele murmurou, pensativo, antes de voltar os olhos para Beatriz novamente. — Mas, sabe, não faz tanto tempo, de todo modo. Eu me lembro de carregar você nos meus braços, quando era bem pequenininha. Não pode omitir isso.

Imaginara cena fez Beatriz rir. Mas ela logo parou. Aonde seu pai queria chegar, carinhoso desse jeito?

— Quer dizer então que você estava com saudades da sua menina e veio desejar boa noite? — Beatriz arriscou.

— Mais ou menos...

Cláudio tinha os cabelos castanhos, da mesma cor de Beatriz. Ela puxara o amendoim de seus olhos, também. Só que os dele pareciam tão envelhecidos... Talvez fosse apenas a pouca luz que se dispersava no cômodo.

— Pai?

— Sabe, Beatriz... Eu estive pensando esses dias... Nunca vi você se interessar tanto por algo quanto nos últimos meses.

A garota respirou fundo, imaginando o assunto que trataria.

Respire, Beatriz, respire.

— Mesmo? E...

— Acho que foi egoísmo de minha parte tentar criar em você padrões que me foram colocados no século passado. — Cláudio afirmou sem rodeios, para surpresa de Beatriz. — No período da minha mocidade, era o que funcionava, por isso eu quis que você fizesse o mesmo, Beatriz. Mas... — ele fez uma pausa, tentando

encontrar as palavras certas —, seguir os passos de alguém não significava necessariamente tudo o que a pessoa fez ou faz. Eu sei que você pode ser forte, ousada, corajosa e ter sucesso sem precisar escolher a profissão que eu atuo, por exemplo.

Doía no ego falar aquilo, mas Cláudio sabia que precisava ser dito. Era a verdade, e Beatriz tinha que ouvir de sua própria boca. A garota o encarou com espanto e ele não podia culpá-la disso. Também não poderia mais ficar indiferente à filha.

— Eu tenho observado que... você tem bastante interesse pela matemática. E... Eu sei que você tem os próprios desejos. — Os olhos dela se arregalaram um pouco mais. — Todos têm, principalmente nessa idade, porque é quando percebemos que somos velhos em algum aspecto, mas jovens o bastante para fazer o que escolhermos ou buscar o que quisermos. Quando saí dessas terras, ainda moleque, com meus irmãos, o objetivo era conquistar o mundo. E eu consegui, à minha maneira. Fui o primeiro a me formar. Me dediquei e vi o orgulho que dei aos seus avós.

— Pai...

— Eu quero que saiba que você já me orgulha, Beatriz. E sei que também vai conquistar o seu mundo. Mesmo que ele seja diferente do meu.

Ouvir aquilo não estava nos planos de Beatriz, nem em suas maiores utopias. A garota não pôde evitar as lágrimas que brotaram e ameaçaram escorrer no rosto, já molhando sua face.

— Não chore, Beatriz — Cláudio pediu.

— Por que está me dizendo isso? — Ela finalmente o encarou, procurando por respostas.

— Porque você é minha filha e eu te amo. — Cláudio sorriu, compassivo. — E embora sejamos diferentes, sempre vou te amar

Ela não conseguia acreditar, alguma coisa não estava encaixando. Parecia que havia outro homem no lugar de seu pai. Poderia ser um efeito estranho do chá? Todas as noites Gláucia preparava algum. Quem sabe não poderiam estar afetando Cláudio... Beatriz balançou a cabeça, tentando alinhar os pensamentos. Aquilo era coisa de criança. Embora não fosse adulta, seu pai era.

— Acho que... — Beatriz limpou a garganta, controlando as emoções. — Bom, concordamos que você nunca viu a licenciatura ou a docência com bons olhos...

Cláudio franziu a testa, balançando a cabeça em afirmativo.

— É verdade, está certa nisso.

— Então, agora mudou de ideia, é isso?

— Como eu disse, eu tenho minhas opiniões... Você é brilhante, Beatriz, realmente brilhante. Mas o maior trunfo que tem é a sua bondade. Sei disso, embora talvez eu tenha demorado um pouco para assumir ou não tenha deixado você perceber — Cláudio suspirou, olhando-a nos olhos. — Eu quero o melhor para você e tentei fazer o que eu achava ser o melhor, de acordo com meus padrões. Mas no fim, o melhor é que você seja feliz, e eu não poderei ser feliz sem ver a sua felicidade.

Beatriz o encarava com atenção. Era tão difícil assim encontrar vulnerabilidade nele? Talvez fosse o tempo, o próprio estresse ou as coisas da vida que fizeram de Cláudio mais duro nos últimos anos. Mas ele continuava sendo uma boa pessoa. Era seu

pai. Beatriz nunca negaria que o amava. Só que vivenciar aquilo que ocorria ali era difícil de acreditar

— Não me olhe assim. Eu sou humano também — Cláudio disse, como se adivinhasse os conflitos que se passavam na cabeça dela.

Beatriz sorriu, melancólica. Ela também podia se lembrar dos dias em que seu pai estava mais próximo a ela, em dias como aqueles, de férias, no meio do campo. Não duvidava em nenhum momento do que ele sentia por Cristina, os dois podiam ter seus conflitos, mas se amavam. E, ainda assim, ela receava...

— Então... Você quer me ver feliz?

— Claro que sim, Beatriz. Não seja boba.

Ela fechou os olhos um instante, e a voz de Mateus surgiu em suas lembranças como um relâmpago cortando o céu, sem aviso.

Por que você não fala pro seu pai que quer cursar matemática?

Beatriz não tinha certeza... Seria aquele o momento certo? E, quando seria, afinal? Cláudio mesmo dissera, ela podia ser corajosa. E ela queria ser corajosa. Deveria aproveitar esses minutos preciosos em que o pai agia com afeto e foi o que tentou fazer, mas assim que abriu a boca, ainda incerta sobre como começar, seus lábios murmuraram o nome de *Mateus*, misturando os pensamentos com a realidade, e a expressão de Cláudio mudou completamente.

— Ah, aquele garoto, Mateus... — comentou, deixando a filha totalmente envergonhada e aflita ao mesmo tempo.

— Não, pai, espera! O que eu quis dizer...

— Vocês parecem ter desenvolvido uma amizade incomum.
— Cláudio a cortou, encarando-a com desaprovação. — Eu não me surpreenderia se isso virasse algo mais.

— Papai! — Beatriz exclamou, encolhendo-se. — Eu não... Não está acontecendo nada entre a gente!

— E por que o espanto, Beatriz? — Cláudio indagou, ao que a garota arqueou as sobrancelhas, ainda mais confusa. — Não se preocupe. Eu também já tive a sua idade e sei como é me apaixonar.

Beatriz cruzou os braços, com a boca entreaberta, nada menos que chocada. O que era aquilo que seu pai estava sugerindo? E a forma que estava fazendo, tão... calmo? É certo que ela nunca tivera uma amizade com outros garotos como tinha com Mateus, mas... pensar que seu pai estava questionando um fator romântico era constrangedor. Mesmo que fosse verdade.

Como se lesse seus pensamentos, Cláudio soltou uma risada controlada, para diminuir a tensão.

— Desculpe, acho que você espera tratar desses assuntos com sua mãe.

Não mesmo – Beatriz pensou, mas não disse em voz alta. Apenas deu de ombros e revirou os olhos, encabulada.

— Nada a ver...

— A princípio, eu realmente achei uma péssima ideia — Cláudio confessou. — Não queria que você se envolvesse com... alguém como ele. Digo, um garoto imaturo e de baixo desempenho.

— Hã, pai...

— Por favor, me deixe terminar. Isso... São características que deduzi inicialmente. E me desculpe sobre a ideia do jantar, eu

sei que você se chateou, mas foi uma forma de conhecê-lo também. E, acredite, eu me chatee mais ainda.

Beatriz suspirou, ponderando sobre as palavras do pai. Não podia culpá-lo por seus julgamentos. Afinal, ela mesma teve reservas quanto a Mateus, até conviver mais com ele... E mudar totalmente de percepção.

— Desculpe, pai... por, sei lá, mas foi você que insistiu no jantar.

— Eu sei. O que quero dizer é que eu nunca permitiria algo assim. Ainda mais nesta idade! Mas, bem, os pais não podem proteger os filhos pra sempre. Me refiro ao fato de que, inevitavelmente, você vai crescer, continuar crescendo. E eu não serei o único homem da sua vida...

Aquele comentário deixou Beatriz com as bochechas queimando, não teve dúvidas. Mas por que seu pai estava falando sobre isso?

— Pai... Você quer dizer, que... o Mateus... e eu...

Nossa, como era difícil pronunciar aquilo em voz alta, ainda mais para o pai! Beatriz nunca imaginou aquilo acontecendo.

— Não sei — ele respondeu depressa. — Bem, de qualquer maneira, você tem que ter consciência de que eu quero o melhor para você, sempre serei seu pai — Cláudio afirmou, obrigando Beatriz a encará-lo. — Sabe Beatriz, você é extremamente madura para a sua idade e talvez tenha sido por isso que eu esqueci... Que você também é apenas uma jovem, tem o direito de se apaixonar. Eu sei que as vezes coloco expectativas demais em você, mas é que eu sei do seu potencial, e... Me perdoe se eu tiver cobrado demais... Não que eu a esteja permitindo ou proibindo de namorar

ou entrar em um relacionamento, mas o que quero dizer é... É claro que isso não deve atrapalhar seus estudos. E, acima de tudo, não quero que esconda mais nada de mim. Entendido?

Beatriz não conseguiu formular nenhuma frase lógica mediante aquela afirmação, somente balançou a cabeça por instinto. Por alguns segundos, Cláudio a encarou com olhos severos e amorosos também. Beatriz ainda não acreditava que ele havia citado sobre sua relação com Mateus, muito menos daquela forma, ou que estivesse colocando suas ideias pra fora e compreendendo-a... Seria mesmo possível? Era algo novo e difícil para os dois.

Ela ainda o encarava, silenciosa, em expectativa e enfim Cláudio fez menção de ir embora, detendo-se na expressão da filha, que parecia hipnotizada com sua figura. Ele se inclinou e deu um beijo no alto da sua cabeça.

— Aconteça o que acontecer, quero que me conte sempre a verdade, ok? Pode confiar em mim.

E saiu, deixando Beatriz desconcertada e perplexa, mutuamente. Seu coração batia forte contra o peito e a mente criava hipóteses, refazendo toda a cena como se fosse uma ilusão. Mas qual o significado de tudo? Seu pai estava lhe dando “permissão” para gostar de Mateus? Para cursar matemática e seguir seus sonhos? Beatriz inspirou profundamente, tentando achar lógica na situação. E não achou nenhuma.

Em partes, a atitude do pai a deixou aliviada. Mas a surpreendera de um modo pavoroso. Ela, finalmente, havia conversado com ele de forma admirável e não fazia o menor sentido. Mas, alguma coisa ultimamente ainda fazia sentido? Esse

pensamento a abalou, refletindo sobre como Mateus alterara a “ordem” dos fatos de sua vida...

Ela pensou em seu futuro, pessoal, na matemática... Será que poderia ingressar por esse caminho sem medo, depois do que Cláudio falara? Sentia-o perto, mas outras vezes, longe. Ainda distante fez uma estrela no espaço. Por um breve período achou que podia tocá-la, mas permanecia inalcançável.

Beatriz se lembrou do avião de papel que Mateus fizera e deixou na mesa de jantar dias atrás. Ela queria poder voar, refletiu. Não poderia mesmo alcançar nenhuma estrela da terra. Precisaria de uma aeronave para isso... E não imaginou ninguém menos que Mateus para acompanhá-la. Já sentia falta de sua companhia...

Balançou a cabeça, enfim, tentando recobrar a consciência. Estava agindo feita uma boba, isso, sim. O sono devia estar tirando a sua lucidez. Apertou o interruptor e apagou a luz, forçando seu cérebro a desligar, o que seria praticamente impossível naquela noite.

Beatriz também não teve a menor dúvida de que acordaria, com a sensação de que tudo não passara de um sonho. O melhor que já teve até aquele dia. Talvez, o melhor de toda a sua vida.



CAPÍTULO 43

Mateus ainda ligou algumas vezes enquanto Beatriz estava no sítio, Cláudio continuava um pouco estranho e o mundo parecia ter virado de cabeça para baixo para Beatriz. Ah, e Letícia fazia indagações por mensagem, conhecendo uma mudança no estado de espírito da garota, o que a fazia murmurar algumas vezes, constatando o quão engenhosa era a amiga.

Beatriz achou que não suportaria mais até enfim voltar para casa, habituada ao seu lar. Ela quase abraçou as estantes quando entrou no seu quarto e não tinha a menor vontade de desfazer as malas. Era uma segunda-feira úmida e parecia o melhor dia da semana para Beatriz. Isso porque ela estava de volta à cidade, à sua vida. Era outro ano, tinha se dado conta. O início de uma nova jornada, quem sabe? Não queria retornar aos velhos problemas com o pai... Será que já poderia considerá-los assim, antigos? Tinha suas dúvidas, mas o clima parecia ser outro. Podia ser só a mudança do inverno, mesmo... Só que já a enchia de esperança.

Mas havia uma parte do quebra-cabeça de sua vida que não se encaixava, ou melhor, que se destacava das demais. E tinha um nome bem conhecido.

Mateus.

A curva fora da linha. Uma incógnita. Um verdadeiro problema. Beatriz tinha lhe dado tantos adjetivos... E havia mais um importante. Porque além de roubar a sua paciência, ele havia feito seu coração refém. Só que ela não fazia ideia de como confessaria para ele...

Era criança e patético, mas Beatriz não gostava nada de estar apaixonada. Eles tinham criado uma amizade, mas por quanto tempo permaneceria assim? Beatriz temia que isso pudesse mudar repentinamente, porque ela mesma vira o pai agir de modo diferente em poucos dias. Com Mateus poderia ocorrer o mesmo, era só lembrar que fazia dois dias que ele não ligava...

Beatriz estava com saudade do projeto e do campinho. Queria ver Paulinha, saber como estava e passar mais tempo com as outras crianças também. Só não fazia ideia do que aconteceria quando visse Mateus novamente... Ele poderia muito bem ter se esquecido dela.

$$a^2 + \left(b - \sqrt[3]{a^2}\right)^2 = \text{❤}$$

Pensar em dias chuvosos não era um bom raciocínio. Fazia quase uma semana que Beatriz havia voltado, mas não ocorreram jogos. Sérgio avisou (agora era ele quem a orientava, em vez de Rodrigues), que não aconteceriam mesmo por causa das condições climáticas. Além disso, ela ainda não vira Mateus e tudo isso a deixava deprimida, enclausurada em seu quarto. Letícia lhe fez

companhia algumas vezes, mas não recuperara o ânimo de Beatriz totalmente.

A quebra de rotina ocorreu na sexta-feira, quando a garota invadiu o quarto de Beatriz, que ainda dormia, bem cedo.

— Vamos, Bia, acorda! — Ela agitava os seus ombros e tentava retirar os travesseiros e as cobertas da amiga, relutante. — Você tem que levantar!

— Me deixa quieta... — Beatriz resmungou, mas não adiantou.

Após persistir como se sua vida dependesse disso, Letícia conseguiu finalmente fazer Beatriz se sentar, encarando-a com raiva e dúvida.

— Você precisa se arrumar. Rápido.

— E por quê? — Beatriz perguntou, com as pálpebras cedendo aos poucos.

Acontece que ela havia batido seu recorde de leitura naquela noite, mergulhando nos mais diversos estudos sobre matemática. Algumas pessoas agem da mesma forma quando estão desiludidas, só que se entupiam de chocolates. Beatriz, por sua vez, se encheu de estudos pela madrugada.

— É que você tem que sair. Pra ver o Mateus.

Ouvir o nome dele fez Beatriz ficar alerta. Ela arregalou os olhos, averiguando se tinha ouvido direito.

— Mateus? O que tem ele?

— É que... Aconteceu uma coisa...

Lucíola! Só podia ser Beatriz deu um salto na cama.

— A avó dele está bem? Aconteceu alguma coisa com ela...

— Ah, não, tudo bem com ela — Letícia afirmou, fazendo Beatriz suspirar. — É só que, o Mateus... Ah, você vai saber com ele.

— Como assim?

— Mateus vai estar te esperando no campinho. Se apressa!

— Ele falou com você?

— Sim, bem... Por favor pergunte tudo a ele!

Letícia agitou os braços, sem saber o que responder. Beatriz queria voltar a dormir, não queria ver Mateus. Estava chateada porquê de repente ele parou de ligar e não deu mais nenhum sinal de vida, mesmo depois que ela chegou (e ele até tinha lhe perguntado antes sobre quando aconteceria). Mas pensou que, se Mateus a estava chamando, poderia ser urgente... E se fosse algo relacionado aos jogos? Afinal, talvez ele quisesse mostrá-la algo lá, alguma mudança... Mas por que havia falado com Letícia?

Beatriz encarou a amiga com ares de ciúme, mas logo deixou que o sentimento passasse. Estava cansada e sonolenta demais para qualquer coisa. Vestiu uma calça jeans e a primeira camiseta que retirou do guarda-roupa, agindo automaticamente e desceu para a cozinha a passos lentos. Não tinha ninguém lá.

— Onde estão meus pais? — Beatriz perguntou, mas Letícia a empurrou para a saída sem nem lhe dar tempo de comer alguma coisa da geladeira.

— Não importa — disse apenas. — Depois você os vê. Agora, vai, Mateus tá te esperando!

Beatriz encarou a amiga, perceptivelmente irritada.

— É sério que você quer que eu vá, desse jeito, até lá? — Revirou os olhos.

— Hum... Você pode pegar a minha bicicleta pra chegar mais rápido. Vou trazer ela pra você. Só vai!

$$a^2 + (b - \sqrt[3]{a^2})^2 = \text{❤}$$

Beatriz pedalava com desânimo, até pensamentos ruins surgirem em sua cabeça. E se fosse algo grave? E se Mateus estivesse precisando de ajuda, ou tivesse uma boa explicação para ter sumido naqueles dias? Mas, se fosse o caso, precisava ser daquela maneira? Beatriz começou a pedalar com mais afinco.

O vento que batia em seu rosto afastou todo o sono. Não aguentava mais aquela ansiedade e só parou de resmungar quando avistou o campo. Ao chegar lá, largou imediatamente a bicicleta por trás das arquibancadas e correu para dentro, ainda sem entender o que estava acontecendo. Não havia som nenhum que evidenciasse a presença de alguém. Estava tudo calmo e silencioso. Então, Beatriz avistou Mateus parado do outro lado do campo, observando o horizonte.

Ele parecia tão sereno... E Beatriz sentiu vontade de acusá-lo, até se lembrar da vez em que fizera isso, na escola, para depois descobrir que estava errada. Um sentimento de tristeza a invadiu e ela se sentiu culpada. Não poderia fazer aquilo de novo.

Seus passos se tornaram vacilantes, e Mateus se virou para trás, descobrindo sua chegada. Imediatamente correu até alcançá-la. Beatriz não teve tempo de perguntar nada porque foi sufocada com um abraço. Mateus simplesmente abriu os braços e se lançou sobre ela, apertando-a forte feito um urso, como se tivessem passado anos e não dias, que não a via.

Apesar da surpresa e indignação da véspera, Beatriz não podia negar que tinha gostado. Embora fosse apenas o segundo abraço que recebia de Mateus, já era algo que ela estava se acostumando e seu coração bateu descontrolado. Ele, enfim, desprendeu-se e olhou bem em seus olhos, fazendo-a prender a respiração.

— Beatriz. Que bom que está aqui.

Ela fez uma careta, tentando controlar os sentimentos que em pouco tempo a traíam.

— Como assim, seu bobalhão? Está feliz em me ver? Por que você me chamou pra cá?

— Foi mal, não sabia que você dormia até tão tarde... Sempre te vi mais como a Fiona, não uma Bela Adormecida...

— Argh...

— Tá, desculpa. — Ele segurou uma risada. — Mas é que... Eu precisava muito te ver.

Aquele comentário fez derreter todo o gelo do coração de Beatriz, mas ela tentou se manter fria.

— Sei. Você... não me ligou mais.

Mateus mudou o semblante, de alegre para pesaroso.

— Hum. Me desculpe, eu queria ligar, é só que... Eu não sabia bem o que dizer.

Beatriz levantou as sobrancelhas. Ainda estava chateada, mas não podia negar que havia momentos em que ela também não sabia o que falar. Olhou para o campo, tentando se concentrar em alguma coisa.

— Tudo bem. E... Por que eu estou aqui?

— Porque eu preciso muito conversar com você.

O sorriso de Mateus parecia ter mudado. Seus olhos também estavam diferentes. Ou fora o tempo ausente que fez Beatriz se esquecer de alguma coisa? Ela balançou a cabeça, tentando não pensar muito. Precisava prestar atenção.

— O.k. O que você quer tanto me falar?

Sua pergunta foi quase um sussurro e Mateus demorou um instante antes de começar.

— É que... Eu sei que iríamos nos encontrar aqui amanhã, mas eu não aguentaria mais esperar. Nem a minha avó — riu —, ela não parava de me perturbar...

— E sobre o que se trata? — Beatriz exclamou, impaciente.

Mateus a fitou, perdido em pensamentos. Até que levou a mão esquerda ao bolso, retirando dela um papel amassado. Ele estendeu a Beatriz, que após recebê-lo o olhou com curiosidade ao perceber que se tratava de outro modelo de avião.

— Você fez... um avião pra mim?

— Abra. Quer dizer, antes de você abrir... Acontece que eu escrevi isso há algum tempo, pensando se... — Mateus mordeu o lábio inferior nervoso.

— Se?

Tenho que conseguir.

— Pensando se havia alguma possibilidade de você gostar de mim.

Beatriz piscou, sem crer que tinha ouvido com clareza. Ela olhou para o papel dobrado em suas mãos que começaram a tremer e depois para Mateus, que se mantinha sério. Então, Beatriz começou a desdobrar o papel, movendo os dedos energicamente, quase rasgando a folha.

Pousou os olhos na letra de Mateus e arregalou os olhos no instante seguinte, encarando-o, boquiaberta.

— Mateus...

— Apenas diga que sim ou não. Não precisa se justificar, eu vou entender.

Há apenas meia hora, Beatriz estava no conforto de casa, dormindo tranquilamente, apesar da irritação interna contra Mateus. Mas agora lá estava ela, ao seu lado, sentindo-se a mais tola de todas as criaturas. Com as mãos suando, o coração enlouquecido prestes a sair pela boca e a mente disparando dezenas de conteúdos freneticamente, Beatriz suspirou, olhando para Mateus, que aguardava em expectativa.

Ela encarou o céu azul, acima deles, fechando os olhos por um momento, tentando recuperar a calma. Ficou pensando no que acontecera até aquele dia. Quantas coisas...

— Então... — Mateus a chamou. — Estou esperando a sua resposta. Claro que pode pensar, é que... É só pra você saber.

Beatriz não queria encará-lo, temendo a cor da própria pele. Já era ruim o suficiente ser pega com tantas surpresas e questões. Não havia tempo para pensar, analisar... Ela não podia calcular nada, nem formular nenhuma frase eloquente. Por que sua língua parecia travar? Ela temia o que pudesse acontecer. Como diria...

— E então, será que eu sento ou continuo aqui? — Mateus pressionou, nervoso, tirando-a de seus questionamentos.

— Ah, seu... — Beatriz revirou os olhos.

— Se fizer isso de novo, juro que te beijo sem me importar de saber a resposta — Mateus afirmou, apreensivo.

Aquilo fez a garota arregalar os olhos, com a certeza de que estaria vermelha por completo. Só que Beatriz sabia exatamente o que diria, porque pela primeira vez, desde que conheceu Mateus, sua mente e coração sentiam a mesma coisa em relação a ele.

— Olha, eu teria várias razões para discordar, mas...

— *Mas...*?

— Sim, Mateus Sem Graça Solano, eu... — Beatriz respirou fundo para que não revirasse os olhos outra vez. — Eu aceito ser sua namorada.

Beatriz mal acreditara nos próprios ouvidos ao escutar isso, mas realmente pronunciara as palavras. E queria sair correndo. Mas algo a fixou ali, como se tivesse criado raízes, presa àquele lugar. *A alguém*, refletiu. Ajudava ter consciência de que possivelmente cairia ao se mover, trêmula do jeito que estava.

Mateus sorriu, ela sorriu também, ambos tímidos e em silêncio, mas daquela vez não se afastaram um do outro. De repente, os olhos de Beatriz se arregalaram de novo, preocupados.

— Ah, não...

— O que foi?

— Acho que temos que consultar algumas pessoas... — Beatriz ponderou, desgostosa, imaginando a cara que seu pai faria quando ela contasse a novidade.

Então, se lembrou da conversa que tiveram há alguns dias, ainda na casa dos avós, sobre Cláudio ter praticamente dito que não se oporia aos seus sentimentos e tudo mais. Coisa muito suspeita. Mateus soltou uma risada, claramente se divertindo com o semblante confuso de Beatriz.

— O que foi? — ela perguntou, irritada.

— Tá, me fala. Uma dessas pessoas seria seu pai, né?

— Sim...

— Então, está tudo bem.

— Como assim, está tudo bem?

— Claro que ainda vamos falar com sua família, mas... Não precisa se preocupar com Cláudio. Ele já me deu sua permissão.

— *Quê?*

Beatriz olhava Mateus, perplexa que deu de ombros, como se não fosse nada demais.

— Bem, eu falei com ele antes de vocês viajarem. Eu queria dizer... Falar a verdade sobre você e tudo o que eu sentia. E acabamos chegando a um acordo, ou quase isso. Ele me disse que não seria contra caso você aceitasse. E, claro que eu sabia que ele preferia que você dissesse não, mas... fiquei feliz pelo contrário.

Beatriz estava contrariada, algo martelando em sua cabeça. Tudo o que Cláudio dissera para ela, seu jeito estranho e misterioso, parecia fazer sentido naquele instante, embora também fosse absurdo.

— Eu... não acredito...

— Quem você acha que me deu seu telefone? — Mateus perguntou, fazendo-a pensar

Beatriz o encarou com a cara emburrada, sentindo-se traída.

— Seu...

Um sorriso ligeiro correu pelos olhos de Mateus, deixando Beatriz intrigada.

— Você fez aquilo de novo — ele alertou. — Acho que terei que cumprir com a minha palavra.

Beatriz achou que o ar tinha sido sugado de seus pulmões e sentiu as bochechas arderem num outro nível. Meu Deus. Aquilo estava parecendo mais um martírio. Mateus riu, e ela acabou em risadas também.

— É claro que... Não quero ser desrespeitoso com você nem nada. Farei somente o que você quiser — Mateus afirmou, pedindo seu consentimento.

— Hum...

— Então, se me permite.

— Sim?

— Agora, eu vou...

— Ah...

Por favor, ela pensou.

Eles chegaram cada vez mais perto, os corações batendo num ritmo frenético e a respiração ofegante.

Mateus inclinou a cabeça para baixo.

Beatriz fechou os olhos.

E...



— Existem coisas mais interessantes do que a matemática.
Pra você saber — Mateus declarou, convicto.

A expressão que Beatriz fez não foi menos que aborrecida diante daquela provocação.

— O quê, por exemplo? E não venha me falar que é futebol!

— Vocês, garotas, não gostam mesmo desse esporte, né...

— Não tem nada a ver. E estou esperando. — Beatriz o encarou.

— Esperando o quê?

— Você me falar o que é mais interessante que matemática.

Mateus pensou que a resposta era óbvia, *qualquer coisa*, mas não queria dizer aquilo. Sabia que algumas pessoas podiam ter gostos peculiares, como era o caso dela, porque não havia nada mais peculiar para ele, pra dizer o mínimo, do que alguém nutrir gosto por aquela disciplina. Contudo, até que conheceu outros personagens singulares nos últimos meses...

Beatriz cruzou os braços, aguardando a resposta. Os dois estavam sentados em um banco de madeira, esperando os portões internos se abrirem pela primeira vez naquele ano.

— Aqui. — Mateus pegou os fones de ouvido das próprias orelhas e, de repente, os colocou em Beatriz, que ficou paralisada por um segundo. — *Isso* é melhor do que a matemática.

— Uma... canção?

— A *música* — Mateus explicou. — De modo geral. Não é maravilhosa?

— Hum, sim, claro. Mas a matemática...

— Não me venha falar que ela é melhor

— E por que a música seria?

Lá estavam os dois, prestes a entrar em um debate sem fim. Mateus revirou os olhos, para provocá-la outra vez. Ele o fazia sempre quando tinha esse propósito.

— Certo. Vou dizer uma razão em favor da música. Primeiro pelo que ela é, uma *arte*.

— A matemática também é — Beatriz rebateu com desdém.

Mateus fez uma careta, mas refletiu que não valia a pena discutir esse ponto. Certamente, a ciência exata podia ser uma arte para muitos. O que ele queria de fato era fazer Beatriz pensar ou gostar de alguma outra coisa em que pudesse passar seu tempo sem ser relacionado à disciplina.

— A música é capaz de encanto. Tanto para quem a faz, como para quem a recebe.

— A matemática também — Beatriz defendeu a área, com um sorrisinho.

Para ela, era bem verdade. Podia se deliciar tanto tomando sorvete como também se resolvesse questões algébricas. E o que seria mais encantador que o sorvete?

Como se pudesse ler seus pensamentos, Mateus balançou a cabeça, em desaprovação.

— A música é diferente. Podemos apreciar dela quando estamos cansados, felizes ou tristes, no trabalho, lazer..

— Eu também posso fazer isso...

— Tá, com a ajuda da matemática, já entendi — Mateus afirmou, ao que Beatriz abriu um largo sorriso. — Será que você pode compreender os sentimentos do matemático que fez a “fórmula” ou escreveu os “preceitos de x”? — ele questionou, de repente.

O sorriso de Beatriz sumiu.

— Como assim?

— Eu acho que você não vai conseguir decifrar o que os números estão dizendo, nem mesmo as reações ou sentimentos que os grandes criadores e estudiosos da ciência pensavam ao elaborar as leis — Mateus explicou. — Mas podemos fazer exatamente isso com a música. Podemos entender o que alguém estava sentindo e se comunicar com diversas outras pessoas que sentem o mesmo através da composição. Isso não é maravilhoso?

— Hum... sim — Beatriz admitiu.

Ahá! Aposto que a matemática não faz isso — Mateus quis dizer, mas ficou calado. Ele não queria desviar a atenção dela para a disciplina novamente. Ficou apenas observando sua expressão de confusão por ter sido contestada daquela forma. Então, Beatriz olhou para Mateus e os dois se encararam por alguns instantes.

— E, então? Está gostando? — ele perguntou, em expectativa.

— Hã?

— Da música... — Mateus segurou um riso pela expressão de incompreensão que ela fazia.

Era tão... engraçado quando Beatriz era pega de surpresa. Abria a boca algumas vezes, ou contraía muito as sobrancelhas. Era quase tão legal quando estava irritada ou revirava os olhos. É claro que Mateus só passou a gostar disso depois que aprendeu a gostar dela também, por inteiro. Mas ele nunca revelou o que achava dessas características.

Beatriz, por sua vez, percebendo que ainda estava com os fones de Mateus, levantou as mãos para tirá-los, mas ele a impediu com um gesto.

— Tudo bem, pode ouvir. Está gostando? — repetiu a pergunta.

Beatriz parou de pensar e começou a ouvir de verdade a música, se concentrando na melodia. Ela ouviu algo totalmente diferente do que tinha imaginado. Como sempre, Mateus era... *imprevisível*

A canção seguia um ritmo lento, com um toque envolvente e ao mesmo tempo calmo, e a voz que soava parecia mais declamar uma poesia.

Saber que pra um momento como este eu fui criado

Eu permaneço e perco a noção do tempo

Já não há nada escondido em mim

Vazio, eu começo a subir

Aos poucos a música foi envolvendo-a e Beatriz se pegou fechando os olhos. Enquanto refletia sobre a letra em seus pensamentos, o toque ao fundo parecia ser seu coração batendo. Sem ter a pretensão, ela já amara.

Tão leve

Pode me soprar, eu nem sei pra onde vou

Me leve

A este lugar que o Teu Filho preparou

Tão leve

Pode me tocar, eu não sinto mais dor

Me leve

...

A música se chamava *Escondido em mim*, de Rodolfo Abrantes, como Beatriz descobriria mais tarde. Em sua nova rotina, ela perguntava a Mateus sobre o que gostava de escutar e ele selecionava as músicas que o acalmavam e as enviava uma playlist para que Beatriz ouvisse quando estivesse estressada ou desanimada, ou talvez em momentos de espera como aquele.

Beatriz encontrou Mateus sorrindo em divertimento enquanto a observava, quando abriu os olhos.

— Pegue logo isso! — Ela devolveu os fones com pressa, totalmente sem graça.

— Ah, você estava tão concentrada...

— Haha. Engraçadinho. Não venha zombar de mim e, além do mais, o sinal está prestes a tocar.

Como se esperasse pela fã de Beatriz, o alarme soou e todos os estudantes começaram a adentrar pelos corredores da escola Euclides da Cunha. Mateus sorriu, encarando Beatriz, que o olhava com ar de sabedoria.

— Você é genial. — Ele observou, antes de depositar um beijo rápido nos lábios da garota.

Beatriz corou imediatamente, quase perdendo o ar, imaginando que todos podiam estar vendo os dois juntos. Todos, não apenas seus pais ou Letícia. Beatriz nunca teve um namorado antes, ainda mais um que estudasse na própria escola. Eles adotaram o costume de serem os primeiros a chegar, para que pudessem passar mais tempo um com o outro. Isso se tornou evidente naquela segunda-feira, quando Mateus apareceu na porta da casa de Beatriz, oferecendo-se para acompanhá-la.

Mesmo assim, poucos sabiam do romance deles... Se bem que, talvez, muitos da escola já soubessem da novidade, graças a Letícia, Bruno (informado por Letícia) e o próprio Vinícios (informado, talvez, por Bruno...), que espalhou a notícia para irritá-los.

Mateus se levantou e estendeu a mão para Beatriz, que ajeitou a mochila nas costas. Ela parecia a mesma do semestre anterior. E ainda era outra pessoa completamente diferente.

Beatriz continuava lendo sobre livros filosóficos, teorias, artigos matemáticos... Continuava se encontrando com Letícia, principalmente no final de semana e continuava ajudando Mateus com os jogos às quintas (só que agora participava disso mais intensamente, porque era inevitável não trocarem beijos nessa ocasião... coisa que deixava Beatriz tão vermelha feito tomates).

Além disso, ela e Mateus se tornaram melhores amigos, compartilhando sobre tudo. Sobre a vida, a natureza, o ser humano, a física. Tratar de algo matemático se tornara brincadeira.

Cláudio provavelmente poderia falar sobre Mateus, que permanecia essencialmente o mesmo, cujo cabelo não crescera tanto, nem a estatura, que ainda usava seu boné... ele tinha, porém, um novo destino para ir após as aulas, que se tratava da casa dos pais de Beatriz. Custou certo tempo para que Cláudio o aceitasse totalmente, mas até já o considerava um bom genro. Cristina mimava o rapaz e em contrapartida, Adriana e Lucíola sentiam um carinho genuíno por sua namorada.

O vínculo que os unia era para ter sido momentâneo a princípio, mas se tornou algo muito mais profundo. Em coragem, para arriscar conquistar os sonhos. Apoio e amizade para confortar a alma. E ânimo, junto à força, para perseguir a esperança sempre que ela parecia querer escapar de seus corações.

Ah, corações jovens, pode-se dizer.

Eles ainda não sabiam o que iria lhes acontecer no futuro. Daqui a pouco, cresceriam e seguiriam com seus próprios caminhos. Cruzariam estradas, talvez se desencontrando algumas vezes. Beatriz seguiria com seu sonho de estudar matemática e fazer mestrado, doutorado, algumas especializações e, quem sabe, ajudar outras pessoas a ter apreço pela disciplina, como sempre se empenhou em fazer. Já Mateus tentaria a aeronáutica. Por que não? Também aprenderia a tocar bateria, talvez. E continuaria sendo um ótimo filho, ajudando a família e a todos que precisassem.

O fato é que o desejo de ambos consistia em que, no final da jornada, pudessem estar juntos. Assim, do mesmo jeito que

estavam naquela manhã, entrando pelo pátio no primeiro dia da semana do seu último ano do ensino médio. De mãos dadas.

E, o que quer que os aguardasse no futuro, de uma coisa tinham certeza: veriam a matemática de uma forma totalmente diferente de antes pelo resto de suas vidas.



AGRADECIMENTOS

Escrever um livro não é fácil. Sei disso por experiência própria, porque comecei a pensar em fazer um pela primeira vez no ano de 2013, e ele nunca saiu do campo da fantasia. Ainda assim, é uma das atividades mais satisfatórias para um apaixonado escritor, quando este se depara com sua obra concluída – independentemente se alguém for lê-la.

Foram meses de dedicação, alguns imprevistos e muito amor envolvido, e não me faltam motivos para agradecer. Quero dedicar as primícias de gratidão do meu coração a Deus, que esteve comigo em cada momento e permitiu que esse livro fosse elaborado, porque certamente eu não teria conseguido através das minhas próprias forças.

Agradeço a minha família e amigos, de maneira geral, mas em especial destaco os nomes de: Jôsy minha guerreira cheia de paciência, que me ajudou durante todo o processo (te amo, mãe); Judá, um de meus irmãos mais velhos, que me auxiliou em questões como divulgação, incentivo... Por tudo (lembro quando ele

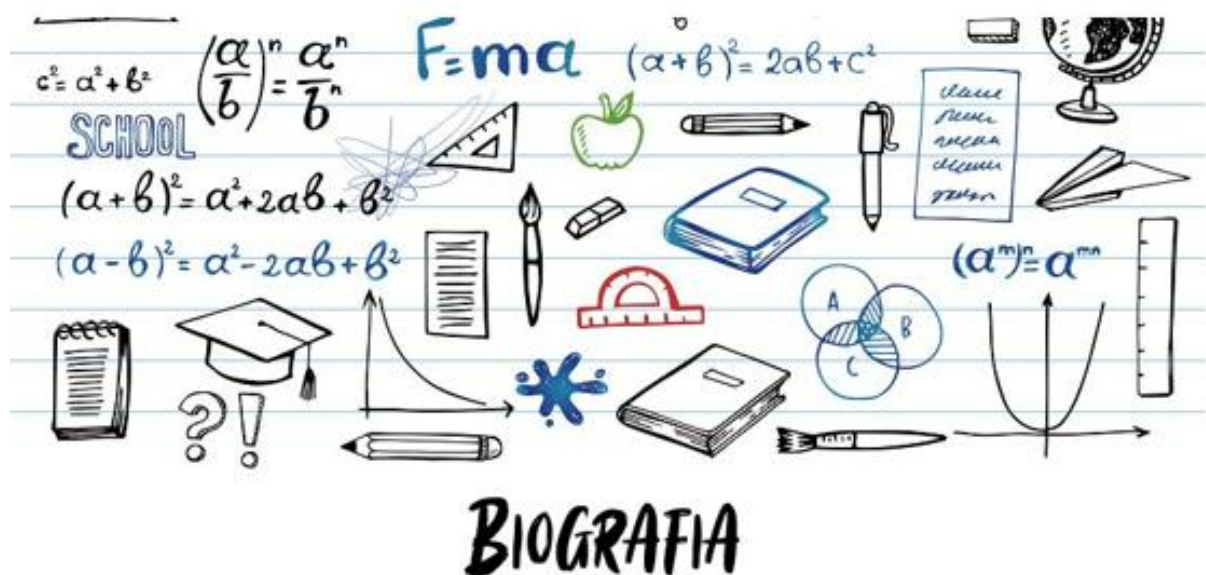
me disse, anos atrás, quando eu era adolescente e estava desiludida e chorosa, que eu conseguiria ser escritora.). Meu desejo é que Deus permita que você realize todos os seus sonhos também (ah, e meu irmão é *youtuber*, além de professor de matemática. É só procurar por: *Professor Judá* rs. I ssonão é nada surpreendente, né? Quem diria com o quanto de matemática eu ainda iria me envolver...).

Enfim, sou grata aos meus “leitores beta”, aqueles com quem compartilhei um pouco minhas ideias e que ajudaram bastante, me fazendo refletir sobre o rumo da história. Não cito nomes para não correr o risco de esquecer alguém, mas tenham a convicção de que foram o combustível necessário para os meus dias de trabalho. Tenho grande carinho por vocês!

Agradeço às decepções da vida (sim, isso mesmo), porque mesmo os problemas foram importantes para que eu chegasse até aqui (somos a soma de tudo que passamos), e eu não poderia estar mais feliz. Também não posso deixar de falar sobre os profissionais maravilhosos que me acompanharam nesta publicação. Um muito obrigada a toda a equipe editorial!

E, quero agradecer a você, leitor. Porque é a continuação da história que passei para o papel e parte da inspiração que me faz seguir em frente. Não teria graça escrever sem pensar em você. Por essa razão, meu mais sincero obrigada.

E, mais uma vez, tomem essas palavras como se fosse um grande abraço, porque, na verdade, é.



Nascida na cidade de Várzea Alegre, interior do Ceará, Olívia Rebeca é apaixonada por livros desde criança e, aos 13 anos de idade descobriu, além do gosto pela leitura, o desejo de escrever suas próprias histórias.

Inicio curso de Jornalismo pela Universidade Federal do Cariri em 2018 e possui inúmeros projetos engavetados, os quais almeja publicar. O “EVEAMEN”, sigla que adotou por ter escolhido um título tão grande para este livro, é seu primeiro romance a ser publicado. Ela sonha em influenciar o mundo através das palavras e, se sua vida fosse um livro didático, certamente não seria o de Matemática.

Você pode encontrar a autora em seu perfil do Instagram: @olivia.rebecaa

[1] Congresso Nacional de Matemática Aplicada e Computacional